DIVA BARBARO DAMATO

EDOUARD GLISSANT:
POÉTICA E POLÍTICA

Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profª. Drª. Leyla Beatriz Perrone-Moisés

SÃO PAULO
1986

DIVA BARBARO DAMATO

EDOUARD GLISSANT:
POÉTICA E POLÍTICA

Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profª. Drª. Leyla Beatriz Perrone-Moisés

SÃO PAULO
1986

"La méthode, c'est le chemin
quand on l'a parcouru."
Marcel Granet

INTRODUÇÃO

Este trabalho percorreu, ao longo de sua elaboração, uma trajetória sinuosa. Nosso objetivo inicial era determinar as soluções literárias encontradas pelos escritores negros de língua francesa - Glissant em particular - para o problema do tempo na narrativa.

Nosso ponto de partida tinha sido a leitura da *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française* de Léopold Sédar Senghor e o brilhante ensaio "*Orphée Noir*" de Jean-Paul Sartre que lhe serve de prefácio, onde o pensador francês aborda o problema da relação homem/natureza na cultura "branca" e na cultura "negra":

> *"Le rapport technique avec la Nature la dévoile comme quantité pure, inertie, extériorité: elle meurt. Par son refus hautain d'être homo faber, le nègre lui rend la vie. Comme si, dans le couple 'Homme-nature', la passivité d'un des termes entraînait nécessairement l'activité de l'autre. A vrai dire, la négritude n'est pas une passivité, puisqu'elle 'troue la chair du ciel et de la terre': c'est une 'patience' et la patience apparaît comme une imitation active de la passivité /.../ Il s'agit bien d'une captation du monde, mais magique, par le silence et le repos. /.../ le noir est d'abord un paysan: la technique agricole est 'droite patience'; elle fait confiance à la vie, elle attend. /.../ Son existence /du noir/, c'est la grande patience végétal; son travail, c'est*

la répétition du coït sacré avec la nature".[1]

Dizíamos então, no nosso primeiro projeto de pesquisa[2], que "enquanto que o homem branco, artífice da civilização ocidental tem para com a Natureza uma relação de dominação, de aniquilamento - Senhor/escravo -, o negro vive na Natureza como seu filho, seu irmão e mesmo como seu amante. Essa relação que se poderia chamar de identificação, leva-o a uma percepção muito especial do tempo. Este, na cultura negra, é o tempo da Natureza, o tempo do Amor, o tempo da Vida".

Um trabalho dessa natureza exigia uma análise do corpus (limitado inicialmente apenas a *La Lézarde*) e paralelamente o estudo do que seria uma cultura "negra".

Ora, o grande debate sobre a definição da "cultura negra" travou-se dentro do que se convencionou chamar de movimento da Negritude. O estudo desse período e a progressiva descoberta de suas inúmeras fraturas, de seus vários desdobramentos e principalmente das inúmeras e ferozes contestações de intelectuais negros[3], levou-nos a rever nossa posição inicial. Na realidade, pelo próprio tipo de bibliografia a que tínhamos tido acesso inicialmente (quase toda ela profundamente marcada pela tese pioneira de Lylian Kesteloot), tínhamos enveredado por um determinado caminho aberto por alguns

---

1 - SARTRE, Jean-Paul - "Orphée Noir", Préface à l'Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française, de L.S. Senghor. Paris, P.U.F., 1948, p. XXX-XXXII.

2 - Este projeto foi elaborado, em sua primeira versão, em 1977 por ocasião de nossa apresentação ao concurso de ingresso no Departamento de Letras Modernas da U.S.P.

3 - Entre os mais ferrenhos adversários da Negritude estão o escritor nigeriano Wole Soyinka, o sociológo dahomeano Stanislas Adotevi, e o martinicano Franz Fanon.

pesquisadores europeus e que vinculava raça e cultura e levava conseqüentemente a uma visão racial ("epidérmica" na expressão de Fanon) da literatura.

O texto de Lévi-Strauss "*Race et Culture*", numa linguagem clara e precisa, já tinha estudado o problema. Mas ainda era pouco difundido:

> *"Il serait vain d'avoir consacré tant de talent et tant d'efforts à montrer que rien, dans l'état actuel de la science, ne permet d'affirmer la supériorité ou l'infériorité intellectuelle d'une race par rapport à une autre, si c'était seulement pour restituer subrepticement sa consistance à la notion de race, en paraissant démontrer que les grands groupes ethniques qui composent l'humanité ont apporté, en tant que tels, des contributions spécifiques au patrimoine commun"*(1)

Entre os vários textos de intelectuais negros que denunciam o caráter racista da Negritude (que associa raça e cultura), está o martinicano René Menil, um dos signatários do manifesto de *Légitime Défense* (do qual falaremos na 3ª parte do 1º capítulo) e que analisa a influência do teórico do racismo Gobineau sobre as formulações de Léopold Sédar Senghor:

> *"Regardez bien le nègre de la négritude et vous verrez que, au fond, c'est le nègre de Gobineau. La différence, c'est qu'il est vu de l'autre côté - par les théoriciens nègres de la négritude. Mais voici la métamorphose miraculeuse qui est littéraire: il porte maintenant une couronne de*

---

1 - LEVI-STRAUSS - Race et histoire. Paris, éds. Denoël, 1985, p. 9.

> *fleurs de rhétorique. Et, changement dramatique à noter: c'est malgré lui que chez Gobineau, il était diminué, ensauvagé, bestialisé. Le voilà maintenant, que reste tel, hystérique et perdu à lui-même 'dans le cosmos', mais content et consentant.*
> *La négritude l'a convaincu par des chansons."*(1)

Mesmo escritores que tinham num primeiro momento saudado o movimento da Negritude com entusiasmo foram se desiludindo ao perceber que havia diferenças culturais sensíveis entre os negros dos Estados Unidos da América do Norte e os antilhanos, entre estes e os africanos, entre os próprios povos africanos, segundo suas etnias, seus contatos em graus variados com a cultura ocidental. Além de tudo, percebeu-se que era impossível ignorar as marcas deixadas pela colonização e que espanhóis, ingleses, franceses, portugueses tinham edificado de forma diversa seus impérios coloniais.

Paralelamente, as várias tentativas de abordagem da obra de Glissant através dos pressupostos teóricos europeus apresentavam resultados para nós altamente insatisfatórios(2). Esses instrumentos de análise pareciam-nos incapazes de revelar as "diferenças" dos romances de Glissant (em relação ao romance francês). Recentemente, tivemos oportunidade de consultar alguns trabalhos realizados nessa linha que confirmaram nosso ponto de vista: esses estudos parecem reduzir o

---

1 - MENIL, René - Tracées. Paris, éds. Robert Laffont, 1981, p. 93.
2 - Nosso trabalho apoiou-se inicialmente na obra de Gérard Genette acrescida de textos de Pouillon e Mendilow. Realizamos também um estudo dos tempos verbais em Le Quatrième Siècle a partir da obra de Weinrich.

romance antilhano a um romance europeu de 2ª classe, uma vez que aparentemente não têm condições de permitir que a especificidade dessa obra seja percebida.

A leitura de um artigo de Angel Rama revelou nos um outro ângulo para a leitura da obra de Glissant que seria a possibilidade (para nós extremamente fascinante) de integrar a produção literária antilhana de expressão francesa - em particular a da Martinica - na chamada "literatura latino americana", de acordo com o projeto de Antonio Candido e Angel Rama. Este "projeto não se apoiaria num comparativismo literário, mas cultural, embora reconhecendo o tronco lingüístico de onde partem as três línguas que o definem, a saber, o espanhol, o português e o francês. Mas a tônica deverá cair sobre a função simbólica e, portanto, significante da criação literária"(1)

Mas, como logo se verificou, este caminho também apresentava inúmeras dificuldades. O próprio Rama (surpreendentemente para nós) rechaçou, em rápida entrevista pessoal (1980), a possibilidade de integrar a literatura das Pequenas Antilhas francesas nesse projeto, não chegando a explicitar suas razões.

Na realidade o que se fazia necessário antes de usar o termo latino-americano era defini-lo. A publicação do livro América latina em sua literatura revelava um impor

---

1 - RAMA, Angel - Um processo autonômico; das literaturas nacionais à literatura latino-americana. Argumento, Rio de Janeiro, 1(3), 1974, p. 44.

tante grupo de críticos latino-americanos e evidenciava a ambigüidade de um termo inventado pelos franceses com propósitos imperialistas e adotado ingenuamente por uma parte do continente americano como uma espécie de bandeira comum sob a qual seria possível se unir e resistir às "grandes potências"(1). A preocupação com a definição do termo é tão importante que ela é o tema desenvolvido por Cesar Fernandes Moreno na "Introdução" dessa obra. Se a perspectiva do autor de "O que é a América Latina?" é vagamente universalizante e revela um otimismo mal-dissimulado, o que se depreende de sua análise é a inadequação e a fragilidade dos critérios habitualmente evocados - raciais, culturais, políticos, históricos e religiosos(2) - que não podem dar conta da totalidade que o termo pretende abarcar.

O estudo de críticos latino-americanos, se por um lado revelava-se muito enriquecedor, por outro aumentava as nossas dúvidas e dissipava nossas poucas certezas.

Dois fatos vieram então determinar o rumo definitivo de nosso trabalho. Em primeiro lugar, nossa primeira viagem ao Caribe, em janeiro de 1981, para participar de um

---

1 - Ver a propósito dois artigos altamente esclarecedores: - "A França nos ama" de Leyla PERRONE-MOISÉS e "Génèse de l'idée géo-politique moderne de latinité et fonction dansl'le champs des relations intellectuelles entre la France et le monde luso-brésilien" de Pierre RIVAS.

2 - No episódio recente da invasão de Granada, um jornalista brasileiro fazendo um rápido histórico da ilha conclui dizendo: "Bishop /.../ acabou vítima de um golpe militar típico desta parte do mundo. Embora a língua seja inglesa, o raciocínio em Granada é latino-americano.(Folha de São Paulo, 23/10/83 , p. 15). Critérios lingüísticos, geográficos, históricos, culturais (e talvez até mesmo étnicos) parecem conviver no texto sem grandes problemas para seu autor.

estágio sobre as Antilhas Francesas. A possibilidade de conhecer essas ilhas, percorrer seu espaço, ler suas publicações locais, conhecer suas bibliotecas, seus Centros de Documentação e poder enfim descutir seus problemas com pesquisadores, jornalistas, políticos, permitiu-nos perceber a necessidade de estudar a relação entre colonização e assimilação nos povos oriundos dos impérios coloniais. Este problema é particularmente agudo nas Antilhas Francesas - principalmente devido à ambigüidade de seu estatuto político - onde se vive uma situação de extrema dependência e de forte rejeição face à França.

O segundo fator decisivo para o delineamento de nosso trabalho foi a publicação de *Le Discours Antillais*, igualmente em 1981. Reunindo parte considerável da produção teórica de Glissant (conferências, artigos, comunicações em congressos, textos para catálogos de exposições de pintura, prefácios, etc), relativa a um período de dez anos, assim como reflexões sobre publicações anteriores, este livro é considerado como uma espécie de Suma na sua tentativa de abarcar o real antilhano (em especial o martinicano):

> *"A mon avis-le Discours est une somme archéologique tellement vertigineuse qu'un lecteur ou une lectrice, seul, ne saurait l'epuiser avec satisfaction. Il y a croisements, entre-croisements,de l'Histoire, de la littérature, de la poétique, de la sociologie, de l'économie, de la politique.Cet entrecroisement est tellement complexe que toute lecture linéaire est certainement vouée à l'échec"*(1)

1 - Dossier sur Edouard Glissant et Le Discours Antillais. Etincelles, Montréal 4, avr./mai 1983, p. 16.

O *Discours* revelou-nos um pesquisador infatigável com uma riquíssima produção teórica, empenhado em descobrir novos caminhos (ou trilhar os antigos com novo olhar) à procura de pistas que pudessem elucidar a realidade de sua ilha. A importância do *Discours* (e a dificuldade de sua leitura) vem exatamente de sua diversidade quer no conteúdo, quer na forma. Ao tratar dos mais variados assuntos ora de maneira sistemática (em geral as transcrições de artigos e conferências), ora em forma de fragmentos, ao encadear espaços em branco, textos teóricos, textos poéticos, depoimentos de populares e de místicos, documentos históricos, relatos de experiências pessoais, numa seqüência que nem sempre é clara para o leitor, Glissant evidencia que o estudo de uma situação tão original e tão complexa quanto a da Martinica exige uma nova forma de abordagem. Posto que, para ele, "o Método nunca é inocente" uma de suas maiores preocupações será a de escapar das armadilhas da lógica cartesiana, do formalismo acadêmico, o grande perigo para a intelectualidade antilhana:

> *"Il s'agissait de pister à force les processus multipliés, les vecteurs enchevêtrés qui ont à la fin tissé pour un peuple, lequel disposait de tant de cadres et d'individus 'formés', la toile de néant dans laquelle il s'englue aujourd'hui.*
> *Effort 'intellectuel', avec ses poussées de répétition (la répétition est un rythme), ses exigences d'une formulation à la limite schématisée, très souvent obscurcie par son objet même. Car la tentative d'approcher une réalité tant de fois occultée ne s'ordonne pas tout de suite autour d'une série de clartés. Nous réclamons le droit à l'opacité"*(1)

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 11.

Apesar desta sua exigência (de opacidade!), resolvemos destacar em sua obra alguns conceitos e estudar como eles poderiam ordenar seu pensamento, tornando a leitura de todas as suas obras mais fácil (mais transparente!). Pouco a pouco, fomos percebendo que um outro passo poderia ser dado: examinar alguns romances de Glissant a partir de sua produção teórica, ver se o seu projeto literário, sua "intenção poética" formaria um todo coerente: de sua formulação à sua execução. Temos, é claro, consciência de que em Glissant os limites entre poesia, ensaio, romance, textos dramáticos e outros são muito tênues, mas era preciso fazer uma escolha. Concentramo-nos portanto em *Le Discours Antillais* e em seus dois livros de ensaios anteriores *Le Soleil de la Conscience* e *L'Intention Poétique*, acrescidos de algumas de suas entrevistas (às quais pudemos ter acesso), alguns prefácios e artigos de jornal que, ou não figuram em seus livros, ou foram significativamente modificados quando aí inseridos.

Consideramos que para Glissant um dos critérios-chaves de suas análises é a depossessão que é inclusive um dos sub-títulos do livro I do *Discours*. Este conceito aparece em Glissant também sob o nome de falta, ausência, privação. (1) A Martinica seria um exemplo privilegiado para estudar os efeitos da depossessão porque o seu povo teria se constituído a partir do ato colonial. Considerando que o projeto literário glissantiano diz respeito fundamentalmente à terra, à história e à palavra de seu povo, como já podemos ler

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 114.

em *L'Intention Poétique* (1969) -

> *"Trois fois l'oeuvre concerne. En ce qu'elle est pulsion d'un groupe d'hommes: communauté; en ce qu'elle se noue au voeu d'un homme: intention; en ce qu'elle ouvrage et drame d'humanité qui continue ici: relation. La terre du groupe, le langage de cet homme, la durée pour l'humain: tels les éléments de la poétique, de l'un à l'autre joués"*(1)

-, considerando que o próprio Glissant definiu no Rio de Janeiro, em 1982(2), seus romances *La Lézarde*, *Le Quatrième Siècle* e *La Case du Commandeur* como respectivamente Poéticas do Espaço, da História e da Língua, resolvemos estudar como o critério da depossessão articularia seu pensamento teórico nestes três planos acima enunciados e como seus romances por sua vez se integrariam coerentemente (ou não) em suas proposições teóricas.

A Martinica então, segundo os critérios da análise propostos por Glissant, seria o lugar de uma tripla depossessão - espaço, história, língua - e através da literatura o escritor tentaria apropriar-se dessa paisagem, desse passado, dessa palavra, de que o seu povo tinha sido espoliado, dando assim a sua contribuição específica - como escritor - para a constituição da nação martinicana.

O nosso trabalho se organiza, portanto, em três partes. O capítulo I ocupa-se da realidade martinicana; o II trata do problema da depossessão e suas implicações, o III es

---

1 - Id., L'Intention Poétique, p. 24.
2 - Conferência realizada na Universidade Federal Fluminense em 19/08/1982: "O escritor diante de sua obra: criação e reflexão".

tuda os romances de Glissant como forma de apropriação. Todos os três capítulos subdividem-se igualmente em três partes, cada uma delas tendo por objeto o espaço, o tempo e a língua.

O objetivo do 1º capítulo é dar informações sobre a realidade martinicana.

Considerando a estreitíssima vinculação da obra de Glissant com a realidade martinicana, considerando também a dificuldade de acesso à pequena bibliografia existente sobre o assunto, este primeiro capítulo visa fornecer informações que favoreçam a compreensão da proposta glissantiana de uma nova poética. A 1ª parte dá alguns dados sobre o relevo, rede hidrográfica, clima e vegetação da ilha da Martinica.Tendo a paisagem importância capital na obra glissantiana (como veremos nos capítulos II e III), achamos necessário incluir certos dados que permitam ao leitor verificar como sua paisagem natal teve um papel determinante na estrutura de alguns de seus romances.

As 2ª e 3ª partes são muito mais extensas do que a primeira porque envolvem assuntos extremamente polêmicos. Foram consultados arquivos, fundos, bibliotecas (obras de caráter geral, teses, opúsculos, panfletos, jornais...), o resultado é o relato do atual estágio das pesquisas sobre toda a história da ilha desde os seus primeiros ocupantes até 1934. Procurou-se igualmente explicar as origens do atual conflito entre a língua francesa e o crioulo e fornecer um rápido panorama da produção escrita em francês e em crioulo - em particular a partir dos anos 30 - e as tendências da produção literária contemporânea.

Acreditamos ser inútil salientar as dificulda

des para a execução deste trabalho. As publicações são muitas vezes fortemente marcadas ou pelo etnocentrismo europeu, ou pelo ressentimento antilhano. Como os estudos são, na sua maioria, extremamente recentes, freqüentemente eles trazem a marca de disputas pessoais impossíveis de serem evitadas num espaço tão pequeno como a ilha. Temos a plena convicção de que a presença marcante de Aimé Césaire, nas letras e na política, impede que muita coisa seja dita, não só sobre a época contemporânea, mas também sobre o passado, a respeito do qual Césaire manifestou-se e manifesta-se freqüentemente. Temos consciência de que certos períodos ou certos eventos são abordados com mais detalhes do que outros. Duas razões principais presidiram essa *mise-en-honneur:* a existência de uma maior diversificação (principalmente de opinião) quanto às fontes, o que nos possibilitou apresentar um quadro mais matizado, e a necessidade de esclarecer as alusões (muitas vezes veladas) de Glissant a estes fatos. Temos consciência de que devem existir ausências importantes e que o *continuum* dos fatos nem sempre pode ser percebido claramente. Existem falhas que são nossas, certamente, mas é preciso lembrar que se tudo fosse coerente e claro, o projeto literário de Glissant não teria surgido.

O objetivo do 2º capítulo é extrair da produção de Glissant - em particular *Le Discours Antillais* - elementos que nos permitam não só delinear o problema da depossessão na Martinica, como também mostrar como ele se articula com os dados expostos no 1º capítulo, nos três planos já indicados: espaço, história e língua. Procuramos tornar claro que o conceito de depossessão (que aparece em toda a obra do autor) se insere numa reflexão muito mais ampla não só econômica e política, mas também filosófica. Nossas dificuldades fo

ram principalmente de ordem metodológica. Nossa abordagem inicial - por tateamento, repetições, aproximações sucessivas - revelou-se ser a preconizada por Glissant para a abordagem da realidade martinicana. Cada uma das três partes deste capítulo procura estabelecer o elo entre as análises da realidade e a proposta de uma nova poética.

O 3º capítulo visa identificar em romances do autor alguns procedimentos literários coerentes com suas reflexões teóricas, e eficientes face aos objetivos propostos. Se a Martinica é o lugar de uma tripla depossessão, se o escritor tem um papel a cumprir na construção de uma nova sociedade, sua tarefa seria de através da literatura contribuir para o processo de apropriação desse espaço, dessa história, dessa língua. A escolha das obras obedeceu ao critério estabelecido pelo próprio Glissant na já citada conferência de Niterói. Os limites de nossa tarefa serão explicitadas no momento oportuno.

Uma última observação: inúmeras vezes Glissant manifestou-se contra o perigo que representa a clareza do pensamento ocidental pelo seu papel castrador. Daí nossos permanentes escrúpulos ao tentar organizar as suas afirmações em torno de certos "núcleos" ou "eixos". Mas a certeza de que sua obra é de grande importância para a compreensão da produção artística dos povos emergentes não bastaria para justificar nossa tentativa de torná-lo mais "claro"? Fizemos essa pergunta - entre outras - ao próprio Glissant. Ele prometeu nos uma resposta. Ela ainda não chegou...

Capítulo I

O REAL

O ESPAÇO

A ilha da Martinica pertence ao arquipélago das Antilhas situado no hemisfério Norte entre a América do Norte (Flórida e México) e a América do Sul (Venezuela e Güianas), tendo a Oeste a América Central. Suas ilhas são banhadas a Leste pelo Oceano Atlântico e a Oeste pelo mar do Caribe.

Dentro deste arquipélago, a Martinica se situa num arco a Leste: as Pequenas Antilhas ou Ilhas do Vento. Estas ilhas se situam bem próximas umas das outras mas acham-se divididas pela colonização. A Dominica (ao Norte) e Santa Lucia (ao Sul) hoje de língua inglesa estão separadas da Martinica por canais com aproximadamente 30 kms de largura e que podem ser transpostos a nado.

A Martinica está separada da França - a metrópole - pelo Oceano Atlântico numa distância de 7000 kms.

A superfície da ilha é estimada entre 1085 e 1089 km^2, apresentando sua parte mais longa no sentido N/S, 64 kms e sua parte mais larga no sentido L/O, 22 km. Sua parte mais estreita neste mesmo sentido atinge apenas 10 kms e nenhum ponto da ilha acha-se a mais de 12 kms do mar.

Relevo

Apesar de suas dimensões diminutas a ilha apresenta um relevo bastante atormentado. Existe uma lenda local

que diz que um dia um soberano inglês pediu a um de seus almirantes que lhe descrevesse a Martinica. Como resposta obteve uma folha de papel violentamente amassada.

Eugène Revert diz que se a superfície da ilha fosse "esticada" como uma pele de animal ela ocuparia um espaço muito superior aos teóricos 1100 km^2.

Em verdade a ilha não apresenta grandes altitudes. O maciço dos Pitons du Carbet atinge a altitude máxima de 1200 m e a Montagne Pelée não ultrapassa os 1400 m. Mas as elevações são muito abruptas. Em poucos quilômetros passa-se da praia, à beira-mar, ao topo da montanha.

Já no século XVIII o padre Labat dizia ao avistar a ilha pela primeira vez:

> *"A mesure que le jour venait et que nous approchions de la terre, je ne pouvais assez admirer comment on s'était venu loger dans cette île. Elle ne me paraîssait que comme une montagne affreuse, entrecoupée de précipices. Rien ne m'y plaisait que la verdure qu'on voyait de toutes parts ce qui me semblait nouveau et agréable vu la saison où nous étions"* (1)

A sucessão de abismos e precipícios, gargantas profundas e *canyons* dá a impressão de grandes alturas, impressão reforçada pelos ventos incessantes que sibilam entre as elevações. As montanhas estão concentradas na região NO da ilha.

A Montagne Pelée é a elevação mais importante

---

1 - LABAT, R.P. Jean-Baptiste - Voyage aux Iles de l'Amérique (Antilles). 1693-1705, p. 34.

da ilha e é o vulcão mais conhecido da região. Sua forma é cônica e seu pico está quase sempre entre as nuvens. Apesar da grande densidade populacional da ilha, a montanha não apresenta um quadro de implantação humana devido à possibilidade inquietante de erupções, às encostas íngremes, à nebulosidade permanente, ao vento incessante e perturbador. Apesar desses fatores, alguns agricultores instalam-se na periferia da montanha atraídos pela grande fertilidade do solo.

Separado da Montagne Pelée pelo planalto de Morne Rouge (500 m de altitude), acha-se o maciço dos Pitons du Carbet onde se localiza a floresta martinicana. Esta é cortada pela Trace, a estrada colonial que liga Fort-de-France a Morne Rouge.

À medida que se aproxima do Sul, a paisagem vai se tornando mais plana. Sucedem-se os morros arredondados - *les mornes* - característicos desta região e que se espalham por toda a ilha ocupando 4/5 do território. Se o topo das montanhas é dificilmente atingido, os altos dos morros são contornados por caminhos e permitem descortinar vastos horizontes.

O relevo da ilha é de tipo vulcânico; as superfícies planas são raras, pouco extensas e situam-se entre morros. A única verdadeira planície existente é a planície do Lamentin com 75 km^2, o que permitiu a instalação de um aeroporto internacional e lhe deu uma especial importância econômica.

O Norte e o Sul não se opõem apenas no interior da ilha. Ao Norte do eixo Fort-de-France/Trinité encontramos no litoral escarpas de 20 metros de altura cortadas de vez em quando por pequenas praias (*anses*) enquanto ao Sul as praias são mais extensas. Na realidade esta oposição é reforçada pela oposição costa atlântica/costa caribenha. A face voltada

para o Caribe é abrupta havendo precipícios submarinos de até 2000 metros. Em 1902 na ocasião da erupção da Montagne Pelée que destruiu inteiramente a cidade de Saint-Pierre, um navio de guerra francês que veio resgatar os habitantes das comunas vizinhas de Saint-Pierre conseguiu chegar a menos de 20 metros da costa, tal a profundidade do solo submarino. Nos primeiros séculos após a chegada dos europeus, este lado da ilha - em particular a baía de Fort-de-France, pela sua penetração no corpo da ilha - será o preferido pelos barcos em busca de abrigo contra os ventos e contra os inimigos. Na realidade a baía de Fort-de-France é pouco profunda, principalmente considerando-se o resto da costa caribenha. Tem mais ou menos 60 metros de profundidade na entrada da baía que diminuem rapidamente para 30 junto à costa.

A costa ao Sul e a Leste (Atlântico) apresenta um grande número de ilhotas e recifes. A existência de uma grande plataforma submarina permite que o encontro entre as praias e o mar seja muito calmo. A imobilidade das águas favorece o acúmulo de lama e onde o mar é muito raso surgem os mangues. Este lado da costa apresenta um grande número de minúsculas baías - *anses* - muito procuradas pelos turistas.

Rede hidrográfica

Na Martinica há 70 cursos de água independentes, a metade dos quais é perene. Quase metade do território da ilha é drenado por pequenos riachos que desembocam diretamente no mar, sempre próximo.

A região montanhosa da ilha, que é coberta na

sua maior parte por espessa vegetação (que coincide em parte com a floresta natural), é drenada por uma rede hidrográfica muito densa que irradia em torno da Montagne Pelée, dos Pitons du Carbet, e do Morne Jacob. A maior parte desses cursos de água desembocará na costa Atlântica.

O sistema hidrográfico mais importante da ilha, não só pela sua extensão (110 kms^2) como pelo seu volume de água, deságua na costa do Caribe: é a bacia do rio Lézarde. O tronco nasce entre os morros de Bellevue e Lorrain a mais ou menos 500 metros de altitude e ao contrário dos outros rios atravessa uma planície - a planície do Lamentin - o que permite que seu curso seja facilmente identificável. Sua extensão em linha reta é de 14,5 kms embora percorra 28,5 kms. Ao se aproximar de sua desembocadura, nos últimos 2 kms o Lézarde atravessa a região do mangue onde praticamente se dissolve.

Clima

A temperatura e a pressão são de grande regularidade. Os ventos alíseos desempenham um papel importante mantendo a temperatura entre 23 e 27º. As chuvas, por outro lado, são irregulares e determinam a divisão do ano em duas estações: o *hivernage* - estação das chuvas, de junho a dezembro, quando podem ocorrer os ciclones; *carême* - estação seca, de janeiro a maio.

Mas há uma outra divisão que se sobrepõe a esta em matéria de regime pluviométrico: o Norte da ilha, mais montanhoso e com densa vegetação tropical, apresenta um alto índice pluviométrico em comparação com o sul, plano, exposto

aos alíseos que varrem as nuvens e acabam impedindo a precipitação regular de chuvas. A oposição de relevo entre o Norte e o Sul acaba sendo pois um dos elementos determinantes na precipitação de chuvas: o Sul da Martinica sendo menos elevado que o Norte recebe menos chuvas e as regiões mais distantes da massa montanhosa são as mais secas como o extremo leste da península de Caravelle.

A vazão dos rios acompanha o ritmo das chuvas. Como no Norte as inclinações do terreno são acentuadas e o solo da planície é argiloso, as águas dos rios, sem nada que as detenha, rapidamente tornam-se torrenciais arrastando tudo o que se opõe à sua passagem. Uma forte chuva ocasiona em pouco tempo grandes enchentes.

Os ventos são constantes e particularmente fortes. Sopram sempre do Leste, o que determinará uma maior umidade nas encostas Orientais do que nas Ocidentais. A região é famosa pela intensidade dos ciclones que, na Martinica, não ocorrem antes de 23 de julho nem depois de 21 de outubro.

Vegetação

A Martinica goza de um clima do tipo tropical. Os contrastes de seu relevo entretanto determinam o aparecimento de diversidades climáticas a distâncias muito curtas Conseqüentemente, há uma grande diversidade do ponto de vista da vegetação.

No Norte da ilha, de clima fresco e úmido, encontramos árvores de grande porte (até 35 m de altura) e uma reserva florestal. À medida que se aproxima do Sul, a altura da vegetação é menor: na região dos morros, pequenas árvores;

no Sul, a cana e gramíneas. A orla litorânea está sendo dominada pelo *mangrove*, vegetação típica de mangues.

Além dos fatores relevo e clima existem os fatores bióticos. Mais do que os animais, o homem foi responsável por importantes transformações: degradação da vegetação, a introdução de plantações, o reflorestamento e a criação de animais.

A ação do homem no Sul da ilha foi basicamente destrutiva não só pelas queimadas como pelos cortes sucessivos de árvores. Isso favoreceu a tendência do solo para o ressecamento. Além disso nas regiões mais secas, a agricultura sendo mais difícil, optou-se pela criação de gado que reduz a vegetação existente a gramíneas. Mas o europeu não apenas destruiu: ele trouxe consigo a mangueira, o coqueiro, a árvore da fruta-pão que modificaram a paisagem e serão elementos muito importantes no sistema alimentar.

Por outro lado foram introduzidos também a cana de açúcar, a banana e o abacaxi que serão exportados industrialmente.

Como em todos os outros aspectos geográficos, a vegetação na Martinica oferece o contraste da exuberância da floresta tropical do Norte (decantada nas crônicas dos primeiros viajantes) face à monótona paisagem da plantação de cana ao Sul. O declínio da produção açucareira determinou o lento desaparecimento da cana e o aparecimento de uma produção ainda modesta de abacaxis.

Como última observação, a vegetação da Martinica mostra uma grande afinidade com a da América do Sul (muito mais do que com a vizinha América Central).

A HISTÓRIA

A história da Martinica (como praticamente toda a história da América) tem sido contada a partir da chegada dos europeus, a partir do "Descobrimento".

Cristóvão Colombo relata no seu diário ter avistado a ilha Karukera (que mais tarde será chamada de Guadelupe) dia 4 de novembro de 1493 por ocasião de sua 2ª expedição ao Novo Mundo. Em 1502 (15 de dezembro), ele desce na Martinica (ou a Juanakaera dos Caraíbas).

Mas os espanhóis não se demoraram muito nas Pequenas Antilhas. Eles concentrarão suas forças inicialmente nas Grandes Antilhas e mais tarde no continente.

Pelas bulas do papa Alexandre VI (1493), os espanhóis eram os únicos a poder navegar a oeste de uma linha situada a 100 léguas dos Açores e Cabo Verde. O tratado de Tordesilhas de 1494 desloca esta linha 170 léguas para o Oeste. As terras a leste desta linha pertenceriam aos portugueses.

Desde o século XVI as outras nações européias começaram a contestar estes direitos: "*Je voulais bien voir le testament du Père Adam pour savoir s'il ne m'a rien laissé dans les terres du Nouveau Monde*" teria dito François I, rei de França.

Aventureiros holandeses, ingleses e franceses (sob proteção nem sempre discreta de seus soberanos) atacam os navios espanhóis e tentam estabelecer-se no Caribe (e na América do Sul). Eles só conseguirão fazê-lo nas Pequenas An

tilhas: os holandeses tomam Santo Eustáquio e São Martim; os ingleses, Barbados,Nevis, Montserrat, Antígua e parte de S. Cristóvão; os franceses, a outra parte de São Cristóvão, Guadelupe e Martinica.

Na Martinica, devido à sua posição estratégica, no meio do arco das Pequenas Antilhas, irão repercutir os problemas das grandes potências européias implicadas no processo de colonização da América.(1)

A Martinica era então habitada pelos Caraíbas em número de 1000 a 2000. Apesar das importantes recentes descobertas arqueológicas na Martinica, torna-se difícil separar as informações vindas de documentos das da lenda. É freqüente grandes historiadores tomarem como provas as narrativas de viajantes, diários de bordo, correspondências dos grandes navegantes a seus soberanos, quando sabemos que as viagens eram financiadas e que os comandantes ou seus escribas diziam aquilo que lhes era mais rentável na perspectiva de obter novos créditos para suas próximas viagens. O diário de Colombo recenseando as "maravilhas" do Novo Mundo não está muito distante da carta de Pero Vaz de Caminha que acabou servindo para a criação do mito da preguiça brasileira. Se "em se plantando tudo dá", aquele que não tem o que comer é o único responsável por sua penúria.

Provavelmente os Caraíbas, originários da América do Sul, de tradição guerreira e suposta ferocidade, te

---

1 - Segundo Michel Devèze as Antilhas foram o terreno de provas da colonização onde se assistiu à exploração mais desenfreada de índios, negros e, na falta destes, de brancos!

riam massacrado - por volta do século X da nossa era - todos os homens da pacífica tribo Arawak (os Tainos das Grandes Antilhas, segundo Devèze) instalados na região desde os primeiros séculos da era cristã. Como os Caraíbas eram polígamos, tomaram como esposas as mulheres Arawak que desempenhavam na sua própria tribo de origem um papel especialmente importante. Esta união impediu que houvesse uma ruptura na passagem de uma civilização para outra. Este fato é perceptível principalmente na produção de objetos domésticos em cerâmica. Uma outra conseqüência interessante é o fato de, entre os Caraíbas, as mulheres falarem uma língua diferente da dos homens, fato que deu origem, segundo Revert[1], a "*tabous linguistiques*" entre os dois sexos.

Os Arawaks eram um povo de pescadores, daí terem se instalado na costa Atlântica cujas águas rasas facilitavam a pesca com rede e com cesto. Embora eles não conhecessem a roda, suas cerâmicas são bem executadas e pacientemente decoradas, o que revela a existência de um certo desenvolvimento tecnológico na agricultura, trabalho reservado em geral às mulheres. Estas teriam, portanto, mais tempo para a confecção de seus utensílios domésticos, segundo revelam as pesquisas arqueológicas realizadas em Santa Maria, na Martinica (terra natal de Glissant) e onde teria existido uma comunidade de Arawak de talvez milhares de pessoas.

Cronistas da época deram inicialmente um retra

---

1 - Cf. REVERT, Eugène - La Martinique. Paris, Nouvelles Editions Latines, 1949.

to físico e moral dos Caraíbas bastante positivo. Na medida em que a colonização foi-se estendendo, os Caraíbas foram tachados de antropófagos (a palavra canibal seria originária da palavra Caraíba) e preguiçosos, já que desconheciam totalmente a idéia de acumulação de riquezas trabalhando exclusivamente para seu sustento diário.

Os Caraíbas teriam vivido mais ou menos seis séculos na Martinica e na Guadelupe, na costa Atlântica. Eram homens de porte avantajado, cabelos negros e lisos, olhos ligeiramente amendoados e escuros. Tinham o hábito de cobrir sua pele com a tintura do urucum o que lhes dava uma cor avermelhada, levando os europeus a pensar que estariam diante de uma nova raça.

Os Caraíbas como os Arawaks eram povos do mar, exímios remadores e viviam da pesca. As mulheres ocupavam-se da agricultura, bastante elementar, e todos, da coleta de frutos.

No vocabulário contemporâneo das Antilhas francesas encontram-se muitas palavras caraíbas, principalmente nomes da fauna e da flora locais que permaneceram inclusive na cozinha tradicional da região.

Apesar de serem um povo guerreiro, os Caraíbas tratavam bem seus prisioneiros, sobretudo as mulheres e as crianças. Suas boas relações com os brancos, na sua maior parte aventureiros sem escrúpulos, não poderiam ter sido duradouras.

Dizem os historiadores franceses que a hostilidade dos Caraíbas com os espanhóis é que teria decidido estes últimos a abandonar definitivamente as Pequenas Antilhas. Por outro lado, o contacto entre Caraíbas e franceses não foi mui

to longo. Apesar do bom entendimento inicial, da ajuda proporcionada pelos índios, ensinando aos europeus seus hábitos de alimentação, moradia e sua farmacopéia, logo apareceram divergências. Os Caraíbas eram muito estruturados socialmente para se submeterem aos recém-chegados e o sistema de plantação implantado pelos franceses precisava de colaboradores mais dóceis. A chegada dos primeiros escravos africanos não resolveu a situação pois os índios começaram a proteger os escravos que fugiam, os *marrons*.(1) Os franceses decidiram então exterminá-los. Os planos deveriam permanecer secretos pois os Caraíbas tinham aparentemente uma maneira muito rápida e eficaz de difundir as informações através do arquipélago. Havia uma espécie de Liga entre eles: se um índio fosse castigado numa ilha, poucas horas depois represálias se sucediam nas outras ilhas. É bastante provável que em 1658 tenham sido massacrados num mesmo dia e numa mesma hora previamente combinados, não só na Martinica como talvez em outras ilhas (com exceção da Dominica onde os sobreviventes puderam se refugiar). Os últimos índios resistentes, ao perceberem a derrota inevitável, teriam se lançado dos penhascos num suicídio coletivo. Este fato (lendário?) tem sido evocado cada vez mais freqüentemente quando se fala da resistência à colonização. Em 1692 são

---

1 - Conservaremos o uso da palavra francesa "marron" para designar o escravo que fugia da plantação recusando o termo de quilombola usado por alguns especialistas brasileiros da área. A palavra quilombola supõe uma vida em comunidade - o quilombo - enquanto a palavra francesa - marron - exprime uma idéia mais ampla: viver em liberdade sozinho ou em grupo. Coerentemente adotaremos também o emprego de marronagem e marronar.

recenseados 160 índios em toda a Martinica que, por estarem provavelmente ligados a famílias de grandes proprietários, teriam sido protegidos do extermínio.

Estes raros sobreviventes recenseados no fim do século 17 vêm permitindo que algumas famílias de martinica nos afirmem orgulhosamente terem sangue caraíba nas veias, o que parece ser muito difícil de comprovar.

Em 1635 Richelieu encorajava o fidalgo normando D'Esnambuc - que tinha iniciado a ocupação francesa em São Cristóvão ao NE do arquipélago - a fundar a *Compagnie des Iles d'Amérique* para promover a colonização das terras francesas da América. Quando D'Esnambuc chegou à Martinica (no mesmo ano) trazia consigo 100 homens, a maior parte deles proveniente de São Cristóvão. Têm, portanto, alguma experiência do processo de adaptação ao Novo Mundo, o que explica o sucesso relativo de seu empreendimento após o fracasso da tentativa precedente de De l'Olive e Duplessis. Desembarcam na Martinica dia 1º de setembro no lugar onde mais tarde se ergue Saint-Pierre e teriam sido muito bem acolhidos pelos Caraíbas. Em maio de 1636, D'Esnambuc volta para São Cristóvão para impedir que os colonos vendam suas colheitas aos ingleses. Deixa na Martinica seu lugar-tenente Dupont. Este desaparece numa viagem e D'Esnambuc morre logo após, não sem ter designado seu sobrinho Du Parquet como seu sucessor.

Du Parquet chega à Martinica em 20 de janeiro de 1637. Procura um bom entendimento com os Caraíbas, o que vai permitir o desenvolvimento da agricultura do algodão e do tabaco. A população atinge mais de 2000 habitantes, entre os quais 800 negros capturados dos espanhóis e dos portugueses.

Os franceses que partiram para a aventura na América eram de extratos sociais muito diversos. Alguns dos proprietários de terra (e mais tarde, das plantações) eram cavalheiros da pequena nobreza, muitas vezes alijados da herança paterna pelo direito de primogenitura. Estes nobres, segundo Révert, seriam em número mais reduzido do que se costuma fazer crer: no máximo 50 *maîtres de case* num total de 700 por volta de 1671. A maior parte dos proprietários era de origem burguesa e interessados pela ascensão social que o patrimônio fundiário podia lhes proporcionar.

Os franceses levaram também consigo *engagés* - trabalhadores contratados por 3 anos - para servir os grandes proprietários que pagavam suas passagens. O direito sobre eles podia ser cedido ou vendido a outro senhor. Terminada a vigência do contrato recebiam sua liberdade, 300 libras de tabaco e o direito de voltar à Europa ou de se estabelecer na colônia adquirindo terras. Este sistema funcionou muito bem no início da colonização porque os *engagés* eram pessoas da mesma região que seus senhores, às vezes até seus parentes. Com a introdução do sistema de plantação e a produção do açúcar em grande escala, as condições de vida e trabalho foram se deteriorando. Denúncias são feitas na França sobre as terríveis condições em que se encontram os *engagés* das Antilhas. A *Relation des Missions* de 1660 declara que "*les valets sont quelquefois si cruellement traités qu'il vaudrait mieux être esclave parmi les Turcs*."(1) Por outro lado, havia uma certa pressão

1 - Citado por REVERT, Eugène. Op. cit., p. 226.

não só para impedí-los de se tornarem proprietários - o que acarretaria uma fragmentação da propriedade - como para que permanecessem na ilha como soldados garantindo a continuidade de um povoamento branco.

Com a introdução dos escravos, que progressivamente assumiram as funções dos *engagés*, este tipo de contrato de trabalho foi sendo abandonado e foi definitivamente abolido em 1774. Alguns poucos *engagés* conseguiram se tornar grandes proprietários de terras. A grande maioria ou morreu devido às condições miseráveis de vida, ou voltou para a Europa. Alguns ainda mudaram-se para Saint Barthélémy onde, marginalizados do aparente desenvolvimento da região, constituem hoje uma população branca e pobre.

A 1º de abril de 1643 a *Compagnie* nomeia Du Parquet governador da Martinica com as funções de comandante militar, encarregado das finanças e magistrado. Mas os proprietários de plantações - os *habitants* - recusavam-se freqüentemente a pagar seus direitos à *Compagnie* que acabou ficando em má situação financeira. Em 1650, esta decidiu vender as Antilhas aos seus respectivos governadores. Du Parquet comprou a Martinica, a Granada, as Granadinas e Santa Lúcia por 60.000 libras (a Martinica por 45.500). Embora proprietários, os governadores permaneciam sob rígido controle do Rei de França.

Du Parquet incentivou a criação de gado e construiu fortes em Fort-Royal e Saint-Pierre. Acolheu os holandeses e africanos expulsos do Brasil numa época em que ainda não existia o tráfico negreiro nas Antilhas francesas. Foi também o responsável pela introdução da cana de açúcar. A ilha começou a ter um desenvolvimento econômico bastante acentuado. Mas

Du Parquet teve problemas com os proprietários de plantações porque estes continuavam a se recusar a pagar seus impostos. Pressionavam-no também para que expulsasse os índios da ilha.

Du Parquet morre em 1658 e seu posto deveria ser exercido por sua mulher durante a minoridade de seus filhos, mas militares e colonos revoltaram-se. Mme Du Parquet cede progressivamente até ser destituída de seu cargo. Um fato importante ocorreu durante sua gestão: o massacre dos Caraíbas. No governo de Du Parquet tinha sido feito um acordo de paz com os índios mas os militares exigiam que eles não dessem guarida aos negros marrons. Uma noite, um grupo de franceses massacrou alguns índios que bebiam nos cabarés da cidade, matando seu cacique. Os colonos ficaram receosos de represálias porque dois índios conseguiram escapar e deveriam avisar seus companheiros. Recrutaram imediatamente 600 dos melhores soldados da colônia encorajados pela promessa de boas recompensas e, acompanhados de dois padres, foram por terra e por mar atacar os Caraíbas:

> *"../ils/ brûlèrent les cases, tuèrent, massacrèrent, sans aucune considération de sexe ni d'âge, tous les indigènes qu'ils pouvaient recontrer. Ceux qui purent se dérober regagnèrent en toute hâte Saint-Vincent et la Dominique. Aussi s'explique l'occupation définitive de toute l'île par les martiniquais"*(1)

Este fato será o responsável pela ruptura entre a cultura pré-colonial e colonial. Haverá na ilha uma subs

---

1 - BANBUCK, C.A. - Histoire politique, économique et sociale de la Martinique sous l'Ancien Régime. Paris, Librairie des Sciences Politiques et Sociales, Marcel Rivière, 1935, p. 57.

tituição total da população. O passado começa na colônia.

Em 1664, Colbert, irritado com as numerosas perturbações da ordem e pelo aumento de contrabando para a Holanda, recompra os direitos dos proprietários e funda uma nova companhia, a *Compagnie des Indes Occidentales*.

A criação dessa Companhia excluiu completamente a Holanda do comércio com as ilhas. As colonias só poderiam comprar e vender à Metrópole: é o regime do Exclusivo. Numerosos protestos e revoltas encabeçadas pela Martinica se sucedem. Afinal, a França tinha 4 navios na rota para o Caribe, e os holandeses, 200.(1)

Colbert estimula a criação de usinas de açúcar na França. Na guerra contra as distilarias antilhanas, menos numerosas, o governo protege as metropolitanas.

Dez anos depois a Companhia, cheia de dívidas, foi encampada pela Coroa. As colônias tornaram-se províncias do Reino com um governador, um intendente e um Conselho Soberano. Este é composto dos dois membros acima, mais seis conselheiros que deveriam ser representantes da comunidade local. Na realidade, a relação de dependência com a metrópole sempre foi muito grande:

> *"Aussi comme les Anglaises, les colonies françaises des Antilles devenaient royales, mais comme le gouvernement français était plus autoritaire que l'anglais, les libertés locales dans les Antilles furent moindres: Gouverneur, intendant nommés par le roi, mais pas d'assemblées élues des planteurs".*(2)

---

1 - DEVÈZE, Michel - Antilles, Guyanes, la mer des Caraïbes de 1492 à 1789. Paris, SEDES, 1977, p. 200.
2 - Id., ibid., p. 179.

O Conselho foi sendo progressivamente esvaziado até ser transformado em *Cour d'Appel*.

De 1689 a 1715, recrudescem as lutas franco-inglesas pelo mercado que a Holanda em declínio se via obrigada a abandonar: o tráfico de escravos e o comércio do açúcar. A pirataria entra em declínio, pois o Rei prefere apoiar o contrabando, bem mais discreto.

Os primeiros negros a chegarem às Antilhas foram os "ladinos" que acompanhavam seus senhores espanhóis, como escravos ou como servidores livres, e atuavam tanto nos trabalhos domésticos quanto nos campos de batalha.

Na Martinica, os primeiros escravos tinham sido adquiridos dos portugueses ou tinham chegado com os holandeses quando estes foram expulsos do Brasil. Com as dificuldades crescentes com os Caraíbas, estabeleceu-se uma operação triangular (Antilhas - Europa - África) e o tráfico negreiro organizou-se.

Os primeiros escravos vinham sobretudo de Angola e Cabo Verde[1]; depois, de toda a costa ocidental da África, ao sul do rio Senegal. Nesta região conviviam vários povos com maior ou menor hostilidade. Os grandes reinos do Dahomey, do Congo, enfraquecidos pelas lutas de facções rivais, abalados culturalmente com a penetração do Islam, não resistiram ao golpe desferido pela chegada do homem branco e pela instituição do tráfico negreiro. A circulação intensa desses povos dentro da África antes de chegarem aos portos de embarque tornou

---

1 - Cf. REVERT, Eugène. Op. cit., p. 233.

muito difícil para o homem branco identificar a origem exata dos africanos que vieram para a América:

> *"Les esclaves étaient généralement classés selon le port dans lequel ils avaient embarqués. Etant donné qu'ils provenaient de l'intérieur, cette classification n'est guère significative de leurs origines. Aussi, les anthropologues sont-ils contraints d'étudier les éléments culturels que les esclaves ont apportés dans le Nouveau Monde, pour pouvoir déterminer à quelle ethnie africaine ces esclaves appartenaient. Une telle étude est difficile à conduire. Les navires négriers chargeaient des esclaves dans différents ports. À leur arrivée les esclaves étaient dispersés dans les plantations qui entretenaient de ce fait une main d'oeuvre servile appartenant à des tribus variées. L'absence de langue commune contraignait les esclaves à adopter la langue de leurs maîtres et à entrer aussi dans un processus d'acculturation. En outre, les conditions dans lesquelles se réalisait leur voyage ne permettaient pas aux esclaves d'emporter avec eux dans le Nouveau Monde des objets ou des biens de leur pays"*(1)

O tráfico francês se fará basicamente a partir do Senegal. Quando há o desmoronamento do império Bambara, uma parte significativa do seu povo será feita prisioneira e depois vendida como escrava. Daí o fato de os negros que vieram desta parte da África serem conhecidos com o nome genérico de Bambara. Mas o P. Labat, quando se refere aos escravos da Martinica, fala dos Aradas, dos Senegaleses e dos Congos.

---

1 - MÖRNER, Magnus - Le métissage dans l'histoire de l'Amérique latine. Paris. Fayard, 1971, p. 31.

Se bem que os plantadores tivessem às vezes preferência por escravos desta ou daquela região, na realidade a escolha era determinada pelos traficantes que preferiam os mais fortes, os mais jovens, os mais bonitos, e os plantadores pressionados pela exigência de uma mão de obra cada vez mais numerosa - fruto da expansão dos engenhos de açúcar - acabavam comprando o que chegava às ilhas.(1)

Houve, no entanto, uma preocupação - que não chegou a um resultado satisfatório - em tentar identificar os recém-chegados por traços que se revelaram mais tarde insuficientes: dentes limados, furos nas orelhas ou narinas, cortes nas faces, no peito ou nos ombros, cor da pele, estatura, etc.

> *"Ces nègres que nous avons dans nos colonies parviennent de diverses nations africaines. Il ne serait pas possible de faire un portrait qui ressemblât à tous différents peuples dont ils tirent leurs origines. Tout varie parmi ceux que nous avons, jusqu'aux nuances même de leur couleur"*(2)

Os horrores da travessia só podem ser contados pela ficção. Os comandantes dos navios negreiros mantinham diários de bordo mas evidentemente eles apenas recenseavam os mortos e feridos e narravam as rebeliões e outros problemas de viagem. Do que o africano acorrentado sentia e percebia não

---

1 - A decantada aptidão do africano para o trabalho agrícola ou sua suposta docilidade - em relação ao índio aborígene - seria na realidade fruto da triagem inicial feita pelos negreiros, acentuada pelas terríveis conduções da travessia. Só os fortes conseguiram chegar vivos à América.

2 - CHAVALLON, Thibaut de - Voyage à la Martinique. Paris, 1763, p. 57, citado por DEBIEN, Gabriel - Les Esclaves aux Antilles Françaises. Fort-de-France et Basse-Terre, Société d'Histoire de la Martinique et Société d'Histoire de la Guadeloupe, 1974, p. 35.

há documentos exceto os relatos transmitidos oralmente de geração em geração.

Uma décima parte dos escravos desembarcados nas Antilhas ficava na cidade,adquirida pelos homens de negócio, comerciantes, artesãos, funcionários da administração ou oficiais. Os outros iam para as plantações onde seriam domésticos, trabalhadores na construção ou no engenho e a grande maioria, trabalhadores da terra:"*le coeur de l'esclavage colonial*"segundo Debien.

> *"Après le dépaysement du voyage de traite qui les a conduits dans un pays où rien ne leur est familier, où leur routine de travail agricole ne peut s'appliquer sans de profondes modifications, où beaucoup de vivres leur sont inconnus, l'entrée des nouveaux sur une plantation était l'ouverture d'un autre monde"*(1)

Os escravos, ao desembarcar na Martinica, não são marcados a ferro como em Saint-Domingue (Haiti) porque a ilha é pequena e o risco de roubo é quase nulo. Alguns entretanto já traziam marcas dos traficantes. As marcas eram odiadas pelos escravos.

Ao chegar na plantação, são colocados geralmente sob a proteção de um *ancien* ou do capataz que vai procurar adaptá-los o mais depressa possível à nova vida. O recém-chegado desconhece tudo: as roupas, a comida, a moradia, os instrumentos de trabalho, a língua, as doenças, o tipo de trabalho que se espera dele. Um dos maiores problemas para capatazes e escravos era a alimentação: os africanos acostumados com

---

1 - DEBIEN, Gabriel. Op. cit., p. 69.

a caça recusavam a alimentação à base de cereais (arroz, milho). O número de mortos é muito grande e os senhores temem perder o capital investido.

No período inicial, de adaptação, são designados para trabalhos leves. Depois os melhores vão para os serviços domésticos e trabalhos mais especializados (operários) e o resto, especialmente as mulheres, vai para o campo. Os serviços domésticos eram aparentemente os melhores pois era onde se verificava o menor índice de fuga: o trabalho é menos pesado e a comida é menos restrita. O grande problema é a instabilidade: à menor falta são enviados para um outro trabalho.

Muitos senhores residem nas plantações ; mas, quando o proprietário reside na França, ele nomeia um procurador que mora na cidade e que dirige às vezes várias plantações. Ele nomeia em cada plantação um delegado, o gerente. O gerente por sua vez tem ajudantes: os ecônomos. Os postos de ecônomos eram considerados como estágios preparatórios para a função de gerente. Mas a "alma da plantação" era o capataz, *le commandeur*, o elo entre os escravos e a direção da empresa.

Até 1720, o *commandeur* era sempre um branco. Dirigia os escravos negros e os *engagés* brancos. Os capatazes brancos se notabilizaram pela sua crueldade e pelo rastro de mortes que deixaram atrás de si. Pelo *Code Noir* alguns serão julgados pelo roubo de escravas. P. Labat observa que alguns proprietários preferiam um capataz negro; inclusive porque ficava mais barato. No século XVII, os capatazes negros são recrutados de quase todas as nações africanas. A partir do século XVIII, há uma nítida preferência pelos crioulos (os nativos

das Antilhas).

Apesar do silêncio que se fez sobre o assunto, houve desde o início da colonização uma resistência à escravidão por parte dos africanos. Os estudos sobre a matéria são ainda hoje muito escassos:

> *"Les documents n'ont pas encore été réunis. Les recherches ne font que commencer /.../ Ce côté de la vie des esclaves me demeure très mal connu."*(1)

O que é bastante compreensível. A História, para ser "imparcial", precisa se apoiar em "documentos". Ora, os proprietários não tinham nenhuma preocupação de registrar tudo o que se fazia contra eles e, mesmo quando o faziam, limitavam-se, é claro, ao que conseguiam perceber. Os escravos são quase na sua totalidade analfabetos, oriundos de civilizações orais. Além disso, eles são os vencidos. E a História não costuma se preocupar com eles, pelo menos a partir da perspectiva deles.

A correspondência dos proprietários de plantações revela, segundo Debien, que é no século XVII que ocorreram as rebeliões mais graves. A mais importante foi a da Guadelupe, em 1656. Os escravos ainda não eram muito numerosos mas já superavam os brancos. O projeto seria de massacrar todos os brancos, tomar suas mulheres e seus bens e colocar no poder dois reis, um para Basse-Terre, o outro para Capesterre.

---

1 - Id., ibid., p. 393.

O projeto abortou (segundo P. Dutertre[1]) devido à rivalidade tradicional entre os angolanos e os cabo-verdianos. As represálias foram terríveis e visavam intimidar o resto dos escravos.

Em 1699, é descoberta a existência de um complô que desencadearia uma revolta geral. Em 1704, 1710 e 1748, novas revoltas estouram na Martinica.

Após 1740, apesar de a proporção de negros face aos brancos aumentar significativamente, o número de revoltas (segundo Debien) decresce. Aparentemente estas eram mais freqüentes entre os recém-chegados e, com o grande número de crioulos já integrados no quotidiano da plantação, os movimentos de sedição rapidamente se diluem na grande massa de escravos acomodados com a situação.

As referências sobre as rebeliões neste período são insignificantes exceto a de agosto de 1791, que preocupou inclusive a metrópole.

Uma das formas de protesto contra a escravidão bastante significativa era o suicídio: a vingança suprema contra o senhor da plantação, o último recurso para escapar ao seu domínio. Os suicídios ocorriam desde a costa da África, eram freqüentes durante a travessia e também na chegada à América. Talvez exista uma relação entre suicídios e crenças religiosas. Alguns acreditavam que dessa forma podiam atingir o reino dos seus antepassados. O suicídio parece ter sido ra

---

1 - DUTERTRE, R.P.J.B. - Histoire Générale des Antilles. (1ère édition 1667-1671) Fort-de-France, éds. des Horizons Caraïbes, 1973, p. 495.

ro entre os muçulmanos. De toda a forma, os suicídios diminuíam sensivelmente após alguns meses na plantação.

Terríveis como testemunho do estado de absoluto despojamento, de nudez, em que vivia o escravo são os modos que ele escolhe para morrer: a asfixia com a própria língua bloqueando a garganta e a recusa da alimentação, a morte por inanição.

Glissant cita muitas vezes o aborto voluntário e a asfixia dos recém-nascidos como uma forma de as mulheres subtrairem seus filhos da escravidão.

Uma das práticas mais difundidas entre os escravos parece ter sido a do envenenamento. Embora o *Code Noir* nada diga a respeito, P. Labat cita vários casos na Martinica do fim do século XVIII. Embora nas Pequenas Antilhas o problema não tenha alcançado a proporção que teve no Haiti, nas igrejas lia-se mensalmente a relação das penas a serem aplicadas aos envenenadores. A prática mais comum era o envenenamento dos animais, para perturbar o trabalho dos engenhos. Mas eram também envenenados os escravos e as pessoas da família dos senhores da plantação. Antoine Gisler cita o pavor de certos senhores de serem envenenados pelas suas próprias cozinheiras. Curiosamente Debien faz apenas uma ligeira referência a Mackandal, o lendário marron haitiano, exímio envenenador e personagem de várias obras de ficção sobre o Caribe.

Mas o que hoje é cada vez mais considerada como a forma privilegiada de resistência à escravidão é a marronagem. Os marrons eram os escravos que escapavam da plantação ou da casa de seu senhor. A palavra seria uma corruptela do espanhol *cimarron*, nome de uma tribo do Panamá, os Symarrons

que se revoltaram contra os espanhóis. A idéia de marron está ligada à idéia de selvagem e também de fuga, evasão. Simarron seria também uma espécie de macaco que sai rapidamente de seu esconderijo, apanha o que precisa e volta a se esconder. (Os marrons ficavam escondidos na mata e à noite saiam para pegar mandioca, batata doce, frutas e roubar galinhas e outros animais domésticos).

Na palavra "marron", no Caribe, coabitam os semas de insubmissão, fuga, refúgio num lugar de difícil acesso, rapina noturna, vida selvagem, liberdade.

Segundo Debien, os plantadores distinguiam dois tipos de marronagem: a pequena e a grande.

A pequena marronagem era a ausência de alguns dias, semanas, até meses devido ao medo do castigo por uma falta cometida. Em geral, devia-se a problemas com os capatazes e era sempre individual "*plutôt par paresse et libertinage que dans l'esprit de désertion*".(1)

Essas fugas, segundo os relatos da época, não seriam levadas a sério. Ocorriam principalmente após festejos em que os negros bebiam e se permitiam alguns dias de folga. Em geral, por ocasião do Natal, pediam perdão ou então solicitavam a intercessão do padre, do senhor de uma outra plantação ou de um membro da família que os conhecesse para poder voltar. Um outro caso parece ser a fuga individual de longa duração: ela seria talvez uma etapa para a marronagem em bando.

---

1 - CULLION, Valentin de - Examen de l'esclavage et particulièrement de l'esclavage des nègres dans les colonies d'Amérique. Paris, 1803, citado por DEBIEN, Gabriel. Op. cit., p. 422.

A grande marronagem ou a marronagem em bando é a mais conhecida, a mais espetacular, a mais inquietante, a mais citada nas correspondências e relatórios:

> *"Sur la fin de l'année 1656, il se fit un soûlevement des esclaves de la Guadeloupe, qui sembloit d'autant plus dangereux, qu'il se faisoit par des gens qui combattoient pour leur liberté..."*(1)

Desde meados do século XVII (portanto desde os primeiros anos da colonização), as fugas eram muito numerosas na Martinica e preocupavam as autoridades:

> *"On leur faisait une guerre en règle, mais on n'était jamais parvenu à les détruire, et la chose était assez difficile dans un pays couvert de bois, haché de toutes parts et rempli de précipices".*(2)

A repressão é violenta e se pretende exemplar: enforcamentos, esquartejamentos e membros pendurados ostensivamente em lugares onde poderiam ser vistos por todos. A repressão se faz contra os negros e contra os índios que lhes davam asilo:

> *"Les Caraïbes réfugiés dans ce quartier eussent été laissés en paix s'ils n'avaient pas reçu parmi eux les marrons"*(3)

O Conselho pretendia inicialmente condenar à morte todos os marrons mas encontrou oposição por parte dos proprietários que não queriam perder bens tão valiosos.

Desde o século XVII, surgem os roubos de embar

---

1 - DUTERTRE, R.P.J.B.. Op. cit., p. 495. O grifo é nosso.
2 - DEBIEN, Gabriel. Op. cit., p. 413.
3 - Id., ibid., p. 425.

cações para facilitar a fuga para as ilhas vizinhas. E eram os que tentavam deixar a ilha que recebiam as penas mais severas: amputação da perna na altura do joelho (ou o corte do tendão). Para os chefes dos bandos as penas eram a morte ou as galés.

Os proprietários entretanto procuram subtrair seus escravos da Justiça: não dão parte imediatamente da fuga, concedem uma espécie de anistia aos que voltam até um mês depois e criam castigos corporais que não invalidem os escravos para o trabalho (como a marca da flor de lis, por ex.). A partir do início do século XVIII, criam um sistema de dar uma "batida" geral por mês em toda a ilha para recuperar parte dos marrons. É interessante notar que poucas mulheres fogem mas muitas são raptadas pelos fugitivos.

Os mulatos começam a chefiar a repressão e passam a serem odiados. Alguns padres são suspeitos de darem guarida a fugitivos quer por motivos humanitários, quer para colocarem-nos a seu serviço.

Os historiadores franceses que se apóiam nos documentos existentes, cartas pessoais, relatórios oficiais dos senhores de escravos bem como nas crônicas da época, principalmente as do P. Dutertre e as do P. Labat têm uma tendência a atribuir as fugas à negligência dos gerentes, à inflexibilidade de certos proprietários, à má alimentação e ao excesso de castigos corporais. Mesmo grandes marronagens são vistas como revoltas contra certos capatazes ou ecônomos ou até mesmo gerentes.

Os historiadores e antropólogos do Caribe vêem na marronagem uma forma de resistência à escravidão: até os Caraíbas teriam percebido isso. Os livros de Jean Fouchard

(haitiano) começam atacando os historiadores europeus e Debien (francês) no fim do seu capítulo sobre marronagem diz:

> *"Des ethnologues haïtiens avancent que le marronage a été essentiellement une réaction des coutumes africaines contre les moeurs coloniales en général et contre la société créole, qu'en s'enfuyant c'étaient leur tradition à eux, cette liberté qu'ils voulaient retrouver"*(1)

Ele conclui que para tanto seria preciso apresentar provas:

> *"Les biographies des premiers chefs d'insurgés, celles des grands de grandes bandes de marrons, nous apporteraient ici des éclaircissements /.../ J'admirerais celui qui les écrira, et qui ne sera pas un romancier".*(2)

A não ser que ele creia em depoimentos do Além, a admiração dele será poupada.

No início do século XVIII, existem 28.000 escravos nas colônias francesas: 14.500 na Martinica, 9.000 em Saint Domingue e 4.700 na Guadelupe (contra 120.000 nas ilhas inglesas: 60.000 na Jamaica, 40.000 em Barbados, 10.000 em Antígua).

Alguns anos antes (1685), fora promulgado o *Code Noir* que tinha sido preparado por Colbert visando coibir os abusos que se praticavam nas Antilhas contra os escravos.

O *Code Noir* inspirava-se no Direito Romano antigo onde o escravo era considerado um bem móvel. Sob a influência da recente revogação do édito de Nantes, a proprieda

---

1 - DEBIEN, Gabriel. Op. cit., p. 464.
2 - Id., ibid., p. 469.

de de escravos era reservada aos católicos romanos. Pelo Código, os escravos deveriam ser batizados na fé católica e tinham direito ao repouso dominical. Assegurava o direito à alimentação, à roupa e à habitação. Previa ainda o amparo aos velhos e doentes (na realidade os escravos morriam moços). O casamento entre escravos era encorajado e na venda de escravos, o marido, a mulher e os filhos não podiam ser separados. As relações sexuais entre senhores e escravas passaram a ser passíveis de punição.

O *Code Noir* procurou evitar os castigos excessivos e as torturas e atribuía aos Magistrados a fixação das penas. Os escravos poderiam se queixar ao juiz dos maus tratos sofridos. Mas toda tentativa de revolta deveria sofrer castigos severos. Na realidade, os grandes senhores faziam suas próprias leis. Com o *Code Noir* reconhece-se a *"question de couleur"*(1). O que se queria realmente era impedir o casamento entre raças diferentes. Os primeiros brancos uniram-se a índias e a negras mas, quando as esposas brancas dos colonos começam a chegar, proíbe-se o casamento entre pessoas de raças diferentes e principalmente proíbe-se o reconhecimento de filhos de escravos e a possibilidade destes herdarem. Colbert dizia:

> *"L'esclavage a imprimé une tâche ineffaçable sur la postérité des nègres, et par conséquent ceux qui en descendent ne peuvent jamais entrer dans la classe des Blancs"*(2)

---

1 - REVERT, Eugène. Op. cit., p. 234.
2 - Citado por DEVÈZE, Michel. Op. cit., p. 193.

A alforria - freqüente no Direito Romano - torna-se mais difícil. Existe uma evidente preocupação de que o poder contiuue concentrado nas mãos de uma minoria branca.

Na verdade, o *Code Noir* é *"la reconnaissance officielle /.../ de l'institution qui depuis un demi-siècle fonctionne aux colonies."*(1)

No século XVIII, a economia da plantação conhece progressos fantásticos. Aumenta o número de escravos, diversifica-se o trabalho, exige-se uma maior rentabilidade da mão de obra. Com a extensão da cultura de açúcar diminui a plantação de gêneros alimentícios e aumenta a subnutrição, para não dizer a fome.

Como necessidade de reagir contra a violência e contra a superioridade numérica dos escravos instala-se o controle e a repressão. O senhor de plantação arrogante e todo-poderoso ignora os organismos da justiça local:

> *"L'échec des ambitions du Code est dû à l'exécutif: dans l'administration locale notamment ce n'est pas un détenteur de l'autorité que nous avons rencontré, mais un spectateur et bientôt un complice".*(2)

O elemento fundamental para a manutenção da ordem nas colônias foi a instauração da política do preconceito de côr. Esta política pode ser resumida em quatro etapas:

1 - colocar os libertos, seus descendentes e os escravos num mesmo grupo: o da raça negra.

2 - manter a raça negra num estado permanente de humilhação.

---

1 - GISLER, Antoine - L'esclavage aux Antilles Françaises: du XVII^{e} au XIX^{e} siècles. Fribourg. Eds. Universitaires, 1965, p. 33.

2 - GISLER, Antoine. Op. cit., p. 74.

Os brancos se apresentam como superiores e o fosso entre as raças é intransponível.

3 - manter na colônia a crença de que os negros estão condenados à escravidão e os brancos destinados a mandar.

4 - dar um conteúdo racial à divisão aristotélica entre homens livres e escravos.

O poder procurará impedir que negros e mulatos tenham acesso a títulos (1703), às terras, a bens, a cargos (1774). Em 1720, ficam proibidos de se vestir bem, de usar objetos de luxo. Mas os próprios senhores de engenho acabam criando dificuldades para a manutenção dessa ordem que queriam preservar a qualquer preço:

> *"Un des phénomènes marquants de la vie coloniale au XVIII^e siècle fut ce qu'on a appelé l'absentéisme des maîtres, l'usage de passer la conduite de leur habitation à un 'procureur' ou 'économe-gérant' pour aller goûter la joie de vivre en France. Habitués au service de leurs esclaves, ils prirent la coutume d'adjoindre certains d'entre eux, coutume qui suscita bientôt les protestations de l'autorité"*(1)

O negro na metrópole se instrui; e surge o temor - na metrópole e nas colônias - de que ele possa perder o medo, a humildade, o desprezo por si próprio. Um administrador não identificado escreve em 1777 a respeito desse grande número de escravos que circulam em torno da corte:

> *"/.../ s'ils retournent en Amérique, y apportent l'esprit de liberté, d'indépendance et d'égalité*

---

1 - Id., ibid., p. 87.

qu'ils communiquent aux autres, détruisent les liens de la discipline, de la subordination et préparent aussi une révolution dont les colonies voisines fournissent déjà des exemples et que la vigilance la plus active ne saurait prévenir."(1)

Nesse mesmo ano, todo negro, mulato ou outra pessoa de cor fica proibida de entrar na metrópole. No fim do século XVIII, o capitão geral da Martinica e de Santa Lúcia - Villaret - pede o fechamento das escolas pois a instrução é incompatível com a escravidão.

No fim do século também, devido à intensidade do tráfico nas décadas anteriores, começa a haver dificuldades para obtenção de novos escravos. Os preços sobem vertiginosamente. Os escravos passam a ser encarados como um capital que deve ser mais bem administrado. Se de um lado era uma precaução contra os ataques dos abolicionistas, por outro lado era uma atitude filantrópica que podiam se permitir aqueles que não viviam mais só da exploração deles. A resultante é que numa certa medida os escravos começam a ter um melhor tratamento.

De 1748 a 1786, Luis XVI procura proteger os escravos instituindo a pena de morte para o assassinato de escravos em quaisquer condições, proteção para as mulheres grávidas, garantias de alimentação e repouso, cuidados com a saúde. Na realidade os assassinatos continuarão não sendo punidos mas os atos de extrema crueldade, outrora muito freqüentes, tendem a se tornar raros.

---

1 - Citado por GISLER, Antoine. Op. cit., p. 88.

No início do século XVIII a França se lança decididamente no tráfico negreiro e com a importância crescente do açúcar,"*les Antilles devenaient un champ de bataille de l'Europe /.../ et /.../ le royaume de l'interlope*".(1) França, Inglaterra, Holanda e Espanha lutam nos dois continentes.

De 1717 a 1753,a Martinica quadruplicou sua produção de açúcar.(2) O alto preço do açúcar fez com que todas as terras disponíveis fossem ocupadas pela cana, eliminando as pequenas plantações dos escravos. A conseqüência imediata foi a insuficiência de víveres e o aumento da fome entre os escravos. Intensificou-se um comércio "clandestino" com os Estados Unidos que burlava dois sistemas de Exclusivo: Antilhas-França, e Estados Unidos-Inglaterra.

Não se trata mais nas Antilhas apenas de exploração agrícola mas de uma ação numa certa medida industrial: engenhos de açúcar, moinhos de café, de índigo, produção de rum, algodão. É preciso assinalar também a importância crescente do algodão e do café substituindo às vezes a cana. Apesar dos limites impostos pela Metrópole, as Antilhas nos últimos 25 anos do século XVIII adquirem uma importância estratégica e econômica crescente.

Saint-Domingue,"*perle des Antilles*", em 1789, produz 86.000 toneladas de açúcar.(3) A França toda beneficia se desse fluxo enorme de dinheiro que entra porque ela expor

---

1 - DEVÈZE, Michel. Op. cit., p. 248.
2 - Id., ibid., p. 256.
3 - Cf. PLUNCHON, Pierre (dir.) - Histoire des Antilles et de la Guyane. Toulouse, Privat, 1982, p. 113.

ta parte do que recebe e porque as colônias são mercados cativos de seus produtos. Prova visível até hoje é a prosperidade das cidades portuárias para onde se dirigiam os navios das Antilhas: Nantes, Bordeaux, Marseille e Le Havre.

Voltaire no seu *Essai sur les Moeurs* ainda em 1753, dizia:

> *"/La Martinique et la Guadeloupe/ sont des points sur la carte mais enfin ces pays qu'on peut à peine apercevoir sur une mappemonde ont produit en France une circulation annuelle d'environ soixante millions de marchandises"*(1)

Mas com as guerras sucessivas, a França vai perdendo suas possessões. Com a guerra de Sucessão da Áustria, perde Granada e as Granadinas. Em 1762, os ingleses ocupam a Martinica, Dominica e S. Vicente. Só a Martinica volta à França em 1763. Em 1783, pelo tratado de Versalhes, a França conserva ainda Santa Lúcia mas as guerras da Revolução e do Império provocaram novas ocupações inglesas da Martinica e Santa Lúcia de 1794 a 1802 e de 1809 a 1814, quando Sta Lúcia passa definitivamente para o domínio inglês.

Nessas guerras muitos negros foram convocados a lutar e receberam armas. Alguns deles já tinham participado - nas tropas francesas - da guerra pela Independência dos Estados Unidos. Como aqueles que tinham ido à Europa, voltam mais informados e mais conscientes de seus direitos.

Em 1792 a Assembléia Legislativa francesa con

---

1 - VOLTAIRE - Essai sur les moeurs et l'esprit des nations. Paris, Hachette, 1895, p. 274.

cede os direitos políticos aos "homens de côr"[1] livres. Só em 1794 será decretada a libertação geral de todos os escravos em território francês.

Durante o período revolucionário francês, a Martinica e a Guadelupe conhecem dias de febril agitação. É interessante notar a profusão de detalhes conhecidos sobre os acontecimentos quotidianos de Saint-Pierre e Fort-de-France nesse período com abundantes citações de cartas, relatórios e outros documentos. Várias crises se sobrepõem: a rivalidade entre a velha Saint-Pierre e a emergente Fort-Royal; a oposição entre negociantes (estabelecidos nessas duas cidades portuárias) e os senhores de plantações do interior da ilha, oposição agravada pelo aviltamento dos preços do açúcar, que coloca os plantadores à mercê dos negociantes; a tensão entre brancos e 'homens de côr' livres, a luta monarquistas versus republicanos, habitantes da ilha contra a Metrópole, para só citar as mais evidentes.

Como se pode verificar na enumeração acima, os negros aparentemente estariam excluídos desta agitação.

Em 1793 Rochambeau chega à Martinica para levar até a ilha o novo governo republicano. Os senhores de plantações fogem para outras ilhas e em fevereiro de 1794 os ingleses desembarcam na Martinica. A Convenção, em 16 pluviôse ano II (4 de fevereiro de 1794), vota a abolição da escravatura que será proclamada em julho do mesmo ano; mas isto não terá nenhum efeito na Martinica. Esta só voltará a ser france

---

1 - Por "homem de côr" nas Antilhas entende-se os negros que tenham uma parcela de sangue branco.

sa em 1802, pelo tratado de Amiens; Napoleão, que através de seu casamento com Joséphine de Beauharnais da aristocracia crioula comprometera-se com a classe dos plantadores, reintroduz a escravidão nas ilhas.

Enquanto a Guadelupe e o Haiti mergulhavam em terríveis batalhas e forjavam seus heróis-míticos, Delgrès, Toussaint-Louverture, Dessalines, Christophe, a Martinica, colocando-se sob domínio inglês, encontrava uma saída lateral para não enfrentar os problemas decorrentes da abolição da escravatura.

Durante toda a época napoleônica, a Martinica teve problemas com os ingleses, que só abandonarão definitivamente a ilha em 1816, após a queda de Napoleão.

Com a Restauração, um grande esforço vai ser feito para apagar as marcas deixadas pelos períodos revolucionários e napoleônico:

> *"Une politique extrêmement repressive va s'efforcer de rétablir le système de l'esclavage, s'attaquant aux esclaves comme aux libres, entraînant des révoltes périodiques, matées avec une brutalité qui n'a d'égale que la peur des Blancs de voir se rééditer la révolution haïtienne"*(1)

No entanto, várias brechas no sistema começam a se tornar cada vez mais visíveis. O grande problema a ser enfrentado por todos é a concorrência metropolitana do açúcar de beterraba: novas alianças e oposições se constroem em vis

---

1 - PETITJEAN-ROGET, Bernard - Pour comprendre la situation économique des Antilles. Les Temps Modernes, Paris, 39 (441/442), avr/mai, 1983, p. 1858.

ta de uma redefinição do mercado açucareiro. Por outro lado, a República deixara marcas:

> *"... le fait que l'intégration avait été, un temps, l'idéologie de l'Etat apporte aux libres un appui d'autant plus qu'elle est désormais liée au parti du mouvement en France où l'opposition libérale recoupe la montée d'une bourgeoisie industrielle dont les alliances ne sont pas celles de la bourgeoisie marchande des ports de l'ouest"*(1)

Em outubro de 1822, ocorre a revolta do Carbet. Um grupo de "livres de fato"(2) provoca um tumulto com a notícia da apreensão de um navio negreiro francês; corre o rumor do fim do tráfico. Saldo: 2 mortos e 7 feridos.

A reivindicação dos "homens de côr" livres permanece a igualdade civil e política. Eles não colocam entre suas exigências a urgência da abolição da escravidão nem procuram a aliança com os escravos. Pelo contrário, procuram se distinguir deles. Com isso, não atraem a cólera nem da metrópole nem dos senhores de plantação. Mas um fato a princípio insignificante precipita os acontecimentos. Um grupo de mulatos livres, entre eles Bissete, publica em 1824 um panfleto: *La situation des hommes de couleur libres dans les Antilles Françaises*. Após um julgamento sumário, 15 acusados são condenados a trabalhos forçados perpétuos e a serem marcados com ferro, mais ou menos 150 são banidos e uns 300 parentes seguem

---

1 - FREDJ, Jacques - L'assimilation dans l'histoire antillaise. Les Temps Modernes, Paris, 39 (441/442), avr. mai 1983, p. 1843.

2 - "Livres de fato" eram aqueles que gozavam das regalias de homens livres sem que tivessem os documentos necessários para tal. Por causa disso eram freqüentemente ameaçados pelas autoridades de retornar ao cativeiro.

nos no exílio. A elite dos "homens de côr" livres deixa o país. O caso foi explorado pelos liberais perante a opinião pública da metrópole. O julgamento foi revisto e Bissette ganhou a liberdade e grande popularidade. A revolução do Haiti exercia uma grande atração sobre esses homens, ainda mais porque de 1807 a 1884 nesse país são os mulatos que estão no poder.

Em 1830, Luis Felipe reconhece os livres como iguais mas a instituição do sufrágio censitário estabelece tantos requisitos para poder votar que na realidade os livres continuarão a não ser reconhecidos politicamente. Há revoltas e prisões. Nesse momento, os "homens de côr" livres se dão conta de que só a supressão total do direito colonial, e conseqüentemente o desaparecimento da escravidão, poderá torná-los iguais juridicamente aos brancos:

> *"L'année du tournant fut 1824: l'affaire Bissette /.../. La lutte contre l'esclavage va entrer dans une phase nouvelle. Les libres commencent à comprendre que leurs aspirations ne pourront être satisfaites que s'ils mettent en branle la seule force capable de renverser l'édifice esclavagiste: la masse des esclaves. Ainsi se soudra progressivement l'alliance de combat des esclaves et des libres".* (1)

Por outro lado, a abolição era exigida também pela evolução econômica internacional. Em 1833, a Inglaterra suprime a escravidão em suas colônias. O próprio Schoelcher declara que ela era *"un frein au progrès technique"*. A moderni

---

1 - NICOLAS, Armand - La révolution anti-esclavagiste de mai 1848 à la Martinique. Fort-de-France, Action, 1967, p. 8.

zação da Inglaterra irrita os comerciantes e financistas franceses que vêem a potência inimiga açambarcar o mercado internacional. Os grandes latifúndios escravagistas coloniais revelam-se incapazes de enfrentar competitivamente a concorrência dos usineiros metropolitanos e a nova ordem capitalista.

A partir de 1840, o governo tem evidente interesse na supressão do trabalho servil.

Um outro fator deve ser citado: entre 1830 e 1832, 25.661 escravos ou ex-escravos tornam-se oficialmente livres. Isso vai acarretar mudanças no grupo de homens livres. Entre esses novos livres muitos já são "livres de fato", outros são escravos recém-alforriados (a maioria operários, artesões, camponeses) mais próximos dos escravos que os outros livres que, embora ainda sem direitos políticos, já são advogados, juizes, funcionários da administração.

Estas novas alforrias promovem a aproximação entre os livres e os escravos.

Muitas leis são votadas concedendo direitos aos livres e aos escravos mas ainda existe uma forte oposição à abolição.

Aimé Césaire, no seu ensaio "*Victor Schoelcher et l'abolition de l'esclavage*", realça a contribuição de Schoelcher na erradicação do trabalho servil das colônias francesas com o argumento de que Tocqueville, De Broglie e outros liberais temiam a abolição imediata e total da escravatura e defendiam medidas cautelosas e protelatórias.

A 22 de janeiro de 1844, o proletariado de Paris encaminha ao governo uma petição pedindo o fim da escravidão e afirmando que nenhuma condição é pior do que a falta de liberdade.

Em 1845, firma-se a possibilidade para o escravo de formar um pecúlio e comprar sua liberdade. Nesse mesmo ano, o governo cria um fundo (irrisório) para a indenização dos proprietários que libertarem seus escravos.

Em fevereiro de 1848, cai a monarquia; a 3 de março, é criada uma comissão para implantar a abolição. A hesitação é a tônica das reuniões. A 24 de março, Perrion diz: "*Patience, espérance, union, ordre et travail, c'est ce que je vous recommande à tous*."(1) Mas na Martinica a inquietação cresce face a sinais de que a implantação da abolição pode ser retardada. Nesse momento, o governo francês envia um emissário (cuja proclamação foi objeto de análises contundentes de Césaire e Glissant) tentando acalmar os ânimos exaltados e atribuindo a culpa da escravidão a Luis Felipe.

Dia 22 de maio, explodem revoltas no Sul e no Norte. Os escravos descem dos morros e concentram-se nas comunas. As concentrações crescem perigosamente e em Fort-de-France a agitação adquire proporções alarmantes. Em Le Prêcheur travam-se batalhas entre escravos e brancos e em Saint-Pierre várias casas são incendiadas. Os próprios burgueses pedem que não se espere o decreto de Paris onde Schoelcher luta para arrancá-lo de mãos temerosas.

A 23 de maio de 1848, a escravidão é abolida na Martinica, alguns dias depois em Guadelupe. Segundo Raymond Renard, com a morte de algumas mulheres, crianças e dois colo

---

1 - CÉSAIRE, Aimé - Introduction aux Oeuvres de Victor SCHOELCHER. Paris, P.U.F., 1954, p. 15.

nos brancos.

Uma pergunta é constantemente feita: Por que a Revolução de Maio não seguiu o mesmo caminho da revolução do Haiti? É o que tentam responder os historiadores martinicanos:

> *"À l'inverse de la Révolution haïtienne, qui vit la classe des esclaves et ses chefs issus de son sein jouer le rôle dirigeant, à la Martinique ce fut la petite et moyenne bourgeoisie de couleur qui assura la direction politique et idéologique. Or, cette couche sociale, fortement imprégnée de culture française, était depuis longtemps porteuse des idées qui tendaient à revendiquer l'égalité civique et politique entre Blancs et hommes de couleur. Sa revendication principale, c'est l'accession à la citoyenneté française, l'assimilation à ce qu'elle appelle déjà la'mère patrie'. /.../ Ce n'est pas par hasard que la révolte de mai se fait aux cris de 'Vive la République' et tous les plis du drapeau tricolore"*(1)

Com o advento da República e a abolição da escravidão, o problema que começou a preocupar imediatamente a burguesia "de côr" foi as eleições. Esta queria obter (e obteve) o apoio (ou o controle?) das massas de escravos recém-libertos.

A 2ª República estabelece nas colônias um regime transitório com atribuições de poderes extraordinários ao Comissário geral a fim de que possa fazer as mudanças políticas e sociais. Os esforços de Schoelcher se fazem no sentido

---

1 - NICOLAS, Armand. Op. cit., p. 30.

de uma assimilação das colônias pela metrópole. O mais urgente era acertar as indenizações aos proprietários de escravos afim de evitar sua revolta.

Mas a República de 1848 pouco durou. Estava ainda se organizando quando o golpe de Estado de Luis Napoleão em 1851 provoca uma nova mudança nas instituições.

A Constituição do 2º Império promulgada em janeiro de 1852 reservou a administração das colônias ao Senado. O decreto da abolição não é tocado. A nova administração, embora tenha uma política econômica liberal, apresenta um caráter autoritário e centralizador. O governador da colônia tem o direito de nomear prefeitos, adjuntos e conselheiros municipais. São criados dois conselhos cujos membros são direta ou indiretamente escolhidos pelo governador.

A 13 de fevereiro de 1852, o governo torna o trabalho obrigatório e inicia uma grande repressão à "vagabundagem". Ninguém pode deixar a comuna onde trabalha sem autorização do governo; as pessoas apanhadas em delito são condenadas a trabalhos forçados em situação muito humilhante. Essas leis eram sentidas como um retorno à escravidão.

Os senhores de plantação pressionam o governo para obter autorização de importar mão de obra. A partir de 1853, 30.000 imigrantes entre europeus, chineses, japoneses (em pequeno número) africanos (9.000) e hindus (grande maioria) chegam às Antilhas Francesas. Desses, após 2 decênios, restarão alguns africanos e 5.000 hindus e uns raros chineses. Os outros morreram ou voltaram a seus países de origem

Por outro lado, muitos ex-escravos não tendo para onde ir, permanecem na plantação. Pedem direitos sobre o seu "jardim" e sobre sua cabana e trabalham a meias. Isto se

rá origem de muitas discussões porque eles se verão eternamente endividados. A conseqüência será a progressiva exigência de um salário que, com a chegada dos imigrantes, sofre evidentemente uma grande baixa.

Os *békés*(1) escrevem ao ministro das colônias pedindo medidas que impeçam o acesso dos ex-escravos à escola pois esta afasta o homem do trabalho agrícola. Institui-se o pagamento de uma taxa escolar que diminuirá sensivelmente o número de alunos. Criam-se escolas agrícolas para os filhos dos trabalhadores do campo.

O poder das "grandes famílias" locais aumenta. Facilita-se o crédito bancário para que a produção açucareira possa ser modernizada. Instalam-se usinas, moderniza-se o porto, instalam-se linhas de telefone e constróem-se algumas estradas, tudo em vista da facilidade para o escoamento da produção de açúcar que dobra entre 1853 e 1870.

Este desenvolvimento da produção açucareira não impede o aparecimento de manifestações de descontentamento. Segundo Armand Nicolas, o indício visível são os incêndios das casas senhoriais das plantações.

Por outro lado, o período pós-abolição viu crescer a classe de pequenos camponeses. Os pequenos e médios proprietários emigraram ou venderam uma parte de suas terras. Embora os *békés* da Martinica costumassem comprar todas essas terras, alguns antigos escravos conseguiram ficar proprietá

---

1 - Os békés constituem a minoria branca dos proprietários de plantações; seus descendentes graças ao regime de casamentos internos conservaram o controle da maioria das riquezas locais.

rios de pequenos lotes dando origem ao aparecimento de um campesinato de pequenos plantadores de víveres, independentes. "*Ils sont nombreux dans le Sud de l'île, notamment à Rivière Pilote.*"(1)

O fim do 2º Império (apesar do seu apego às colônias do Caribe) foi saudado calorosamente, o que denota sua impopularidade.

A proclamação da 3ª República encontra a Martinica vivendo um período agitado pela tensão existente entre os *békés* e a burguesia "de côr" que exigia seu acesso às responsabilidades políticas e que exercia uma certa liderança sobre as massas trabalhadoras.

O mais recente estopim tinha sido o caso Lubin: um negro maltratado sem motivo por brancos se revolta e, apesar dos inúmeros testemunhos a seu favor, foi rapidamente julgado e condenado a 5 anos de prisão. Os ânimos se acirram.

No dia 21 de setembro, chega o navio com o decreto da proclamação da 3ª República. No dia seguinte, ela é proclamada na Martinica. Logo após a leitura da proclamação em Rivière-Pilote, os homens se reúnem e vão interpelar os autores da condenação de Lubin. Recebidos a bala, incendeiam casas em várias plantações. O exército é chamado e as escaramuças se sucedem. O número de adesões aos insurretos cresce rapidamente. Africanos e hindus integram-se no movimento onde se destacam o entusiasmo dos jovens e o grande número de mulheres.

---

1 - NICOLAS, Armand - L'inssurrection du Sud à la Martinique (septembre 1870). Fort-de-France, Action, 1970, p. 5.

A burguesia "de côr" apoia os *békés* na esperança de conseguir uma aliança para as próximas eleições. Organizam-se grupos de voluntários que se unem às tropas do exército. Após dois dias, os revoltosos são dominados. Efetuam-se 500 prisões e 75 condenações: 6 dirigentes são sumariamente condenados à morte e executados, 8 são condenados a morte (mas executados mais tarde), 28 foram condenados a trabalhos forçados perpétuos e 33 a penas temporárias.

A Insurreição do Sul se situa na passagem da sociedade escravocrata para a sociedade capitalista. Segundo Pluchon, seria uma intervenção da massa das classes populares até então quase sempre omissa. Armand Nicolas tem uma opinião mais entusiasta:

> *"Révolte populaire, soulèvement paysan pour la terre, la liberté et la dignité, l'inssurrection du Sud est dans une large mesure la dernière des 'révoltes d'esclaves!"*(1)

As eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, em abril de 1871, abrem a disputa para a representação parlamentar das colônias. O "partido de côr" propõe aos brancos uma lista comum de candidatos. Estes recusam a aliança e optam pela abstenção. Os "homens de côr" conservadores seguem seu exemplo. O "partido de côr" ganha a maior parte dos lugares nos Conselhos Regionais e elege os representantes da Martinica : Victor Schoelcher e o mulato Perrinon.

---

1 - NICOLAS, Armand - L'insurrection du Sud à la Martinique, p. 46.

> *"Dans les trois colonies, cette période est surtout caractérisée par le rôle politique qui échut à la bourgeoisie de couleur. Celle-ci avait peu à peu acquis, depuis le début du XIX^e siècle une position non négligeable. Très souvent instruit on y recense des membres des professions libérales, avocats, médecins, pharmaciens, enseignants; très active dans le petit commerce, elle constitue l'élite de la population non blanche. Son influence s'explique par la défection des Européens. Ceux-ci refusent le plus souvent de participer à la politique, parce qu'ils estiment que le suffrage universel ne leur permet pas de faire triompher leurs droits. Ils s'abstiennent donc purement et simplement, laissant vide une place que les hommes de couleur s'efforcent de combler, constituant une bourgeoisie progressiste, proche par les idées du parti radical, solidement républicaine, qui revendique toutes les libertés".* (1)

O governador nomeado pelo Ministro das colônias continua com um poder muito grande mas o Conselho começa a ser mais representativo da oligarquia local. Uma parte da burguesia "de côr" torna-se cada vez mais conservadora. Estabelecem-se canais mais eficazes com a metrópole tornando os vínculos mais fortes. Aparentemente, o estatuto colonial não foi questionado antes da 2ª Guerra Mundial.

Em 1871, cria-se o ensino primário gratuito leigo na Martinica. Paralelamente, trava-se uma luta para revogar a interdição dos filhos ilegítimos "de côr" de freqüentarem as

---

1 - PLUCHON, Pierre. Op. cit., p. 415.

escolas religiosas. Considerando-se a importância da ilegitimidade na estrutura social martinicana, esta luta assume uma importância particular: a de ver reconhecidos os valores das sociedades locais. Em 1881, é criado o Lycée Saint-Pierre da Martinica.

A burguesia "de côr" luta pela integração - assimilação - na sociedade francesa. Querem inclusive a adoção do serviço militar obrigatório que teria o valor de uma assimilação política. O discurso dessa burguesia lembra o do Terceiro Estado na Revolução Francesa.

Enquanto isso, o açúcar das colônias - na sua luta contra o açúcar de beterraba - vê seu preço diminuir perigosamente. Por outro lado, diminui também a sua produção. Em 1883 existem 510 empresas agrícolas açucareiras com uma renda média de 20.000 FF; em 1887 elas serão de 456 com a renda decrescida para 9.500 FF.

A ação dos brancos cresce em número e em importância. Na Martinica, os *békés*, mais organizados, conseguem comprar as terras e conservar as rédeas do poder local. "*Qu'ils soient propriétaires ou usiniers, ils dominent una grande masse de salariés agricoles*"(1). Na Guadelupe existe uma intervenção do capital metropolitano. Sociedades anônimas compram as terras e as exploram modificando as relações entre os proprietários da terra e os que nela trabalham.

Com a crise do açúcar as usinas diminuem os salários; como reação, os trabalhadores se organizam paulatina

---

1 - Id., ibid., p. 419.

mente. Em 1882, há uma grande greve dos trabalhadores agrícolas. A burguesia "de côr" defendia o direito, a justiça e a igualdade racial mas não se interessava por salários ou condições de trabalho da grande massa. A escola pública vai permitir o aparecimento de uma pequena burguesia negra que vai reivindicar o papel até então atribuído aos mulatos. É criado um partido progressista que ganha as eleições em 1898. As greves operárias se sucedem e o saldo da violência aumenta. Em 1901, é criado o Partido Socialista em Saint-Pierre.

A metrópole começa a se inquietar com a freqüência e a violência das greves nas ilhas: 1897-1898, 1900, 1904 e a imagem de Paraíso Tropical começa a ser corroída.

A própria direita francesa denuncia o desemprego, a sub-nutrição devido à falta de bacalhau, base da alimentação popular. Os operários queimam as plantações na Guadelupe. Em 1900, na comuna de François, na Martinica, o exército mata 23 grevistas. Os jornais franceses colocam-se contra os grevistas. Uma corrente da opinião pública manifesta-se favoravelmente à venda das ilhas aos EUA.(1)

Em 1902, ocorre a grande catástrofe de Saint Pierre com a erupção da Montagne Pelée. Numa só noite desaparecem 30.000 pessoas, 1/3 da população da ilha.(2) Casas, na

---

1 - ANTOINE, Régis - Les écrivains français et les Antilles. Paris, éds. Maisonneuve et Larose, 1978, p. 309.

2 - Embora já há alguns dias o vulcão desse sinais de intensa atividade interna, o governador da Martinica, preocupado com as eleições do dia 9 de maio e temendo que os habitantes de Saint-Pierre - tradicionalmente conservadores - abandonassem a ilha, chega de Fort-de-France com toda sua família para participar das festas da Ascenção. Sua presença tranqüiliza a população que permanece na cidade. Na manhã de 8 de maio uma nuvem de mais de 700°C escapa por uma fenda lateral da montanha e destrói inteiramente a cidade e todos os seus habitantes. O único sobrevivente irônicamente foi um jovem, trabalhador agrícola, preso por embriaguez, que dormia no calabouço situado numa gruta subterrânea.

vios, plantações, tudo fica reduzido a cinzas. A densidade populacional da região era alta devido à fertilidade na zona do vulcão e devido à intensa vida social e econômica da cidade. Morre nesta tragédia a maior parte da oligarquia local, a parte mais conservadora, mais tradicional. Com Saint-Pierre, desaparecem também os grandes comissários, intermediários metropolitanos na compra e venda de açúcar e que mantinham os grandes usineiros sempre dependentes de suas decisões:

> *"L'éruption de la Montagne Pelée en 1902 ayant détruit totalement la ville de Saint-Pierre et anéantit ses habitants, de nouvelles maisons de commerce devront être créées par les usiniers eux mêmes dans les débuts du XX^e siècle"*(1)

Paradoxalmente, portanto, as grandes famílias martinicanas aumentam seu poder com a catástrofe. A tensão entre usineiros e trabalhadores aumenta e a repressão também. Alguns líderes socialistas negros começam a falar em colaboração de classes, aliança entre o capital e o trabalho, *"faire ensemble un bout de chemin..."*

Com o advento da 1ª Guerra Mundial, as necessidades mundiais de açúcar (grande energético) e álcool (utilizado na fabricação de explosivos) aumentam prodigiosamente e seus preços também. Paralelamente a produção da metrópole cai a níveis muito baixos permitindo a entrada do produto colonial em novos mercados. Os plantadores e usineiros das colônias aumentam sua produção e seus lucros. Estimulados pelas

---

1 - JAMARD, Jean-Luc - "Les Békés sont des judokas...". Les Temps Modernes, Paris, 39 (441/442), avr./mai, 1983, p.1875.

facilidades encontradas, iniciam a comercialização de outros produtos tropicais como a banana e o abacaxi. Segundo Regis Antoine, 90% dos lucros são enviados para a metrópole. Como os 10% restantes permanecem nas mãos de poucos, estes conseguem aumentar consideravelmente suas fortunas.

Ao término do conflito, a França tem dívidas de guerra a pagar aos EUA. Estes, que já tinham ocupado Cuba, Porto Rico, Haiti e Santo Domingo, propõem a compra da Martinica e Guadelupe afim de garantir seu controle total da zona do canal do Panamá. Na França, levantam-se vozes admitindo essa possibilidade enquanto os antilhanos reagem com indignação. Afinal, graças à criação da lei do serviço militar nas colônias, os antilhanos durante a Guerra tinham contribuído com seu "imposto de sangue": 64% dos 50.000 martinicanos, guadelupeanos e guianenses convocados, segundo Lépine, morreram, desapareceram ou ficaram inválidos.

Por outro lado assiste-se na França - e em todo o mundo ocidental - a um interesse crescente pelo "povos exóticos". As civilizações africanas, orientais fascinam os espíritos desencantados com a velha civilização européia. As Antilhas ficam na moda:

> *"Une certaine mode de l'exotisme mettra l'accent sur les territoires lointains. C'est l'époque de l'Exposition Coloniale, de la biguine et des bals doudous"*(1)

---

1 - PLUCHON, Pierre. Op. cit., p. 428.

Mas nas ilhas a tensão aumenta. Os plantadores usineiros, inquietos com as grandes oscilações dos preços no mercado mundial e pela sua total dependência em relação à economia da metrópole, tentam explorar ao máximo a mão de obra local. As greves se sucedem - 1923, 1925 - e seu saldo é sempre sangrento.

> *"L'entre-deux-guerres constitue l'Âge d'or de la canne à sucre à la Martinique malgré les deux crises de 1919-1921 et surtout de 1929-1935 qui ont perturbé la production et le marché mondial du sucre. Affolés plus que réellement touchés par la 'grande dépression', les békés martiniquais ont cru pouvoir prendre les devants et tâché de faire payer aux travailleurs les frais de la crise, déclenchant une riposte massive des ouvriers agricoles."*(1)

Com a crise de 1930, o império colonial torna-se mais do que nunca *"chasse gardée"* da metrópole. A economia das colônias deve ser complementar e não concorrente à da metrópole.

Paralelamente, a França vê com temor irromper nas suas colônias do Caribe a política comunista que será uma das marcas a diferenciar as Antilhas francesas do resto do arquipélago.

Na Martinica, *békés* e governadores fazem campanhas anti-comunista, em particular no jornal católico *La Paix*.

Para fazer face ao desemprego, a metrópole co

---

1 - LÉPINE, Edouard de - La crise de février 1935 à la Martinique: la marche de la faim à Fort-de-France. Paris, L'Harmattan, 1980, p. 27.

meça a executar um tímido projeto de modernização das ilhas: estradas, porto, eletrificação, liceu Schöelcher, e hospital colonial da Martinica.

As grandes famílias apoderam-se dos incentivos fiscais destinados aos pequenos agricultores, sonegam impostos e elegem os deputados para protegê-los em Paris. Os pequenos agricultores vão à falência e a miséria grassa entre os trabalhadores agrícolas.

Os socialistas se opõem aos comunistas e a sindicalização encontra dificuldades. Com o crescimento da rede escolar, muitos têm acesso à instrução. Cresce o número de eleitores, mas institucionaliza-se a fraude eleitoral, um dos elementos mais recorrentes no anedotário popular.

Em 1933, o jornal *Justice*(1), pertencente ao grupo Jean-Jaurès e de tendência comunista, publica uma série de reportagens documentando as fraudes cometidas por um líder dos *békés* e a conivência da magistratura que havia absolvido o usineiro. O jornalista André Aliker, pequeno comerciante, sofre toda sorte de pressões para desmentir o publicado. Após sofrer dois atentados, Aliker pede porte de armas, o que lhe é negado.

No dia 12 de janeiro de 1934, seu corpo amarrado aparece numa praia (Fonds-Boulet) em Case-Pilote. Após al

---

1 - Segundo Edouard de Lépine, o grupo Jean-Jaurès seguia a linha da III Internacional Comunista exceto sobre um ponto: "La nécessité de construire à la Martinique un PC indépendant luttant pour l'indépendance: BROSSAT, Alain et MARAGNES, Daniel - Les Antilles dans l'impasse? Paris, éds. Caribéennes, 1981, p. 172.

gumas hesitações a polícia acaba admitindo o assassinato. O enterro de Aliker emociona toda a ilha.

Apesar dos depoimentos e precedentes, o usineiro é declarado completamente alheio ao caso e os assassinos são absolvidos por um tribunal de Bordeaux.

No início de fevereiro de 1935, a Martinica é sacudida por uma greve de trabalhadores. A origem do conflito estava na supressão de uma gratificação (que tinha se tornado para a maior parte das categorias de trabalhadores, maior do que o salário) ocasionando uma redução salarial de 20 a 30%. O motivo alegado era a queda do preço do açúcar e do rum no mercado internacional.

No dia 8 de fevereiro, aparecem as primeiras colunas de grevistas que se deslocam de uma usina para outra. É a *"grève marchante"* na expressão de Jacques Adelaïde-Merlande. Edouard De Lépine considera estes movimentos muito ligados às raízes martinicanas:

> *"Aux Antilles cette forme de lutte tient à la fois de l'insurrection paysanne ou de la révolte servile, du marronage des esclaves et de l'émeute populaire".* (1)

A prisão às escondidas de um delegado dos trabalhadores na CCTA (*Comission Centrale des Travailleurs dans l'Agriculture*) e um dos líderes do movimento, treze meses apenas depois da morte de Aliker, exasperou os ânimos.

No dia 11 de fevereiro, mais ou menos mil gre

---

1 - LÉPINE, Edouard de. Op. cit., p. 89.

vistas em roupa de trabalho chegam a Fort-de-France para falar com o governador.A população se apavora mas o governador os recebe. O simples fato deste ter ouvido os trabalhadores irrita os *békés* que conseguirão mais tarde sua remoção para Paris. Mas as negociações são reabertas e o líder, libertado. A volta ao trabalho se dá após a conquista de vários direitos reservados aos trabalhadores metropolitanos.

As comemorações do Tricentenário da chegada dos franceses às ilhas procurarão apagar as repercussões deste incidente bem como do caso Aliker. Mas um fato ficou patente: o medo da pequena burguesia martinicana da trindade constituída pela faca, pelo fogo e pela pilhagem. Data deste período a criação do grupo *Front Commun* que em junho de 1935 alia-se ao grupo *Jean Jaurès*. Desta aliança sairá a secção martinicana do Partido Comunista Francês.

Com a chegada da 2ª guerra, o governo de Vichy considerará o Caribe como zona estratégica. A Martinica recebe a esquadra do almirante Robert que traz em um de seus navios 300 toneladas de ouro, as reservas do Banco da França:

> *"L'effondrement de la France métropolitaine sous les coups de l'armée allemande, la dissidence gaulliste, le désir du gouvernement de Vichy de conserver à tout prix les anciennes colonies, enfim, l'intervention des U.S.A. firent de la zone des Caraïbes une aire de première importance stratégique"*(1)

---

1 - PLUCHON, Pierre. Op. cit., p. 341.

Devido à incapacidade da agricultura local de prover o abastecimento da ilha e tendo a metrópole cessado o envio de qualquer produto, a fome instala-se na Martinica enquanto a população não se adapta às novas circunstâncias e busca outras alternativas para sua sobrevivência. Glissant diz que este é um dos únicos períodos em que os martinicanos foram obrigados a buscar soluções criativas para seus problemas.

Os *békés* dão seu apoio ao almirante Robert. Os marinheiros com suas manifestações de grosseiro racismo acabam provocando um surdo sentimento de revolta na população. Aproximadamente 5.000 antilhanos e guianenses abandonam suas regiões e, rumando para as ilhas inglesas em pequenos barcos, conseguem ser enviados para os Estados Unidos de onde seguem para juntar-se às forças do General De Gaulle.

Este fator se acrescentará a outros para que a departamentalização - promessa do general De Gaulle - da Martinica, da Guadelupe e da Guiana Francesa apareça aos seus habitantes como uma medida normal, necessária e mesmo desejada, inclusive para a esquerda. Nas eleições de 1945 para o Conselho Regional, elegem-se 14 comunistas e 12 socialistas num total de 35 cadeiras. Césaire e os comunistas são por uma assimilação sem reservas. Os raros separatistas na época são considerados racistas:

> *"L'originalité politique des Antilles, si c'en est une, c'est que la volonté de sauvegarder la spécificité antillaise a été d'abord un souci des colons puis de la droite antillaise, avant de devenir le principal argument des autonomistes*

antillais"[1]

No dia 6 de maio de 1946, a lei de departamentalização das Antilhas, Güiana e Reunião apresentada pelo deputado à Assembléia Nacional, Aimé Césaire[2], é aprovada por unanimidade. Significativo o telegrama enviado por Césaire ao Diretório Central do Partido Comunista em 14 de março de 1946:

"*Grande victoire pour les classes laborieuses et fonctionnaires - Assimilation obtenue - Vive Parti Communiste.*"

Por outro lado, Césaire foi um dos primeiros a perceber o impasse a que conduzia a departamentalização e rompeu com o charme do assimilacionismo político.

Desde o início de sua vida pública, Césaire, ocupou o 1º plano do cenário político da Martinica e aí se mantém imbatível há 40 anos. É por isso que Lépine diz que é preciso compreender o césairismo (ou o seu partido: PPM, Partido Popular Martinicano) para entender a política na Martinica.

Em novembro de 1956, Césaire rompe com o Partido Comunista Francês através de um documento que se tornou célebre: a *Lettre à Maurice Thorez*. Césaire era, a esta altura, figura internacional que se projetara sobretudo no 1º Congresso de Escritores e Artistas Negros em Paris (1956). 1956 era também o ano do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (com as revelações de Krutchev sobre Stalin), o ano

---

1 - LÉPINE, Edouard de - Questions sur l'histoire antillaise - Fort-de-France, éds. Désormeaux, 1978, p. 181.

2 - Césaire desde o fim da 2ª Guerra Mundial acumula os mandatos de deputado da Martinica à Assembléia Nacional Francesa (sede em Paris) e prefeito de Fort-de-France (Martinica).

da invasão da Hungria pelas tropas russas, da revolta popular em Potsdam na Polônia, do apoio do P.C.F. à política francesa na Argélia.

O drama de Césaire é o drama de uma geração de militantes comunistas coloniais e explode na crise do monolitismo stalinista.

Quando Césaire rompe com o stalinismo é criticado pelo P.C. e apoiado pela direita. Em março de 1958, é criado o P.P.M. Para ele convergem, além dos cesairistas convictos, anti-comunistas notórios, assimilacionistas empedernidos, carreiristas, revanchistas (face aos comunistas). Neste quadro indefinido, a constante é o apoio a De Gaulle.

Em dezembro de 1959, um banal acidente de trânsito leva a uma briga entre um negro e um branco. O conflito se estende e a polícia é chamada a intervir. Aparentemente sua intervenção é excessivamente violenta porque o saldo é de três mortos a bala. O povo vai às ruas e exige a partida dos C.R.S. (tropa de choque da polícia). Segundo Lépine o oportunismo de alguns políticos locais "inchou" o acontecimento que foi chamado de "o dia D" da consciência antilhana.

Mas a coincidência deste fato com outros acontecimentos internacionais (os movimentos independentistas do Caribe de língua inglesa, fim da guerra cubana com a vitória dos revolucionários, reviravolta na guerra da Argélia, início do processo de independência das Nações africanas) dá-lhe outras significações. O conservador Conselho Geral da Martinica assusta-se.

O governo francês preocupa-se com os jovens desocupados, em número cada vez maior após o fim da convocação para a guerra da Argélia, e que poderiam representar um perigo

latente. Mas a parte mais politizada da juventude martinicana é na realidade constituída pelos jovens que estudam nas universidades francesas onde encontram outros estudantes oriundos do império colonial francês. É nesse contexto que surge a OJAM (*Organisation de la Jeunesse Anticolonialiste de la Martinique*).

Outro fator constante na política martinicana contemporânea é a ambigüidade dos partidos políticos na reivindicação da autonomia ou da independência.

Em 1960, é criado o *Front Antillo-Guyanais* que exige a independência desses povos, e é dissolvido em 1961 por um decreto do General de Gaulle. Glissant et Paul Niger (Albert Béville), seus dirigentes, são expulsos das Antilhas e obrigados a residir na França. Em 1960, Glissant é detido em Marselha quando embarcava para a Nigéria.

Em 1963, alguns jovens da *O.J.A.M.* foram processados por serem independentistas. Este processo permitiu a aproximação de Césaire (contra a independência) e o P.C.M. (*Parti Communiste Martiniquais*) através do P.S.U. (*Parti Socialiste Unifié*). O máximo que se conseguiu em termos de consenso entre as várias organizações dos D.O.M. (*Départements d'Outre-Mer*) foi "o direito destes povos de dirigirem eles mesmos os negócios de seus países".

A ambigüidade que caracteriza certos termos como autonomia, autonomia administrativa, permite conservar o apoio da massa e o da metrópole. Ao mesmo tempo, permanece forte entre a burguesia local a idéia de que a Martinica não pode viver fora da França.

Em 1964, De Gaulle, em visita à Martinica, declara a Césaire que *entre l'Europe et l'Amérique, il n'ya a*

que des poussières et /.../ on ne construit pas des Etats sur des poussières"(1)

Por outro lado, a partir dos anos 60, a pressão social acabaria decidindo a Metrópole a fazer uma série de investimentos na ilha: amplia-se significativamente a rede escolar, constroem-se grandes conjuntos habitacionais, hospitais, estradas, Cidade Universitária, etc. Os funcionários públicos locais que detêm a grande maioria dos empregos passam a receber um adicional em seus vencimentos como os funcionários vindos da metrópole. Com a conseqüente elevação de salários e a concessão de vários benefícios sociais como salário-família, salário-desemprego, auxílio-aluguel, bolsas de estudo e outros, a ilha passa a ostentar um padrão de vida nitidamente superior ao resto do arquipélago. Esta injeção de dinheiro vai desencadear um consumo desenfreado que aumenta duas vezes mais rapidamente que o da metrópole (embora ainda esteja longe de alcançá-lo). O aumento do consumo e o desaparecimento da produção local têm como conseqüências imediatas a aceleração do processo de assimilação (consomem-se quase que exclusivamente produtos franceses inclusive na alimentação) e o retorno do dinheiro para a metrópole, só que para os cofres das indústrias privadas (o que Glissant chama de"*Le circuit crédits publics injectés - bénéfices privés exportés*"(2). O resultado é paradoxal: economia de região subdesenvolvida e nível de vida de país rico. O número de pessoas que temem a

---

1 - Cf. Le Monde. Paris, 24/3/1964 citado por LÉPINE, Edouard de - Questions sur l'histoire antillaise, p. 235.
2 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 57.

independência parece aumentar de um lado e do outro do Atlântico.

Em 1971, realiza-se em Morne-Rouge (Martinica) uma reunião interpartidária com o objetivo de estudar a convocação de uma assembléia constituinte para decidir o estatuto político das antigas colônias. Se todos estão de acordo em reivindicar da França uma contribuição, pelo menos em seu nível atual, para fazer face às conseqüências de três séculos de colonização, um problema se coloca: como exigir que ela pague? A França retirou uma enorme riqueza de suas colônias; mas não se trata apenas de restituir esse dinheiro mas de fazer com que ele chegue às mãos dos que foram realmente explorados: o povo.

Em 1972, realiza-se em Trénelle pela 1ª vez uma reunião dos partidários da independência e dos partidários da autonomia. O fracasso desta reunião (segundo Lépine) mostrou a fragilidade da convenção de Morne-Rouge.

Em 1974, como em 1981, Césaire, modificando sua posição anterior de não tomar posição nas eleições francesas, resolve apoiar Mitterand. Para seu grande desgosto a coligação Giscard-Chirac consegue 81% dos votos da Martinica.

A LÍNGUA

A Martinica - como outras ilhas das Antilhas - vive há muitos séculos um conflito de línguas que acaba sendo uma das forças propulsoras de sua produção literária.

O primeiro conflito é anterior à chegada dos europeus. Como já foi dito anteriormente, quando os franceses chegaram à Martinica encontraram entre os Caraíbas indícios de que haveria duas línguas, uma das quais aparentemente reservada às mulheres.

Do contato entre os índios e os primeiros europeus resultou o primeiro falar específico das Antilhas francesas assinalado pelos cronistas da época. Era chamado de *baragouin* (algaravia) e seria uma mistura de espanhol, francês, inglês e flamengo com predominância aparente do primeiro, considerando-se os exemplos fornecidos pelos relatos dos missionários. Os índios empregavam a "algaravia" exclusivamente no seu contato com os brancos, conservando sua língua materna em todas as outras atividades. Como os historiadores limitam suas referências à "algaravia" aos primeiros anos da colonização, é de se supor que ela tenha desaparecido com a eliminação da população indígena.

A língua hoje falada na Martinica, um crioulo de base lexical francesa, nasceu provavelmente, segundo Lambert-Félix Prudent, na primeira colônia francesa do Caribe - São Cristóvão - entre 1615 e 1640, do encontro de piratas franceses, escravos africanos (que em sua grande maioria tinham pertencido aos espanhóis) e índios Caraíbas:

> *"Cette langue se bâtit donc sur un vieux fond lexical 'roman' (issu des parlers, patois et jargons régionaux français), réinterprété à partir des besoins et des pratiques des marins-négriers et des ouvriers engagés, et bousculé par les rituels communicatifs des esclaves"*(1)

O francês falado nas colônias era certamente popular e dialetal posto que, quer os proprietários, quer os contratados eram na sua maioria pessoas sem instrução. Além disso, Robert Chaudenson lembra que por serem originários de várias províncias, tenderiam a simplificar sua língua para poderem se comunicar mais facilmente, mesmo entre franceses. Como nas colônias não havia um ensino organizado, ensinava-se e aprendia-se de acordo com as possibilidades e necessidades. Daí a aceleração do processo de transformações lingüísticas:

> *"Il en est résulté, dans une situation sociolinguistique de contact et d'hétérogénéité linguistique, une accélération formidable du processus évolutif qui a conduit en un demi-siècle à la formation de systèmes nouveaux qui sont devenus les parlers créoles"*(2)

Os africanos que vêm para a América como escravos são de várias etnias e não falam a mesma língua. Colocados em situação de total dependência face ao europeu, para poderem se comunicar com ele e entre si, para poderem sobreviver, devem aprender o francês. Uma carta do abade Mongin de maio de 1682 fala dos problemas dos missionários para catequi

---

1 - PRUDENT, L.F. - La langue créole aux Antilles et en Guyane. Les Temps Modernes. Paris, 39 (441/442), avr./mai, 1983, p. 2073.

2 - CHAUDENSON, Robert - Les créoles français. Paris, Fernand Nathan, 1979, p. 83.

zar os africanos e afirma que estes aprendem logo a língua francesa:

> *"dépendant en toutes choses de leurs maîtres et de leurs commandeurs, qui parlent toujours français, et, pour de très bonnes raisons leur étant défendu de parler leur langue naturelle. Ils auraient même de la peine à s'entendre autrement, y ayant qualquefois dans une case des nègres de dix ou douze langues"*(1)

Se a carta do abade Mongin demonstra que desde 1682 (pelo menos) existe nas Antilhas uma maneira específica de falar à qual os recém-chegados devem se adaptar, o termo *"créole"* para designar o

> *"français corrompu auquel on a mêlé plusieurs mots espagnols francisés et où les termes marins ont aussi trouvé leur place"*(2)

na definição de Moreau de Saint-Méry, só aparecerá em 1797.

Desde o momento em que o crioulo chega à Martinica com os primeiros colonizadores oriundos de São Cristóvão, ele terá que enfrentar - segundo Prudent - a língua dos índios, as várias línguas africanas e o francês. Com o desaparecimento dos índios, o crioulo - a língua comum entre o africano e o europeu - será o traço de união entre o senhor e o escravo. Mas à medida que a importância econômica do açúcar cresce, a distância entre o senhor e o escravo aumenta. Ora, os senhores das plantações - os *békés* - conhecem o crioulo e servem-se dele quer dentro do seu próprio grupo, quer no trato

---

1 - citado por PRUDENT, L.F. - Des baragouins à la langue antillaise. Paris, éds. Caribéennes, 1980, p. 26.

2 - citado por CHAUDENSON, Robert. Op. cit., p. 16.

com seus servidores. Mas, como os únicos a terem direito à instrução, são os únicos (com raras exceções) a terem acesso a uma língua escrita (como o francês). O *béké* poderá optar sempre entre o crioulo e o francês; o escravo, não. Daí o estigma de inferioridade, de servidão, a marcar o crioulo. Paradoxalmente este estigma parece não ter impedido que o crioulo fosse um fator de integração nacional. Para tanto muito contribuiu o trabalho das *da* (babás) junto à família dos brancos:

> *"... jamais les békés n'oublieront cette langue à l'élaboration de laquelle ils ont contribué et à cause des da (nourrices nègres) tous les enfants antillais de toutes races partageront le même bagage linguistique et culturel, au départ. Les da endorment petits blancs et petits noirs avec les mêmes berceuses, elles les amusent tous avec les mêmes devinettes, elles les éduquent, et les terrifient à l'aide du même corpus de contes. Cet ensemble de chants, de dictons et de récits proviennent comme la langue qui les véhicule d'un syncrétisme, où l'Afrique apporte ses conditions rituelles de profération et ses motifs fantastiques, l'Europe livre sa hiérarchie sociale et ses personnages merveilleux, l'Archipel donne sa géographie, son nouveau bestiaire et le creuset symbolique nécessaire à l'alchimie narrative"*(1)

É por esse motivo que a divisão branco/negro não coincide exatamente nesse momento com a divisão francês/crioulo mas sim com produção escrita/produção oral. O estatuto do crioulo parece ter sido sempre bastante ambíguo. Se por

---

1 - PRUDENT, L.F. - Les problèmes d'émergence d'une littérature créole antillaise. Itinéraires et Contacts de Culture. Paris, 3, 1983, p. 30.

um lado ele aparece como língua de emancipação - no Haiti, o discurso de Dessalines foi feito em crioulo - aparece também como língua da dominação: muitos senhores de escravos produziam textos em crioulo (canções, fábulas, contos) onde a superioridade da raça branca era louvada. Os "homens de côr" livres, em suas campanhas políticas junto às camadas mais pobres da região, preferiam usar slogans e canções em crioulo como o fez o célebre Bissette:

> *"Schoelcher a recueilli nombre de chansons bissetistes en créole dont la ligne politique plus ou moins chancelante le prenait comme cible privilégiée"*(1)

Para a grande massa de trabalhadores escravos, o crioulo é a única língua de comunicação e é nessa língua que eles produzem contos, lendas, provérbios, adivinhações. É este rico acervo, que se transmitiu oralmente, que nos permite hoje entrever o passado cultural da Martinica.

Até o fim do século XVIII, a produção de textos escritos fica reservada quase que exclusivamente à minoria branca. Só eles aprendem o francês. Em 1845, há apenas 3 pequenos escravos no total das escolas na Martinica.(2) Na sua esmagadora maioria, o ensino é religioso, caro e descriminatório. Nos programas, os estudos clássicos reinam. Devido à baixa qualidade desse ensino, os brancos enviam seus filhos para

---

1 - ANTOINE, Régis - Les écrivains français et les Antilles. Paris, Maisonneuve, 1978, p. 198.

2 - Em 1848 na Martinica há 9936 brancos, 10786 homens livres e 81142 escravos. Cf. ANTOINE, Régis. Op. cit., p. 189.

complementarem seus estudos na metrópole. Mas as letras gozam de grande prestígio. Alguns *békés* ricos se consagram à literatura como um lazer: escrevem na imprensa local, e são membros correspondentes de sociedades literárias da metrópole. Suas produções procuram se aproximar ao máximo do que se fazia (ou de que se fizera) na metrópole.

Embora Saint-Pierre tenha sido a primeira cidade a ter ensino secundário, a publicar algumas revistas e a possuir um teatro onde se apresentam inclusive companhias da metrópole, a característica dominante parece ter sido a mediocridade. Uma boa parte dos literatos, desgostosos com o que consideram como pobreza da vida cultural local, emigram para outros lugares, principalmente para Paris. As ilhas serão apenas uma referência pitoresca em alguns dos seus escritos.

Em resumo, a história literária da Martinica até a segunda metade do século XIX caracteriza-se pelo consumo de textos literários metropolitanos, pelas práticas de imitação literária, pelo exílio voluntário dos mais empenhados na produção intelectual.

Após a abolição da escravatura em 1848, seria de se esperar que uma mudança significativa da situação ocorresse quer com o acesso à instrução da população até então marginalizada, quer pelo ingresso na vida pública dos participantes da campanha abolicionista. Nada disso aconteceu.

O Segundo Império caracterizou-se por uma forte regressão política social nas colônias (em relação à 2ª República): os "homens de côr" são afastados dos postos importantes nas usinas e dos cargos da administração pública. Os

brancos reafirmam seu poder.[1] A preocupação maior da burguesia "de côr" ascendente é não ser confundida com o resto da população:

> *"/.../ dans son souci d'assimilatiom, cette élite de couleur adopte à l'égard de son pays et de ses compatriotes le regard du Blanc"*[2]

No fim do século XIX é feito um esforço maior para a escolarização da população. Como a língua da escola é o francês, ensiná-lo vai significar o aumento da repressão ao uso da língua crioula, considerado pelas autoridades como um fator decisivo do fracasso escolar. Com o ensino do francês, divulga-se para um público maior a literatura francesa e seus padrões estéticos. A produção literária da época - quase sempre em francês mas com algumas transcrições bastante livres do crioulo - é marcada pela visão metropolitana das ilhas: Antilhas floridas, felizes, exóticas, folclóricas.

Sobre a produção literária em crioulo na época existem poucas referências. Os trabalhos de Prudent citam Paul Baudot e François Achille Marbot (além do güianense Paropov) que teriam usado o crioulo como um elemento de exotismo sem respeitar a estrutura da frase crioula nem os valores da produção oral nessa língua. Por outro lado, Prudent freqüentemente cita autores haitianos sem levar em conta a especificidade do Haiti no contexto das Antilhas Francesas. São dessa época também as transcrições em crioulo feitas pelo jornalista ame

---

1 - Em 1853, Gobineau publica seu famoso Essai sur l'inégalité des races humaines.

2 - CORZANI, Jack - La littérature écrite d'expression française à la Guadeloupe et à la Martinique. Europe 58 (612) avr. 80, p. 29.

ricano Lafcadio Hearn.[1]

No início do século XX, dois fatos marcam brutalmente as Antilhas francesas: as violentas greves operárias e a destruição de Saint-Pierre na erupção da Montagne Pelée. Na literatura, entretanto, as transformações continuam a se operar muito lentamente . A metrópole continua a ser o modelo imitado e seu público, o visado pelos que escrevem. Com a catástrofe de Saint-Pierre desaparece a elite econômica e intelectual dos *békés* martinicanos e com ela seus jornais racistas e conservadores, *Les Antilles* e *Les Colonies*. Alguns escritores tentam - sem sucesso - reviver em produções passadistas, saudosas, aquela sociedade tragicamente desaparecida. Paralelamente, a população negra ou mulata que está progressivamente ocupando um espaço político, lutando por melhores condições de vida, não tem escolarização que lhes permita escrever.

Em 1905, somente um terço das crianças em idade escolar está na escola. Esta é vista como o caminho privilegiado para a ascensão social. E aqueles que chegam à literatura, fascinados pela França e sua cultura, procurarão imitar seus "mestres".

O acesso à informação, por outro lado, começa a tornar-se mais fácil. Vários jornais são criados e suas ti

---

1 - É interessante notar que entre os poucos nomes do século XIX que são citados ainda hoje (pelas mais variadas razões) encontram-se aqueles que tentaram escrever ou transcrever o crioulo: Paul Baudot cujas Oeuvres Créoles ainda hoje estão disponíveis nos catálogos da editora e Lafcadio Hearn, escritor anglo-americano que nos deixou relatos de histórias populares em crioulo.

ragens aumentam. As notícias chegam mais rapidamente da Europa e substituem na imprensa local as notícias da região. O cinema, o rádio, colocam a população em contacto com o mundo. Mas não todo: a África está sempre ausente de todos os escritos. Só um jornal da Guadelupe inicia uma campanha em favor de Béhanzin, grande líder revolucionário africano, ex-rei do Dahomey, exilado pelo governo francês na Martinica em 1906.(1)

Se por um lado é marcante a influência do parnasianismo francês em toda a produção desta época(2), é interessante notar que os parnasianos mais lidos e imitados - Leconte de Lisle e José Maria de Heredia - são crioulos: o primeiro da ilha da Reunião, no Oceano Indico e o segundo, cubano. Mas o grande sonho dos intelectuais e escritores é partir para a França.

> *"Pour les Martiniquais et les Guadeloupéens du début du siècle, civilisation s'écrit toujours au singulier"*(3)

Alguns, como Gilbert de Chambertrand, (e isto será sempre mais freqüente na Guadelupe do que na Martinica) tentam animar a vida intelectual local: teatro em crioulo, poemas, crônicas cheias de humor sobre os costumes locais... Mas acabam vencidos e partem para a França. Em Paris, Victor Duquesnay e Daniel Thaly, dois poetas martinicanos desprezados pelas novas gerações, obtêm na época um relativo sucesso.

---

1 - Em Pointe-à-Pitre surge um protesto contra a publicidade racista de Banania e o deputado pela Guadelupe, Légitimus, marca suas campanhas políticas com slogans racistas.

2 - E não só nas Antilhas como os brasileiros bem o sabem.

3 - ANTOINE, Régis. Op. cit., p. 312.

A apropriação das formas literárias da metrópole não é sentida como uma rendição, mas pelo contrário como uma forma legítima de exprimir sua região, forma que permite a integração na metrópole:

> *"Le pouvoir colonial étant pouvoir total, il n'était pas seulement pouvoir ségrégatif, excluant notamment de la vie officielle la couleur noire, le parler créole, les problèmes sociaux; il était aussi agrégatif, dynamisant."*(1)

Mas enquanto as elites das Antilhas se esforçam ao máximo para serem francesas, os jornais da metrópole não cessam de denunciar as "diferenças". Atingidas no seu orgulho e talvez sentindo-se inconscientemente desiludidas pela inutilidade de seus esforços de assimilação, começam a manifestar uma certa reflexão sobre a especificidade do antilhano.

É significativo que esta reflexão seja mais perceptível na Guadelupe onde existe uma ascensão política dos negros através do partido de Légitimus, fato que revela uma certa mudança de comportamento. É aí que se desenvolve o trabalho do jornalista, ensaísta, poeta, romancista e historiador Oduno Lara. Sua admiração pelos escritores da metrópole (em especial os parnasianos) não diminui sua preocupação em tornar conhecida a história do seu país, o que o leva a escrever sobre a história da Guadelupe para os pequenos estudantes da ilha. Por outro lado, sua adesão ao partido de Légitimus é coerente com o princípio enunciado por um dos seus personagens, um mulato:

---

1 - Id., ibid., p. 314.

> *"La France est ma seconde patrie, ma première patrie est ma race".* (1)

Mas o que domina o romance e a poesia antilhana do início do século é o que Suzanne Césaire chamará de

> *"Littérature doudou" - Littérature de hamac. Littérature de sucre et de vanille. Tourisme littéraire, Guide Bleu et C.G.T. Poésie, non pas".* (2)

- uma literatura onde a mulher, as flores, a indolência, o erotismo e todos os estereótipos criados na metrópole são largamente empregados pelos literatos locais. Esta literatura fazia eco à literatura de viagem cada vez mais numerosa, uma vez que o trajeto entre as ilhas e a metrópole tinha sido reduzido a 11 dias, aumentando consideravelmente o número de viajantes.

> *"Le bilan de l'exotisme antillais dans les années trente est donc facile à établir: quelques clichés sur les îles paradis, une surabondance de sentimentalisme émollient"*(3)

Estes clichês, na medida em que escamoteiam os graves problemas sócio-econômicos da região, terão um papel político importante principalmente por ocasião das festas do Tricentenário da colonização francesa nas Antilhas, em 1935, momento privilegiado do mito da "França dos Trópicos". Além disso, a França, recrutando entre os antilhanos (brancos, negros ou mulatos) funcionários e professores para a administra

---

1 - Guadeloupe Littéraire de 14 de abril de 1912 citado por ANTOINE, Régis. Op. cit., p. 323.
2 - CÉSAIRE, Suzanne - Misère d'une poésie. Tropiques. Fort-de-France, IV, jan. 1942, p. 48.
3 - ANTOINE, Régis. Op. cit., p. 354.

ção das colônias francesas na África (o que lhe permite evitar os confrontos diretos), acaba conseguindo integrar ainda mais as ilhas à "Pátria-mãe".

Na Martinica, Gilbert Gratiant, um jovem professor de inglês pertencente à burguesia mulata de Saint-Pierre associa-se a outros intelectuais, alguns brancos liberais (como Auguste Joyau) e até um metropolitano (Octave Mannoni) para fundar a revista *Lucioles*.O público a ser atingido era a burguesia culta e a revista pretendia ser um núcleo de fermentação intelectual principalmente literária.

> *"Ne contestant ni l'organisation sociale, ni le pouvoir colonial, bénéficiant de l'imprimerie du journal bien-pensant La Paix, Lucioles ne dérangea pas; elle deçut des jeunes gens plus radicalisés".*(1)

As Antilhas francesas continuavam a ignorar tudo o que se passava nas ilhas vizinhas. A ruptura será feita na própria metrópole.

No primeiro quarto do século XX, surgem em várias partes do mundo manifestações que seriam reconhecidas posteriormente como integrantes de um movimento cujas amplas repercussões culturais e políticas ainda não deixaram de se fazer sentir: a Negritude. O fato de que tenham se envolvido nesse movimento (a favor ou contra) um grande número de escritores antilhanos (principalmente martinicanos) e de que um

---

1 - Id., ibid., p. 356.

seus expoentes seja a personalidade literária e política mais importante da Martinica, Aimé Césaire, já seria suficiente para justificar em nosso trabalho uma atenção maior para com este período. Outros fatores acrescentam-se a estes. Em primeiro lugar, a existência de uma riquíssima bibliografia sobre o assunto (em grande parte resultante da eclosão de numerosas polêmicas sobre o assunto), que nos permitiu uma visão bem mais acurada da enorme gama de problemas que o movimento levantou. Em segundo lugar, o consenso existente atualmente de que com a Negritude ou na sua esteira teriam surgido as primeiras reivindicações de um pensamento, de uma cultura, de uma literatura antilhana. É dentro do movimento da Negritude que começaram a se manifestar - embora ainda de forma bastante confusa - os conflitos resultantes da inadequação entre a língua francesa e a vivência do negro (ou do colonizado como diríamos hoje). Entretanto o conflito francês-crioulo não é explícitamente abordado. Consideramos esse silêncio tão eloqüente quanto toda a massa de publicações que o tema hoje suscita.

O encontro dos intelectuais negros - dos Estados Unidos, das Antilhas, da África - dá-se principalmente em Paris, *plaque tournante*, no início do século XX, da difusão e da recepção da produção literária mundial. São cada vez mais numerosas as manifestações contra a rigidez empobrecedora do positivismo comtiano. Por outro lado, os impérios coloniais começam a dar sinais de rachadura em seus alicerces.

Nesta Paris, artistas - em particular os artistas plásticos - descobrem a estatuária e as máscaras africanas. Artigos de revistas e exposições dedicados à *"art nègre"* se sucedem. Em 1914, a Galerie Dervambez faz uma grande exposi

ção totalmente dedicada à arte da África negra. Picasso, Derain, Braque e Matisse, nas suas buscas de novos caminhos para a estética ocidental, deixam-se seduzir pelo fascínio da estatuária da África ao Sul do Sahara. No domínio musical, é o triunfo do jazz estadunidense e Josephine Baker alcança o estrelato com *La Revue Nègre* no Teatro Champs Elysées.

Em 1923, estréia o ballet *La Création du Monde* de Darius Milhaud sobre um argumento de Blaise Cendrars onde máscaras africanas compõem o cenário assinado por Fernand Léger.

Blaise Cendrars publica, em 1921, sua *Anthologie Nègre* (ou *Anthologie de la poésie nègre*) seguida, em 1928, por *Les petits contes nègres pour les enfants des Blancs*. Apollinaire evoca seus *"fétiches de Guinée et d'Océanie"* no seu poema *Zone* que terá muita influência sobre Césaire. Philippe Soupault, Gide, Morand, publicam respectivamente *Le Nègre* (1927), *Voyage au Congo* (1927), *Retour du Tchad* (1928), *Magie Noire* e *Hiver Caraïbe* (1928).

É em Paris - 1919 - que se realiza o 1º Congresso Panafricano, promovido por W.B. Du Bois (Estados Unidos), Blaise Diagne (Senegal) e Gratien Candal (Guadeloupe), reunindo principalmente antilhanos e estadunidenses. O 2º Congresso Panafricano será realizado no Central Hall de Londres em 1921. As resoluções serão proclamadas em nome da *"race noire /.../ par l'organe de ses élites"* (sic) (1)

---

1 - citado por CORNEVIN, Robert - Littérature d'Afrique noire de langue française. Paris, P.U.F., 1976, p. 148.

Em 1924 é criada em Paris a *Ligue Universelle de Défense de la Race Noire* por Kodjo Tovalou Houénou do Daho mey que trabalhava em colaboração com Marcus Garvey. Esta *Li gue* torna-se em 1926 o *Comité de Défense de la Race Noire* cu jo presidente de honra é Lenine[1].

Manifestações contra os regimes coloniais come çam a integrar reivindicações pela defesa da raça negra. E os movimentos comunistas, na sua luta por melhores condições de trabalho, denunciarão a discriminação racial como uma forma abjeta de exploração do trabalhador. Segundo Jacqueline Lei ner (em discreta nota de rodapé):

> *"La Voix des Nègres (1927), La Race Nègre (juin 1927-avril 1931) Le Cri des Nègres (nov. 1931) étaient déjà des revues d'obédience plus ou moins communiste. Elles eurent peut-être une influence beaucoup plus grande qu'on ne le pense sur le mou vement de la négritude."*[2]

Um outro elemento importante a ser evidenciado é o desenvolvimento da etnologia que contribuiu para a divul gação de muitas civilizações desconhecidas.

Rompendo com Levy-Bruhl (em sua 1ª fase) e Go bineau, os estudos de Marcel Griaule, Maurice Delafosse bem como os de Spengler e Frobenius têm grande repercussão. Suas pesquisas revelam ao mundo uma outra África onde existiram

---

1 - A associação (indireta, é verdade) Lenine-Garvey parece bastante bi zarra quando se pensa que Garvey num certo momento ligou-se à Klu-Klux-Klan numa campanha pela pureza das raças.

2 - LEINER, Jacqueline - Négritude Caraïbe, Négritude Africaine. Elos, Rio, 3, 1981, p. 20.

grandes e sólidos impérios (Ghana, Mali, Benin...) com intenso intercâmbio comercial, político e cultural com a África do Norte e indiretamente com a Europa. Reis poderosos governaram povos de economias relativamente complexas que garantiam à população a satisfação de suas necessidades e um certo requinte atestado pela beleza e funcionalidade dos objetos de que o homem se cercava quotidianamente. As invasões árabes, a penetração do islamismo e posteriormente a chegada dos europeus abalaram suas estruturas, desestabilizaram suas instituições, fomentaram as guerras internas e destruiram suas riquezas.

Os jovens intelectuais africanos, freqüentemente humilhados no seu confronto com a *intelligentzia* francesa pela "falta de tradição cultural" (leia-se: "livros"), nem sempre se preocuparam em verificar se tais afirmações eram totalmente procedentes. Apegaram-se a estes livros como a uma Bíblia. Suzanne Césaire em *Tropiques* consagra um inflamado artigo a Frobenius cujos livros Senghor dizia estarem sempre à sua cabeceira.

Para a eclosão do movimento da negritude em Paris também contribuiram os "salões" das irmãs Nardal e de René Maran. Ao atribuir o prêmio de 1921 ao romance *Batouala, véritable roman nègre* do martinicano Maran, a Academia Goncourt acendeu uma polêmica que,embora circunscrita,ainda não acabou. Se o valor literário de Maran tem sido raramente questionado, o mesmo não se pode dizer de sua postura ideológica. Visto por uns como um homem que ousou afrontar o sistema colonial ao denunciar (com nomes e números) os desmandos de administradores coloniais franceses contra as populações autóctones e por outros como um "assimilado" por sua educação, por

sua educação, por sua cultura, por sua visão do mundo, Maran é situado ora na literatura francesa, ora na antilhana, ora na africana.

Nascido na Martinica, de família güianense, partiu ainda criança para a França onde se revelou um estudante brilhante. Foi enviado para a África como funcionário colonial e lá pôde observar os desmandos de seus colegas: *Batouala* pretende ser um registro do que viu e ouviu:

> *"Par les soirs de lune, allongé en ma chaise longue de ma véranda, j'écoutais les conversations de ces pauvres gens. Leurs plaisanteries prouvaient leur résignation. Ils souffraient et riaient de souffrir".* (1)

Perseguido duramente pelo governo apesar de declarar que sua crítica dirigia-se a alguns homens e não à França, conseguiu um grande prestígio junto aos jovens escritores negros africanos, antilhanos e norte-americanos. Como crítico literário de *La Depêche de Toulouse* encorajou muitos jovens negros a seguir a carreira literária e muitos deles lhe dedicaram seus livros. Césaire e Senghor referiam-se a ele como um pioneiro. (2)

No colóquio *Négritude Africaine Négritude Caraïbe*, Michel Fabre encareceu um aspecto das atividades de Maran, seu intercâmbio com os escritores negros dos Estados Unidos:

---

1 - MARAN, René - Préface à Batouala. Paris, Albin Michel, 1979, p. 10. René Maran tinha estudado as línguas locais e como os nativos em sua maioria ignoravam esse detalhe, exprimiam-se livremente em língua materna na sua presença.

2 - No seu artigo para l'Etudiant noir, "René Maran, l'humanisme et nous" Senghor considera-o como um "brillant illustrateur de l'humanisme noir".

> *"Alors que l'on reconnaît l'importance de René Maran comme artiste, comme dénonciateur des abus du colonialisme français, comme précurseur, comme initiateur de Léopold Sédar Senghor et des écrivains de la négritude, comme propagandiste et soutien des écrivains de couleur de son époque, on ignore généralement son rôle dans les relations qui unirent écrivains afro-américains et écrivains francophones durant les années vingt et trente. De même que l'on n'a pas suffisamment tenu compte des apports du mouvement New Negro à la négritude, de même on a presque passé sous silence l'influence de Batouala sur la génération de la Harlem Renaissance et le monde africain em général"*(1)

Estudantes negros norte-americanos, antilhanos e africanos residentes em Paris reuniam-se também freqüentemente no "salão" das martinicanas Paulette e Andrée Nardal trocando informações e difundindo as produções literárias de seus países. *La Revue du Monde Noir* (que as irmãs Nardal dirigiam juntamente com o médido haitiano Dr. Sajou), apesar do freqüente conservadorismo e timidez de suas posições, funcionou como uma ponte entre os dois Mundos e divulgou os escritores da chamada "Negro Renaissance" dos Estados Unidos da América do Norte. Seu objetivo era

> *"l'éveil, chez les noirs, de la conscience de leur race, la connaissance et l'approfondissement de l'histoire, du passé des peuples noirs, pour tirer parti des richesses qu'offraient le passé et le continent africain, la résurrection de la culture africaine"*(2)

---

1 - FABRE, Michel - "René Maran, trait-d'union entre deux Négritudes". In: Négritude Africaine Négritude Caraibe. Paris, Université Paris-Nord, 1979, p. 60.

2 - Citado por LEINER, Jacqueline. Op. cit., p. 6.

A revista durou de novembro de 1931 a abril de 1932.

No dia 1º de junho de 1932 aparece em Paris uma pequena brochura: *Légitime Défense*.

O tom é de um manifesto. Assinam os artigos jovens martinicanos cuja idade varia de 20 a 23 anos. O alvo do ataque: o mundo capitalista, cristão e burguês em particular, o da Martinica:

> *"Le Parti communiste (IIIe Internationale) est en train de jouer dans les pays la carte décisive de l'Esprit' (au sens hégélien de ce terme). Sa défaite, si par impossible nous l'envisagions, serait pour nous le définitif 'je n'en peux plus'. Nous croyons sans réserve à son triomphe et ceci parce que nous nous réclamons du matérialisme dialectique de Marx, soustrait à toute interprétation tendancieuse et victorieusement soumis à l'épreuve par Lénine. Nous sommes prêts à nous confronter sur ce terrain à la discipline qu'exigent de pareilles convictions. Sur le plan des modes figurés de l'expression humaine nous acceptons également sans réserve le surréalisme auquel - en 1932 - nous lions notre devenir. Et nous renvoyons nos lecteurs aux deux Manifestes d'André Breton, à l'oeuvre tout entière d'Aragon, d'André Breton, de René Crevel, de Salvador Dali, de Paul Eluard, de Benjamin Péret, de Tristan Tzara, dont nous devons dire que ce n'est pas la moindre honte de ce temps qu'elle ne soit pas plus connue partout où on lit le français. Et nous cherchons dans Sade, Hegel, Lautréamont, Rimbaud, pour ne citer que ceux-là, tout ce que le surréalisme nous a appris à y trouver. Quant à Freud, nous sommes prêts à utiliser l'immense machine à dissoudre la famille bourgeoise qu'il a mise en bran*

le. Nous prenons le train d'enfer de la sincérité /.../" (1)

Este manifesto cultural e político atesta a busca de identidade das Antilhas francesas coloniais e opõe os seus jovens signatários a seus próprios pais que, enviando os a Paris, desejavam a sua assimilação.

Algumas das teses propostas serão retomadas mais tarde - e nem sempre com a mesma perspectiva - pelo que se convencionou chamar de Negritude: crítica do racionalismo, preocupação com a conquista de uma identidade, recusa de uma arte submetida aos modelos europeus, revolta contra o capitalismo colonial.

Partindo da análise marxista da sociedade das Antilhas, descobre-se no antilhano o descendente do escravo negro mantido durante três séculos na embrutecedora condição de proletário.

A sociedade apresenta dois pólos: de um lado, os brancos, grandes proprietários de terras, usineiros, grandes comerciantes e do outro proletariado antilhano constituído na sua grande maioria de negros. Entre essas duas classes, cresce uma pequena burguesia constituída principalmente de mulatos que procura desesperadamente se dessolidarizar do proletariado e se promover socialmente.

"L'avocat, le médecin, le professeur, etc..., nouveaux venus, pour exister en tant que tels, pour 'faire leur chemin' comme ils disent, doivent se

---

1 - Prefácio - manifesto assinado por Étienne LÉRO, Thélus LÉRO, René MENIL, Jules Marcel MONNEROT, Michel PILOTIN, Maurice-Sabas QUITMAN, Auguste THÉSÉE e Pierre YOYOTTE. In Légitime Défense. Paris, Jean-Michel Place (reproduction anastaltiqne), 1979, p. 1.

> *garder de jamais heurter leurs employeurs, doivent présenter à la classe qui les reçoit dans son sein l'image d'elle-même qu'elle désire (de cela les 'intellectuels' sont les plus spécialement chargés) adopter ses idéaux /.../ ses moeurs/.../"*(1)

Critica-se ferozmente o servilismo da literatura antilhana tradicional em relação à literatura francesa (ainda mais que essa imitação demonstrava ausência de informação pois detinha-se nos parnasianos) e afirma-se que só um povo livre pode ter uma poesia nacional:

> *"Du jour où le prolétariat noir, que suce aux Antilles une mulâtraille parasite vendue à des Blancs dégénérés, accédera, en brisant ce double joug, au droit de manger et à la vie de l'esprit, de ce jour-là seulement existera une poésie antillaise"*(2)

Uma escolha bastante significativa é a publicação nessa revista de um trecho do romance *Banjo* do jamaicano Claude Mackay(3) onde, com muita ironia, o narrador mostra um martinicano orgulhoso de Josephine Bonaparte (que restabeleceu a escravidão nas colônias francesas), de sua apurada expressão em língua francesa e ao mesmo tempo preocupado em se distinguir dos africanos que considera selvagens.

Apesar da violência de sua linguagem e apesar de sua enorme receptividade entre os estudantes negros em Paris (onde exercerá papel aglutinador), o manifesto passa qua

---

1 - MONNEROT, Jules-Marcel - Note touchant la bourgeoisie de couleur française. *Légitime Défense*, p. 3.
2 - LÉRO, Étienne - Misère d'une Poésie. *Légitime Défense*, p. 12.
3 - Claude MacKay, como Langston Hughes, Richard Wright e outros, situa-se no período da Negro Renaissance.

se desapercebido nos meios intelectuais parisienses que viviam submersos nas "loucuras" do movimento surrealista.

A ligação do grupo com o movimento surrealista é fortíssima; a começar pelo título - *Légitime Défense* - título também de um opúsculo que André Breton publicou em 1926 em favor do comunismo mas contra os jornais do Partido que atacavam os surrealistas, em particular *L'Humanité*.

Como os surrealistas, eles discutiam a linguagem e evidenciavam o seu papel criador: a palavra-ação, o poeta-guerrilheiro.

> *"Le poète, écrit Michel Leiris, m'apparaîssait comme un prédestiné, une manière de démiurge à qui incombait d'effectuer cette vaste opération de transformation mentale d'un univers"*(1)

Ora, esta concepção do poeta-mágico dava à palavra seu poder de Verbo e é este o sentido que o africano dá à palavra-ato. A palavra dos feiticeiros do Haiti, das Antilhas, a palavra do banto ou do ruandês cura doenças, liberta as almas dos mortos, assegura as colheitas, destrói os inimigos, faz chover...

> *"Chacun sait que la parole du mage produisait son effet avec la sûreté de la foudre"* (2)

É nesse exato sentido que se fala mais do homem surrealista ou da moral surrealista do que de uma estética surrealista.

O surrealismo privilegia igualmente o maravi

---

1 - Citado por KESTELOOT, Lylian - Les écrivains noirs de langue française: naissance d'une littérature. Bruxelles, éds. l'Institut de Sociologie, 1971, p. 50.

2 - MENIL, René - Tracées. Paris, éds. Robert Laffont, 1981, p. 17.

lhoso, o pagão, os fetiches, daí o grande alarde feito em torno da estatuária africana recém-descoberta. Pretendendo renovar a sensibilidade e a imaginação empobrecida, segundo eles, pelo racionalismo, os surrealistas privilegiam o mundo infantil e (atenção!) os povos primitivos onde o inconsciente seria menos reprimido. Esta tese pretendia atacar a cultura européia afirmando que os homens mais civilizados são os menos puros.

Esta teoria, à primeira vista tão revolucionária, não daria uma confirmação indireta e portanto perigosa à ideologia dos colonizadores que justificavam a necessidade de tutelar os colonizados exatamente porque eram povos-crianças? Mas, por outro lado, contestando a supremacia da Razão Universal e anunciando a falência da civilização ocidental, os valores em nome dos quais os colonizadores tinham esmagado seus desafetos - Razão, Progresso, Ciência e Cultura -,o surrealismo integrava-se facilmente aos movimentos de libertação das colônias.

O movimento comunista internacional, pregando o fim da sociedade de classes e da discriminação racial, seduz um grande número de intelectuais negros e aparece como a única saída possível para a situação das Antilhas. Alguns intelectuais comunistas como Roumain e Brière do Haiti, Langston Hughes e Claude MacKay dos Estados Unidos e Nicolás Guillen de Cuba já tinham feito anteriormente manifestações isoladas e a revista comunista *Nouvel Age* editou durante os anos 1930-31 vários números consagrados à poesia negro-americana, em particular poemas que traduziam queixas dos negros explorados pelos brancos.

Légitime Défense só conseguiu lançar um número.

Aliás, seus dirigentes já haviam previsto essa possibilidade. Na sua primeira página, dizia-se ao leitor: *"Cette petite revue, outil provisoire, s'il casse, nous saurons trouver d'autres instruments."*(1) Seus colaboradores foram ameaçados, perseguidos, suas bolsas de estudo foram cortadas. Mas a semente estava lançada.

Em 1935 aparece *L'Etudiant Noir*.

Segundo Lylian Kesteloot, autora de uma tese pioneira sobre a negritude, *Les écrivains noirs de langue française: naissance d'une littérature* - referência indefectível de todos os estudiosos do assunto - é com *L'Étudiant noir* que nasce o movimento da negritude. Embora, em nota de rodapé, ela confesse nunca ter tido em mãos um exemplar do jornalzinho, a 2ª parte do seu livro - que constitui 1/3 do total da obra - intitula-se *"Naissance de la négritude: L'Étudiant noir"*.

Todas as suas reflexões e análises apóiam-se ou sobre a reprodução parcial de um artigo em publicação posterior ou em depoimentos de Césaire, Damas e Senghor feitos de 15 a 25 anos depois do acontecimento ou em obras posteriores desses autores.

De acordo com a pesquisadora, esse jornal - que teria sido publicado *"vers 1934"*(2) - divulgava as preocupações de um grupo de antilhanos e africanos entre os quais Aristide

---

1 - Légitime Défense, p. 1.

2 - Thomas A. HALE, autor de uma bibliografia comentada de Césaire afirma que entre 1934 e 1936 foram publicados 5 ou 6 números de L'Étudiant noir dos quais um só exemplar de um único número (o que contém o artigo de Césaire "Negrières-Jeunesse Noire et Assimilation") estaria na "Section Outre-mer des Archives Nationales". Consultamos este único número nos Archives Nationales d'Outre-Mer du Ministère de l'Intérieur de la France.

MAUGÉE e Léonard SANVILLE (antilhanos) e Birago DIOP e Ousmane SOCÉ (senegaleses) sob a direção de Aimé CÉSAIRE (martinicano), Léon G. DAMAS (güianense) e Léopold Sédar SENGHOR (senegalês).

O primeiro fato a ser assinalado é que *L'Étudiant Noir . (Première année... nº 1 - mars 1935)* - tem como subtítulo *Journal de l'Association des Etudiants Martiniquais en France*. Apesar de ser o nº 1, um de seus artigos - "*A propos de l'Association*" de A. MIDAS - fala em "*ce second numéro*", o que parece indicar que a então diretoria da Associação já tinha lançado outra publicação. Esta seria *L'Etudiant Martiniquais* cujo 1º número seria de janeiro do mesmo ano (1935)[1]. A mudança de título indica uma tentativa de ampliar o alcance do jornal e suas propostas. Numa entrevista concedida a Thomas A. HALE em 1972, Césaire afirma que na *Association des Etudiants Martiniquais*

> *"il y avait un petit journal corporatif qui s'appelait L'Etudiant martiniquais, et alors moi, j'ai décidé de l'élargir et de l'appeler L'Etudiant noir, précisément pour avoir la collaboration des noirs qui n'étaient pas seulement des Martiniquais, pour l'élargir au monde entier"*[2]

Na realidade os colaboradores do jornal são, com uma só exceção, todos antilhanos. O único que não o é - o senegalês Léopold Sédar Senghor - escreve sobre um autor martinicano (que foi educado na França): René Maran.

---

1 - Cf. Reflexions sur une réunion d'étudiants Martiniquais. L'Etudiant noir 1. 1935, p. 3.

2 - HALE, Thomas A - Les écrits d'Aimé Césaire. Etudes françaises. Montréal 14(3/4), (nº spécial), oct. 1978 , p. 221.

O jornal está dividido em 3 partes. A primeira - *Questions Corporatives* - e a terceira - *Avez-vous lu ceci?* - tratam de problemas corporativos, esportes, correspondência dos leitores, ocupando quase metade das oito folhas que compõem a publicação.(1) A segunda parte - *Les Idées et les Lettres* - apresenta artigos de Henri EBOUÉ , L. SAINVILLE e Gilbert GRATIANT que negam a existência de uma cultura negra universal. Um curto artigo de Paulette NARDAL mostra que entre os antilhanos e o negro, personagem de sua estória, existe "*A défaut de solidarité réelle, celle apparente* (sic) *de la race.*" Os artigos de Aimé CÉSAIRE - *Nègreries Jeunesse noire et assimilation* - e Senghor - *L'Humanisme et nous. 'René MARAN'.* os únicos a abordar o tema do que se convencionou chamar mais tarde de Negritude - ocupam pouco mais de uma página e são os primeiros textos publicados desses autores segundo suas bibliografias oficiais.

Em seu artigo Césaire afirma que a condição básica para viver é "*rester soi*". A história dos negros seria um drama em três atos: a servidão, a assimilação e finalmente a emancipação exigida pela juventude negra. Este terceiro ato é o tempo da ação e da criação que devem substituir a esterilidade dos períodos anteriores. Mas para permanecer fiel a si mesma, a juventude negra precisa lutar contra os assimilados, contra os assimiladores e contra si mesma para extirpar a indiferença, o obscurantismo e o sentimentalismo. O texto de

---

1 - Colaboram nestas secções A. MAUGÉE, A. CHARPENTIER, R. SAUPHANOR, AMIDAS, J. SAUPHANOR, L. SAINVILLE e C. BRANCHI.

Césaire, fortemente poético, está a nosso ver muito próximo, nas suas reivindicações (e no seu arrebatamento), de *Légitime Défense*.

O texto de Senghor - *L'Humanisme et nous - 'René MARAN'* - revela sua formação universitária francesa não só pela defesa da cultura clássica como pelas citações latinas. Analisando a obra de Rènè Maran, Senghor lança algumas das idéias-chaves de sua produção posterior:

> *"Il est donc vrai que l'humanisme doit aboutir à la découverte et à la connaissance de soi, à l'humanisme noir"*(1) *dans notre cas, que je définirais volontiers: un mouvement culturel qui a l'homme noir comme but, la raison occidentale et l'âme nègre comme instruments de recherches; car il y faut raison et intuition"* (2)

Como entender a declaração de Léon Gontran DAMas:"*... L'Etudiant noir journal corporatif et de combat avec objectif la fin de la tribalisation, du système clanique en vigueur au Quartier Latin. On cessait d'être un étudiant essentiellement martiniquais, guadeloupéen, guyanais, africain, malgache, pour n'être plus qu'un seul et même étudiant noir. Terminée la vie en vase clos*"(3) que individualiza a Guadelupe, a

---

1 - Como só aparecem as aspas após "noir" não é possível saber o que Senghor tentou por em destaque: noir, humanisme noir ou mesmo toda a frase e por conseguinte qual o "tom" da afirmação.

2 - SENGHOR, L.S. - L'Humanisme et nous - "René Maran". L'Etudiant noir, p.4.

3 - DAMAS, L.G. - Notre génération(inédito) citado por KESTELOOT, L. Op. cit. p. 91. A obra de Léon Gontran Damas (considerado por Lylian Kesteloot como um dos fundadores do movimento da Negritude ao lado de Césaire e Senghor) consegue ser notada pela crítica parisiense nestes anos tumultuados das manifestações surrealistas e da ascensão da Frente Popular. Seu livro de poemas *Pigments* aparece em 1937 e o ensaio *Retour de Guyane* em 1938, mas já publicara poemas na prestigiosa revista Esprit em 1934 enquanto Senghor só conseguirá publicar seus primeiros poemas em 1938 (na revista *Cahiers du Sud*).

Güiana Francesa, Madagascar, nomeando-as separadamente e que, ao mesmo tempo inclui na relação um elemento de uma outra grandeza - o continente africano - senão como uma tentativa de dar ao jornal uma amplitude que ele não tinha uma vez que ne le colaborou apenas um senegalês?

Se esse jornal teve um papel tão importante co mo o que lhe atribui L. Kesteloot, porque ele não foi reedita do (nem no cinqüentenário de sua publicação) quando já o fo ram *Légitime Défense* (2 vezes) e toda a série da revista *Tropi ques*?

Tanto Césaire como Senghor sempre insistiram muito no fato de que o jornal era revolucionário, que ele pre gava uma ruptura muito mais profunda com a civilização ociden tal do que *Légitime Défense* o tinha feito. Os colaboradores de *L'Etudiant Noir* (diz L. Kesteloot citando Senghor) reconhe ceriam o socialismo marxista enquanto "*méthode de recherche*" e "*technique de révolution politique*" mas recusariam sua inge rência nos domínios filosóficos.(1) Quanto ao surrealismo, não mais seria considerado como um "mestre" mas unicamente como "fonte de inspiração" porque a escritura surrealista ia ao en contro da palavra negro-africana.

Isto, conclui Lylian Kesteloot, representava inegavelmente um progresso:

---

1 - Lylian Kesteloot cita (como sempre) textos senghorianos muito poste riores. No caso acima o Rapport sur la doctrine et le programme du parti au Congrès Constitutif du Parti du Rassemblement Africain (P.R. A.) de 1959. Op. cit., p. 93.

> *"Le groupe de Senghor allait /.../ beaucoup plus loin que celui d'Etienne Léro*[1]*. Tout d'abord il dépassait le particularisme antillais ou africain en forgeant une même mystique pour toute la race noire. Ensuite, il poussait sa critique de l'Occident jusqu'aux idéologies européennes qui mettaient l'Occident en question: le communisme et le surréalisme. Enfin, il désirait ardemment retrouver le patrimoine des civilisations africaines"*[2]

A leitura do jornal, hoje, parece indicar que o período de tempo decorrido entre os fatos e os relatos de Césaire, Senghor e Damas (que não colaborou no jornal) foi suficiente para permitir modificações sensíveis não só de perspectiva como de postura ideológica com o ingresso desses escritores na vida pública e seu acesso ao poder.

O que continua sendo claro é a mudança do primado do político - *Légitime Défense* - para o que Senghor chama de "primado do cultural". Em fevereiro de 1935, no momento em que o jornal está sendo feito, Fort-de-France é abalada por impressionantes passeatas de trabalhadores agrícolas famintos, o que leva algumas famílias burguesas precipitadas a fazerem barricadas no interior de suas casas. Nessa mesma época sucedem-se as manifestações contra uma suposta benevolência dos juízes para com os acusados durante o julgamento dos assassinos de um jornalista que denunciara a corrupção fiscal nas grandes usinas açucareiras. E *L'Etudiant noir* silencia to

---

1 - Um dos diretores de Légitime Défense.
2 - KESTELOOT, Lylian. Op. cit., p. 100.

talmente sobre esses assuntos.

Se admitirmos que as bases do movimento da Negritude já estavam sendo lançadas, que o conceito de negritude já começava a se definir, faltava ainda nomeá-lo. E é Césaire que o fará pela primeira vez em seu *Cahier d'un retour au pays natal* editado em 1939 por *Volontés*. A palavra *négritude* aparece em 3 momentos do *Cahier* com significados diferentes mas convergentes:

- os homens negros -

> *"Haiti où la négritude se mit debout pour la première fois"* (1)

- a vivência do negro -

> *"Ma négritude n'est pas une pierre sa surdité*
> *ruée contre la clameur du jour .*
> *ma négritude n'est pas une taie d'eau morte*
> *sur l'oeil mort de la terre*
> *ma négritude n'est ni une tour ni une cathédrale"*(2)

- uma maneira de ser negro -

> *"Je dis hurrah! La visible négritude*
> *progressivement se cadavérise"* (3)

O *Cahier* na época de sua publicação passa quase despercebido. A iminência de uma guerra na Europa absorve todas as atenções.

O que o poema - desde o seu título - evidencia é a busca das raízes, uma necessidade de se afirmar, de se autodefinir. E o desvendamento da tradição africana oprimida, recalcada, passa a ser fundamental.

---

1 - CÉSAIRE, Aimé - Cahier d'un retour au pays natal. Paris, Présence Africaine, 1971, p. 67.
2 - Id., ibid., p. 117.
3 - Id., ibid., p. 117.

Mas esta tradição é uma tradição recriada pela emoção: é uma África mítica que toma o lugar da África desconhecida. A negritude americana ou melhor a negritude dos negros-fora-da-África só poderia ter sido portanto uma negritude com fortes traços de idealismo, resvalando freqüentemente para uma utopia alienante e resultando numa cultura mestiça. (A cultura ocidental é um componente inegável embora odioso devido à forma opressora pela qual foi imposto).

Daí a importância de Senghor no movimento. Sua poesia cria a África bela, serena, rítmica e mítica de que os negros da diáspora tanto precisavam.

Os primeiros textos da Negritude são poemas onde a ambigüidade da palavra aliada ao vigor da emoção tornavam quase impossível uma análise rigorosa dos conceitos.

> *"/.../ entre 1939 et 1947 et même dans les années suivantes, le lecteur antillais qui lisait le 'Cahier' et butait sur le mot 'négritude' ne bénéficiait pas encore des gloses savantes. Il n'avait pour l'éclairer que le poème et ses ambiguités lyriques. Aimé Césaire lui-même, écrivant le mot, composant son texte n'avait peut-être pas une idée très précise, très rationnelle, de ce qu'était pour lui la négritude et surtout ce qu'elle allait devenir par la suite".* (1)

A forma lírica dos textos prestava-se não só à imprecisão mas ao reforço da tese de que o negro é fundamentalmerte emoção e, portanto, a arte sua forma privilegiada de expressão.

---

1 - CORZANI, Jack - "La négritude aux Antilles Françaises". In: Négritude Africaine - Négritude Caraibe, p. 118.

Só a partir da publicação da *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française* (1948) de Léopold S. Senghor e do seu polêmico prefácio escrito por Jean-Paul Sartre -"*Orphée Noir*"- a Negritude começa a tomar contornos cada vez mais nítidos.

> *"C'est Sartre le premier qui, dans le texte intitulé 'Orphée Noir' /.../ définira la notion de la négritude et en fixera le contenu de façon à en faire un système cohérent"*(1)

Em seus pronunciamentos e escritos teóricos posteriores (reunidos nos volumes I, II e III de *Liberté*), Senghor foi minimizando a importância das condições históricas, sociais, políticas e geográficas. O negro de Sartre torna-se no discurso senghoriano um Negro Absoluto, Universal; o que o definirá prioritariamente é sua raça, não suas condições de vida.

E a principal característica deste negro é a emoção:"*Nous voilà dans le domaine royal du Nègre, qui est l'émotion*"(2). É sua grande contribuição para a Civilização do Universal enquanto a Razão, fundamento da civilização ocidental, é própria do homem branco.

> *"L'émotion est nègre comme la raison hellène"*(3)

O europeu e o africano - o branco e o negro - apreendem o mundo de formas diferentes. O primeiro se mantém

---

1 - MENIL, René - Tracées. p. 65.
2 - SENGHOR, L.S. - Liberté 1, p. 136. As aspas e o grifo são do autor: A seqüência da citação é muito interessante:"J'aurais pu citer Gobineau: qu'il me suffise de rappeler le Comte de Leyserling parlant de la 'rivalité orageuse', 'de la grande chaleur émotionnelle du sang noir'".
3 - Id., ibid., p. 24. O grifo é do autor.

à distância, frio: usa a análise como forma de conhecimento. O negro usa a sua intuição, emociona-se, identifica-se com o outro: "*Sa raison n'est pas discursive: elle est synthétique. Elle n'est pas antagoniste; elle est sympathique. /.../ La raison européenne est analytique par utilisation, la raison nègre, intuitive par participation*"(1) O *cogito* cartesiano deixa de ser universal. Senghor proclamará "*Je sens, donc je suis*"(2). É por isso que o negro recusará a tecnologia e a ciência: "*Se revendiquer comme noir, c'était avant tout tourner le dos aux valeurs de l'Occident apprises à l'école: à la Technique, à la Science, à la Raison.*"(3) O homem negro vive em comunhão com a Natureza; não faz parte de sua cultura subjugá-la:

> *"Le rapport technique avec la Nature la dévoile comme quantité pure, inertie, extériorité: elle meurt. Par son refus hautain d'être homo faber, le nègre lui rend la vie"*(4)

Em 1939, ano da publicação do *Cahier*, Césaire volta à sua terra natal. A 2ª Guerra Mundial explode enquanto ele cruza o Atlântico e praticamente isola a Martinica do resto do mundo. Césaire e sua mulher Suzanne vão lecionar no liceu Schoelcher de Fort-de-France onde encontram René Menil, Aristide Maugée e Gilbert Gratiant.(5)

---

1 - Id., ibid., p. 202. O grifo é do autor.
2 - Id., ibid., p. 141.
3 - Id., ibid., p. 134.
4 - SARTRE, J.P. - "Orphée Noir" prefácio da Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de L.S. Senghor, p. XXX.
5 - Menil colaborou em Légitime Défense e Maugée e Gratiant, em L'Etudiant noir.

A influência que Césaire exerceu como professor é atestada por inúmeros depoimentos. O próprio Césaire entrevistado por Jacqueline Leiner por ocasião da reedição da revista *Tropiques* em 1978, afirma:

> *"J'avais des disciples. C'était très important. J'ai formé des quantités de jeunes gens - qui sont maintenant des hommes - certains sont devenus des amis, d'autres des adversaires, enfin, peu importe! Ils sont tous sortis de moi, de notre enseignement. J'étais un professeur assez efficace, semble-t-il, et j'ai eu incontestablement de l'influence sur toute une génération"*(1)

As palavra de Césaire são confirmadas pelas de Herman Lorto:

> *"Aimé Césaire fit son entrée pour la première fois au Lycée Shoelcher en octobre 1940, il avait 26 ans. Pendant quelques jours, nous regardâmes avec curiosité ce jeune homme qui nous faisait alors l'effet d'un original...*
> *Bref, le lycée jusqu'alors doucement somnolent se réveillait: il respirait. Un flot d'idées s'emparait des jeunes esprits qui se découvraient soudain des vocations. Jusque-là Virgile et Sophocle nous avaient peu parlé, nous y plongeâmes avec délices"*(2)

Entre os alunos do liceu Schoelcher desta época está Edouard Glissant. Se este foi ou não aluno de Césaire - existem depoimentos contraditórios - não nos parece o mais importante: Glissant nunca negou a influência que Césai

---

1 - CÉSAIRE, Aimé - Entretien avec Jacqueline Leiner. Tropiques I, p. VI.
2 - citado por ROGET, Wilbert Joseph - Edouard Glissant and Antillanité, p. 14.

re exerceu sobre a sua geração:

> *"Son influence /deCésaire/ a été extraordinaire à cette époque (1942-1945). Il a été pour ma génération un pédagogue exemplaire, un éveilleur de consciences, l'homme qui nous a appris tout ce qui, d'habitude, n'est pas enseigné dans le lycée: Lautréammont, Rimbaud, Mallarmé"*(1)

Césaire logo percebeu que sua ação como professor não o satisfazia inteiramente. Vindo da efervescência intelectual parisiense, sofreu um choque com o "vazio cultural" (sic) das Antilhas. Resolve então criar uma revista que tivesse o papel de um "centro de reflexão". Em abril de 1941 surge o nº 1 de *Tropiques*. Seus mais assíduos colaboradores - Aimé Césaire, René Menil e Suzanne Césaire - asseguravam a continuidade da publicação.

Embora Lylian Kesteloot considere esta revista como a 3ª etapa do movimento da Negritude (após *Légitime Défense* e *L'Etudiant noir* e antes de *Présence Africaine*), a presença marcante de René Menil - crítico feroz da Negritude - bastaria para tornar a proposta estética de *Tropiques* muito mais ampla:

> *"Les textes de Tropiques renvoient /.../ non pas à une seule et même philosophie, mais à diverses philosophies, dont certaines sont apparentées et voisines, et certaines autres opposées et franchement contradictoires.*
> *Et si prédominent, en fin de compte, les philosophies de l'élan vital, de l'intuition sensible, des forces instinctives (référence, tacite à Berg*

---

1 - Le Matin. 14 déc. 1958. citado por ROGET, Wilbert.Op. cit., p. 76

> *son ou explicite à Novalis, à Nietzsche, à Freud, etc.) ce n'est pas sans prendre leur relief sur le fond contradictoire de philosophies rationalistes opposées /.../*
> *Reste que, face à un régime auquel il fallait opposer au plus vite le total refus, courant au plus pressé, les écrivants de Tropiques, inspirés à des degrés divers par une manière d'idéalisme à la fois pragmatique et romantique /.../ envisagent l'acte d'écrire comme une opération poétique de suggestion, capable, par un usage calculé du mythe fabriqué littérairement, de provoquer dans l'homme antillais un saisissement tel que, docile aux forces tumultueuses de la vie, il révolutionne la société et lui-même"* (1)

O aparecimento de *Tropiques* permitirá o encontro de André Breton e Césaire.

Em 1941, Breton estava num campo de concentração(2) nos arredores de Fort-de-France. Ao entrar numa loja de armarinhos para comprar uma fita de cabelo para sua filha, vê o 1º número da revista.(3) Ele descreve sua emoção no texto que escreveu para o prefácio da edição bilingüe (francês-inglês) do *Cahier* e que aparece pela 1ª vez no nº 11 de *Tropiques* (1944).

> *"Sous une présentation des plus modestes, c'était le premier numéro, qui venait de paraître à Fort-de-France, d'une revue instituée Tropiques. Il va sans dire que, sachant jusqu'où l'on était allé depuis un an dans l'avilissement des idées et ayant éprouvé l'absence de tous ménagements*

---

1 - MENIL, René - "Pour une lecture critique de Tropiques". Introdução à 2ª edição de Tropiques. Paris, Jean-Michel Place, 1978, p. XXXII.
2 - O termo - bastante discutível - é do próprio Breton.
3 - A loja pertencia à irmã de Menil.

> *qui caractérisait la réaction policière à la Martinique, j'abordais ce recueil avec une extrême prévention... Je n'en crus pas mes yeux: mais ce qui était dit là, c'était ce qu'il fallait dire, non seulement du mieux mais du plus haut qu'on pût le dire! Toutes ces ombres grimaçantes se déchiraient, se dispersaient; tous ces mensonges, toutes ces dérisions tombaient en loques: ainsi la voix de l'homme n'était en rien brisée, couverte, elle se redressait ici comme l'épi même de la lumière. Aimé Césaire, c'était le nom de celui qui parlait.*
>
> */.../ En plein contraste avec ce qui, durant les mois précedents, s'était publié en France, et qui portait la marque du masochisme quand ce n'était pas celle de la servilité, Tropiques continuait à creuser la route royale"* (1)

Muito se tem falado na influência que a presença de Breton teria exercido na linha editorial da revista. Mas os depoimentos de ambas as partes enfatizam que já existiria uma coincidência de preocupações, uma convergência de objetivos. Se o surrealismo europeu chegou a um impasse, nas Américas ele confundiu-se com movimentos nacionalistas extremamente férteis e geradores de obras de grande importância local e até mundial. O pensamento surrealista deu ao intelectual americano a possibilidade de gritar contra o grifo opressor da cultura ocidental, mantendo-se paradoxalmente integrado à vanguarda dessa cultura tão atacada.

Mais do que surrealista ou "negra", *Tropiques*

---

1 - BRETON, André - "Un grand poète noir". Prefácio a Cahier d'un retour au pays natal de Aimé CÉSAIRE. Paris, Présence Africaine, 1971, p. 11.

pretendia ser uma revista martinicana. Não se limitou a combater a poesia "exótica" e "folclórica". Nas suas análises sobre a produção cultural local, proclama a exigência de uma poesia autênticamente indígena. Ao lado de contos crioulos recolhidos por Lafcadio Hearn ou Gilbert Gratiant[1], publica artigos sobre a vegetação e a fauna martinicanas com o objetivo de tornar conhecida a ilha e sua história. Alguns artigos sobre a literatura cubana, haitiana e venezuelana representam uma abertura para o Caribe[2].

Tropiques publicou 11 números, três dos quais duplos, entre abril de 1941 e setembro de 1945 (13-14). Césaire, já prefeito de Fort-de-France e em campanha eleitoral para deputado da Martinica na Assembléia Nacional Francesa, não tem mais tempo para se ocupar da revista.

Mas a efervescência intelectual desencadeada por sua ação continuou a dar frutos.

Tropiques (ou Césaire) estimulou toda uma geração de novos poetas, a maior parte dos quais ainda colegiais. Paralelamente à publicação de seus últimos números surge a revista *Caravelles* (maio 44 a março 45) que opta por uma literatura voltada para os problemas políticos e sociais dos mar

---

1 - Os contos crioulos foram traduzidos para o francês. Interrogado por Jacqueline Leiner sobre o porque da ausência do crioulo numa revista tão preocupada com a autenticidade cultural, Césaire responde: "Ce que nous avions à dire, je ne sais même pas si c'est formulable en créole, du moins dans l'état actuel de la langue! " CÉSAIRE, Aimé. Entretien avec Jacqueline Leiner. Introdução à reedição de Tropiques, p. V. (O grifo é do autor).

2 - O nº 4 traz um artigo de Alejo Carpentier sobre o papel do intelectual americano: L'Evolution culturelle de l'Amérique latine. Tropiques II (12), p. 217-219.

tinicanos. Em nome do ideal humanista francês, denuncia a alienação e valoriza a herança cultural africana. *Caravelles* revela um jovem poeta, Georges Desportes, que participará com Edouard Glissant do grupo *Franc-Jeu*[1] do Lamentin. Este grupo engajado politicamente - embora apartidário - fazia circular suas produções datilografadas e provavelmente inspirou a criação dos personagens principais de *La Lézarde* de Glissant.

Como reação às propostas de *Tropiques* e *Caravelles*, a burguesia tradicional funda duas revistas que não resistirão ao tempo: *Jeunes Antilles* (1945) e *Témoignages* (1946).

Em 1946, Césaire publica seu primeiro livro (o mais próximo do surrealismo) *Les Armes Miraculeuses* onde figuram vários poemas já publicados em revistas e a primeira versão de *Et les chiens se taisaient*.

No ano seguinte, aparecem as primeiras edições (New York e Paris) em livro do *Cahier d'un retour au pays natal*, ambas com o famoso prefácio de Breton publicado já em *Tropiques*. É somente neste momento que o *Cahier* torna-se acessível ao público. Com a publicação da *Anthologie de la nouvelle poèsie nègre et malgache* de Senghor e o polêmico ensaio "*Orphée Noir*" de J.P. Sartre como seu prefácio, Césaire explode no cenário internacional das letras.

O poema relata a revolta do poeta que ao voltar para sua terra após uma longa viagem constata o quanto

---

1 - René Menil, referindo-se ao grupo em 1948 afirma:
"Groupe Franc-Jeu, Lamentin, Martinique. Ces jeunes poètes qui ont 20 à 25 ans ont publié, à cette date 6 fascicules dactylographés (textes de prose et de poésie) d'une remarquable tenue littéraire. Poèmes de Georges Guannel, Georges Desportes, Edouard Glissant". citado por GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 182.

ela dista do mito habitualmente difundido da ilha paradisíaca. Ante a visão da vida miserável de uma população sem esperanças, o poeta rememora as humilhações do passado às quais se acrescentam as desgraças de toda sua raça.

Fortalecido por este conhecimento, enrijecido por esta consciência, o poeta lança seu grito de revolta e seu apelo à luta.

Embora o *Cahier* seja uma obra de profundas raízes martinicanas, ele teve mais repercussão na África do que nas Antilhas. Por motivos de segurança - face à crescente onda de revoltas nos países africanos - talvez fosse mais interessante naquele momento para o governo francês facilitar a difusão de obras poéticas do que de manifestos políticos. O que não diminui a importância literária do *Cahier*.

Em dezembro de 1947, simultaneamente em Dakar e em Paris, aparece o 1º número da revista *Présence Africaine* fundada pelo senegalês Alioune Diop. Esta revista conta com o apoio de intelectuais franceses de grande prestígio como André Gide, Jean-Paul Sartre, Emmanuel Mounier, Albert Camus, Paul Rivet, Théodore Monod, Michel Leiris, Georges Balandier e quatro escritores negros: Aimé Césaire, Léopold S. Senghor (Senegal) Richard Wright (E.U.A.) e Paul Hazoumé (Dahomey).

Pretendendo ser a porta-voz dos negros de todo o mundo, *Présence Africaine* apresenta-se em edição bilingüe (francês/inglês). Sua tônica foi sempre a moderação, os artigos mais contundentes ficando por conta dos intelectuais franceses. Graças talvez à moderação de sua linha editorial (conduzida durante décadas por Alioune Diop) *Présence Africaine* foi a única revista a atravessar todas as crises e a se manter ainda hoje circulando regularmente. Cumprindo seu objeti

vo de ser a porta-voz da diáspora, manteve suas páginas sempre abertas para a literatura antilhana.

Um autor difícil de situar em relação à literatura antilhana - mas com vínculos profundos com a obra de Glissant - é Saint-John Perse, pseudônimo de Alexis Léger, descendente direto dos primeiros colonizadores franceses da Guadelupe.

Sua vasta obra poética, que se estende por um largo período (1910-1960), como um canto de cisne, faz o elogio da velha aristocracia crioula agonizante, sobretudo após o rude golpe desferido em Saint-Pierre.

Extremamente preocupado com a pesquisa formal, Saint-John Perse privilegia o caráter ritual - quase religioso - da palavra, do Verbo. Glissant sempre sublinhou sua admiração por esta poesia aparentemente desencarnada, pura, mas na realidade profundamente enraizada na sua terra natal.

Maryse Condé no seu livro *La poésie antillaise* não considera a poesia de Saint-John Perse (seu conterrâneo) antilhana porque sendo de família branca, aristocrática, e tendo vivido muito tempo na França e nos Estados Unidos, ele teria de uma certa forma renunciado à sua terra:

> *"La poésie de Saint-John Perse, à part certaines images, certaines structures que l'on pourrait imputer aux impressions de l'enfance, nous semble une poésie universelle, pétrie de considérations métaphysiques au sein de laquelle une quelconque identité antillaise se perçoit mal"*(1)

---

1 - CONDÉ, Maryse - La poésie antillaise. Paris, Fernand Nathan, 1977, p.11.

O que parece perturbar os críticos antilhanos é que o poeta canta seua antepassados, os colonizadores franceses, cujos crimes e crueldades não são negados. O canto do poeta é a epopéia da condição humana feita de nostalgia e discreta esperança: é o elogio do Conquistador como um deus que ordena, distribui e principalmente dá nome às coisas e pessoas.

E é esta função maior de nomear, que é também a do poeta, que permitirá a este criar uma linguagem nova, invadida (consciente ou inconscientemente) pela vivência criou la.

Glissant sublinha como o fato de Saint-John Perse ter nascido nas Antilhas marcou sua poesia:

> *"Si Perse était à un autre monde, s'il était venu ailleurs au monde, il eût certes été plus contraint par des enracinements, des atavismes, une glu de terre qui l'eût attaché ferme. La naissance antillaise au contraire le laisse ouvert à l'errance. L'univers pour l'errant n'est pas donné comme monde que le concret limite mais comme passion d'universel ancrée au concret./.../ L'écrivain actuel de ces Antilles non encore nées est par logique un produit d'exportation; là où Perse, par choix continu, s'écarte et se hausse. Il fait ainsi projet de ce qui pour nous est souffrance. Mais c'est la même passion"*(1)

No fim dos anos 40, começa a despontar nas Antilhas aquele que Maryse Condé considera como "o maior escritor da Martinica": Joseph Zobel.

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 430/431.

> *"Zobel a résolu la contradiction que se pose à bien des écrivains antillais: comment parler du peuple - et au peuple, sans se livrer à des re constitutions habiles mais artificielles"*[1] (sic)

Após um primeiro romance, *Diab'la*, publica algumas coletâneas de contos. O quadro é quase sempre um pequeno vilarejo muito pobre e os personagens são sempre dignos e orgulhosos de seus valores. A composição básica - pequenas ações quotidianas, personagens simples, ingênuos e sem complexos, ausência de grandes emoções - lembra os romances haitianos: Justin Lherisson, Jacques-Stéphane Alexis, Jacques Roumain.

Em 1950, Zobel publica *La rue Cases-Nègres* que como alguns de seus livros posteriores, é uma obra autobiográfica. Mostra o calvário de uma família (avó e mãe), que se sacrifica para que o menino, inteligente e dedicado, possa prosseguir nos seus estudos. Detentor de uma bolsa de estudos - sonho de toda família pobre das Antilhas francesas - o herói abandona o vilarejo onde vivia com sua avó e vai morar com a mãe, empregada doméstica, no aristocrático bairro dos *békés*. Apesar de mostrar os profundos contrastes entre as grandes mansões e as favelas de Fort-de-France, o livro está longe de ser um libelo. Seu gosto pelo patético anula parcialmente a crítica social. Mas Zobel é mestre na composição dos personagens - principalmente os do povo - o que explica seu sucesso. Seu interesse em descrever a beleza do povo oprimido - sua beleza "negra" - levou alguns críticos afoitos a integrá-lo na

---

1 - CONDÉ, Maryse - Le roman antillais.v. II. Paris, Fernand Nathan, 1977, p. 11.

corrente da Negritude.

Na realidade, Zobel não demonstra interesse pela "alma negra" nem pelos "valores negros universais". Preocupa-se com a miséria do seu povo que, segundo ele, é um problema que cabe à França resolver.

Zobel - como os romancistas africanos desse período - aceita o "realismo" do romance regionalista europeu. Nenhuma preocupação, aparentemente, com pesquisa de linguagem. Seus romances traem uma certa confiança na força vital do romance do século XIX que seria capaz de reproduzir a "verdade". Uma cineasta martinicana fez em 1983 um filme baseado no romance que - apesar da ênfase no pieguismo ou talvez exatamente por causa disso - tem tido um sucesso comercial surpreendente principalmente no chamado "Terceiro Mundo". A mediocridade do filme (contrastando com a obra que o inspirou) revela paradoxalmente que o romance do Zobel tem um componente emocional, transmite uma carga de energia que as análises feitas até hoje não conseguiram identificar.

A literatura deste período volta-se cada vez mais para os problemas locais. E um dos temas mais recorrentes - sobretudo se a ação se passa no meio burguês - é a discriminação racial.

Em 1952, Franz Fanon em *Peau noire, masques blancs* - analisando inclusive romances contemporâneos - denuncia o papel do preconceito de côr na sexualidade, na linguagem, na política. Médico psiquiatra, Fanon vê na ação colonial - que se exerce no império colonial francês sobretudo através da educação alienante - a causa maior da neurose do negro.

> *"La civilisation blanche, la culture européenne ont imposé au Noir une déviation existentielle. Nous montrerons ailleurs que souvent ce qu'on appelle l'âme noire est une construction du Blanc"*(1)

Como psiquiatra Fanon parte da análise psicológica do negro. Mas, marxista, recusa-se a privilegiar o individual.

> *"L'analyse que nous entreprenons est psychologique. Il demeure toutefois évident que pour nous la véritable désaliénation du Noir implique une prise de conscience abrupte des réalités économiques et sociales. S'il y a complexe d'infériorité, c'est à la suite d'un double processus:*
> *- économique d'abord*
> *- par intériorisation, ou mieux, épidermisation de cette infériorité, ensuite"*(2)

Reconhecendo a importância de Césaire, mostra a fragilidade das propostas da Negritude e, implicitamente, do culturalismo.

> *"Ce n'est pas parce que l'Indochinois a découvert une culture propre qu'il s'est révolté. C'est parce que tout simplement il lui devenait impossible de respirer"*(3)

Fanon, mais que qualquer outro homem do Caribe, integrou-se na batalha pela liberação total dos oprimidos pelo sistema colonial. Sem condições de luta na Martinica, sua terra natal, engaja-se na Revolução Argelina. Sua produção ensaística passará a ter como objeto todos os marginalizados, *"les damnés de la Terre"*(4).

---

1 - FANON, Franz - Peau noire, masques blancs. Paris, éds. du Seuil, 1975, p. 11.
2 - Id., ibid., p. 8.
3 - Id., ibid., p. 203.
4 - Título do livro de Fanon mais conhecido no Terceiro Mundo.

Se para os escritores antilhanos Césaire será sempre a paternidade reconhecida, Fanon permanece como uma sombra embaraçosa - o silêncio oficial sobre sua obra na Martinica é impressionante - mas marcante.

Um ano após *Peau noire, masques blancs*, as edições du Dragon, uma pequena casa editora parisiense que é também uma galeria de arte, publica o primeiro livro de poemas de Edouard Glissant, *Un Champ d'îles*. Seu autor tem então 25 anos e - como quase todos os escritores martinicanos - faz seus estudos superiores em Paris.

Em 1954, Glissant publica *La Terre inquiète* pela mesma casa editora.

O ano de 1956 é um ano particularmente fértil na literatura da Martinica. Realiza-se em Paris o 1º Congresso Internacional dos Escritores e Artistas Negros. Senghor e Césaire despontam como estrelas de 1ª grandeza no cenário internacional. Césaire publica a edição definitiva do *Cahier*, Glissant seu grande poema *Les Indes* e seu primeiro ensaio poético *Soleil de la conscience* (ambos os dois já numa grande casa editora - Le Seuil - o que permitirá uma maior difusão de sua obra). 1956 é também o ano da publicação do 1º livro de Georges Desportes *Les marches souveraines*. Segundo Corzani,[1] Desportes é mais lido na Martinica que Césaire e Glissant. Não seria porque a violência do tom e a transparência dos textos dão uma satisfação imediata aos engajados na luta por conquistas sociais e políticas?

---

1 - CORZANI, Jack - La littérature des Antilles-Guyane Françaises. Fort-de-France, éds. Désormeaux, 1978 (6 vols)

A publicação em língua crioula durante todo este período extremamente rico em produção de textos franceses é quase inexistente. Gilbert Gratiant, um dos colaboradores de *L'Etudiant noir* cuja obra poética em francês foi objeto de violentas críticas de *Légitime Défense*[1], publica em 1958 *Fab' Compé Zicaque* coletânea de poemas em crioulo[2] escritos ao longo de sua vida de professor e militante político. Estas fábulas, elogiadas por alguns como testemunho da cultura popular e criticada por outros por seu tratamento excessivamente folclórico, são ainda hoje muito lidas e responsáveis pelo prestígio do seu autor.

Em 1958, Glissant publica seu primeiro romance *La Lézarde* que recebe o prêmio Renaudot. Em seu artigo "*De l'invention d'un auteur: Les critiques devand Edouard Glissant*", Alain Baudot transcreve algumas das reações suscitadas por essa premiação que são altamente elucidativas das tensões existentes entre a França e suas colônias:

> *"Lauréat du prix Fémina: un écrivain belge. Lauréat du prix Goncourt: un écrivain belge. Lauréat du prix Renaudot: un nègre. Les écrivains français à peau blanche sont invités à aller se faire*

---

1 - Etienne Léro referiu-se à sua obra sem nehuma indulgência:"Chacune de ses pièces nous paraît un intempérant commentaire autour d'un poème qui était à faire. On n'y traverse pas un éclair d'innocence, pas un instant de courage, pas une tentative vers l'expression, passagère et détournée, de la violence humaine, qu'est la poèsie".Misère d'une poèsie. Légitime Défense, p. 11

2 - Gilbert Gratiant é o autor dos únicos poemas em crioulo que figuram paradoxalmente na Anthologie de la nouvelle poèsie nègre et malgache de langue française organizada por Léopold Sédar Senghor. Significativamente, por outro lado, a Antologia só publica sua poesia em crioulo.

couronner ailleurs"[1]

Glissant, nessa época, já freqüentava os meios intelectuais parisienses de vanguarda e colaborava não só em *Présence Africaine* mas também como crítico literário na revista *Les Lettres nouvelles* (dirigida por Maurice Nadeau) de cujo Conselho Diretor participava ao lado de Roland Barthes, Jean Duvignaud e outros.

Já demonstrando sua preocupação com a criação de uma nova linguagem, Glissant coloca no centro desse romance poético, um fato político recente da Martinica, as eleições para a Assembléia Nacional Francesa que indicou para deputado o prefeito de Fort-de-France, Aimé Césaire.

Maurice Nadeau comentando *La Lézarde* diz que

> *"par la vertu du langage qu'il rend, en l'occurrence, poétiquement incantatoire, Glissant nous fait prisonniers d'une 'totalité' qu'il construit peu à peu et qui comprend aussi bien la réalité géographique, économique et politique de son île qu'une reflexion sur la condition de l'homme colonisé, ses luttes et ses perspectives reliées elles-mêmes à l'universel."*[2]

Enquanto isso, os escritores "regionalistas" tradicionais continuam publicando regularmente e muitas de suas obras permanecem muito tempo nos catálogos das editoras parisienses. Alguns dos títulos são altamente sugestivos: *Titine*

---

1 - Texto de Jeune Nation citado e denunciado por Droit et Liberté de dezembro de 1958 segundo BAUDOT, Alain - De l'invention d'un auteur: les critiques devant Edouard Glissant. Oeuvres et Critiques, III (2), IV (1), nº duplo 1979, Paris, p. 34.

2 - citado por RADFORD, Daniel - Edouard Glissant. Paris, Seghers (collection Poètes d'aujourd'hui), 1982, p. 22.

Grosbonda (Gilbert de Chambertand, 1947) *Bagamba, nègre marron* (René Clarac, 1947) *Adieu foulards, adieu madras* (E.F. Léopold 1948), *Issandre, le Mulâtre* (J.L. Baghio-o, 1949), *La Négresse blanche* (Mayotte Capécia, 1950), *Mon coeur est un oiseau des îles* (Florette Morand, 1954), *Cric-crac Martinique* (E. Monplaisir, 1957) *La saison éternelle* (A. Joyay-Domoy, 1957), *Théo, le paladim martiniquais* (P. Zizine, 1959),etc.

O 2º Congresso de Escritores e Artistas Negros em Roma (1959) mostra o declínio do movimento da negritude com os violentos ataques desferidos por pensadores africanos contra Senghor apesar dos disfarçados esforços dos governos coloniais francês e belga para sustentar sua liderança. Uma nova geração de escritores exige uma definição clara sobre as relações com as respectivas Metrópoles:

> *"Sensible à la négritude du Cahier, au message anticolonialiste et socialement révolutionnaire que l'histoire au fil des ans semblait mettre devantage en relief, la génération de Franz Fanon refuse totalement pour sa part et sans hésitation les spéculations purement intellectuelles et culturelles de la négritude senghorienne /.../ À la culture de type plus ou moins folklorique que tendait à revaloriser la négritude se substitue une culture vivante en cours de formation épousant réellement le destin d'un peuple. C'est d'ailleurs toute la différence entre les deux congrès des Écrivains et Artistes noirs à Paris et à Rome. Le premier était placé sous le signe de la négritude, dominé par Césaire et Senghor, le second était hanté en fait par la pensée de Fanon".*(1)

---

1 - CORZANI, Jack - "La négritude aux Antilles françaises". In: Négritude africaine, Négritude Caraibe, p. 125.

Em 1960, Glissant publica *Le Sel noir* e em 1961 *Le sang rivé*, interrompendo em seguida o lançamento de novos poemas, só o fazendo em 1979 com *Boises*. É interessante notar que, nos anos sessenta, o maior engajamento político dos escritores martinicanos coincide com o aparecimento de um maior número de romances. Após ter publicado somente poesia (e alguns ensaios ou discursos políticos) Césaire nesse mesmo período se volta para a dramaturgia[1]: *La tragédie du roi Christophe* (1964), *Une Saison au Congo* (1967) e *Une Tempête* (1969).

No início dos anos 60, face ao processo de liberação dos países coloniais, esboça-se entre os intelectuais antilhanos que partilham as idéias de Fanon um movimento pela independência das Antilhas Francesas: Glissant, Paul Niger e outros criam o *Front Antillo-Guyannais pour l'Indépendance*. Enquanto isso, Césaire se debatia na ambigüidade de sua posição face à França e, em particular, face a De Gaulle. De toda a forma, a ruptura com a França não é uma preocupação popular; ela se restringe aos intelectuais, sobretudo (paradoxalmente) entre aqueles que vivem em Paris.

Neste período em que são numerosos os ensaios históricos ou políticos fortemente engajados, os panfletos, os manifestos, cresce a importância da publicação em 1964 do 2º romance de Glissant, *Le Quatrième Siècle* (prêmio Charles Veillon 1965). A profunda pesquisa formal quer do ponto de vista da estrutura romanesca quer da linguagem torna este li

---

1 - Em 1961 Glissant publica igualmente uma peça de teatro: Monsieur Toussaint.

vro, a nosso ver, o mais importante da literatura antilhana. Um longo diálogo entre um velho feiticeiro, morador da Montanha, e um jovem e aplicado aluno de uma escola urbana permite ao leitor entrever de maneira fragmentada a história da colonização da Martinica. O livro não é um "romance histórico"mas uma tentativa de narrar poeticamente a história do povo martinicano que não está nos livros avidamente lidos pelo jovem descendente de escravos mas na tradição oral da qual o feiticeiro, descendente dos marrons (e sem herdeiros), é depositário.

Mas esta tradição é questionada ao longo do livro pelo jovem estudante marcado pelo cartesianismo da escola francesa colonial. O futuro da Martinica está na possibilidade de a nova geração - que passou por uma longa escolaridade na cultura ocidental - ser capaz de reconstituir o seu passado em função deste futuro. O que importa realmente é o reconhecimento da existência de uma nação, de um povo que surge do encontro dos homens da Montanha (os herdeiros dos marrons) com os homens da cidade (os herdeiros dos escravos). Os que fugiram e os que trabalharam nas plantações, todos construíram um povo. Esta necessidade de definir a nacionalidade martinicana, reabilitando tudo o que nela fora considerado até então "marginal" será a tônica da obra de Glissant. E sobre o problema da língua apresentará a nosso ver propostas inéditas. Não se trata de introduzir "folclóricos" diálogos em crioulo no interior de uma narrativa em língua francesa, mas graças a um intenso trabalho de apropriação da língua francesa, implodí-la, do seu interior, procurando torná-la capaz de expressar as redundâncias, as literações, a intensidade e a riqueza de imagens, o humor um pouco amargo do crioulo. Glissant diz

que nenhum escritor da Martinica conhece o crioulo tão bem como ele. É talvez pelo fato de ter se apropriado tão fortemente das duas línguas, que ele poderá propor uma outra solução além da oposição escrever em francês/ escrever em crioulo que dominará os debates literários dos anos 70.

A literatura martinicana dos anos 60 revela uma certa confiança no futuro, acredita - ainda - no poder da cultura como instrumento de liberação. Quando Glissant é autorizado a voltar para a Martinica, sua ação será contra a alienação resultante do sistema escolar francês nas ilhas. Funda então o Instituto Martinicano de Estudos[1], mixto de Centro de Estudos e Escola Secundária para desenvolver as pesquisas e o ensino da história, da geografia, da literatura martinicana e caribenha sem prejuízo evidentemente da preparação de seus alunos aos tradicionais exames da escola francesa (o bacharelado). O IME foi um polo de dinamização cultural: promoveu conferências, seminários, exposições de arte, criou um grupo teatral. A preocupação maior foi sempre conhecer o seu país e seus parceiros culturais até então desprezados. Uma parte considerável dessas atividades está consignada nas páginas da revista do Instituto, *Acoma* (1971-1973). A justificativa do título - bastante significativa - está na citação que aparece na capa:

---

1 - Convém assinalar que muitos intelectuais "progressistas" ou "de esquerda" criticam violentamente Glissant por ter fundado uma escola "particular" incapazes de ver que o papel da escola pública na França (democratizante) não é o mesmo exercido nas colônias onde é o carro-chefe do processo de assimilação e conseqüente alienação cultural da população local.

"L'acoma franc est un des plus gros et plus hauts arbres du pays
On remarque que fort longtemps après estre coupé, le coeur en est sain, humide et plein de sève, qui si on le venait de mettre par terre"
J.B. du Tertre - Histoire Naturelle des Antilles

Em 1969, Glissant publica *l'Intention Poétique*, obra absolutamente pioneira na sua tentativa de definir uma poética antilhana. Sem negar sua admiração por escritores e pensadores do Ocidente, Glissant proclama a dignidade de todas as culturas e a necessidade de resistir à imposição de modelos universais. Neste livro, que é um ensaio poético, Glissant defende a necessidade de um "projeto" que dê à obra de cada autor um certo vetor. É a "literatura voluntária".

Nos anos 70, com a maior integração entre as ilhas e a metrópole, o processo de assimilação-alienação adquire uma força impressionante: a ilha é modernizada e entra na era do consumo de grande sedução para a juventude. Quanto mais a dependência econômica e política se acentua, se aprofunda, mais ela se mascara de "progresso". A televisão e o rádio ampliam e complementam o trabalho alienante da educação. O brado de revolta dos que resistem confunde-se cada vez mais com os gritos do desespero. E dois fantasmas rondam a literatura antilhana - particularmente a martinicana - desse período: a loucura e a morte.

Alguns títulos de livros publicados nesta época indicam a preocupação dos grandes escritores:(1)

---

1 - Os títulos aqui citados, com exceção do de Maryse Condé - peça de teatro - são todos de romances.

Vincent Placoly - *La vie et la mort de Marcel Constram* (1971)

L'eau-de mort guildive (1973)

Maryse Condé - *Mort d'Oluvémi d'Ajumako* (1973)

Edouard Glissant - *Malemort* (1975)

Jeanne Hyvrard- *Mère-la-mort* (1976)

Salvat Etchart [1] - *L'homme empêché* (1977)

L'amour d'un fou (1984)

Numa monografia apresentada à Universidade de Bordeaux, M. Odile Divialle declara que a literatura antilhana contemporânea se propõe a"*traduire un réel insaisissable qui oscille vers l'avenir en ayant les yeux rivés sur le passé qu'il s'agit alors de transcendre.*"[2]

Ora, sendo o romance uma exploração do espaço tempo, para poder traduzir a situação de angústia diante da impossibilidade dessa exploração, recorre à loucura - figura privilegiada para exprimir o lugar da inexistência do tempo, do espaço e do desvario total da palavra.

Nos seus ensaios, Edouard Glissant evidencia também uma outra tendência na literatura caribenha (latino-americana? das minorias?) contemporânea: a preocupação com a História. Como Alejo Carpenter, Gabriel Garcia Marques e outros, Glissant, Daniel Maximin, Salvat Etchart empreendem a penosa tarefa de reconstituir o passado do povo para que ele

---

1 - Salvat Etchart - francês da província basca mas profundamente integrado na Martinica, onde viveu muitos anos - suicidou-se em novembro de 1985. Se a palavra "morte" não aparece nos títulos de seus romances, ela irrompe tragicamente na sua biografia.

2 - DIVIALLE, Marie Odile - La folie antillaise dans le roman antillais contemporain: Simone Schwarz-Bart, Edouard Glissant, Jeanne Hyvrard. (ed. polycopiée) 198 , p. 29.

possa enfrentar com segurança a construção do seu futuro.

Uma preocupação emergente na literatura contemporânea das Antilhas francesas é a busca da sua linguagem própria, adequada à expressão dos seus anseios. E aí a língua francesa - que servira como um dos instrumentos de dominação cultural - passou a ser questionada.

Na esteira de uma maior difusão do crioulo haitiano - com a partida para o exílio de seus principais escritores -, assiste-se a um interesse crescente pelos estudos crioulísticos. Ao lado de algumas revistas de pequena tiragem e geralmente de curta duração, alguns poetas martinicanos publicam pequenos cadernos de poesia. Joby Bernabé, Monchoachi e Raphaël Confiant sobressaem entre os demais. Deve-se assinalar também as recentes reedições das obras em crioulo de Gilbert Gratiant e Marie Thérèse Lung Fou.

A transcrição escrita do crioulo gerou também um certo número de controvérsias que acabaram por enfraquecer a luta daqueles que pretendiam brandí-lo como bandeira da autonomia cultural. A Universidade das Antilhas - Güiana francesas tem desempenhado um papel bem ativo nesta luta com a publicação de revistas eruditas e produção de trabalhos científicos entre os quais a monumental tese de Jean Bernabé sobre o crioulo da Martinica. Gostaríamos também de lembrar aqui - principalmente pela sua análise sociológica - os trabalhos de Dany Bebel - Gisler. O título de seu livro *Le créole, for*

ce jugulée fala por si só[1]

É interessante notar que a difusão do crioulo tem se beneficiado da expansão da mídia audio-oral e que, recentemente, os autores tem prefetido o teatro e o disco (ou cassetes) como forma de expressão que permite atingir um público maior e que evita os embaraços da transcrição.

Felix-Lambert Prudent acha que hoje os antilhanos têm cada vez menos complexo de se expressar em sua língua materna; mas um outro fantasma espreita o crioulo: sua progressiva francização. Num país onde há uma absoluta estagnação econômica, onde quase nada se produz, tudo é importado da Metrópole (ou através dela) - inclusive a maneira de viver - cessam as condições para que a língua continue criando.

A solução proposta por Glissant - paradoxalmente ignorada pela grande maioria dos martinicanos - é entretanto bastante conciliatória:

> *"La première règle /.../ est que toute langue parlée par une communauté, quelles qu'en soient les conditions de déploiement, doit être élue dans son entière dignité.*
> *La seconde est que toute langue doit être promue en outil de production. Ou plutôt: que toute production dans une communauté devrait s'opérer dans les langues de cette communauté (sans exclusive*

---

1 - A nosso ver uma experiência extremamente interessante e criativa é a revista Fouyaya - que coloca lado a lado textos em francês e textos em crioulo, histórias em quadrinhos, reportagens corajosas sobre práticas religiosas que os martinicanos fingem ignorar. A criatividade dos jovens editores da revista torna-a uma verdadeira "caixinha de surpresas". Sua receptividade indica que estão no caminho certo. Infelizmente, eles não dispõem de um apoio econômico (via publicidade) que lhes garanta uma tranqüilidade financeira.

ni privilège).

Enfin, qu'il ne faut pas confondre par exemple bi linguisme et pratique de deux langues (dont l'une aurait été apprise à l'école) Le bilinguisme réel est le rapport existentiel et compromettant de deux langues dans une communauté qui les contrôle. (C'est pourquoi la diglossie est sa tentation). (C'est pourquoi leur rapport est politique):C'est pourquoi la résolution de ce compromis peut fon der une poétique"(1)

---

1 - GLISSANT; Edouard - Le Discours Antillais, p. 325.

Capítulo II

A DEPOSSESSÃO

A DEPOSSESSÃO DO ESPAÇO

O espaço americano surge aos olhos dos que aqui chegam como um desafio. Narrativas de viagens como as de Colombo, Las Casas, Père Labat, oferecem abundantes exemplos do assombro que a Terra americana provocava nos que se aventuravam a cruzar os mares:

> *"Y vi muchos árboles muy diferentes de los nuestros, y de ellos muchos que tenían los ramos de muchas maneras y todo en un pie, Y un ramito es de una manera y otro, de otra; y tan disforme, que es la mayor maravilla del mundo cuanta es la diversidad de la una manera a la otra. /.../ Aquí son los peces tan disformes de los nuestros, que es maravilla"* (1)

> *"Y los árboles todos están tan disformes de los nuestros como el día de la noche; y así las frutas y así las hierbas y las piedras y todas las cosas"* (2)

Este problema assume uma particular amplitude quando se sabe que no Caribe, e em particular no Caribe francês, em virtude do massacre da população indígena, houve uma total substituição da população local. Este fato é particularmente importante pois todos os habitantes das Antilhas francesas, hoje, descendem de pessoas que, oriundos de outros conti

---

1 - COLON, Cristóbal. Diario, Madrid, eds. Cultura Hispanica, 1972, p. 36.
2 - Id., ibid., p. 38.

nentes, chegaram à América já dentro do sistema de colonização aí implantado. Todos esses antepassados tiveram, portanto, com a terra, uma relação de estranhamento.

O espaço onde estes recém-chegados se instalaram como colonizadores, como trabalhadores engajados ou como escravos não é o espaço ancestral, berço dos seus mitos, de sua cultura, forjador de suas técnicas de trabalho. Este espaço visto como mágico, "maravilhoso" ou aterrador, perturba o recém-chegado, intranqüiliza-o. Não é um espaço dominado: não dá àquele que o habita, segurança.

Os povos que sofreram invasões, por mais violentas que estas tenham sido, na medida em que permaneciam em seu território, tinham alguma condição de resistir. A presença do inimigo, modificando suas leis ou violentando seus costumes, não era suficiente para destruir o *continuum* em que estavam inseridos. O conhecimento da terra permite-lhes preservar alguns hábitos que os mantêm como povo: a cultura de um povo está intimamente ligada à sua paisagem.

Nesta perspectiva compreende-se porque a destruição da vegetação durante a guerra do Vietnã não tinha apenas objetivos estratégicos militares mas visava também desestabilizar emocionalmente o inimigo, destruindo o seu habitat:

> *"Tout de même qu'à défolier le Vietnam les Américains tentaient de réduire les Vietnamiens"*(1)

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 261.

As civilizações dos povos chamados "antigos" foram lenta e pacientemente construídas. A terra ao seu redor funciona como um espaço protetor que eles conhecem e onde se reconhecem. O inimigo é o "invasor": elemento perturbador de uma ordem que estes povos elaboraram.

Mas este inimigo - mesmo vencedor - ao entrar no espaço do outro - mesmo vencido - é obrigado a ceder, a transigir, a compor. O espaço do outro sempre lhe oporá resistência. As guerras aí estão para dar seu testemunho: o espaço na Índia, na Rússia, no Vietnã, na África resistiu aos mais terríveis e sofisticados engenhos militares.

No Caribe, em particular na Martinica, o índio, o único a poder mediatizar este espaço para o recém-chegado foi logo eliminado e o repovoamento da ilha foi feito basicamente a partir do tráfico negreiro. Mas este repovoamento tem características muito particulares:

> *"Le peuplement, à partir de la Traite, détermine des constantes /.../ Il s'agit d'une population de transplantés, de vaincus et de déportés dont il est important de dire qu'à ce moment ils sont des déracinés".* (1)

Os primeiros martinicanos, pois, pertencem a um outro espaço: e eles sonharão com "um outro lugar". Africanos na sua maioria, durante muito tempo seu sonho será o de voltar à África. Nem que para isso tivessem que morrer (muitas etnias acreditavam que com a morte voltariam à sua terra natal, daí o grande número de suicídios). A África permanece va

---

1 - Id., ibid., p. 101.

gamente no imaginário como a terra-mãe em cujo ventre todos os problemas seriam resolvidos. Este sonho confuso vai se esmaecendo à medida que as gerações se sucedem.

Mas, o colonizador, para fazer face ao perigo oriundo da desproporção entre o grande número de escravos e libertos e a pequena aristocracia branca, instala a política da discriminação racial. E os escravos aprendem desde a infância que sua côr é um estigma de inferioridade e o branco detêm o monopólio do Belo, do Bom e da Verdade. Progredir, melhorar, é necessariamente aproximar-se do padrão europeu, renegar a origem africana. E quando alguns poucos privilegiados conseguem emergir deste povo esmagado (graças sobretudo à escola), o seu sonho não mais será a volta à África, mas o acesso à cidadania francesa.

> *"À l'ideal du retour à l'Afrique se substitue sans hiatus l'idéal de la citoyenneté française"*(1)

A terra natal em nenhuma ocasião é percebida como terra-mãe.

Por outro lado, a colonização estabelece na ilha a monocultura da cana de açúcar, que é fator determinante na formação da sociedade martinicana. No sistema de Plantação, a ligação do homem com seu espaço é esterilizante. Para o proprietário, a terra é apenas o lucro rápido: a cana avassaladora destrói a paisagem. Para o escravo, ela significa o trabalho esgotante. Em nenhum momento, existe a preocupação de pre

---

1 - Id., ibid., p. 107.

servar, de poupar, de instaurar algo duradouro. A terra não é vista como tal: é dinheiro ou sofrimento. Hortas, jardins ou pomares que significam uma relação de amor com a terra, são relegadas neste sistema a plano secundário ou mesmo proibidas.

Esta repulsa do escravo pela terra adquire contornos particularmente dramáticos na prática pelas mulheres de comer terra para abortar:

> *"/.../ la terre pour mourir, la terre pour être stérile"*(1)

Assim como esta terra não é o espaço ancestral, ela também não é o espaço possuído.

Porque nada mais foi proposto para substituir o sistema de plantação que se desmoronava, a relação do martinicano com a sua terra continuou frágil. A impossibilidade de gerir sua própria economia e de decidir sobre a ocupação do território, a instauração de um sistema "assistencial", concedido sem que lutas fossem travadas, ou sem que critérios locais fossem priorizados, tudo isso leva à alienação, ao escamoteamento da realidade circundante.

> *"L'espace martiniquais est un anti-espace, limité au point de rogner sur l'être divers au point de le multiplier infiniment. Ambiguïté. C'est là une île qui est comme une anthologie des paysages qu'on appelle tropicaux. Mais il n'est pas indifférent de reprendre ici la constatation que jamais le Martiniquais n'a le pressentiment ni l'inconscient tremblement de maîtriser cet espace. Tou*

---

1 - Id., ibid., p. 97.

> *te collectivité qui éprouve la raide impossibilité de maîtriser son entour est une collectivité menacée".* (1)

O problema da depossessão do espaço (ou da dependência econômica) na Martinica gera o que Glissant chama de "irresponsabilidade técnica". Se o "progresso" tecnológico é importado, é decidido fora do país, a população manipula estes novos instrumentos sem compreendê-los muito bem uma vez que existe um hiato entre sua cultura, seu quotidiano e a tecnologia importada e imposta. Esta inadequação, que só pode ser superada pela apropriação dos meios de produção por aqueles que a produzem, leva ao desajuste, à alienação, ao esvaziamento cultural, à folclorização, à "irresponsabilidade técnica":

> *"/.../ il faut /.../ prendre le mot 'technique' au sens de la médiation concertée d'une collectivité à son entour"*(2)
>
> *"Je crois que ce qui fait /la/ différence entre un peuple qui se continue ailleurs, qui maintient l'Être, et une population qui se change ailleurs en un autre peuple (sans pourtant qu'elle succombe aux réductions de l'Autre) et qui entre ainsi dans la variance toujours recommencée de la Relation (du relais, du relatif), c'est que cette population-ci n'a pas emporté avec elle ni continué collectivement les techniques d'existence ou de survie matérielles et spirituelles qu'elle avait pratiquées avant son transbord. Ces techniques ne subsistent qu'en traces, ou sous forme de pulsions ou d'élans".* (3)

---

1 - Id., ibid., p. 276.
2- Id., ibid., p. 29.
3 - Id., ibid., p. 29.

O africano que chega à América como escravo não traz seus objetos de culto, nem seus instrumentos de trabalho, nem suas vestes tradicionais, enfim nada do que se cercava na sua vida quotidiana em sua terra natal. Privado de sua família, de seus companheiros, impossibilitado até mesmo de falar sua língua, ele é o "migrante nu": sua relação com a terra desconhecida será mediatizada por objetos que lhe são "estranhos". Isto terá como conseqüência imediata seu desinteresse inicial pela possibilidade de melhoria de suas condições de vida, alheamento que deverá marcar o inconsciente coletivo martinicano.(1)

O outro aspecto a ser considerado é a relação entre consumo e cultura. Na Martinica, enquanto o consumo aumenta nas últimas décadas num rítmo vertiginoso (duas vezes mais que na metrópole) a produção desaparece. Isso significa não só que o alto nível de vida se apoia numa base econômica extremamente precária mas também que o martinicano está cercado de objetos que não foram nem criados nem executados por ele. Ou seja, sua relação com o mundo exterior continua sendo mediatizada por objetos concebidos pelo Outro, *"des objets*

---

1 - Glissant define o que ele entende por inconsciente coletivo:
"Ce que j'appelle /.../ l'inconscient collectif des Martiniquais n'est donc certes pas 'constitué' de la trace d'archétypes universels, mais résulte négativement d'expériences communes non achevées, et par conséquent de rapports détériorés à l'entour. (Pas detradition terrienne, pas de médiation technique, pas de violence collective résolutoire, pas de dépassement politique)". Le Discours Antillais, p. 288.
Franz Fanon já escrevera em 1952:
"Jung situe l'inconscient collectif dans la substance cérébrale héritée. Mais l'inconscient collectif, sans qu'il soit besoin de recourir aux gènes, est tout simplement l'ensemble de préjugés, de mythes, d'attitudes collectives d'un groupe déterminé". Peau noire masques blancs, p. 152.

non issus de son projet"(1)

> *"Car l'objet n'est pas neutre. D'abord et principalement importé, et donc produit ailleurs, il est le siège d'une intention culturelle: 'La production est en effet un moment fonctionnel d'une structure culturelle' et 'le système de production tout entier est un domaine d'intentionnalité culturelle'"*(2)

Se partirmos do princípio de que na base de toda reflexão de Glissant sobre literatura está a proposta de uma poética antilhana (ou talvez poderíamos dizer mais ousadamente "americana"), o problema da depossessão do espaço e esta nova poética se articulariam a partir de uma redefinição da função da paisagem.

> *"Le rapport à la terre, rapport d'autant plus mênacé que la terre de la communauté est aliénée, devient tellement fondamental du discours, que le paysage dans l'oeuvre cesse d'être décor ou confident pour s'inscrire comme constituant de l'être. Décrire le paysage ne suffira pas. L'individu, la communauté, le pays sont indissociables dans l'épisode constitutif de leur histoire. Le paysage est un personnage de cette histoire. Il faut le comprendre dans ses profondeurs".*(3)

Na medida em que a paisagem não foi ao longo dos anos dominada, este desconforto da relação com o espaço será responsável por essa nova função.

---

3 - LOUIS, Michel - Sur la consommation - consumation? - en Martinique. Les Temps Modernes 39: (441/442), avr./mai, 1983, p. 190..
2 - Id., ibid., p. 1905.
3 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 199.

Na tentativa de identificar essa função recorremos a alguns apoios teóricos tornecidos pela produção ocidental. Como bem assinala Antonio Dimas em seu Espaço e Romance, no "quadro da sofisticação crítica a que chegaram os estudos sobre o romance, é fácil perceber que alguns aspectos ganharam preferência sobre outros e que o estudo do espaço ainda não encontrou receptividade sistemática".(1)

O estudo do espaço no romance confunde-se quase sempre com o estudo da descrição. Philippe Hamon,no início de seu trabalho sobre a descrição, assinala que esta é considerada muitas vezes como um meio de *faire du texte* ou, como diríamos no Brasil, de "encher papel". Esta idéia de "expansão textual" se liga à concepção tradicional da descrição como fruto de uma série de procedimentos retóricos.

No Renascimento

> *"décrire, ce n'est jamais décrire un réel, c'est faire la preuve de son savoir-faire rhétorique, la preuve de sa connaissance des modèles livresques"*(2)

A descrição neste caso poderia, segundo Hamon, correr alguns riscos que preocuparam particularmente os teóricos: a introdução no texto literário de um vocabulário altamente especializado (botânica, arquitetura, etc.) aumentando o seu grau de ilegibilidade;a liberação do leitor de uma certa necessidade seqüencial na leitura fortalecendo o aspecto "ocasional" da comunicação na obra literária e a possibilidade da descrição tornar-se autônoma em relação ao conjunto do

---

1 - DIMAS, Antonio - Espaço e Romance, São Paulo, Ática, 1985, p. 6.
2 - HAMON, Philipe - Introduction à l'analyse du descriptif. Prais, Hachette, 1981, p. 12.

texto prejudicando a unidade da obra:

> *"Tout le discours normatif classique sur la description passera, plus ou moins explicitemente selon les époques, par la mise au point de batteries de règles et de préceptes destinés à conjurer ces trois dangers. Cette normativité est présupposée, on le voit, à la fois par une conception de l'oeuvre (qui ne doit pas être agrégat instable de 'morceaux' ou de 'détails'), par une conception de la communication (qui doit être efficace, finalisée et controlée), et par une conception de la langue (médium à la fois transparent et neutralisé qui doit exclure les idiolectes trop spécialisés des lexiques du travail);aussi, ajoutons-le, par une conception de l'homme (donc des 'personnages') qui doit rester le centre de l'oeuvre"*(1)

Na literatura ocidental,a paisagem - como o demonstra Curtius - passou por um processo de tecnicização e intelectualização e sua descrição acabou resultando numa série de *topoi*. Embora o estudo de Curtius se detenha no século XII, alguns desses *topoi* - como o *locus amoenus* - persistiram até a literatura moderna e marcaram profundamente a produção literária européia:

> *"On peut dire que l'Europe littéraire s'est constituée autour de la topique de la source et du pré"*(2)

As convenções literárias resultantes se orientariam então para o detalhe, para a "exposição consecutiva", para a harmonia. A um espaço dominado, conhecido, corresponde

---

1 - Id., ibid., p. 16.
2 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 255.

ria uma poética que assumiria uma postura altamente tecnicizante (as exceções ou superações seriam reações a esta postura). A descrição supõe uma organização, um sistema pré-existente.

Emile Noël, na sua Introdução à obra coletiva *L'espace et le temps aujourd'hui*, afirma que *il semble /.../ aller de soi, pour un adulte occidental contemporain que l'espace et le temps sont organisés, structurés*(1)

Segundo Raymonde Debray-Genette, é com a estética realista que cresce a importância do detalhe na descrição do espaço, em particular o detalhe final.

> *"Chez Balzac le détail extrême est un point à la fois conclusif et introductif, le point où convergent les deux angles de vie qui lui importent: le social et le narratif"*(2)

O detalhe último passa a ter nesse caso a função de suporte do sentido do texto: o que supõe não só uma organicidade do texto mas principalmente uma apropriação do espaço a ser descrito.

> *"Pour Stendhal, tout est dans le petit détail, vrai et révélateur /.../ et l'ultime détail est comme la pointe d'aiguille qui va perforer le tissu, provoquer une déchirure. De cette blessure s'écoulera le roman"*(3)

Para Glissant, a poética ocidental, em particular a poética rimbaldiana, é a poética da fulguração (ou poé

---

1 - ALEGRIA, BARREAU et autres - L'espace et le temps aujourd'hui. Paris, éds. du Seuil, 1983, p. 7.
2 - DEBRAY-GENETTE, Raymonde. Traversées de l'espace descriptif. Poétique (51) sep., 1982, p. 331.
3 - Id., ibid., p. 333.

tica do instante). Assim nos sonetos, nos poemas de Rimbaud é o "detalhe" final que ilumina retrospectivamente todo o poema.

Embora Glissant nunca tenha explicitamente aproximado os dois conceitos (a fulguração e o detalhe privilegiado, detonador do conhecimento), acreditamos que ambos se inseram dentro de uma mesma poética. Ambos permitem supor uma apropriação do mundo, conhecido do escritor e do seu leitor, ambos atestariam a existência de uma cumplicidade entre estes dois últimos, como parece indicar o texto de Raymonde Debray-Genette:

> *"Les paysages se regardent les uns les autres comme des tableaux superposés. Mais cette symphonie est comme les opéras wagnériens: on n'en comprend le tout que si l'on connaît les mythes qui les relient et qui racontent l'histoire de l'humanité"*(1)

Na poética glissantiana não há detalhe significativo; na medida em que o espaço ainda não foi repertoriado (e talvez nunca o seja) nada poderá significá-lo de forma privilegiada. O que importa é acumular os detalhes, proceder a um "inventário do real". Essa recusa - inicial - de privilegiar o detalhe significativo pode dar ao leitor ocidental uma sensação de inacabamento, de caos. A poética antilhana refere-se a um espaço a ser dominado, a um tempo a ser reconstruído, a um povo que deve se reconhecer como tal. Daí a dificuldade crítica: analisar um corpus sem momentos privilegiados ou esclarecedores.

---

1 - Id., ibid., p. 339. O grifo é nosso.

> *"Nos tâches sont aujourd'hui d'insertion. Non plus la généralité prodigieuse du cri, mais l'ingrat recensement du détail du pays".* (1)

Por outro lado, como o espaço americano não foi literariamente codificado, ele transmite uma certa violência. É um espaço aberto, disponível, infinito. Ele não está submetido a uma lógica, ele não pertence à História mas deixa perceber todas suas histórias que querem vir à tona.

> *"J'ai déjà dit que ce paysage est plus démésuré dans nos littératures que la conformité physique de nos pays ne le laisseraient à croire. C'est qu'il n'est pas saturé d'une Histoire mais bouillant de tant d'histoires convergentes, éparpillées à l'entour, pressées de se joindre sans s'annihiler ni se réduire".* (2)

A sensação de violência que a paisagem literária antilhana contemporânea transmite vem também do fato de que ela precisa romper a poderosa e macia barreira construída pela alienação. Aparando as arestas, diluindo as especificidades, procurando adequar-se ao Modelo, a literatura alienada-alienante do exotismo impediu que fosse articulada uma palavra legitimada pela coletividade.

> *"Le possible d'un paysage, c'est ce par quoi il fait qu'on s'oppose à la généralisation neutralisante. Autrement dit, ce que je découvre qu'il a mis en moi, qui me permet de m'égarer mais non pas de me perdre"* (3)

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 265.
2 - Id., ibid., p. 264. O espaço é um espaço-tempo.
3 - Id., ibid., p. 261.

O grande desafio lançado ao escritor martinica no contemporâneo reside justamente no fato de que cabe a ele construir pacientemente sua paisagem literária. Se a produção literária de um passado bastante recente é pródiga em exemplos onde o próprio espaço é percebido como exótico - coqueiros, praias e vegetações "luxuriantes" - a produção oral tradicional, em particular os contos, não oferece um material que possa servir de base para uma poética da paisagem.

Como demonstra Maryse Condé em *La civilisation du bossale*(1), o conto oral crioulo é uma produção antilhana onde contos africanos de origens diversas modificam-se mais ou menos profundamente não só pelas condições de vida do escravo como também pela influência da literatura popular européia. Ele permanece como um dos testemunhos mais importantes (apesar das dificuldades encontradas para sua coleta e transcrição) da cultura popular na sociedade escravagista.

No seu ensaio"*Poétique naturelle, poétique forcée*"Glissant sublinha a ausência, no conto crioulo, de referências à geografia da região.

> *"ce qui frappe, c'est l'acuité vide du paysage dans le conte créole: le paysage y est épuré, un plan de lieux successifs, que l'on traverse; la forêt et la nuit, la savane et son soleil, le morne et sa fatigue. Lieux de passage précisément. /.../ Des végétations peuplent bien sûr ces itinéraires, des faunes les balisent. Mais il importe de savoir que si le lieu est indiqué, il n'est ja*

1 - CONDÉ, Maryse - La civilisation du bossale. Paris, Éds. L'Harmattan, 1978.

> *mais décrit. La description du paysage n'est pas un moment du conte. Le plaisir ni la jouissance du décrire n'y sont en acte. C'est que le paysage dans le conte n'est pas destiné à être habité: lieu de passage, il n'est pas encore un pays".* (1)

Ora, se a descrição da paisagem está ausente do conto crioulo ela o está igualmente no conto maravilhoso europeu. Todos os contos mais conhecidos se situam num tempo e num lugar indefinidos. A leitura de contos africanos - cujas edições raramente precisam a maneira como eles foram recolhidos - confirmou nossa impressão inicial de que eles, como seus congêneres europeus, preocupam-se fundamentalmente com a ação de seus personagens.(2)

Qualquer que seja a explicação para essa ausência da descrição da paisagem no conto crioulo, essa ausência é um fato que pode ser constatado. E ela aumenta o desafio que a elaboração de uma poética significa.

Embora as reflexões de Glissant se apresentem habitualmente de forma fragmentada, é possível identificar alguns dos seus conceitos mais recorrentes. Para tal julgamos particularmente importantes seus comentários como crítico de

---

1 - GLISSANT, Édouard - Le Discours Antillais, p. 242.

2 - Ao analisar longamente os contos do griot Amadou Coumba (Senegal) transcritos pelo escritor senegalês Birago Diop, o prof. Mohamadou Kane salienta o seu enraizamento na geografia local: "L'évocation des réalités géographiques permet de montrer que le conte est de tel ou tel pays et non d'un autre /.../ Dans certains cas on note une abondance remarquable de détails géographiques" (KANE, Mohamadou - Essai sur les contes d'Amadou Coumba, p. 71). Ora, como é enfatizado que os contos onde as descrições são mais abundantes são exatamente aqueles que se passam em regiões que Diop conhecia particularmente bem, fica difícil saber o que veio da tradição oral e o que foi "precisado" por Diop.

arte. Os textos de Glissant sobre a pintura de Wifredo Lam e Matta dão-nos indicações preciosas sobre a estética do espaço na América.

> *"Chez Wifredo Lam, la poétique du paysage américain (accumulation, dilatation, charge du passé, relais africain, présence des totems) est dessinée. Du redoublement dru de la jungle aux aérés à peine touchés de couleurs, où tant d'oiseaux mythiques se posent. Peinture de l'enracinement et peinture de l'envol"* (1)

O conceito de acumulação(2), um dos mais importantes do pensamento glissantiano, é também dos mais fecundos para a elaboração de uma poética americana.

A acumulação seria uma apropriação da realidade pela repetição, pelo tateamento. É o processo adequado à abordagem do descontínuo. Face a uma realidade fugidia, uma aproximação incessante.

Quando a relação de um povo com o que o cerca está obliterada pela intervenção de uma outra cultura cujo poder maior advém de uma dominação mais ampla (econômica, política), a conquista por esse povo do seu próprio espaço só pode ser feita pela acumulação. A seleção, a triagem poderia levar a eliminar tudo o que não pudesse ser integrado ao Modelo dominante.

Num processo de investigação, quando fazemos a cada momento uma escolha entre as reflexões, uma seleção dos

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 230.

2 - A palavra "accumulation" surge na própria definição que Glissant faz de cultura:
"/.../ l'accumulation de ses expériences /d'un peuple/ (ce que nous apellerions sa culture). Le Discours Antillais, p. 130.

dados, tornamos o caminho mais claro, o raciocínio mais coerente pelo simples fato de termos eliminado tudo o que foi vislumbrado mas cujos elos com o que está à sua volta não nos é perceptível. A inserção num sistema, a adoção de um modelo tranqüiliza mas castra. Leito de Procusto. Para que nada se perca, uma vez que tudo importa, é necessário inicialmente acumular. Para Glissant a acumulação se faz necessária na tentativa de apreensão de uma realidade fragmentada:

> *"L'accumulation est la technique la plus appropriée de dévoilement d'une réalité qui elle-même s'éparpille. Son déroulé s'apparente au ressassement de quelques obsessions qui enracinent, liées à des évidences qui voyagent. Le trajet intellectuel en est voué à un itinéraire géographique, par quoi la 'pensée' du Discours explore son espace et s'y tresse".* (1)

A acumulação se oporia ao saber classificatório, em fichas. A paisagem glissantiana não faz apelo à sistemática, não exibe um saber. Não há profusão de nomes de árvores, de plantas tão ao gosto da literatura "regionalista" que responda às exigências da cultura metropolitana.

> *"Je répugne à serier les nome des arbres, des oiseaux, des fleurs /.../ Quelle, cette fleur rouge? La fleur simplement, qui vente dans l'élévation du Tout".* (2)

A acumulação (a repetição) seria nessa perspectiva a mímesis do processo não intelectual da apreensão do desconhecido, do estranho, do processo que chamaríamos de "po

---

1 - Id., ibid., p. 13.
2 - Id., L'Intention Poétique, p. 48.

pular"em oposição ao processo "científico" ou tecnológico, exclusivo de uma "elite" e vinculado à ideologia do grupo dominante.

A acumulação é também um procedimento com a marca da expressão oral. A simples tarefa de transcrever um debate evidencia a necessidade de suprimir as repetições, de resumir, eliminando as redundâncias. E é a redundância que Glissant coloca como um dado fundamental da pintura chamada *naïve* e do texto oral.

> *"/Le naïf/ supporte et fait ressortir un donné fondamental: la redondance. Il y a un art de la répétition qui est propre au texte oral et au signe peint dit naïf"* (1).

Considerando a extensão do conflito entre língua oral e língua escrita nas Antilhas (em particular as francesas), a acumulação como técnica de apropriação da realidade assume uma particular importância. O signo privilegiado da acumulação é a floresta:

> *"La forêt du marronnage fut ainsi le premier obstacle que l'esclave en fuite opposait à la transparence du colon. Il n'y a pas de chemin évident, pas de ligne, dans ce touffu. On y tourne sans transparence jusqu'à la souche première"*(2)

A floresta é o espaço que resiste à invasão da Ordem, do Sistema. Na sua espessura, ela permite o reencontro com as raízes. É claro que a floresta aqui é a floresta americana. No continente europeu ela tem um outro significado, uma

---

1 - Id., Le Discours Antillais, p. 270.
2 - Id., ibid., p. 150.

outra função na paisagem. Europeus e americanos não vêem a floresta da mesma forma. Quando Glissant, em 1968, enunciou a oposição entre o ordenado e o denso da paisagem, o problema já se colocava para ele com bastante clareza. O que não estava resolvido era o significante. Com um aparente embaraço, Glissant usa a palavra árvore para designar o que chamará mais tarde de floresta.

> *"(Quand je dis: arbre, et quand je pense à l'arbre, je ne ressens jamais l'unique, le tronc, le mât de sève qui apposé à d'autres groupera cette étendue fendue de lumière qu'est la forêt. La forêt européenne me ravissait ailleurs: j'allais aux sous-bois d'Hesdin comme dans un univers simplifié où l'avenue et la perspective, au plus épais fourré, se promettaient. Mais l'arbre est ici l'élan, le Tout, la densité bouillante. Que j'essaie maladroit de dessiner un arbre, j'aboutirai à un pan de végétation, où seul le ciel de la page mettra un terme à la croissance indéterminée. L'unique se perd dans ce Tout)"*(1)

Neste texto de Glissant (um de seus primeiros), floresta seria um agrupamento de árvores que deixaria supor a existência de uma certa ordem. A floresta se situaria pois num mundo possuído, dominado. Por outro lado, árvore significaria não uma unidade, mas um conjunto de plantas, um elemento indistinto da paisagem.

No seu ensaio *"Le Roman des Amériques"*, floresta está ligada à palavra *"foisonner"* que tem o sema de quantidade (como a acumulação):

---

1 - Id., L'Intention Poétique, p. 48.

> *"La parole et la lettre mêmes du roman américain sont nouées à une texture, à une structure mobiles de ses paysages. Et la parole de mon paysage est d'abord forêt, qui sans arrêt foisonne. Je ne pratique pas l'économie du pré, je ne partage pas la tranquillité de la source".*(1)

Acumular, repetir seriam processos de uma poética da duração. Esta poética (que se opõe à poética da fulguração) seria a poética de um novo tempo, a expressão das culturas da face oculta do mundo, sua possibilidade de integração numa Relação Universal.

> *"Les vérités de l'human n'éclatent pas aujourd'hui dans la fulguration crispée, mais s'évaluent par la redite, l'approximation difficile, chaque fois recommencée, d'une théorie d'évidences (à peu près, de banalités) dont la conscience refuserait ici et là les leçons. La fulguration est l'art de bloquer l'obscur dans sa lumière révélée; l'accumulation, celui de consacrer l'évident sur sa durée enfin perçue. La fulguration est de soi, l'accumulation est de tous".*(2)

Marca do coletivo, a acumulação não hierarquiza: etapa fecunda da elaboração de um povo, de uma língua, de uma paisagem.

> *"Une tache colossale que l'inventqire du réel. Nous amassons des faits, nous les commentons,mais à chaque ligne, à chaque proposition énoncée,nous ressentons une impression d'inachèvement"*(3)

---

1 - Id., Le Discours Antillais, p. 255.
2 - Id., L'Intention Poétique, p. 49.
3 - FANON, Franz - Peau noire masques blancs. Paris, Seuil, 1975, p. 139. Colocado em epígrafe a Le Discours Antillais.

A acumulação não visa a ocultação. Muito pelo contrário ela deve permitir o aparecimento de uma base que será progressivamente constituída a partir das várias camadas que as repetições forem nela depositando. Este processo, necessariamente longo, num determinado momento levará à sedimentação. Só então haverá condições para o enraizamento.

É a partir deste enraizamento que deverá haver uma reconquista da memória coletiva apagada sistematicamente pela cultura oficial. Toda paisagem é carregada de história mas, nas Antilhas, a paisagem ainda não revelou a sua.

Em 1955, Glissant escreve em seu primeiro ensaio poético:

> *"L'exotisme est bien mort, á partir du moment où la géographie cesse d'être absolue (c'est-à-dire, ici, limitée à elle-même) pour commencer d'être solidaire de son histoire qui est celle de l'homme. La confrontation des paysages confirme celle des cultures, des sensibilités: non pas comme exaltation d'un Inconnu, mais comme manière enfin de se débarasser de son écorce pour connaître sa projection dans une autre lumière, l'ombre de ce que l'on sera"*(1)

Nos romances de Glissant a Martinica é apresentada como uma paisagem onde toda a história da ilha pode ser lida. Ao norte, a montanha, a floresta, o lugar da tradição. Para lá corriam os escravos em busca da liberdade. Esses homens da montanha passam a ser os depositários do saber africano. Porque a floresta é densa, porque as plantas têm espinhos

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Soleil de la Conscience, p. 69.

é que os capatazes e os cães não conseguiram capturar os fugitivos. Porque as árvores são altas, a luz do dia nunca penetra totalmente. E o reino da escuridão facilitará certas práticas religiosas, certas crenças. Porque a floresta está no alto da montanha não poderá haver concentração dos escravos fugidos, não haverá quilombos. E a montanha resistirá até hoje, permanecendo o espaço do entrelaçamento, da sinuosidade nascente do rio.

O centro é a planície, o espaço da cana. Do escravo submetido ao trabalho da Plantação. O espaço do compromisso: a terra que produz o sustento e o sofrimento. A planície é também o lugar da cidade, o novo espaço onde a herança africana, a educação européia se tornam americanas. O centro é o espaço da intelectualidade: transparente, rentável, angustiado.

O Sul é a ameaça do ridículo. Tudo girando em torno dos turistas. Um espaço para os outros.

Percorrer o espaço é pois percorrer o tempo. E a posição de Glissant aparece como muito próxima da do geógrafo Milton Santos:

> *"Un paysage donné, considéré à un point précis dans le temps, représente différents moments du développement d'une societé. Le paysage est le résultat d'une accumulation de temps"*(1)

---

1 - SANTOS, Milton - De la société au paysage. La signification de l'espace humain. Hérodote. Paris, 9 jan/mars, 1978, p. 67.

Poderíamos afirmar então que o problema da paisagem para Glissant é um problema de vida ou morte.

Uma pequena coletividade insular do Caribe, habitada por descendentes de africanos importados como escravos, cujo povo tem o mais alto padrão de vida da região sem ter nenhuma forma de produção, cujo sistema escolar está integrado no sistema francês (inclusive nos programas), cuja televisão não tem praticamente emissão local além de notícias esportivas, cujo destino é decidido a 7000 km de distância: esta coletividade está aparentemente destinada à assimilação total, ao desaparecimento.

Para que ela possa sobreviver, precisa alimentar-se de suas raízes, recuperar suas práticas tradicionais cada vez mais esmaecidas. Voltar para as suas raízes não significa folclorizar-se. Na realidade, porque até mesmo as raízes ainda estão precisando serem identificadas. É por isso que a literatura desses países não pode ser harmoniosa, tranqüilizadora. Ela é a procura inquieta, muitas vezes desesperada, quase sempre caótica, do elo entre dados que se acumulam ainda desconexos.

Mas todos se ligam à terra, à mesma paisagem. Esta terá pois que ser pacientemente reconhecida, suas marcas reveladas para que a comunidade possa construir sua memória apagada por séculos de dominação. Na literatura dos povos emergentes, a paisagem tem uma função vital.

La signification ("l'histoire") du paysage ou de la Nature, c'est la clarté révélée du processus par quoi une communauté coupée de ses liens ou de ses racines (et peut-être même, au départ, de toute possibilité d'enracinement) peu à peu souffre le paysage, mérite sa Nature, connaît son pays. Approfondir la signification, c'est porter cette clarté à la conscience. L'effort ardu vers la terre est un effort dans l'histoire. Il n'y a pas ici de matière donnée qui soit sauve de la passion du temps. Vous me déportez sur une terre nouvelle (c'est une île), vous me ravissez de l'esprit et jusque du tréfonds de moi la science de la terre ancienne, vous m'opposez que la terre nouvelle n'est qu'à vous, et ainsi dois-je descendre les âges, loin de terre. Voici alors (à force de piéter) que je sens la terre sous mes pieds: je repousse aussitôt dans l'hier, je tâte les fonds du temps irrémédiable, j'ensable l'oubli et dévale l'an, je reconquiers ma mémoire et donne valeur à mon inspiration: c'est brasser la terre et planter son arbre.[1]

---

1 - GLISSANT, Edouard - L'Intention Poétique, p. 196.

A DEPOSSESSÃO DA HISTÓRIA

Um dos problemas mais recorrentes e obsessivos entre os intelectuais antilhanos - entre eles os martinicanos - e que constitui um dos seus traços comuns mais evidentes, é a preocupação com o passado, com a história. Segundo Glissant isso se daria porque:

> *"Les Antilles sont le lieu d'une histoire faite de ruptures et dont le commencement est un arrachement brutal, la Traite. Notre conscience historique ne pouvait pas 'sédimenter', si on peut ainsi dire, de manière progressive et continue, comme chez les peuples qui ont engendré une philosophie souvent totalitaire de l'histoire, les peuples européens, mais s'agrégait sous les auspices du choc, de la contraction, de la négation douloureuse et de l'explosion. Ce discontinu dans le continu, et l'impossibilité pour la conscience collective d'en faire le tour, caractérisent ce que j'appelle une non-histoire".* (1)

O que hoje chamam de história da Martinica é, segundo Glissant, uma sucessão de eventos, ocorridos ou decididos na metrópole e aos quais fica atrelada a vida da colônia.

> *"Qu'est un événement, pour nous? Un fait qui s'est produit ailleurs, sans nous, et qui retentit pourtant (pour autant) ici et en nous. Par quoi*

---

1 - Id.,- Le Discours Antillais, p. 130/131.

> *ce qui se fait dans le monde, au même degré que ce qui ne se fait pas ici, nous coupe du monde".* (1)

Assim como do ponto de vista da ocupação do espaço, as decisões são tomadas na Metrópole, a história das Antilhas francesas tem sido apresentada em função de uma necessária coerência com os rumos que os povos hegemônicos imprimiram à sua própria história. Inserida, pois, no interior da história francesa, só restou oficialmente dela o que estivesse claramente vinculado aos acontecimentos da metrópole. Mas o mais grave é que grande parte da população antilhana não tem consciência desse problema.

> *"L'une des réussites les plus marquantes de la déculturation subie par les sociétés antillaises a été et demeure son incapacité à se penser dans un contexte historique cohérent, a se situer dans la chaîne des événements qui, dans le temps, constituent son histoire, à mémoriser les étapes, les temps forts de cette histoire, à ressentir sa filiation avec tous ceux qui, de génération en génération, ont contribué à l'accession de l'homme antillais à la qualité d'agent historique".* (2)

Assim a mais simples tentativa de recuperar um pequeno fragmento da memória coletiva esbarra na própria resistência da população que seria obrigada a pôr em cheque a coerência aparentemente tranqüilizadora da visão metropolitana. Sem o apoio das instituições oficiais (que são francesas), torna-se difícil levar a cabo pesquisas que supõem projetos

---

1 - Id., ibid., p. 100.
2 - BANGOU, Henri - L'aliénation antillaise. Europe, Paris, 58(612) avr. 80, p. 46.

envolvendo necessariamente grandes gastos. Restam algumas pesquisas individuais. Mas como uma pesquisa individual necessariamente parcelada poderia se opor à grande máquina da pesquisa histórica francesa?

Por outro lado existe uma necessidade, para a comunidade, de se conhecer, necessidade angustiante e urgente porque a coletividade que perdeu o sentido da sua história não consegue se projetar para o futuro.

> *"Cette histoire non assumée, où ne s'agrège aucune conscience commune décisive, ne laissera que des résidus: au niveau de l'inconscient collectif un trauma de la discontinuité (les 'pans'), une hantise de l'impossible (la peur de soi)".* (1)

O contínuo aparente - a sucessão de períodos, a lista de governadores, a "coerência" entre os movimentos locais e os da metrópole - resulta em parte da ocultação (ou da marginalização) de certos fatos, de certos gestos que poderiam questionar esta ordem. Terem eles sido abafados, esquecidos e hoje ignorados por grande parte da população não significa que tenham sido completamente anulados. Sua memória permanece latente na população e sua recuperação poderia servir para explicar certos comportamentos considerados irracionais ou violentos:

> *"/.../ l'histoire 'apparente' est en réalité la superstructure d'une non-histoire syncopée en pans incontrôlables"*(2)

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 108.
2 - Id., ibid., p. 205.

Recuperar a memória de um povo não é apenas re interpretar fatos já conhecidos à luz de novos critérios.Não se trata apenas de acomodar os mesmos fatos num novo desenho tal qual um caleidoscópio. A ação da história oficial é muito mais radical. Ao eleger o que é importante dando-lhe o status de fato, ela deixa o resto numa vala comum.

> *"No seu trabalho, o historiador não parte dos fatos, mas dos materiais históricos, das fontes, no sentido mais extenso deste termo, com a ajuda dos quais constrói o que chamamos fatos históricos. Constrói-os na medida em que seleciona os materiais disponíveis em função de um certo critério de valor, como na medida em que os articula, conferindo-lhes a forma de acontecimentos históricos. Assim, a despeito das aparências e das convicções correntes, os fatos históricos não são um ponto de partida mas um fim, um resultado".*(1)

O que Schaff reconheceu (em termos muito amplos) é a necessidade de relativizar a informação vinculada pelo "fato histórico". Mas o problema é muito mais grave quando se trata de um povo que foi constituído a partir do ato colonial, que nunca teve condições de exercer sua soberania. A Martinica só conseguiu se liberar do estatuto de colônia quando passou a ser um departamento francês, o que significa que ela nunca deixou de estar incorporada a um outro país, nunca deixou de estar inserida numa outra história.

---

1 .- SCHAFF, Adam - História e Verdade. São Paulo, Martins Fontes, 1986, p. 307.

> *"L'histoire de la Martinique est une histoire perdue, oblitérée dans la conscience (la mémoire) collective par l'acte concerté du colonisateur."*[1]

Quando um povo foi despossuído de sua história, ele nem tem mais condições de traçar o contorno, identificar o fato (ou o gesto ou a palavra) que lhe é vital.

Nestas condições, um dos trabalhos mais difíceis de ser executado é a pesquisa lenta e cuidadosa de reconhecimento daquilo que pode ser o vestígio revelador do passado: é preciso seguir as pistas daqueles que lutaram ao longo dos séculos, na sua vida quotidiana, para sobreviver dentro da estrutura colonial. Este trabalho de resgate é tanto mais difícil porque tem que se lutar, ao mesmo tempo, contra a História oficial que, impondo sua versão, acaba apagando os vestígios dos homens que aí viveram e que eram portadores de uma outra cultura. Cada geração vê-se, portanto, desarmada para lutar contra os valores que lhe são impostos porque a herança de seus antepassados não conseguiu lhes ser transmitida.

Esse processo de dissimulação a que foi submetido o passado antilhano fica bem claro quando se examina como certas figuras da época da escravidão passaram a ser percebidas pela população. A história da colonização francesa no Caribe evitava até bem recentemente - e ainda hoje o faz com certo constrangimento - abordar o problema das revoltas de africanos e crioulos[2] contra o sistema servil. A história

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 106.
2 - Crioulo é o homen nascido na América em oposição ao africano (ou "bossal") nascido no continente africano.

oficial procurou sempre minimizar a freqüência e a extensão das revoltas de escravos e a conseqüente fuga: a marronagem. Apresentada sempre como fruto de ressentimentos particulares ou reações a excessos da parte dos feitores, a marronagem não conseguiu permanecer na memória da população como uma manifestação legítima de resistência de uma coletividade ameaçada. Enquanto no Haiti o marron é homenageado com uma estátua na principal praça de Port-au-Prince (como um herói anônimo), na Martinica ele foi sempre apresentado pelas autoridades coloniais como um bandido, como um fora-da-lei e acabou sendo percebido como tal pela população: seu nome passou a ser invocado para aterrorizar crianças[1].

Para Glissant, o desvio da percepção do sentido dessa revolta, que impediu que a Martinica pudesse ter nas suas origens um herói que poderia ter na época catalizado os anseios de seu povo, é mais *"une occasion ratée"* no processo de constituição da sociedade martinicana:

> *"Le marronage. Evidé de sa signification naturelle (une contestation culturelle), il est vécu par la communauté comme déviance punissable. La commu*

---

1 - Dois casos que ocuparam o noticiário policial martinicano têm sido evocados como prova de que haveria uma certa cumplicidade (não-admitida) da população com aqueles que desafiam a justiça e sofrem cerrada perseguição policial. O primeiro é o de um trabalhador agrícola que teria tentado matar sua mulher e que durante sete anos conseguiu escapar do cerco policial com a ajuda discreta da população antes de ser apanhado e morto por acaso. Glissant apresenta-o num de seus romances (Malemort) como um marron moderno despertando a insúspeitada solidariedade da coletividade. Mais recentemente um caso semelhante abalou Fort-de-France: Marny, um jovem rebelde recém-egresso da prisão onde cumprira pena por roubo, matou três pessoas ocasionalmente e durante a fuga recebeu um apoio velado da comunidade. Marlène Hospice analisou o caso em Pas de pitié pour Marny. éds. Desormeaux, 1984.

nauté se prive ainsi de ce catalyseur qu'est le héros comme référence commune"(1)

Outra figura da história da Martinica cujo sentido inicial se perdeu é a do feiticeiro ou macumbeiro (*quimboiseur*). Temidos pelo poder colonial pelo seu conhecimento das plantas locais e pela sua reputação de envenenadores, os feiticeiros foram especialmente importantes no Haiti como o célebre Mackandal que liderou revoltas de escravos e que passou a fazer parte da história nacional.

Inicialmente respeitados pelos escravos como curandeiros e como sacerdotes, os feiticeiros na Martinica foram pouco a pouco perdendo seu prestígio devido à progressiva assimilação dos trabalhadores agrícolas à cultura ocidental. Considerados hoje como símbolo do atraso dos segmentos mais pobres da população, oficialmente ridicularizados, têm na realidade ainda muita penetração em todas as camadas, embora poucíssimos ousem admití-lo.(2) Apresentado pelo pensamento oficial durante o período colonial como um charlatão, hoje na maioria das vezes ele realmente o é. Como diz Glissant (a propósito do marron):

"Notre histoire nous suit à la trace"(3)

Assim como as figuras de prestígio entre a população de origem africana foram sendo progressivamente esvaziadas de seu sentido inicial, outras figuras prestigiadas pela pensamento oficial foram sendo alçadas à posição de "he

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 154.
2 - Um jornalista martinicano afirmou-nos que muitos conterrâneos seus que viajam para o Haiti aparentemente em férias ou para fazer compras, vão na verdade consultar sacerdotes do vodu.
3 - GLISSANT, Edouard. Op. cit., p. 104.

rôis nacionais". Um exemplo grosseiro (pela sua evidência) da escamoteação da memória coletiva nas Antilhas francesas é que as estátuas dos principais logradouros públicos, os nomes de ruas, comunas, escolas, etc. evocam figuras da história da França ou personagens locais comprometidos com a metrópole[1].

Mais recentemente tem-se assistido em quase todas as ilhas do Caribe a uma tentativa (ainda que precária) de reconstrução do passado. O resultado - ainda tímido mas já significativo - é o delineamento da unidade das histórias antilhanas[2].

> *"Notre histoire nous frappe avec une soudaineté qui étourdit. L'émergence de cette unité diffractée (de cette conjonction inaperçue d'histoires) que constitue les Antilles en ce moment nous surprend, avant même que nous ayons médité cette conjonction"*[3]

Uma decorrência visível dessa tomada de consciência é, num primeiro momento, a adoção pelas novas gerações de heróis de qualquer país do Caribe como heróis nacionais. Toussaint-Louverture, Christophe, Dessalines, Mackandal, Boukman, Delgrès, Garvey substituem os franceses D'Esnambuc, Schoelcher, De Gaulle. É preciso lembrar que as condições em que os negros vieram para a América - como escravos - tornou

---

1 - Dominando a principal praça de Fort-de-France ergue-se a estátua da imperatriz Josephine Bonaparte (nascida na ilha) que pleiteou e conseguiu o restabelecimento da escravidão nas Antilhas após a abolição de 1794 pelo 1º governo republicano.

2 - O Correio da Unesco consagrou um dos seus números - 10(2), fev. 1982 - ao problema: Antilhas - unidade na variedade.

3 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 132.

muito difícil a criação entre eles de uma tradição heróica local. Por outro lado (como já expusemos em capítulo anterior), o processo de assimilação cultural a que foram submetidos os escravos impediu que eles pudessem se situar na esteira da tradição heróica africana.

> *"Whereas the modern African writer could use the heroic tradition, if not as a source of material at least as a 'point de repère', the West Indian did not appear to have a tradition that he could use in the same way unless he adopted the same African tradition from which he was effectively separated by years and miles of alienation"*(1)

Por essa razão é que os grandes nomes da revolução que, em 1804, tornou o Haiti o primeiro país negro do mundo a conquistar sua independência pela luta armada, acabaram sendo adotados de forma privilegiada pelos escritores de todo o Caribe (de língua francesa, inglesa ou espanhola), tornando-se a referência comum na tentativa de criação de uma tradição local de heroísmo.

> Mas
> *"as happened in other respects, time was telescoped and these figures passed into legend in a shorter period of time than would have been elsewhere necessary"*(2)

Esta tradição, pois, não terá que esperar várias gerações para se estabelecer. É que na ânsia de se proporcionarem uma história, os povos americanos rapidamente

---

1 - KNIGHT, Vere W. - Edouard Glissant: The Novel as History Rewritten. Black Images, Toronto, 3(1), 1974, p. 64.
2 - Id., ibid., p. 65.

transformam homens em lendas. Como já dizia o rei Christophe, na peça de Aimé Césaire:

> *"Nous n'avons pas le temps d'attendre quand c'est précisément le temps qui nous prend à la gorge"*(1)

Mas se os pioneiros como Césaire, Carpentier tentam reabilitar o passado através de figuras que facilmente podem ser consideradas como heróicas, outros escritores - Glissant em particular - colocam no centro de seu trabalho de resgate do passado, não indivíduos (falíveis, atormentados, contraditórios) mas todo um povo que tornou possível a ação desses heróis. A própria sobrevivência ao sistema escravagista passa a ser considerada como épica.

Nesta perspectiva é importante sublinhar a reabilitação da figura do "marron", considerado na Martinica pela história oficial como um delinqüente. Este resgate se insere na tentativa da eliminação do sentimento de vergonha existente entre os descendentes de escravos que acabaram incorporando a ideologia da escravatura como uma punição (a Maldição de Caim) e não como uma violência contra um povo e contra a qual todo ato de revolta seria legítimo.

Para Glissant, o herói hoje seria não só improvável como inoportuno. Numa proposta de uma história a ser construída, o herói não tem mais lugar. Ele poderia ter num determinado momento catalizado as forças de um povo - como Glissant o disse a propósito do marron - tornando possível sua organização, viabilizando sua resistência face a um pro

---

1 - CÉSAIRE, Aimé - La tragédie du roi Christophe. Paris, Présence Africaine, 1970, p. 58.

cesso de aniquilamento e favorecendo sua emergência no contexto geral das nações. Mas isto não ocorreu na Martinica. E na época atual, que Glissant vê como o momento de relacionar as posições, de partilhas as conquistas, da primazia do nós sobre o eu, o herói não teria mais razão de ser. Toda a obra romanesca de Glissant evidencia um trabalho no sentido de não permitir que um indivíduo sobressaia entre outros, que uma ação (individual ou coletiva) possa ser percebida como excepcional. Dentro de um processo de acumulação não pode haver um centro irradiador ou catalizador. Assim como o mito - desmontado e com seus mecanismos vasculhados e postos a nu pela psicanálise, pela antropologia, pelas ciências humanas em geral - parece não ter mais condições de estruturar as sociedades em formação, assim também o herói, banalizado hoje pela indústria cultural, parece não ter mais lugar na civilização que está se delineando.

Vê-se portanto que o campo da História é particularmente propício para a observação do enfrentamento das culturas dominantes e culturas dominadas.

Quando Hegel afirmou que os povos americanos eram pré-históricos, os africanos anhistóricos e os europeus (e somente eles?) históricos condensava nesta afirmação a profundidade (e a periculosidade) do olhar etnocêntrico da civilização ocidental.

Proclamando-se herdeira legítima da civilização greco-latina, a civilização européia considerou os feitos dos outros povos como "avanços" ou "recuos" na medida em que se inseriram ou não na marcha do Ocidente. Dentro desta visão totalizadora, globalizante, a Europa se colocou no centro do

mundo como detentora do Belo, do Bom e do Verdadeiro.

> *"/La/seule ambition /de l'Occident/ était d'imposer au monde comme valeur universelle l'ensemble de ses valeurs particulières. C'est ainsi que le slogan très circonstancié de la bourgueoisie française de 1789, 'Liberté Egalité Fraternité', a tendu pendant longtemps à signifier de manière absolue un des fondements de l'humanisme universel. Le plus beau étant qu'il l'a en effet signifié"* (1)

Alguns pensadores afirmam que seria falso considerar essa imposição como uma manobra estratégica visando criar um suporte ideológico que facilitasse a dominação político-econômica. Segundo eles, o Ocidente não teria condições de ver as outras culturas como dignas de respeito uma vez que as grandes conquistas que ele vinha realizando no terreno científico e tecnológico poderiam gerar a convicção de que ele estava no "caminho certo".

Ora, apesar do pensamento do século XVIII e XIX evidenciar o extraordinário prestígio da ciência (culminando com a filosofia positivista e a escola literária naturalista), o "olhar ingênuo" do século XVIII já tinha permitido a Montesquieu, Voltaire e Diderot (sobretudo este último) sugerirem a coesão das outras culturas.

A História tornou-se um instrumento privilegiado de dominação, permitindo que o Ocidente (ou melhor sua classe dominante) impusesse ao mundo seus valores particulares como universais. A História como totalidade excluiu as

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 191

histórias não concomitantes da história do Ocidente e estabeleceu relações hierarquizadas entre a história européia e as histórias paralelas.

Mas, segundo Glissant, o mundo estaria hoje vivendo - quase sempre de modo inconsciente - uma grande mudança de civilização: a passagem *"de l'univers transcendantal du Même imposé de manière féconde par l'Occident, à l'ensemble diffracté du Divers, conquis de manière non moins féconde par les peuples qui ont arraché aujourd'hui leur droit à la présence au monde.*(1)

A civilização do Um - que também é chamada de império do Mesmo - propôs um modelo único, centralizador, totalitário(2). O Mesmo exige que tudo lhe seja submetido: seu objetivo é o Universal. Nele não há lugar para a coexistência de sistemas autônomos, independentes.

Nesse sentido, apoiada no indivíduo - *"véhicu le absolu de la transcendance"* - a civilização do Mesmo recusou o particular, o acidental, o nacional.

> *"Le Même, qui n'est pas l'uniforme ni le stérile, ponctue l'effort de l'esprit humain vers cette transcendance d'un humanisme universel sublimant les particuliers (nationaux)".*(3)

O Mesmo, o Um é de visão egocêntrica (etnocêntrica): ele só pode ver o outro a partir de si mesmo (e recusa-se a admitir que o outro possa existir fora desta perspectiva). Para conhecer este outro e preciso reduzí-lo às catego

---

1 - Id., ibid., p. 190. Os grifos são nossos.
2 - Totalitário para Glissant é a totalidade sem relação.
3 - Idem., ibid., p. 190.

rias de quem o conhece, neste caso às categorias da chamada cultura universal. A relação do Um com o outro será sempre necessariamente hierarquizada: proteção, educação, vigilância, intimidação, extermínio; e esta relação se exercerá necessariamente sempre no mesmo sentido: do Um para o outro. Nesse sentido o outro não fertiliza a relação com o Um na medida em que ele funciona apenas como um espelho: frio e estéril. Enxergar o outro a partir de si mesmo anula a oposição Um/outro. Tudo se resume no Um[1].

O Mesmo, no seu esforço universalizante, é necessariamente expansionista. Todos os povos do mundo são para ele presas em potencial:

> *"pour nourrir sa prétention à l'Universel, le Même a requis (a eu besoin de) la chair du monde. L'autre est sa tentation. Non pas encore l'Autre comme projet d'accord, mais l'autre comme matière à sublimer"* [2]

Ora, o Mesmo na sua busca insaciável do outro acabou provocando a reação dos povos dominados. E estes povos,

---

1 - É interessante lembrar aqui o famoso texto de Benveniste que à luz do que acaba de ser dito, talvez devesse ser repensado:
"La conscience de soi n'est possible que si elle s'éprouve par contraste. Je n'emploie je qu'en m'adressant à quelqu'un qui sera dans mon allocution un tu. C'est cette condition de dialogue qui est constitutive de la personne, car elle implique en réciprocité que je deviens tu dans l'allocution de celui qui à son tour se désigne par je./.../Cette polarité ne signifie pas égalité ni symétrie: 'ego' a toujours une position de transcendance à l'égard de tu; néanmoins, aucun de ces deux termes ne se conçoit sans l'autre; ils sont complémentaires, mais selon une opposition 'intérieur, extérieur', et en même temps ils sont réversibles /.../ Ainsi tombent les vieilles antinomies du 'moi' et de l''autre', de l'individu et de la société".
BENVENISTE, Emile - Problèmes de linguistique générale. Paris, éds. Gallimard, 1966, p. 260.

2 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 190.

emergindo, começam a ver e não só a serem vistos, começam a ser sujeitos e não mais apenas objetos. E o homem do Ocidente descobre-os e fica a descoberto (*"les découvre et les éprouve"*).

> *"ce qu'on appelle un peu partout l'accélération de l'histoire, qui provient de la saturation du Même comme d'une eau qui déborde son contenant, a partout 'débloqué' l'exigence du Divers"* (1)

Na medida em que estes povos proclamam suas culturas a relação (transversal) entre todos os povos torna-se mais rica. Esta relação enriquecerá também o Ocidente pois na relação de dominação, todos perdem: vencedores e vencidos. Para escapar à sua própria esterilização, o Ocidente tem que tender para o Diverso: não as diferenças sublimadas mas as diferenças respeitadas.

> *"Le Divers, qui n'est pas le chaotique ni le stérile, signifie l'effort de l'esprit humain vers une relation transversale, sans transcendance universaliste. Le Divers a besoin de la présence des peuples, non plus comme objet à sublimer, mais comme projet à mettre en relation. Le Même requiert l'Être, le Divers établit la Relation. Comme le Même a commencé par la rapine expansioniste en Occident, le Divers s'est fait jour à travers la violence politique et armée des peuples. Comme l'Autre est la tentation du Même, le Tout est l'exigence du Divers"* (2)

O tempo do Diverso corresponde à poética da Relação: o Um é substituído pelo plural, o absoluto, pelo relativo, a hierarquia, pela relação igualitária, a História, pe

---

1 - Id., ibid., p. 191.
2 - Id., ibid., p. 190.

las histórias.

O Diverso não significa a eliminação do Um mas o fim da sua dominação. Os povos emergentes ao contestarem a predominância do Ocidente integram-no no mundo, forçam-no a relativizar-se:

> *"Le bénéfice de la technique et l'avantage méthodologique peuvent rendre l'être aveugle au jeu du monde. Accepter (au tréfonds de soi) ce monde relativé, vaincre la crainte orgueilleuse qu'on aurait de s'y engloutir, transmuer la solitude réfléchissante en inflexion partagée, n'est-ce pas la plus exacte façon d'y accomplir vraiment ses méthodes propres, sa vocation, sa poétique?"*(1)

O Diverso é plural.Assistiríamos então à substituição do eu pelo nós, mas um nós que não esmague nem dilua o eu, onde o nós implique o eu. O Diverso não é um conjunto de indivíduos mas um feixe de relações.

Para Glissant,a uma passagem de civilização (repensar a civilização?) corresponderia evidentemente uma nova poética.

Segundo ele, a poética no Ocidente estaria profundamente ligada ao sentimento da dignidade da pessoa humana, de valorização do indivíduo, pilar desta civilização. Ora, como o culto do indivíduo está vinculado ao estabelecimento da propriedade privada, Glissant estabeleceu o percurso desta

---

1 - Id., L'Intention Poétique, p. 29.

poética que ele chama de poética do instante ou da fulguração: da propriedade privada à dignidade do indivíduo e desta ao indizível poético.

A poética do instante permite pois ver a relação estreita entre a depossessão do espaço e a depossessão do tempo. Esta poética - que é a poética do Ser - não supõe a pluralidade das culturas, a presença das histórias. O recurso ao Universal generalizante pode ser então uma saída bastante cômoda face às diversidades - não absorvidas mas sentidas - que nos cercam. Mas o poeta sente que existe algo mais do que o indivíduo. E este algo mais, apagado do mundo Ocidental pela ideologia dominante, constitui o indizível poético. O mistério poético existe porque o Ocidente baniu o diverso, o complexo, o ambígüo do seu mundo. E o conhecimento deste diverso, complexo, ambígüo será o objeto da poesia.

O poema visa o indizível e este só pode ser percebido num relâmpago fugaz. A poesia seria produto da inspiração, uma "revelação".

Na poética do instante a palavra do poeta pretende "encantar, surpreender e deslumbrar":

> *"Le poème est une chambre obscure où les mots se cognent en rondes, fous. Collision dans le airs: ils s'allument réciproquement de leurs incendies et tombent en flammes"*(1)

A poética da duração (que tende para o estabelecimento do Diverso) faria um outro percurso: da indivisibi

---

1 - SARTRE, Jean-Paul - "Orphée Noir". Préface à Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française de L.S.Senghor, p. XX.

lidade da terra (propriedade comunitária) à dignidade da comunidade e desta à explicidade do canto tal como se encontra em culturas não ocidentais:

> *"Une telle opposition civilisationnelle permettait aussi de comprendre les ruptures dans la civilisation antillaise, où l'héritage africain (du sentiment de la dignité commune) se heurtait à un impossible (la non-possession collective de la terre) et où l'explicité du chant (la culture orale traditionnelle) était barré par l'éducation occidentale (l'initiation à l'indicible poétique)."* (1)

A poética da duração preocupa-se com a busca imperiosa das relações transversais ocultas pelo manto do Mesmo. Nela, a grandeza não é exclusivamente decorrente da força mas também da lucidez. Na poética da duração não há hierarquia de culturas, não há dogmatismo:

> *"Et si j'écoute la voix de l'Occident, les plus profonds dogmatiques, le plus justes créateurs, j'entends le silence chaque fois qu'il s'agit de ce futur où partager les différents abîmes de l'homme. En quoi nous sommes pareillement neufs, les uns et les autres, dans la neuve injonction"* (2)

A poética da duração supõe um trabalho coletivo onde a repetição, a acumulação, a difícil abordagem é incessantemente recomeçada. É a poética das sociedades em formação, daquelas que devem se redefinir.

Glissant considera a poética do continente americano como uma busca da duração:

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 248.
2 - Id., L'Intention Poétique, p. 42.

> *"... dans l'oeuvre du romancier américain il faut se battre contre le temps pour la reconstitution d'un passé, même en ce qui concerne les régions d'Amérique où la mémoire historique n'a pas été oblitérée. Il s'ensuit que, pris aux vertiges du temps, le romancier américain le dramatise pour mieux le nier ou le 'refaire'; je dirai sur ce point que nous sommes les casseurs de pierre du temos. Nous ne le voyons pas s'étirer dans notre passé (nous porter tranquilles vers l'avenir)mais faire irruption en nous par blocs, charroyés dans des zones d'absence où nous devons difficilement, douloureusement, tout recomposer si nous voulons nous rejoindre et nous exprimer"*(1)

E esta recomposição difícil e dolorosa do passado, da história, só pode ser feita na poética da duração. Glissant dizia em 1959 em um de seus primeiros escritos, a propósito da obra de Kateb Yacine:

> *"Il y a des oeuvres qui vont proprement au fond de notre époque /.../ et qui /.../ en dégagent le chant profond. Je vois leur caractéristique principale dans le fait qu'elles envisagent le monde comme d'abord un labeur, un travail à accomplir et non plus un secret qu'il faudrait délicieusement surprendre..."*(2)

A oposição entre *poétique de l'instant* e *poétique de la durée* já tinha sido delineada.

Na emergência desta história reprimida, o escritor tem um papel particularmente importante. Cabe a ele vas

---

1 - Id. - Le Discours Antillais, p. 255.
2 - Id. - "Le Chant Profond de Kateb Yacine". Préface à Le Cercle des présailles de Kateb Yacine. Paris, Seuil, 1959, p. 9.

culhar a memória coletiva à procura de vestígios aparentemente anódinos mas que podem ser o testemunho de uma carência não admitida, de um gesto incompreensivelmente renegado. Um personagem lendário, uma expressão popular, uma maneira de mexer os quadris ao andar são marcas constitutivas de um povo que precisam ser reveladas, como a película de um filme. Mas não apenas isso. Principalmente aquilo de que nem se suspeita. É aqui que podemos ver a importância da acumulação como maneira de desvendar o real. Só a repetição permitirá que estes traços ocultados possam ser observados por um número cada vez maior de pessoas e possam fazer parte da consciência coletiva da região, integrar-se à sua história.

O escritor fica à espreita das falhas que a armadura ideológica dos grupos dominantes possa apresentar e dessa forma pode pôr a nu focos de resistência cultural ainda ativos. Por outro lado, a ficção torna-se um instrumento eficaz na construção do passado do qual só restam fragmentos aparentemente desconexos. A literatura revela-se uma forma privilegiada de apreensão desta realidade. O mais importante é que ao mesmo tempo que ele revela essa resistência, ele se constitui em parte dela porque sua obra se insere no estabelecimento de uma continuidade entre a produção cultural e o meio onde ela surge.

> *"S'il /le travail de l'artiste est approximatif, il permet la réflexion critique; s'il réussit, il inspire".*(1)

---

1 - Id. - Le Discours Antillais, p. 255.

O escritor face à impossibilidade coletiva de articular sua própria história (em virtude da imposição da História oficial), deve procurar estabelecer uma cronologia, isto é, deve procurar criar (e não descobrir) uma continuidade entre os fatos a fim de que seu povo possa se situar no presente (e se projetar no futuro).

> *"Pour ceux qui ne connaissent de leur histoire que la part de nuit ou de démission à quoi on a voulu les réduire, la récupération du passé proche ou lointain s'impose comme une nécessité. Renouer avec son histoire, c'est se vouer aux saveurs du présent, lesquelles, dépouillées de ces enracinements dans le temps, ramènent à de vaines délectations. C'est là une ambition poétique. L'acharnement à dévoiler le passé par d'autres dénaturé ou oblitéré, permet parfois de mieux toucher l'actuel"*(1)

É o que Glissant chama de *vision prophétique du passé*. É interessante assinalar a coincidência das pesquisas de Paul Veyne e Glissant. Paul Veyne, no seu magnífico ensaio(2) sobre a verdade na história, usa uma expressão muito próxima da de Glissant - profeta às avessas - para designar o historiador em geral:

> *"Os historiadores são apenas profetas às avessas e eles acolchoam e reanimam à força de imaginação suas predições post eventum; isto se chama 'retrodicção' histórica ou 'síntese', e esta faculdade imaginativa é o autor das três quartas partes de*

---

1 - Id. - Préface à Monsieur Toussaint. Paris, Seuil, 1961, p. 7.
2 - VEYNE, Paul - Acreditavam os gregos em seus mitos? São Paulo, ed. Brasiliense, 1984.

toda página de história sendo que o último quarto provém dos documentos. E há mais. A história é também um romance, com fatos e nomes próprios, e vimos que se considera como verdadeiro tudo o que se lê enquanto se lê; só será considerado ficção depois, e ainda é necessário que se pertença a uma sociedade na qual a idéia de ficção exista"(1)

O que Veyne procura demonstrar (e o que Glissant diz poeticamente) é que a História, longe de conter a Verdade, é apenas o que uma determinada cultura pode construir. O que está sendo violentamente contestado por Veyne (e Bergson, Foucault, Bourdieu(2) ... e Glissant) é o próprio princípio através do qual a civilização ocidental justificou sua expansão colonialista:

"Os homens não encontram a verdade. Fazem-na como fazem sua história e ela os recompensa largamente"(3)

Ora, enquanto Veyne propõe um redimensionamento do papel do historiador, Glissant atribui ao romancista a tarefa de suprir as falhas existentes nas histórias das colonizações (como por exemplo no que se refere à periodização):

"... nous devons être des historiens poétiques, nous devons réinventer la périodisation de notre histoire par divination poétique, et c'est pour

---

1 - Id., ibid., p. 118/119.

2 - Só estas 2 citações de Veyne permitem compreender a verdadeira campanha difamatória desencadeada por alguns intelectuais franceses contra a obra de pensadores contemporâneos, companheiros de Veyne nas suas reflexões: Michel Foucault, Bourdieu, Guattari e outros. Que os dominados esbravejem, os donos da verdade podem até tolerar complacentemente, mas que intelectuais da alta hierarquia universitária mostrem a fragilidade (ou a falsidade) do caráter hegemônico do pensamento ocidental, é mais do que eles podem suportar.

3 - Id. - Prefácio à op.cit., p. 10.

> *quoi le personnage de Papa Longoué est très important. C'est lui qui, dans les romans que j'écris, est dépositaire d'une mémoire collective enfouie et officiellement niée par l'histoire à la française!"*(1)

Estes textos de Veyne e Glissant parecem a nosso ver indicar também uma tendência à ruptura dos gêneros na moderna produção intelectual. Já Haroldo de Campos(2) mostrou como desde o século XIX era possível perceber uma "crise" da normatividade. Analisando particularmente alguns escritores latino-americanos onde as fronteiras entre os gêneros são dificilmente perceptíveis (Souzândrade, Borges, Cortazar, entre outros), o ensaísta e poeta brasileiro aborda privilegiadamente as relações entre o poema e o ensaio na literatura contemporânea enfatizando o caráter auto-reflexivo da poesia moderna.

Glissant, no artigo *"La Querelle avec l'Histoire,"* partindo da análise das comunicações ao colóquio da Carifesta (Kingston, Jamaica, 1976), assinala a precupação dos escritores antilhanos de língua inglesa com o problema das relações entre a história e o romance e a poesia, e conclui pela necessidade de acabar não só com as fronteiras entre os gêneros literários como também com a separação entre história e literatura.

> *"En ce qui nous concerne, l'histoire en tant que conscience à l'oeuvre et l'histoire en tant que vécu ne sont donc pas l'affaire des seuls histo*

---

1 - GLISSANT, Edouard - Poétique antillaise, Poétique de la Relation (entrevista com Wofgang Bader) Komparatistiche Hefte, Bayreuth 9/10, 1984, p. 94.

2 - CAMPOS, Haroldo de - Ruptura dos Gêneros na literatura latino-americana. São Paulo, Perspectiva, 1977.

riens. La littérature pour nous ne se répartira pas en genres mais impliquera toutes les approches des sciences humaines. Les catégories héritées ne doivent pas en la matière bloquer la hardiesse méthodologique là où elle répond aux nécessités de notre situation"(1)

A literatura - a arte em geral - desvenda a história oculta de um povo e ao mesmo tempo se nutre da energia que a história recém-liberada irradia. A literatura nos povos emergentes teria então sua função política enfatizada. Permitir que as histórias dos povos dominados se estabeleçam, adquiram cidadania, dar-lhes condições de instaurarem relações transversais com outras culturas, ser o espaço onde a voz de um povo se articula; é engajar-se numa luta contra a ação redutora de uma civilização que se pretende universal.

"Les histoire lézardent l'Histoire"(2)

"Là où les histoires se rejoignent finit l'Histoire" (3)

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 133.
2 - Id., ibid., p. 433.
3 - Id. - L'Intention Poétique, p. 215.

A DEPOSSESSÃO DA LÍNGUA

Dizem que quando os colonizadores europeus chegavam às novas terras conquistadas, não tinham eles todos os mesmos procedimentos: os ingleses construíam em primeiro lugar um estabelecimento comercial, os ibéricos, uma igreja e os franceses, uma escola.

Embora a história da colonização na Martinica não mencione esta "escola", ela deixa perceber que a colonização francesa nas suas intervenções sempre privilegiou a ação cultural e que a língua francesa desempenhou um papel particularmente importante nesta ação.

Como muito bem observa Louis-Jean Calvet, a definição da nação francesa esteve sempre fortemente vinculada à idéia de unidade lingüística. Esta "unidade" na realidade foi a imposição da língua de uma determinada região ao conjunto do chamado "território nacional". A marginalização das línguas regionais na França (como em outros países europeus) é ainda hoje um problema mal resolvido.

Não é pois de estranhar que a França na sua ação colonial, enfatizasse a imposição da língua metropolitana como língua de todo o império. A ideologia das línguas-portadoras-de-cultura facilitou sua tarefa e eliminou possíveis manifestações de má consciência. Em sua visão etnocêntrica, a Europa distinguiu línguas "superiores" de línguas "inferiores", línguas de "cultura" e línguas de "bárbaros":

> *"Cette vision européocentriste des langues et de leurs 'avantages' respectifs a directement inspiré la colonisation: une langue de sauvage, un'jargon', dénotait un peuple de sauvages qui, à ce titre, était justiciable d'une injection de civilisation française."* (1)

Em todos os processos de colonização, é verdade, a língua do colonizador sempre se apresentou como portadora de uma civilização superior e de função redentora, resgatando os "indígenas" das "trevas da ignorância". Celso Cunha cita a lei de 3 de maio de 1757 aplicada primeiro ao Pará e Maranhão e depois a todo o Brasil:

> *"sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as nações, que conquistaram novos domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma por ser indispensável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo que se introduz neles o uso da língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o objeto, a veneração e a obediência ao mesmo Príncipe!"* (2)

Na Martinica com a total supressão da população indígena autóctone e com a impossibilidade para os escravos africanos de se comunicarem numa língua que lhes fosse comum (devido à multiplicidade de suas etnias), a imposição da língua francesa surgiu "naturalmente" como se fosse uma "ne

---

1 - CALVET, Jean-Louis - Le colonialisme linguistique en France. Les Temps Modernes. Paris, 29(324-325-326), août/sept., 1973, p. 72.

2 - ZAVALLA, Sílvio - El mundo americano en la epoca colonial, citado por CUNHA, Celso - Língua, Nação, Alienação. Rio, Nova Fronteira, 1981, p. 92.

cessidade".

Mas logo duas línguas começaram a se demarcar uma da outra: a língua dos decretos e relatórios, dos livros e dos insignes viajantes, a língua oficial, a da cultura, a da Metrópole: o francês, e a outra, que a população local (brancos, negros e mulatos) forjou, modulando-a de acordo com o seu espaço e com o seu modo de viver dentro deste espaço, a língua da oralidade: o crioulo.

Entre estas línguas estabeleceu-se uma relação hierárquica: a oposição entre o francês e o crioulo será a oposição civilização versus barbárie.

> *"Ce qui fonde ce mépris pour les langues que le français est en train d'asservir /c'est/ surtout /.../ l'idée que la culture donne à une langue et au peuple qui la parle des droits et donc du même coup, une certaine idée de la culture."*(1)

Esta oposição é reforçada pelo fato de que durante o regime escravagista - como muito bem coloca Jean Fouchard em *Les marrons du syllabaire* - aprender a ler ou a escrever era encarado como um ato de emancipação. Daí o rigor com que se procurava selecionar aqueles que teriam acesso à alfabetização e conseqüentemente ao francês.

Esta restrição imposta ao escravo ao acesso à língua escrita aumenta o prestígio desta e relega o crioulo a uma posição inferior. Aqueles que pretendiam ascender na escala social, passam a manifestar desprezo pela língua materna. O crioulo foi considerado como uma espécie de "marca infamante"

---

1 - CALVET, Louis-Jean - Op. cit., p. 82.

do passado vergonhoso da escravidão.

Ao crioulo foi sempre recusado o estatuto de língua; considerado como "dialeto", "jargão", viu-se confinado ao papel de simples meio de comunicação familiar. Para tal é importante banî-lo da "prestigiosa instituição" que é a escola.

> *"En belles rondes blanches sur le tableau neuf des rentrées scolaires: Il est interdit de parler créole dans la classe et dans la cour"*(1)

A aplicação de castigos e humilhações àqueles que transgridem essa regra, a promoção daqueles que falam corretamente o francês levou a própria população, principalmente a classe média, a instaurar mecanismos de fiscalização visando proteger a língua francesa da influência "nefasta" do crioulo.

Segundo Julie Lirus é na burguesia mulata que a repressão ao crioulo foi mais forte. Na sua ânsia de ser inteiramente assimilada à França, procurou por todos os meios apagar tudo o que a distanciasse dos franceses. E as famílias negras que tinham o mulato como modelo, imitaram-na:

> *"Le besoin de maîtriser la langue dominante, d'abord condition d'avancement, devient aussi condition d'emploi.*
> *Ce qui est né d'une nécessité économique, se convertit rapidement en critère social"*(2)

Assim, o domînio da língua francesa e a ideologia da assimilação caminham juntos. A classe "média" ou a fra

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 119.
2 - LIRUS, Julie - Identité antillaise. Paris, éds. Caribéennes,1982, p.48.

ção da população que vive entre a grande massa de trabalhadores do campo ou da usina e a pequena elite de grandes proprietários é uma categoria social que não está ligada a nenhuma forma de produção econômica e que se distingue apenas pela sua escolarização. Ora, esta formação de cunho acentuadamente (quando não exclusivamente) humanista, favorece a ideologia dos Universais generalizantes, leva a um gosto particular pela retórica, ao culto da língua francesa, à sua "*Défense et Illustration*":

> *"Le signe majeur de /la/ capacité /de cette classe sociale/ est la 'maîtrise' de la langue française. Elle sera donc obligée, pour s'assurer quelques possibilites d'émergence individuelle, d'adopter l'idéologie donnée avec l'enseignement. Elle deviendra vite le véhicule de la pensée officielle".* (1)

Um dos mais lúcidos pensadores do Terceiro Mundo, o martinicano Franz Fanon começa seu famoso estudo sobre os desequilíbrios psíquicos gerados pelos processos de assimilação cultural - *Peau noire, masques blancs*- pelo capítulo *Le Noir et le langage.*

> *"Un homme qui possède le langage possède par contrecoup le monde exprimé et impliqué par le langage. On voit où nous voulons en venir: il y a dans la possession du langage une extraordinaire puissance!"* (2)

Num mundo excessivamente hierarquizado onde os valores do colonizador estão no alto da pirâmide, aprender a

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 70.
2 - FANON, Franz. Op. cit., p. 14.

sua língua passa a ser o canal necessário para a ascensão social, a única possibilidade de escapar da marginalização econômica. Todos os sonhos de ascensão social de um jovem, todas as esperanças que nele deposita sua família, implicam necessariamente o perfeito "domínio" da língua francesa.

Fanon analisa longamente como a imposição da língua francesa é um instrumento de opressão, uma forma privilegiada de alienação.

> *"Parler une langue, c'est assumer un monde, une culture. L'Antillais qui veut être blanc le sera d'autant plus qu'il aura fait sien l'instrument culturel qu'est le langage"*(1)

Mas suas observações tornam-se muito mais imprecisas quando ele aborda o problema do crioulo. Oscilando entre a oposição francês/crioulo e francês/*petit-nègre* para exemplificar o estatuto do francês, Fanon em momento algum refere-se ao crioulo como uma "língua" mas sim como a um"*patois*". Seu livro (1ª edição: 1952) é um testemunho de que, no início dos anos 50, o estatuto do crioulo como língua ainda não era claro, não só para os europeus que estudavam os problemas raciais e sociais das Antilhas Francesas(2), como para a quase totalidade dos seus locutores mesmo os mais esclarecidos.

A literatura antilhana - particularmente a martinicana - vem denunciando há alguns anos o papel da escola

---

1 - FANON, Franz. Op. cit., p. 30.
2 - V. LEIRIS, Michel - Contacts de Civilisations en Martinique et en Guadeloupe. Paris, Unesco, 1955.

no estabelecimento de uma relação hierarquizada entre a língua francesa e o crioulo. Romancistas e poetas como Lacrosil, Bonneville, Damas, Tyrolien, Glissant e principalmente Zobel exploraram a dramaticidade da situação da família martinicana que não mede sacrifícios para que ao menos uma das crianças possa prosseguir nos estudos e escapar do círculo infernal da cana de açúcar (ou mais recentemente do desemprego).

Como a escola (francesa) privilegia o domínio da língua francesa, o crioulo passa a ser alvo de terrível repressão uma vez que ele é considerado como a causa principal do fracasso escolar.

O governo francês nos seus mais recentes Planos para os Departamentos e Territórios Ultramarinos vem enfatizando a importância do ensino da língua francesa nas escolas maternais e manifestando sua expectativa de que os adultos pudessem igualmente ser atingidos através desta ação sobre as crianças. Esta ação visa combater os efeitos "nefastos" da língua materna no aprendizado da língua oficial da escola. O crioulo será considerado como uma "praga" no processo de aprendizagem do francês, praga que será preciso erradicar.(1)

Dany Bebel-Gisler, na sua pesquisa sobre o estatuto do crioulo na escola, relata vários exemplos de situações em que essa língua é desvalorizada pelos seus próprios falantes e conclui resumindo:

---

1 - Lambert-Félix PRUDENT em seu artigo "La langue créole aux Antilles et en Guyane" faz referência aos termos de patologia médica usados nos Planos educacionais oficiais que visam a melhoria do desempenho linguístico (em língua francesa evidentemente): "evitar", "prescrever", "contaminar", "remédio", etc. O crioulo é encarado como uma "doença".

> *"Parler créole c'est faire du bruit, c'est dire des bêtises, c'est être mal éduqué, adopter 'un comportement irrationnel' /.../ faire preuve de 'subjectivité', /.../ refuser l'évidence. Parler créole /.../ c'est ternir l'image de marque de l'institution scolaire".* (1)

Por outro lado, o modelo de comunicação lingüística que a escola apresenta é o francês literário, dos grandes autores metropolitanos. Aprender a língua oficial da escola significa portanto uma ruptura com a realidade local. Aprender o francês é um ato voluntário cujo sucesso depende da submissão a uma longa série de ritos, uma verdadeira iniciação. O próprio Glissant afirma:

> *"/.../ j'écris en effet la langue française 'comme un instituteur de Fort-Lamy'. La fluidité atavique m'est étrangère."* (2)

Com os investimentos feitos pelo governo francês para dotar seus Departamentos Ultramarinos de uma rede escolar à altura da tradição metropolitana, com a influência não desprezível da televisão, a língua francesa passou a ser compreendida por toda a população. Mas as dificuldades que encontram os seus professores não diminuiram.

Trabalhos recentes mostram que o problema do fracasso escolar no 3º ano da escola primária (CMI) é 2 vezes maior que na metrópole. A situação tornou-se tão grave que estudos sobre o crioulo são estimulados, para poder detectar as "interferências" e melhorar o desempenho em língua francesa.

---

1 - BEBEL-GISLER, Dany - La langue créole, force jugulée. Paris, L'Harmattan, 1981, p. 123/124.

2 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 317, n. 1.

Mais recentemente a estreita vinculação entre a expressão em língua francesa e a ideologia da assimilação à França levou um grupo de militantes políticos a defender intransigentemente a expressão em crioulo considerando-a como condição "sine qua non" do processo de emancipação política.

Nesta linha,os mais extremados, invocando Fanon[1], pregam a recusa da língua francesa na medida em que ela seria um instrumento privilegiado de opressão cultural. O resultado parece ser uma rígida posição maniqueísta: tudo o que os antilhanos produziriam em crioulo seria bom, tudo o que fariam em francês seria alienado/alienante.

Apesar dos esforços de alguns intelectuais antilhanos - em particular os universitários - mantendo publicações periódicas em crioulo, estimulando os jovens escritores ao criar espaços para que eles possam imprimir seus textos, promovendo espetáculos teatrais, a revitalização da língua não correspondeu às expectativas. É verdade que alguns pesquisadores (integrados a um movimento mundial de desenvolvimento dos estudos crioulísticos) conseguiram dar início aos estudos sobre o estatuto do crioulo nas Antilhas Francesas e suas condições de produção; é verdade que começa-se a levar em conta no processo de escolarização que o francês está longe de ser a língua materna da maioria da população local. Mas as tímidas modificações introduzidas não parecem estar apresentando resultados satisfatórios perceptíveis no momento. Por outro

---

1 - O já citado "Parler une langue /.../ c'est assumer une culture".

lado, o combate pelo crioulo corre o risco de ser assumido como bandeira por um grupo de intelectuais que pretendem se destacar dos demais e exigir posições administrativas de prestígio.

> *"Car écrire en créole n'est pas une protection contre les méfaits de l'idéologie"*[1]

É com Edouard Glissant que o enfoque do problema parece deslocar-se. Nas análises glissantianas, o lingüístico aparece sempre imbricado no social, no econômico e no político. O problema não residiria na oposição crioulo/francês (uma das variantes da oposição cultura nacional/cultura francesa) mas deveria ser abordado considerando o fator sobredeterminação (ou determinação externa)[2]. .

Uma língua só pode continuar a viver se ela estiver ligada a uma atividade produtiva. Quando ainda existe uma pequena produção, mesmo que seja apenas para a sobrevivência, há condições de opor uma resistência ao assalto cultural de nações mais poderosas. Quando tudo foi arrasado como na Martinica, onde a produção é apenas simbólica, onde praticamente tudo o que é consumido vem exatamente do país que exerce

---

1 - LAROCHE, Maximilien - La littérature haïtiene: identité-langue-réalité. Ottawa, éds. Leméac, 1981, p. 39.

2 - Sobredeterminação seria um fator resultante da relação de acentuada dependência econômica de um país face a um outro. Tudo o que acontece num país sobredeterminado (ou dependente) não é nem decidido dentro dele nem em função das exigências de seu povo: Tendo a Martiniça sido esvaziada de toda sua produção econômica, sendo sua população impelida - dentro do processo de assimilação cultural - a adquirir um grande número de produtos de uma sociedade de consumo (produtos que foram criados a partir de uma necessidade de países industrializados), ela perdeu a possibilidade de decidir sobre o que consumir: não existe relação direta entre o povo e os objetos de que ele se serve.

o domínio cultural, a situação é dramática. A própria língua local, materna, é ameaçada[1].

Quando existe um desequilíbrio muito grande entre os modelos propostos e a realidade de uma determinada sociedade, esta não só não pode efetuar a sonhada integração entre a sociedade e o modelo como também não consegue mais perceber a possibilidade de questionar essa integração. É exatamente o latente, o oculto, o não-percebido dos desajustes (econômicos e sócio-culturais) o responsável por certas manifestações como o delírio verbal habitual.

> *"Quand, dans une societé, les rapports de production et d'échange (qui 'déterminent' des rapports de classes) sont dominés par un facteur extérieur, les rapports de classes à leur tour en sont obscurcis, deviennent factices quant au lien social, c'est-à-dire que la société donnée devient incapable de trouver en elle-même les 'motifs' de son évolution /.../. Le délire verbal coutumier nous apparaît comme un des signes de cette non-résolution critique des rapports de classe. Il est donc le signe manifeste d'une non-histoire"*[2]

---

1 - Glissant dá entre outros um exemplo particularmente interessante. Uma das atividades básicas dos martinicanos era a pesca; o anzol era chamado pelos pescadores de "zin". Do momento em que a atividade de pesca foi esvaziada de sua importância econômica e cultural, em que foi criado o hábito de comprar anzóis franceses nos supermercados, não só a palavra usada em crioulo passou a ser palavra francesa "hameçon" como toda a estrutura da frase crioula foi alterada:
"Quand on disait: 'j'achète' ou j'ai acheté', c'était, 'man gin-yin'; on disait ainsi 'man gin-yin zin', 'j'ai acheté un hameçon'. Et maintenant on dit: 'man acheté an amson'. Il y a eu un rejet du terme spécifique, parce qu'on n'a plus besoin du créole pour pêcher /.../ Le créole n'est plus capable de sécréter ses propres termes techniques parce qu'il ne sert plus à l'exercice du travail"
GLISSANT, Edouard - In: BROSSAT, Alain et MARAGNÈS, Daniel - Les Antilles dans l'impasse? Paris, éds. Caribéennes, 1981, p. 95.

2 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 367.

Como expressar num discurso contínuo e encadeado o que se passa num contexto de alienação total, uma realidade que não consegue encontrar em si mesma as condições para romper o impasse em que está encerrada? O discurso delirante seria a expressão inconsciente dessa "virtualidade não realizável".

O discurso delirante habitual distingue-se do discurso delirante patológico. Este é uma recusa individual da situação ambiente, enquanto que o primeiro - coletivo - permite viver quotidianamente os graves problemas locais sem tentar resolvê-los:

> *"Au contraire /du délire pathologique/, qui résume l'être dans sa solitude, le délire coutumier est souvent participant: c'est un lien social de 'raccroc' dans une société que ne structurent pas des liens sociaux 'autonomes'. La conquête politique de ces liens autonomes rendrait caduque la manifestation traumatique du 'lien' aliéné qu'est délire verbal coutumier".*(1)

O discurso delirante habitual apresenta algumas recorrências que, pela sua freqüência, passam a ser significativas: o gosto pela enumeração e pela fórmula, a ênfase na "evidência da lógica" e na organização argumentativa do texto ("portanto", "entretanto", "assim" empregados a torto e a direito), a escolha de palavras de um registro culto (cujo significado é muitas vezes ignorado). Estes procedimentos têm em comum um certo falar por falar que não visam "convencer" mas

---

1 - Id., ibid., p. 369.

"encantar" (ou "enganar?").

A freqüência das enumerações (que na maioria das vezes não representam nem uma progressão nem uma reiteração), o uso de fórmulas apresentadas como "universais" e "conseqüentemente" portadoras do saber e do "bom-senso", o uso abusivo de articuladores lógicos visam conferir ao discurso uma "aparência" de ordem e clareza nos padrões franceses da dissertação. O discurso delirante habitual pode ser considerado como uma reação verbal descontrolada que tem a aparência de uma reprodução paródica do discurso do saber do grupo dominante. Para que esta reprodução possa ser feita e recebida, é preciso um alto grau de alienação cultural coletiva, um sentimento de auto-depreciação face ao Outro.

A recepção deste discurso vazio é favorecida pela valorização de um conhecimento "de almanaque" completamente desvinculado da realidade ambiente e por conseguinte sem nenhuma preocupação de interagir com ela.

Se considerarmos, como Glissant, o delírio habitual como um funcionamento "irregular" da língua, um comportamento verbal "desregrado", estaremos ligando a noção de "delírio" à noção de "desvio". Uma e outra suporiam portanto a existência de uma "norma" em relação à qual elas poderiam se definir. Mas essa "norma", nos países oriundos dos impérios coloniais (como explica Celso Cunha em relação às línguas ibéricas), não tendo sua origem na própria evolução das línguas locais, torna-se um claro empecilho à expressão habitual de seus habitantes.

Mesmo que pudéssemos admitir que a noção de norma não implicaria uma noção de valor, que ela resultaria de uma ação da coletividade que seria ao mesmo tempo agente e objeto de uma ação restritiva aos outros e a si mesma, mesmo

que aceitássemos a norma como o resultado da ação livre de forças contraditórias, mesmo assim seríamos obrigados - no caso, por exemplo, da Martinica - a considerar que nas regiões onde não há autonomia política, econômica, cultural, o centro de decisões está situado fora do seu espaço e obedece a imperativos que não foram determinados por esta sociedade.

Ora, se admitirmos a tese de Louis-Jean Calvet de que a França (em particular a partir de 1789) considera o princípio da unidade lingüística em todo o seu território - inclusive o Ultramarino - como fator de integração política e econômica, torna-se evidente o quanto de violência latente existe numa simples ação de defesa da língua francesa. A defesa da unidade nacional justificaria a rigidez da norma e esta passaria a ter uma ação castradora na produção lingüística local (ação agravada pelo processo de esvaziamento econômico):

> *"On peut arracher à un homme beaucoup de choses, on ne pourra jamais, même au nom de la langue des autres, lui arracher sa propre langue avec son consentement. La glottophagie réussie est l'aboutissement d'un long processus au cours duquel une partie des communautés humaines en jeu sont peu ou prou ramenées au rang d'objet de l'histoire".* (1)

O delírio verbal habitual seria então, uma reação possível à glotofagia.

Um outro problema na questão da língua na Martinica é a relação escritura/oralidade. Não se trata de duas

---

1 - CALVET, Louis-Jean - Linguistique et colonialisme: petit traité de glottophagie. Paris, Payot, 1979, p. 155. O grifo é nosso.

línguas que se enfrentam num mesmo plano mas de uma língua escrita com longa tradição literária e de excepcional prestígio na civilização ocidental e de uma língua oral, cuja origem se confunde com a própria situação colonial, formada a partir de uma situação de exploração máxima do homem pelo outro, a escravidão. Nesse sentido, Glissant consideraria o problema central da literatura da Martinica, a relação escrito/oral.

Alguns intelectuais de países de cultura eminentemente oral acreditaram que o extraordinário desenvolvimento dos meios audio-visuais de comunicação em nosso século acabaria operando uma verdadeira inversão de valores na cultura ocidental destituindo o Livro de seu poder sagrado. Seria então a hora e a vez das línguas e culturas orais tão marginalizadas pela cultura oficial do Ocidente.

Mas será o desenvolvimento do rádio e da televisão que dará condições de subsistência às culturas crioulas? Como se justificaria então a preocupação obsessiva com a transcrição escrita dessas línguas orais? Essas línguas se beneficiariam necessariamente com o impasse (ou encruzilhada?) a que chegou a civilização do livro, segundo o poeta martinicano Joby Bernabé? Não necessariamente, diz Jean Bernabé:

> *"Dans la société du livre, ceux qui possèdent et manipulent les codes, les mots de passe, les clefs du savoir-faire et de l'évaluation artistique, se sont appropriés l'art et l'ont taillé à la mesure de leurs prérogatives.*
> */.../ Parvenir à élaborer les structures sociales et donc le mode de vie qui redonnerait vie à l'oralité/.../ ce serait faire en sorte que /.../ l'écoute, l'observation et les jeux de mots qui sont sources de connaissance et de poésie populaire (cf. les proverbes) soient érigés en principes*

> *éducatifs, enfin que la conscience philosophique de l'individu au sein du monde, de la nature et de sa communauté prenne son essor dès le plus jeune âge"* (1)

O conflito entre o oral e o escrito pode ser percebido como um conflito social. Como dissociar o oral do popular?

O conflito entre o escrito e o oral não seria resolvido na literatura pela tranqüilizadora inserção de "diálogos" dentro de uma narrativa, nem por "falas" introduzidas por personagens na maioria das vezes pitorescas (ou molierescas). O trabalho de compatibilizar o oral com a literatura significa, na Martinica, principalmente um trabalho anterior de resgate da dignidade do crioulo, desprezado, desvitalizado, "folclorizado".

A função do escritor, segundo Glissant, seria, trabalhando nesse território instável e polêmico que se situa na confluência entre o escrito e o oral, dar foros de nobreza a este último:

> *"Défaire l'écriture de son mandat de souveraineté par rapport à l'oralité"*(2)

Nos países europeus (por exemplo) parte da literatura surgiu naturalmente, sem choques, da produção oral. Só um longo e progressivo trabalho das gerações sobre os textos acabou levando a uma relativa autonomia da literatura em relação à produção oral. Ora, na produção de textos na Mar

---

1 - BERNABÉ, Jean - Vers un une civilisation de l'oralité. CARE, Paris(11), mai, 84, p. 126.
2 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 322.

tinica a relação de continuidade não se estabelece com a tradição popular mas com a literatura francesa[1].

Ora, a relação de um escritor francês com sua língua é uma relação de crise interna; ela não questiona a existência da França; enquanto que a opção pela escrita de um escritor martinicano significa a possibilidade - talvez a única - para o seu povo de existir para o mundo, de participar da relação entre os povos.

A fecundação permanente do escrito pelo oral é a condição de existência das literaturas dos povos emergentes e a possibilidade de revitalização das "velhas" literaturas, liberando-as da tirania esterilizante do culto da escrita:

> *"Nous ne devons peut-être pas oublier que nous pouvons servir à la conjonction complexe de l'écriture et de l'oralité; apporter ainsi notre part à l'expression d'un homme nouveau, libéré des absolus de l'écrit et en prise sur une audience nouvelle de la voix!"*[2]

Face a esta diversidade de situações, Glissant distingue dois tipos de poéticas: a poética natural e a poética forçada.

> *"J'appelle poétique libre, ou naturelle, toute tension collective vers une expression, et qui ne s'oppose à elle-même ni au niveau de ce qu'elle*

---

1 - Muito recentemente Roberto Schwarz em oportuno artigo sobre a oposição nacional/estrangeiro na cultura brasileira assinalava (com reservas, é verdade) o problema da falta de continuidade na reflexão dos intelectuais brasileiros causada pela necessidade de parte significativa da inteligência local de se manter sempre atrelada às colocações da vanguarda dos países desenvolvidos.

2 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 200.

> *veut exprimer ni au niveau du langage qu'elle met en oeuvre.*
> */.../*
> *J'appelle poétique forcée, ou contrainte, toute tension collective vers une expression qui, se posant, l'oppose du même coup, le manque par quoi elle devient impossible, non en tant que tension, toujours présente, mais en tant qu'expression jamais accomplie"*(1)

A poética natural supõe a existência de uma linguagem comum a toda a coletividade ou seja (na definição de Glissant), uma prática comum de confiança ou de desconfiança face à língua ou às línguas desta coletividade. Ela só poderá emergir de um corpo social culturalmente coeso. Ela não impossibilita o aparecimento de contestações de grande virulência, pelo contrário, ela assegura a continuidade entre a ordem social e a sua própria crítica.

A poética natural pode questionar a linguagem através das experiências mais radicais, mas ainda assim esta linguagem é sempre uma linguagem possível.

A poética forçada é a tentativa de construção de uma linguagem através de uma língua (ou línguas) que não reuniria em si mesma condições para desempenhar tal função.

> *"La poétique forcée naît de la conscience de cette opposition entre une langue dont on se sert et un langage dont on a besoin".*(2)

A poética forçada ou contra-poética trabalha no sentido de unir elementos díspares, às vezes antagônicos.

---

1 - Id., ibid., p. 236.
2 - Id., ibid., p. 237.

Sabe, inclusive, a poética forçada dar condições para que a coletividade perceba a existência desses elementos. É por isso que a poética forçada tende a ser natural. A coletividade que não conseguir fazer essa passagem estará condenada ao desaparecimento.

O Haiti conseguiu enfrentar a imposição do francês graças às relações entre o crioulo e a coletividade. Maximilien Laroche considera que, no Haiti, a passagem da poética forçada à poética livre foi feita sem nenhuma violência no campo da linguagem porque a violência tinha podido irromper no plano político enquanto que na Martinica a força da poesia do Cahier de Césaire - força que assombrou o mundo - não foi suficiente para efetuar essa passagem (de uma poética para outra) porque era uma palavra isolada:

> *"...Le problème de la violence même à l'intérieur du langage, ne saurait être résolu par les seuls moyens du langage et /.../ la solution de ce problème ne saurait être trouvée par un individu isolé mais par toute une collectivité".* (1)

A passagem da poética forçada à poética natural supõe, portanto, um comprometimento de todo um povo que seria desta forma responsável coletivamente pela prática criadora. A contra-poética deve ser considerada como um trabalho de escritores, de "investigadores" que visaria trazer para o nível da consciência coletiva as formas de resistência que esse mesmo povo pratica de forma espontânea e ingênua. Ora, es

---

1 - LAROCHE, Maximilien - La littérature haitienne: identité, langue, réalité. Ottawa, Leméac, 1981, p. 53.

te trabalho só poderá ser plenamente realizado na Martinica se as dificuldades já enumeradas forem superadas. O que supõe a inserção deste processo num quadro muito mais amplo de libertação.

> *"La contre-poétique mise en ouvre par les Martiniquais /.../ inventorie donc, et à la fois, une nécessité d'expression collective et une actuelle impossibilité à s'exprimer vraiment. Il est probable que cette contradiction tombera quand la communauté martiniquaise pourra réellement se dire, c'est-à-dire se choisir".* (1)

A poética dos povos emergentes é necessária e manifestamente política.

---

1 - GLISSANT. Op. cit., p. 245. O grifo é nosso.

Capítulo III

A LITERATURA COMO FORMA DE APROPRIAÇÃO

A LITERATURA COMO FORMA DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO: *La Lézarde*.

Na primeira parte de nosso trabalho referimo nos à estória, freqüentemente citada, em que a Martinica teria si do comparada a uma folha de papel amassada. Esta anedota que se integrou à "história" do país revela que, desde a época do "Descobrimento", a geografia bastante acidentada da ilha era um fato particularmente relevante. Esta diversidade de paisa gens será um fator importante na metaforização do espaço roma nesco glissantiano.

> *"L'incommensurable variété de paysages dont la nature a doté cette province s'organisait dans un climat unique, une chaleur fixe, où toutes choses en effet bougeaient sans se dénaturer. Comme si les essences de la vie et de la matière ici plus que partout ailleurs se proposaient d'em blée, pour ne jamais plus cesser d'apparaître dans une évidente et parfois douloureuse simplici té"* (1)

Essa variedade de paisagens permite ao roman cista - através do recurso de estabelecer uma forte integra ção entre cada personagem e seu espaço respectivo - poder tra balhar com uma gama bastante diversificada de personagens sem insistir em diferenciações de ordem psicológica. A personagem glissantiana é um homem do e no seu espaço: as oposições en tre os personagens são os contrastes que a paisagem da ilha

---

1 - GLISSANT, Edouard - La Lézarde, p. 18.

oferece; as transformações por elas sofridas se apresentam como profundamente relacionadas com seu deslocamento através da ilha, com suas "andanças".

Existe em Glissant uma certa fidelidade a alguns grandes princípios, entre eles o de que o homem só pode atingir o universal através do seu mundo particular. E num texto particularmente feliz, comentando uma frase do escritor argentino Jorge Luiz Borges -"*Pour notre malheur, le monde est réel, et moi, pour mon malheur, je suis Borges*"- Glissant acrescenta:"*mais c'est parce qu'il souffre ainsi l'enracinement dans son limon que Borges, malgré qu'il en ait, rayonne universellement.*"(1). "*L'enracinement dans son limon*" de Glissant é a apropriação do seu espaço, de sua ilha e é portanto sua maneira privilegiada de participar do Universal.

O personagem de Glissant busca o conhecimento. Esse conhecimento, ele procura tê-lo não voltando os olhos para dentro de si mesmo mas antes observando atentamente o que se passa ao seu redor. O itinerário intelectual percorre um itinerário geográfico. Procuraremos aqui mostrar como, em *La Lézarde*, o problema do espaço estrutura toda a obra e como a apropriação da terra fundamenta uma poética.(2)

O espaço romanesco de Glissant, não só em *La Lézarde*, mas em toda sua obra é obsessivamente representado pela oposição montanha/planície ou Norte/Sul ou ainda floresta/plan

1 - Id. - Le Discours Antillais, p. 143.
2 - Como dissemos na Introdução deste trabalho La Lézarde para seu autor pode ser considerada como a Poética do Espaço.

tação.

A montanha do Norte é dominada pela floresta. Este local, onde se refugiavam os escravos que fugiam das plantações - os marrons - (Glissant insistirá em *Le Quatrième Siècle* em apresentar a montanha como o espaço da liberdade, da resistência ao branco europeu, da preservação da tradição africana), é o reino da sombra, da magia, do conhecimento fantasmal:

> *"Manteau du corps secret, dernier refuge de la solitude tout unie"*(1)

A montanha é a depositária do segredo do passado: nela o homem lê o que não está escrito, conhece o mundo sentindo o perfume, olhando a escuridão, atento ao silêncio. A montanha é o lugar onde a cultura tradicional ainda resiste penosamente: o reino dos contos, das lendas. Sua limpidez é a do entrelaçar das samambaias, sua simplicidade é a da profusão, seus caminhos são sinuosos. Sua tranqüilidade emerge da solidão, sua força, da liberdade.

> *"Thaël sentit /.../ qu'il lui faudrait remonter sur la montagne, comme un qui refuse l'abandon, comme un qui s'isole avec fermeté pour enseigner à ses enfants le droit de dire et de choisir"*(2)

A montanha em *La Lézarde* é mais um espaço evocado do que um espaço descrito. O livro se inicia com a descida de Thaël *le montagnard* que vai ao encontro de um grupo de jovens da cidade, na planície, para com eles participar do as

---

1 - Id. - La Lézarde, p. 12
2 - Id., ibid., p. 181.

sassinato de um delegado do governo central que estaria encarregado de perturbar as eleições que se aproximam. Como o livro termina tragicamente com a volta de Thaël à sua casa (e com a morte de sua mulher), a montanha só será lugar da ação no momento em que Thaël procura o homem que deve assassinar e descobre que o traidor construiu sua casa sobre a nascente do rio Lézarde, em plena floresta, na montanha.

Neste encontro, entre Thaël e *"les ombres et les splendeurs de la forêt"*, existe uma explosão de sensualidade. Todos os sentidos do jovem são estimulados por este verdadeiro "festim" da natureza. Seus olhos percorrem a região que lhe é familiar:

> *"les à-pics où l'oeil exercé devine la fondrière, /.../ les couleurs ici plus continûment sombres, où soudain crie la fleur rouge du balisier /.../ on découvre en chaque coin du ciel un reflet d'eau /.../, on s'arrête, et on médite longuement devant la peau d'argent brisé (écaille somptueuse où dort le soleil) que vient d'abandonner un serpent en sa mue./.../ Et on s'éblouit d'une telle lumière, et qui gaina un tel corps: celui qui voit cela sait déjà en qu'il sera occupé toute sa vie".* (1)
>
> Ele ouve *"ce bruit ininterrompu du sous-bois, ce ruissellement d'oiseaux, de feuilles, de vent lourd..."*, (2)
>
> ele respira *"le parfum des girofles, du thym"* (3) */.../ "un léger parfum de poussière et d'ardeur. Et pardessus ce parfum /.../, l'odeur des fours à charbon /.../ la saveur desséchée de la*

---

1 - Id., ibid., p. 87.
2 - Id., ibid., p. 87.
/3 - Id., ibid., p. 88.

> *sève, l'arome de l'arbre qui meurt /.../ l'odeur de bois brûlé se mêle à l'odeur de bois mort /.../;*
> ele sente *"le goût de la viande braissé /.../, ses yeux brillent sous la morsure du piment /.../.*
> Logo em seguida ele descobre *"un coin de pommes-noix /.../ et il repart gavé de fruits, les lèvres brûlantes (l'écorce de la noix crispe et raidit la bouche) mais le coeur plein de suavités, et un goût de verdeur dans tout le corps, une autre ivresse, une autre douceur."*(1)

A montanha (e a floresta) em *La Lézarde* é pois um espaço fortemente positivo mas os personagens estão sempre se afastando dela. Este aspecto torna-se mais significativo quando constatamos que em *Le Quatrième Siècle* (publicado 6 anos mais tarde, em 1964) a montanha é não só o espaço do personagem-narrador como também o lugar privilegiado da ação, uma vez que é aí - na clareira, em frente à cabana do feiticeiro - que se travam as longas conversas entre os dois personagens principais e que são o suporte da narrativa.

Em *La Lézarde*, a montanha aparece sobretudo como o lugar de Thaël. Mas este deve abandoná-la porque precisa da experiência da cidade para poder chegar à consciência. O homem *"nourri de contes et légendes"*(2) busca *"l'ordre et la lucidité"*(3) da planície. As três casas situadas na montanha evocadas pela narrativa no fim do livro estão vazias: a Casa da Nascente, a cabana de papa Longoué e a casa da Thaël. Existe pois em *La Lézarde* uma restrição velada ao espaço da montanha

---

1 - Id., ibid., pp. 88,89.
2 - Id., ibid., p. 12
3 - Id., ibid., p. 21.

mesmo quando se afirma sua positividade. É muito significativo que este livro tenha sido escrito nos anos 50 quando Glissant acompanhava Franz Fanon nas críticas ao movimento da Negritude que, desfraldando a bandeira da velha África mitificada, servia aos interesses do neo-colonialismo francês.

La Lézarde revela ao mesmo tempo a valorização do homem da montanha que pôde escapar da alienação imposta pela cidade porque conservou a tradição -

> *"... tu raccordes le passé bruissant au présent plein d'amertumes. La joie t'appartient, Thaël"*(1)

- e o receio de que a valorização da tradição africana possa conduzir à recusa das outras culturas - particularmente a ocidental - integrantes igualmente da cultura antilhana. Em seu romance posterior, *Le Quatrième Siècle*, Glissant recoloca o problema privilegiando desta vez a necessidade de recuperar o componente africano - tão desprezado pelas instituições oficiais - na elaboração da cultura nacional.

Na obra de Glissant (num movimento antitético sempre sublinhado), à montanha - espaço da tradição e da liberdade - opõe-se a planície - o espaço da colonização. É a zona baixa, ao Sul, onde se desenvolveu a lavoura da cana de açúcar, fator determinante na constituição do povo e de sua cultura. A planície é o lugar da plantação organizada, racional: um tabuleiro de quadrados verdes. Mas é também o lugar da espoliação, do escravo humilhado, despojado de tudo e atirado nas engrenagens de um sistema de produção totalmente estranho

---

1 - Id., ibid., p. 82.

a ele.

Na Martinica, a plantação de açúcar se adensa à medida que se aproxima do extremo sul da ilha. Em pleno século XX, nos anos 40, a cana representa ainda a prisão, a dependência face aos importadores europeus, "*les cannes sinistres*"(1).

É na planície que se ergue a cidade, campo de força onde miseráveis e exploradores, tiranos e servos se defrontam. A cidade é apresentada como um casario miserável visto do morro: "*l'échiquier sans ordre des tôles*"(2), "*un étirement de tôles*"(3), "*l'amas de tôles*"(4), "*pâtis de toits*"(5), "*l'ardeur des toits rouges*"(6), "*la misérable masse de toits*"(7).

Mas ela atrai: "*cette ville a un charme*"(8), repete Thaël. Apesar da tranqüilidade, da serenidade da montanha, Thaël sente-se compelido a descer:

> "*Il descend. Il accède à la conscience qui éclaire et dénombre*"(9)

É porque é na cidade que as lutas são travadas hoje. Aí os jovens estudam, os homens se reúnem em grandes manifestações. Para Thaël "*cette ville était le futur pour lui*"(10). É aí que o homem da montanha, depositário da tradição, vai procurar "*l'ordre et la lucidité*"(11).

---

1 - Id., ibid., p. 30.
2 - Id., ibid., p. 11.
3 - Id., ibid., p. 30.
4 - Id., ibid., p. 31.
5 - Id., ibid., p. 124.
6 - Id., ibid., p. 14.
7 - Id., ibid., p. 127.
8 - Id., ibid., p. 124.
9 - Id., ibid., p. 12.
10- Id., ibid., p. 15.
11- Id., ibid., p. 21.

> *"Et Thaël, comparant cette monotonie, ce pont plat, et l'usine, aux détours de sa première route /.../ pensa qu'à la fin il avait quitté la légende, qu'il était entré, oui, dans les espaces ingrats du quotidien, qu'il allait apprendre non pas la démesure de la souffrance, mais enfin la rigueur des misères communes"*(1)

Na planície martinicana (nos anos 40/50) existe uma certa homogeneidade: o homem da cidade é o homem que veio do campo. Para Glissant, a pequena cidade de Lambrianne (Lamentin) é um prolongamento da plantação:

> *"Il n'y a pas de barrage, il n'y a pas un endroit où le sentier de boue finit et où la rue commence, as-tu vu un endroit? Regarde, c'est comme un champ, il faut labourer, et tous les ouvriers viennent, par tous les chemins. Et ça fait un bloc, un bouillon, c'est pour cela que la grande rue n'existe pas, elle n'a pas de raison, ce serait une allée, il y aurait des arbres, du sable, si les gens comprenaient. /.../ la ville /.../ continue la terre /.../. Il n'y a pas de ville, il n'y a que la terre qui a fait des maisons, voilà, et les hommes de la terre entrent dans les maisons"*(2)

Espaço portanto da produção, a planície é ao mesmo tempo suja e cheia de vida: *"La plaine est sale"*(3). Será o rio que drenará sua sujeira, todo o seu lixo para o mar, que a projetará para o futuro.

A planície também é o espaço violado, cortado

---

1 - Id., ibid., p. 72.
2- Id., ibid., p. 126, 127.
3 - Id., ibid., p. 21.

pela espada do colonizador: a estrada de asfalto -

> *"La plaine de part et d'autre de la route leur apparut nue, noire, plaquée d'une eau saumâtre"*(1)

- numa evocação dos estupros que as mulheres africanas sofreram na sua *via crucis* para o Novo Mundo.

(Dizia Glissant, em conferência pronunciada no Rio de Janeiro, que todos os descendentes de africanos na América, sem nenhuma exceção, têm, entre seus antepassados, uma mulher violada uma vez que nos navios negreiros, durante a travessia, sistematicamente todas as mulheres africanas eram estupradas pelos marinheiros).

A planície: lugar da organização; a montanha, o espaço do imponderável. Assim como os lugares, os personagens também se opõem: Thaël, que vem da montanha, é o homem da noite, do mistério; Mathieu, o jovem da cidade, é o intelectual, o organizador do ato político. Mas o que se busca é a inter penetração destes dois mundos.

Assim, *La Lézarde* e *Le Quatrième Siècle*, que parecem à primeira vista romances muito diferentes, realizam o mesmo projeto mas "em sentidos opostos", por assim dizer. Em *La Lézarde*, o tema é a ação política; como esta se realiza de maneira privilegiada na cidade, o personagem principal Thaël "desce" e a ação do romance se desenrola durante o período em que ele está na planície. *Le Quatrième Siècle* privilegia a recuperação da memória, a busca do sentido do passado; seu per

---

1 - Id., ibid., p. 235.

sonagem principal Mathieu (o mesmo de *La Lézarde* mas ainda adolescente) "sobe" a montanha onde vai procurar "*la moitié droite de son cerveau*". Mas em ambos os livros, uma recorrência: o conhecimento deve abranger os dois espaços, a montanha e a planície; eles são complementares.

É por isso que Thaël e Mathieu são apresentados em *La Lézarde* como se fossem um o duplo do outro.

> "*Mathieu pense que Thaël est comme son double nocturne, essentiel: un Mathieu de la nuit profonde...*"(1)
>
> "*... Différents, et pourtant pareils. Comme le jour et la nuit l'un à côté de l'autre.*
>
> - *Lequel, le jour?*
> - *Mathieu. Thaël, la nuit. Mathieu qui nous a dirigés, sans même le savoir. Il est allé plus au fond, il essaie de voir l'ensemble. Nous avons besoin de lui. Thaël qui est venu comme ça, une apparition, tout soudain.*
> - *Comme la nuit.*
> - *Et nous avons aussi besoin de la nuit. Je veux dire des vérités qu'on ne peut que deviner. Peut être besoin de nous tromper un peu, de méditer nos erreus. Et il faudrait revenir du côté de papa Longoué. Tout ce que nous avons oublié. L'Afrique. La mer. Le voyage. Et puis non, pas à froid. Il y a peut-être pour nous une manière exaltée de dire les choses. Je ne sais pas. Les dire dans le cri, mais les penser dans la lucidité. Voilà pourquoi, oui, peut-être, voilà pourquoi Thaël et Mathieu se sont battus. Mais ils savent qu'ils ont l'un et l'autre raison*"(2)

---

1 - Id., ibid., p. 117.
2 - Id., ibid., p. 196, 197.

O acoplamento de personagens nos romances de Glissant se verifica principalmente no estabelecimento dos casais. Thaël, em *La Lézarde*, não é apenas o duplo de Mathieu. Ele é também o parceiro amoroso de uma jovem da planície do Sul, Valérie "*dont le visage fond dans la profondeur verte*"(1). São metades que logo se reconhecem como complementares e cujos filhos deverão representar a união do país. Por um momento, Glissant resvala para o tom triunfalista e messiânico dos revolucionários da 1ª metade do século:

> *"Thaël pensa que leurs enfants seraient comme elle et comme lui: forts et intrépides comme elle, ignorants de ce drame du commencement et du premier cri; attentifs et lucides comme il l'était devenu depuis son départ de la montagne. Ils feraient le peuple de demain et Valérie saurait les élever /.../. Oui, Valérie avait en elle toutes les grandeurs de la montagne et toutes les forces de la plaine."* (2)

Entretanto, entre a planície e a montanha, entre o Sul e o Norte, entre a cidade e a floresta, espaços que se opõem na obra glissantiana e que deverão (ou deveriam) se completar, existem outros elementos que ao mesmo tempo os unem e os separam: os caminhos.

E o elemento mais recorrente - quase obsessivo - de *La Lézarde* é o caminhar. Todos os personagens de Glissant (em todos os seus livros) andam sem cessar, percor

---

1 - Id., ibid., p. 99.
2 - Id., ibid., p. 182.

rendo o país, esquadrinhando todos os cantos através dos *sentiers, chemins, routes, allées, détours, cours, voies, rues, avenues*, etc.

> *"J'ai tellement marché quw j'ai chémar et que mes talons sont venus par devant"*(1)

diz uma velha expressão crioula citada por Glissant.

Se os contos africanos, antilhanos e europeus abundam em exemplos de viajantes, seus heróis estão sempre à procura de algo: Ulisses, Enéias, o príncipe da Bela Adormecida, O Gato de Botas, Jasão, os cavaleiros do Santo Graal, os personagens de Amadou Koumba, Ti-Jean partem em busca de objetos mágicos, da terra natal ou de terras estranhas, de algo enfim que lhes permitirá construir sua felicidade ou simplesmente afastar o infortúnio. O caminhar tem um objetivo e o que importa é alcançá-lo.

Nos romances glissantianos fazer a viagem é mais importante do que chegar. Os personagens buscam o conhecimento, é verdade, mas este conhecimento eles não o procuram dentro de si mesmo, voltando os olhos para o seu interior (não há uma preocupação com a psicologia dos personagens). O importante é observar atentamente a paisagem, é conhécer a terra. Pois a terra e o seu conhecimento são os objetivos perseguidos por todos; e ela está lá por toda a parte.

O que existe entre a terra e o homem é um ato de amor.

---

1 - Id., ibid., p. 89.

> *"Aux mouvements tectoniques d'une terre à la recherche de son équilibre, à ces variations de paysages dues à l'action de l'homme ou à l'érosion, se joint le déplacement sur la terre elle-même des êtres en quête de la connaissance. Non seulement les éléments agissent mais aussi les hommes qui communient avec eux"*(1)

A terra se oferece aos homens e os homens querem (precisam) apropriar-se dela. Esta apropriação em *La Lézarde* é pois pelo caminhar.

Se inúmeros são os caminhos que percorrem a ilha, três deles poderiam ser considerados como privilegiados: as trilhas *(les sentiers)*, a estrada *(la route)* e o rio *(la Lézarde)*.

As trilhas são os caminhos "naturais", cheios de "*tours et détours*". Elas respeitam a natureza, seus acidentes. Não castram, não destroem os obstáculos mas procuram sempre contorná-los.

> *"Ils contournèrent l'agglomération par le chemin d'un sentier"*(2)

A imagem da trilha é particularmente esclarecedora. A trilha é definida progressivamente (e lentamente) pelos homens que dela se servem num processo semelhante ao da acumulação (do qual falamos em capítulo anterior). Neste processo, os conhecimentos esparsos pouco a pouco se sedimentam criando um fundo, uma massa que afinal é obra de todos; a

---

1 - ROUDIL, Roland - La terre dans l'univers romanesque d'Edouard Glissant. Mémoire de maîtrise. Avignon. Faculté des Lettres et Sciences Humaines. 1974/1975, p. 79.

2 - GLISSANT, Edouard - La Lézarde, p. 21.

trilha igualmente resulta da acumulação, da repetição dos passos ao longo dos anos, das marcas, deixadas por aqueles que a percorreram num processo silencioso e repetitivo de apropriação:

> *"Thaël avait compris que cette terre qu'ils portaient en eux il fallait la conquérir. Non pas seulement dans la force des mots, mais concrètement, chaque jour, qu'ils en aient l'usufruit, le bénéfice, qu'ils en fassent l'inventaire et en disposent librement. Car la terre toujours se donne."*(1)

Como a trilha é feita por aqueles que a percorrem, ela está profundamente enraizada na vida da população local. Não é fruto de um projeto estranho, de um plano ordenador pré-existente(2). Ela é o caminho mais curto, mais seguro na lógica daqueles que a palmilham. Ela é adequada ao corpo do homem, às suas possibilidades: ela é percorrida a pé (pelo homem ou pelo animal). Em *La Lézarde*, todos os personagens se deslocam sempre a pé. Apenas o misterioso interlocutor de Garin, seu ex-patrão e autor da desonesta proposta de desapropriação das terras ao longo do rio, tem um cavalo que o espera "*devant la porte*"(3). Quando ele parte "*on entend le cheval, lancé au trot sur la pente de boue sèche. Puis rien.*"(4)

---

1 - Id., ibid., p. 56.
2 - É comum as trilhas surgirem como alternativas "selvagens" a caminhos oficiais recobertos por pedras, asfaltados e até ladeados de flores. O usuário recusa o traçado imposto em nome de critérios de beleza ou racionalidade e, pelo seu caminhar, elabora um novo traçado.
3 - Id., ibid., p. 94.
4 - Id., ibid., p. 96.

Aliás, os personagens não só andam muito - sempre a pé - como parecem também andar descalços.

> *"Mathieu et ses amis /.../. Pieds nus par bravade, endimanchés par goût de l'insolite, noctambules tenaces."* (1)
> *"Ils /Valérie et Thaël/ se tenaient dans cette boue; pieds nus..."* (2)

As referências a calçados são muito raras; Garin tem botas (p. 96 e 145) e Mirta tem sapatos que ecoam na calçada (p. 193, 194). E ambos são adversários dos personagens principais, ambos têm fortes ligações com a Metrópole, *"le Centre"*. Fora disso, uma única referência a sandálias de Thaël na descida do rio Lézarde (p. 145). Para escapar às águas do Lézarde, os personagens se preocupam com as calças, não com os sapatos:

> *"... il vit le pont plat, déjà recouvert jusqu'à la première barre de fonte par les eaux lourdes de la Lézarde; il lui fallut traîner la jambe, emporter l'eau à chaque pas, protéger ainsi son pantalon!"* (3)

As trilhas, os caminhos, são de terra, de barro. Pisando neles com seus pés nus, os personagens estabelecem um contacto que transpira erotismo: contacto entre a terra e o corpo humano, entre a argila e a pele dos pés.

> *"Résolument il enfonça dans la boue, et accompagna le soleil".* (4)

---

1 - Id., ibid., p. 17.
2 - Id., ibid., p. 75.
3 - Id., ibid., p. 180.
4 - Id., ibid., p. 11.

Estes caminhos, tortuosos, avançam pelos morros; atalhos, cheios de pedras, encurtam distâncias. Estão disseminados por todo o país, mesmo nas regiões de mais difícil acesso. Onde existir um homem, um animal, lá existirá uma trilha.

Toda a ilha aparece como percorrida por uma intrincada rede de veias e artérias de terra que mantêm o país vivo. Mas algumas dessas trilhas são apresentadas de forma negativa: são os caminhos que percorrem os canaviais. O universo da cana é o reino da servidão, da tirania:

> *"Thaël se jeta dans un chemin courant, entre deux champs de cannes drues: pour accepter, pour connaître cette prison, pour éprouver là, seul entre les murailles sifflantes, ce poids de tyrannie. /.../*
> *Alors dans la perspective de l'allée prisonnière, Thaël vit grandir un point, une silhouette, une flamme, la jeune fille à la maison de feu. Et ils allaient avec rigueur à la rencontre l'un de l'autre, sans rien qui puisse les séparer: sous la garde des cannes, et dans le ciel plat. Il vit venir vers lui, du fond du délire vert, Valérie"*(1)
> *"Thaël /.../ se jeta dans le sentier entre les cannes, dans la prison de sueur de sucre, de dividendes, de salaires misérables, d'ignominies et d'exploitations montées sur pied de verdure /.../"*(2)

Mas a cidade de Lambrianne, como já dissemos, não é separada do campo que a circunda por uma barreira. É pela trilha que o campo penetra na cidade e esta se prolonga

---

1 - Id., ibid., p. 73.
2 - Id., ibid., p. 182.

pela planície. Nesta Lambrianne dos meados do século XX , as ruas sem calçamento são o prolongamento natural dos caminhos de terra do campo.

> *"Cette rue ouvrait en précipice vers la plaine"*(1)
> *"Et ce fut la rue des Barrières /.../ à l'endroit où celle-ci devenait presque un sentier conduisant à la gendarmerie, à l'hôpital, au terrain de sports et à la campagne".*(2)
> *"On ne peut pas /.../ imaginer /la ville/ sans voir aussitôt tous les sentiers qui courent vers la place; c'est plein de gens avec les chaussures à la main, les femmes qui portent leur robe pour la ville dans un sac, ceux qui s'arrêtent à l'entrée pour se laver les pieds, toutes ces files de gens qui arrivent de partout, non? Qu'est-ce que c'est? Des gens de la terre. Il n'y a pas de barrage, il n'y a pas un endroit où le sentier de boue finit et où la rue commence...*(3)

Mas se por um lado as trilhas permitem que os homens, andando a pé, descalços, percorram toda a ilha, da montanha à planície, do campo à cidade, por outro lado, elas pertencem de uma certa forma ao passado, à pequena cultura de subsistência, à parte velha e pobre da cidade. E a trilha tem de enfrentar uma poderosa e terrível rival: a estrada.

A estrada é apresentada no início do livro como *"la grande artère coloniale, la route noire"*(4). A estrada representa portanto o caminho do colonizador. A oposição fundamental que Glissant sugere entre a estrada e a trilha é que

---

1 - Id., ibid., p. 192.
2 - Id., ibid., p. 211.
3 - Id., ibid., p. 126.
4 - Id., ibid., p. 13.

a primeira é uma "reta"; ela foi construída para que os veícu los possam desenvolver uma grande velocidade, atingir rápida e inexoravelmente seu objetivo.

> *"La route est assurément sans mystères, elle con duit droit comme fatalité vers le grand carrefour de l'usine: ce qui fait que toute cette rigidité du goudron est pour saluer le chantier de la mort, que toute cette platitude du ciel sur l'éclat noir de la route est pour annoncer la dangereuse banalité des bâtiments de la cuisson".* (1)

A estrada é inflexível e autoritária -*"la rigidité du goudron"*(2) - e vai direto ao que se propõe -*"la longue route droite"*(3)- ela propicia portanto um certo automatismo, uma indisfarçável indiferença em relação à paisagem. É a rapidez exigida pelo presente face ao lento caminhar do passado. A estrada foi feita para os carros (p. 14,71) e a negra camada de asfalto cobre a terra, sepulta-a, esteriliza-a.

A estrada, ao permitir que os carros atinjam maior velocidade, torna invisível, ausente, todos os pequenos detalhes vivos e atuantes que compõem a paisagem.

> *"Le voyageur qui va plus avant dans le pays, vers le Sud aux blancheurs étalées /.../ passe sans détourner les yeux de la route inflexible; et l'herbe en vain balaie la trace des voitures: nul ne voit l'herbe".* (4)

Só o ato de percorrer a pé um caminho dá aos pequenos animais, às plantas, pedriscos, enfim, aos anódinos acidentes do terre

---

1 - Id., ibid., p. 71.
2 - Id., ibid., p. 71.
3 - Id., ibid., p. 180.
4 - Id., ibid., p. 71, 72.

no, vida própria. A trilha supõe uma outra economia de tempo, uma outra duração. É por isso que, com todos seus desvios *(détours)*, ela *semble ne pas avancer*[1].

A estrada pertence ao mundo da ordem, do tempo-lucro, da otimização, da racionalização, ao mundo do Além-mar. Ela foi secretada por uma outra história. Ela existe, na ilha, para servir aos interesses da cana (da metrópole), não da população.

Expressão do sistema colonial, "*la grande artère coloniale*"[2], é freqüentemente evocada como uma mordaça negra silenciando a paisagem, uma tarja de luto "*un ruban noir*"[3], sobre a profusão de cores da paisagem local: "*tout le délire de couleurs sur cette terre*"[4]. A estrada não é marca de vida: ela não une os habitantes. Unindo o porto à usina, ela exaure o país de suas parcas riquezas: é uma marca de ferro candente no corpo exangue da ilha. A estrada - como Garin - é indiferente às belezas das margens. Sintomaticamente Garin, o traidor, se apresenta como "*l'homme qui fait les routes*."[5]

Mas, como sempre em Glissant, não há um maniqueísmo simplório (como parecem sugerir alguns críticos apressados). Assim como a estrada avança para as montanhas, a trilha não é banida do mundo da plantação. Em nenhum momento *le sentier* é apresentado como exclusivo de uma determinada paisagem. Afinal, a grande imagem do livro é o caminhar, o movimen

---

1 - Id., ibid., p. 76.
2 - Id., ibid., p. 14.
3 - Id., ibid., p. 120.
4 - Id., ibid., p. 36.
5 - Id., ibid., p. 145.

to, a transformação. Os mundos tendem a se interpenetrarem. Vimos anteriormente como as trilhas entre os canaviais impregnam-se da negatividade desse universo da expoliação. Da mesma forma, a própria estrada, à medida que avança para o Norte, é como "contaminada" pela paisagem:

> *"l'hésitation, les lacets, le retard complaisant: ombres palmées, silences...*(1)

Aliás, a estrada para o Norte termina num caminho de pedras, provocando o comentário irônico do narrador -

> *"les ingénieurs dans ce pays n'achèvent pas les routes"*(2)

- e complementaríamos: em particular quando elas não se destinam a servir exclusivamente os interesses dos grandes proprietários, como é o caso da estrada ao Sul.

É pelo caminhar que os homens sentem a terra, comungam com ela. É através do caminhar de seus personagens que Glissant revela a sua paisagem natal. É pelo caminhar que ele sugere sua idéia-mãe, retomada obsessivamente em toda a sua obra: a necessidade de apropriação da terra, a terra deve pertencer a todos, a decisão sobre a terra não pode vir de fora.

É pelo caminhar que se estabelece a integração da ilha. É porisso que achamos leviana a afirmação de Maryse Condé:

> *"Glissant n'échappe pas aux stéréotypes puisqu'il divise ses personages en deux clans, les marrons*

---

1 - Id., ibid., p. 71.
2 - Id., ibid., p. 71.

> *et les esclaves de plantation et que cette dicho tomie répond au choix proposé par le maître 'Obéir ou refuser'. Ce monde qu'il prétend restituer, de meure celui où les êtres se définissent par rap port à l'ordre du maître; il demeure manichéen, simpliste, même si par le jeu des amours et des désirs, Glissant prétend réduire les distances"*(1)

Ela parece ter desprezado uma leitura mais acurada da obra de Glissant que, quer em seus escritos teóricos, quer em seus romances, sempre sugeriu que a formação de uma nação antilha na supõe a contribuição de todos, inclusive dos *békés* (a pequena minoria branca descendente dos primeiros colonizadores). Quando Thaël, Mathieu, Tigamba, Mycéa, Valérie e outros percorrem o país em todas as direções, eles procuram conhecê-lo e se conhecer, transformá-lo e se transformar, mas sobretudo criar uma nação apropriando-se da sua paisagem.

Quando Thaël, o descendente dos marrons, desce a montanha "*tout se défait* e *il accède à la conscience qui éclaire et dénombre*."(2) O verbo *accéder* indica também franquear o umbral de um caminho a ser percorrido. O acesso de Thaël a uma consciência mais ampla se faz pelo ingresso na ordem da Razão ocidental, pela ação política, enfim, pelo acesso a tudo o que a cidade, a escola, a cultura ocidental apontam. Caminhar não é abandonar um lugar pelo outro, é uní-los. Assim Mathieu - o duplo de Thaël - o urbano, o escolarizado, o intelectual, o racional, o descendente dos escravos da plantação,

---

1 - CONDÉ, Maryse - Le stéréotype du noir dans la littérature antillaise: Guadeloupe - Martinique. Thèse pour le Doctorat de 3e cycle. Université Paris III. SORBONNE, 1976, p. 163.

2 - GLISSANT, Edouard. Op. cit., p. 12.

faz o caminho inverso. Sua ascese vai da estrada à trilha, da cidade ao morro.

> *"Mathieu est fatigué. On lui a encore dit que ce serait à 'trois pas d'ici': l'optimisme des habitants est en la matière sans limites. 'Tu prends le petit chemin à droite, tu tournes au coin de la source, c'est là'. Mais il sait que le trajet durera trois heures et qu'il y aura plus d'un détour. Mathieu continue par les sentiers de boue, il pense à toute cette initiation: comme si, pour accéder* /a mesma palavra empregada para Thaël/ *à la vraie connaissance de la terre, à la saveur des recoins, à l'estimation lourde des misères, à cet éblouissement des joies grandes et petites, il lui fallait passer par ce temps de la campagne électorale!"*(1)

O fato de Glissant ter usado o verbo *accéder* para designar quer o movimento descendente de Thaël, quer o movimento ascendente de Mathieu indica a nosso ver que ele não hierarquiza as *démarches*, que ele não confina seus personagens aos seus lugares de origem. Os pequenos mundos de cada um tendem a se interpenetrar e não a se excluir (pelo menos na intenção do poeta). Uma imagem bastante significativa é a descida de Thaël pelos tubos do aterro, girando como um pião e integrando todos os elementos da paisagem.

> *"Moulin-rivière-goyaves-pluie-route-remblais-soleil-moulin-rivière-goyaves-pluie..."*(2)

---

1 - Id., ibid., p. 117.
2 - Id., ibid., p. 13.

Mas o grande caminho do livro -"*chemin d'eau*"[1] - é o rio Lézarde que lhe dá nome. O rio aparece de forma bastante privilegiada no romance. Em primeiro lugar, ele é o único caminho (fora da cidade) a ter um nome (e o nome para Glissant já é uma forma de conhecimento). Além disso, este nome é um nome geográfico, real, que acaba colocando todo o livro entre o real e a ficção: Lézarde é realmente o nome de um rio da Martinica, o mais importante, não só em extensão como em volume de água, e que - como no romance - ocupa uma posição estratégica do ponto de vista geográfico: nasce na parte alta da ilha, ao Norte, atravessa a planície do Lamentin e deságua no mar do Caribe junto à cidade de Lamentin (Lambrianne no romance). Nome geográfico, Lézarde é também um nome poético (como quase todos na ilha): a palavra *lézarde* evoca as trilhas de terra sinuosas e irregulares:

> "*et toujours serpentant suivant les caprices de l'eau*".[2]

Algumas críticas - sobretudo as resenhas em revistas literárias - assinalam que, embora a descida do rio, ao final da qual se realizará um assassinato político, seja, do ponto de vista da ação, muito importante, ela ocupa apenas uma das quatro partes em que o livro está dividido. Mas se considerarmos a 4ª parte (*L'éclat*) como um epílogo (17 páginas) das três primeiras que têm aproximadamente o mesmo número de pági-

---

1 - Id., ibid., p. 138.
2 - Id., ibid., p. 98.

nas (na ordem: 73, 72 e 71 páginas), a 2ª parte, (*L'acte*) ou a descida do Lézarde, ocuparia a parte central. Assim, a 1ª parte (*La flamme*) seria a preparação do ato político (narrando o encontro de Thaël com os jovens da cidade) e a 3ª (*L'élection*), a conseqüência esperada do assassinato de Garin, ou seja, a vitória do candidato dos jovens personagens nas eleições. A descida do rio assim seria não só o eixo da ação mas o centro estratégico da estrutura narrativa de *La Lézarde*.

A descida do rio - segundo um procedimento quase obsessivo em Glissant - é feita por duas pessoas antagônicas. De um lado, o renegado Garin que empreende a viagem para ver quais são as terras que poderá desapropriar e transformar em dinheiro; embora filho do lugar, ele se recusa a considerar o país como sua terra natal. A terra para ele é apenas lucro, instrumento de poder. E o rio pode ser usado como uma arma. Ao comprar a casa sobre a nascente do rio Lézarde, Garin pretende usurpar o rio, subjugar a terra.

> *"C'est pour cela que j'ai acheté la maison /.../ Pour commander toute la rivière. /.../ Et l'homme alors se dirige vers la source, et il y met ses deux pieds, là, sans un frisson. 'Tous, tous', murmure-t-il. Il reste longtemps encore, regardant l'eau chasser sur le cuir des bottes. Il est planté dans la source: un arbre qui tente d'usurper toute la fécondité de la Lézarde, ou au moins de salir quelque chose, la rivière, les champs, les hommes."*(1)

---

1 - Id., ibid., p. 95, 96.

Seu companheiro de viagem Thaël tem a missão de destruí-lo para garantir que as próximas eleições sejam livres. Para este jovem filho da montanha descer o rio vai significar uma nova etapa no seu processo de politização. É conhecendo o rio e as suas margens que ele compreende melhor o seu povo e a sua responsabilidade para com ele. Descer o rio a pé é para Thaël uma ocasião privilegiada de saborear demoradamente a paisagem. Ele afirma a Valérie no fim do livro.

> *"Regarde. J'ai vu tout le pays s'ouvrir devant moi. D'abord, les amis /.../ Et puis la Lézarde, depuis la source jusqu'à la mer. Et avec la Lézarde j'ai connu la terre, les mornes rouges, la terre grasse, les sables. Bon. Avec les amis nous avons découvert le pays".* (1)

O homem se reconhece nos seus conterrâneos e na paisagem da sua terra. A descoberta da paisagem une-se à descoberta da coletividade. A apropriação do espaço deve ser um ato coletivo.

A descida pelo rio - de sua nascente até o delta - permite a Glissant usar uma imagem bastante recorrente que é a associação do percurso do rio com a duração da vida humana. Algumas imagens inclusive já se incorporaram à linguagem do quotidiano como a do nascimento e morte.

"La Lézarde n'a pas une belle mort." (2)

Glissant, entretanto, evitando cuidadosamente o banal, associa o rio à vida de uma mulher (a palavra "Lé

---

1 - Id., ibid., p. 239.
2 - Id., ibid., p. 30.

zarde" é feminina) ou mais precisamente ao desabrochar da sua sexualidade. É interessante assinalar aqui mais uma vez a explosão da sensualidade na paisagem glissantiana, em contraste com o erotismo extremamente velado (diríamos: cheio de pudor) das relações amorosas narradas em seus romances.

> *"... Elle descend de belle façon les contreforts du nord, avec ses impatiences, sa jeunesse bleutée, les tourbillons de son matin. Lorsque paît le premier soleil, la Lézarde surprise en son détour semble là s'assoupir, guetter l'astre, jouer à la dame, prudente; puis soudain elle bondit /.../, elle débouche d'angle en angle /.../ et la voilà dans le grand matin, joyeyse et libertine, elle se déshabille et se réchauffe, c'est une fille nue et qui ne se soucie des passants sur la rive, elle baigne dans sa promptitude (éternelle, et l'eau passe sur l'eau), et bientôt, comme femme mûrie dans le plaisir et la satiété, la Lézarde, croupe élargie, ventre de feu sur les froides profondeurs de son lit, comblée, s'attarde et se repaît dans le cri de midi"*(1)

O rio é também a metáfora do povo de Lambrianne, de sua história.(2)

> *"... la Lézarde /.../, c'est comme un peuple qui se lève..."* (3)

O rio nasce na montanha, no meio da montanha, no meio da floresta, lugar da tradição, do passado e Thaël, que procura o

---

1 - Id., ibid., p. 30, 31.
2 - O vínculo entre história e paisagem é um dos pontos fundamentais da obra de Glissant e Le Quatrième Siècle, como veremos na 2ª parte deste capítulo, é um exemplo bastante esclarecedor.
3 - Id., ibid., p. 30.

homem que deve destruir, é impelido à procura da nascente do rio

> *"comme si la rivière lui imposait de connaître ce commencement, ce doux jaillir qui prendra force et engendrera la fécondité, avant qu'il accomplisse l'acte".*(1)

A descida do rio é empreendida pelos dois homens e se estende por três dias. No primeiro, é percorrida a região dos morros e dos bosques, ao Norte, onde está o berço do rio e onde está também o berço da história da ilha.

> *"Ils s'étonnent d'être ainsi toujours cernés par ce pays de pointes et de mornes, par cette eau".*(2)

As águas do rio são claras, a correnteza é forte. No 2º dia, eles chegam à planície, lugar da plantação onde o colonizador europeu imprimiu sua marca e a vegetação transformou-se em *"sage verdeur"*(3). As águas do rio tornam-se mais espessas devido à terra das margens que são arrastadas e por sua vez ele poderá alimentar as terras com seu limo. Como o Lézarde, a plantação sugou a força dos trabalhadores mas ao mesmo tempo permitiu-lhes sobreviver:

> *"(comme si les cannes étaient nécessaires, par contrecoup, à l'assurance de celui qui les déteste et les combat)"*(4)

No 3º dia, os caminhantes chegam aos limites da cidade, junto à desembocadura do rio. A cidade é vista como um espaço degradado onde sujeira e ratos se acumulam. Mas os

---

1 - Id., ibid., p. 89.
2 - Id., ibid., p. 111.
3 - Id., ibid., p. 118.
4 - Id., ibid., p. 75.

homens que aí estão vieram em parte da montanha ou da plantação. A cidade é o lugar para onde todos convergem. O rio a contorna antes de morrer, drena suas impurezas e estabelece sua ligação com o mar, a abertura para o Caribe, para o mundo, a via para o futuro.

> *"... Il y a la mer et il y a la ville, et qu'est-ce qui fait le lien, qu'est-ce qui rattache la ville à la mer?*
> */.../*
> *- La Lézarde! Comment la rattache-t-elle? /.../ non pas en traçant tout droit un chemin d'eau depuis les maisons jusqu'au sable. Non. Elle fait un large tour, la Lézarde. Elle ramasse toute la terre autour de la ville, elle comprend que cette ville et cette terre c'est la même nourriture, c'est la même vie, et elle fait sa boucle, pour porter à la mer toute la ville et toute la terre. Parce que la mer, c'est l'avenir, non? C'est toujours ouvert, on vient, on part. Et la ville c'est ce qui reste là, toujours présent, non? Toute cette mesquinerie appelle vers ce qui est au-delà de l'horizon, non? Et ainsi la Lézarde, c'est ce qui empêche la ville d'être une ville, ce qui lui donne sa chance, d'être quelque chose, au fond de la nuit."* (1)

Em três dias, Thaël viu tudo o que está às margens do rio, em 3 dias, toda a história de seu povo lhe foi sugerida.

A terceira imagem à qual é associado o rio enquanto caminho é o próprio romance: *La Lézarde* é também a his

---

1 - Id., ibid., p. 128, 129.

tória da sua origem como romance.

O narrador de La Lézarde seria na época dos acontecimentos do romance (1945) um menino que acompanhava deslumbrado as manobras dos protagonistas e que, progressivamente ao longo do romance, vai se integrando ao grupo de jovens. Na última reunião do grupo - antes de sua dissolução - os jovens encarregam o narrador de contar a história deles, de fazer um livro sobre o seu país, a sua terra. Mathieu pede que o livro seja uma história, Luc acrescenta que deve ser como um testemunho, Pablo, como um poema e finalmente Thaël pede que o livro seja como um rio.

> *"Fais-le comme une rivière. Lent. Comme la Lézarde. Avec des bonds et des détours, des pauses, des coulées, tu ramasses la terre peu à peu. Comme ça, oui, tu ramasses la terre tout autour. Petit à petit. Comme une rivière avec ses secrets, et tu tombes dans la mer tranquille..."*(1)

Ler o romance será pois também percorrer um caminho, um caminho que leva à consciência, à liberdade. Trata-se de uma trilha, uma "lézarde" de irregular trajeto porque não ignora nem elimina os acidentes do percurso. É também um rio que carrega com suas águas a terra das suas margens, impregnando-se do seu sabor, do seu odor. É um lento caminhar pois os conhecimentos precisam ser acumulados, formar uma massa suficiente para que nela se firmem as raízes. Depois, estes caminhos terão que ser abandonados. Eles pertencem a um momento que terá de ser superado. O rio, o grande caminho de

---

1 - Ib.,idib., p. 224.

água, é inexorável: as águas seguem para o mar, para o futuro; como a vida, como a história, como a literatura.

> *"Noeud des chemins, parcourant le pays, liant le passé à l'avenir, et l'homme à la femme qu'il a nommée dans son coeur, et la rivière à la mer! Chemins obscurs, fragiles, dont l'usage sera bientôt perdu, dont l'existence aura tari à ce point qu'on ne soupçonnera pas qu'ils aient pu être. Chemins invisibles que quitte l'homme quand il entre dans l'âge de ses vraies raisons, et qu'il partage le fruit de sa terre, et qu'il mesure l'univers autour de lui. Tous ces chemins ratrapent la même impatience, la somment d'éteindre son brasier, jusqu'au moment de l'aboutissement. Thael, Mathieu, Garin: oeuvres en marche: non pas hommes seulement, mais destins poussés à l'extrême du pays et tenus en exemple. Leurs pas tissent la toile dont la terre se vêtira"*(1)

---

1 - Id., ibid., p. 106.

A LITERATURA COMO FORMA DE APROPRIAÇÃO DA HISTÓRIA: *Le Quatrième Siècle*.

A obra de Glissant pode ser considerada como uma literatura voluntária, uma poética forçada, uma vez que o autor sempre afirmou em seus textos teóricos e em seus textos poéticos sua "intenção". Sua obra se justificaria por

> *"cette nécessité d'épuiser en une fois le champs d'histoire déserte (dévastée) où notre voix s'est dissipée, et de précipiter la voix dans l'ici et le maintenant, dans l'histoire à faire avec tous"*(1)

A reinvenção do passado torna-se um ato cultural urgente. Nesta perspectiva, *Le Quatrième Siècle* situa-se de forma privilegiada na produção glissantiana. Todas as críticas sobre este romance assinalam sua preocupação evidente com a história. O próprio Glissant, como já dissemos, afirmou que este livro poderia ser considerado como a Poética da história.

Enquanto *La Lézarde* não rompe totalmente com a linearidade da narrativa, *Le Quatrième Siècle* encontra, do ponto de vista formal, uma solução bastante funcional. O romance coloca frente a frente, numa seqüência de encontros que se estende por quase todo o livro, dois personagens: um jovem estudante e um velho feiticeiro. O primeiro, Mathieu (de quem sabemos pelo romance anterior *La Lézarde* e pelo final do livro que se tornará um arquivista e historiador), questiona seu in

---

1 - GLISSANT, Edouard - L'Intention Poétique, p. 50.

terlocutor, último descendente de uma família de marrons, sobre o passado. Desta longa conversa - às vezes diálogos, às vezes justaposição de monólogos - resulta uma instigante reflexão sobre a percepção do tempo e do espaço nas culturas postas em confronto pelo processo de colonização.

O encontro desses personagens representaria a colisão de duas necessidades, de duas "urgências" para usar uma palavra cara a Glissant: de um lado, o velho feiticeiro papa Longoué, único depositário de uma tradição oral que remonta às terras africanas, sem descendentes (seu único filho morreu nos campos de batalha da Europa, durante a 1ª Guerra Mundial), não quer que esse conhecimento secular desapareça com ele; do outro lado, um jovem estudante - marcado pela formação cartesiana da escola francesa - busca outras fontes de informação na sua tentativa angustiante de compreender o passado da sua ilha.

> *"/.../ ainsi Mathieu parfaisait la tâche qu'il avait entreprise, d'amener le vieil homme à parler (dans ce langage inappréciable, tout en manières et en répétitions, qui n'en avançait pas moins avec sûreté vers un savoir, au delà des mots, que seul papa Longoué pouvait deviner: car il ne prévoyait rien avec évidence et à vrai dire se laissait guider par la suite capricieuse des paroles; oui, de ce parler qui convenait si bien à l'épaisseur du jour, au poids de la chaleur, à la lente mémoire), pour éclairer le passé et pour expliquer peut-être précisément cette ardeur du passé qui était chez lui Mathieu tellement inexplicable. Alors Longoué peu à peu cédait, sans se rendre compte, non? qu'il subissait la loi de l'adolescent, mais au contraire pensant qu'il amenait celui-ci (un garçon doué, qui acceptait d'écouter la parole des anciens et qui avait l'éclat*

dans les yeux) petit à petit vers le moment où il pourrait de lui-même comprendre et posséder la suite magique des événements".(1)

O romance é em geral apresentado como uma recuperação do passado da Martinica através da história das famílias de 2 africanos que aí chegam como escravos em 1788. Um deles foge imediatamente após sua chegada para as montanhas e torna-se o primeiro dos Longoué, uma linhagem de marrons; o outro permanece como escravo na plantação e será a origem da família Béluse à qual pertence o jovem Mathieu. Para um leitor desavisado poderia parecer que o romance se situaria na linha dos romances que revivem o passado através da saga de uma (ou várias) família(s). Para esse tipo de leitura contribui, inclusive, a contracapa do livro (éds. Seuil) que o apresenta da seguinte forma:

"Pour un Antillais, le premier problème est celui de son histoire. Que s'est-il passé au cours des quatre siècles, qui le séparent du débarquement de ses ancêtres? Et que s'est-il passé là-bas de l'autre côte de la mer, avant la déportation?
Papa Longoué et Mathieu Béluse, les deux héros du roman d'Edouard Glissant, se trouvent ainsi attelés à l'une de ces reconquêtes du temps qui semblent être le problème commun à toutes les civilisations américaines. Le passé s'explorera d'autant mieux que les deux lignées qui s'affrontent ici représentent comme les deux faces du monde noir des Antilles: l'esclave des plantations et le révolté qui 'marronne' dans le bois"(2)

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Quatrième Siècle, p. 14.
2 - Contracapa da 1ª. edição de Le Quatrième Siècle. Paris, éds. du Seuil, 1964.

Vere W. Knight, nessa mesma perspectiva, considera *Le Quatrième Siècle* "*the chronicle of a number of families of which the most important are the Longoué and the Béluse*".(1) Poderíamos aqui multiplicar os exemplos citando textos em que os romances de Glissant - *Le Quatrième Siècle* em particular - são considerados como romances históricos, evidenciando o procedimento quase sempre castrador de parte considerável dos críticos tradicionais de tentar confinar o que é novo em velhos escaninhos. Não é pois de admirar que muitos desses artigos comecem pela constatação de que a leitura de Glissant apresenta tantas dificuldades que acaba restringindo o número de seus leitores.

Ora, desde o início de *Le Quatrième Siècle*, Glissant sugere qual é a sua "intenção". A pergunta de Mathieu, como o observa seu interlocutor não é "*Que nous reste-t-il du passé?*", nem "*Pourquoi faut-il revenir sur le passé?*". A frase-chave que dá ao livro sua dimensão de investigação filosófica é "*Dis-moi le passé, papa Longoué! Qu'est-ce que c'est le passé?*"(2).

Como dissemos em capítulo anterior, o que Glissant propõe é uma reflexão sobre o que pode ser considerado como o passado da Martinica, uma comunidade que se constituiu dentro do sistema colonial. O que o martinicano (o antilhano) tem de seu passado são fragmentos, vestígios, pulsões, angústias, sentimento de perda. Não se trata da busca de um prous

---

1 - KNIGHT, Vere W. - Edouard Glissant: the Novel as History Rewritten. Black Images. Toronto 3(1), 1974, p. 66

2 - GLISSANT, Édouard - Le Quatrième Siècle, p. 15.

tiano passado perdido:

> *"Le romancier américain, quelle que soit la zone culturelle à laquelle il appartient, n'est pas du tout à la recherche d'un temps perdu, mais se trouve, se débat dans un temps éperdu."*(1)

O passado antilhano precisa ser "inventado" Daí a importância de se reconhecer balisas, pontos de referência; daí a necessidade vital de se evitar o perigo que pode representar a aceitação passiva das marcas da história da metrópole. A apropriação da história (como a do espaço) não poderá ser feita com os instrumentos habituais, instrumentos produzidos por uma cultura que não permitiu que essa memória permanecesse viva.

O escritor antilhano volta-se então para a literatura que lhe oferece uma maior liberdade para essa investigação.

A paisagem como espaço-memória

A paisagem funciona no romance glissantiano como um elemento privilegiado para a definição do passado. Nesse sentido a própria divisão do romance seria esclarecedora.

O romance é constituído de 4 partes de tamanho desigual: *"La Pointe des Sables"*, *"Roche Carrée"*, *"Carême à la Touffaille"*, *"La Croix-Mission"*.

---

1 - Idem, Le Discours Antillais, p. 254.

Todos estes títulos correspondem a denominações de locais da ilha. Mas o que temos não são apenas 4 nomes que correspondem a quatro espaços, mas a quatro formas de viver no espaço. Se estas formas de viver são parcialmente concomitantes, numa perspectiva mais ampla elas são sucessivas[1]. Estes espaços são portanto espaços-tempos. Deslocar-se no espaço é percorrer a história. De La Pointe des Sables a La Croix-Mission, da costa - onde desembarcam os recém-chegados - até a cidade - lugar para onde todos convergem aguçando conflitos e exigindo soluções - é uma certa visão da história da ilha que é apresentada ao leitor.

Na 1ª parte do livro -"*La Pointe des Sables*"- temos o início da narração do velho feiticeiro papa Longoué sob a pressão do jovem Mathieu Béluse. Com ostensiva precisão cronológica, é descrito o dia da chegada do navio negreiro que traz os antepassados diretos dos dois protagonistas. Envolvidos no momento do desembarque num conflito cuja origem só será desvendada no fim da narrativa, os 2 africanos serão comprados por dois senhores rivais. Um dos escravos - o primeiro dos Longoué - consegue fugir de seu comprador, La Roche, e

---

1 - À página 156 de Le Discours Antillais Glissant propõe a seguinte "periodização" aos historiadores martinicanos; nela alguns "períodos" se superpõem:
1. La Traite, le peuplement original (1640-1685).
2. L'univers servile (1685-1840).
3. Le système des Plantations (1800-1930).
4. L'apparition de l'élite, le bourgs (1865-1902).
5. La victorie de la betterave (1902-1950).
6. L'assimilation (1950-1965).
7. La néantisation?

embrenhar-se na floresta, no alto da montanha, escapando assim à perseguição dos homens e dos seus mastins. O outro escravo é encaminhado para outra plantação onde lhe será dada uma mulher, atribuído um nome (Béluse) e uma função: a de engravidar as escravas de seu senhor. Fica portanto desde o início bem caracterizada a oposição entre os destinos dos dois recém-chegados.

O marron, o homem que conseguiu escapar imediatamente após sua chegada, tem um estatuto especial na narrativa: como nunca chegou a ser um escravo, tem condições para manter o elo com o "*le pays au-delà des eaux*". Assim, seu primeiro ato após a fuga será o de fazer um feitiço que, como saberemos mais tarde, dirige-se contra seu contendor, o escravo da plantação; dessa forma ele mantém um conflito cuja origem remonta ao país natal e para resolvê-lo usa uma tática de sua cultura. Só depois disto é que percorrerá cuidadosamente o lugar onde se abrigara à procura de pontos de referência. Neste momento, descobre uma possibilidade de descer até a praia: é uma ponta de areia deserta - La Pointe des Sables - que penetra no mar e que pode ser avistada de qualquer ponto de seu refúgio. Este local exerce sobre o recém-chegado um irresistível fascínio porque nele se tocam a costa e o mar.

> "*... il semblait qu'on pût toucher /.../ la zone de pénétration entre ces deux ordres de vie: le muet épanouissement de la côte et le sourd roulis de la vie marine*"(1)

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Quatrième Siècle, p. 53.

La Pointe des Sables increve-se como um marco no processo de apropriação da nova terra pelo africano recém chegado que optou pela marronagem. Contrariamente a seu companheiro de viagem e opositor Béluse, que ficará confinado à propriedade de seu senhor, o primeiro Longoué percorre todos os recantos de seu espaço, examina atentamente a vegetação à procura de elementos conhecidos, reconhece seus limites e estabelece seu território.

> *"Il marcha sur les hauteurs au long de la côte et remarqua que toujours la pointe s'offrait à lui, de quelque côté qu'il allât: voici donc qu'il était cerné, cernant lui-même à mesure de sa marche le secret domaine du sable"*(1)

Do ponto de vista da história, a primeira parte de *Le Quatrième Siècle* (aproximadamente 2/5 do livro) corresponde ao momento de formação do sistema de plantação: é o mundo novo, rico em contradições onde desembarcam os dois africanos em torno dos quais se organizará a narrativa. Ao espaço selvagem, livre, da floresta onde se instala o marron opõe-se o espaço controlado, recortado, da plantação onde até a atividade sexual é ordenada em função da produtividade do sistema. É só nesta parte do romance que os personagens brancos são individualizados, articulam-se com os personagens negros. Neste momento da história, onde tudo se situa no terreno do virtual, instaura-se um pacto de convivência entre o senhor La Roche e o marron Longoué. E a Pointe des Sables seria a referência nominal e visível desse pacto. La Roche diz a Longoué:

---

1 - Id., ibid., p. 55.

> *"Sans doute marquez-vous une borne au loin de mes terres? Je tiens à vous, d'autant qu'ils vous nomment La Pointe. La Pointe, n'est-ce pas rigoureusement le terme?"*(1)

La Pointe des Sables seria então o território neutro situado entre dois mundos: o mar que estabelece a ruptura com o país ancestral mas que pode ser o artífice da integração com os povos das outras ilhas e a costa, lugar da escravidão mas também do salto para a montanha, para a liberdade:

> *"... Quand on était debout-au-bout de la Pointe, on pouvait voir parfois une terre à l'horizon. D'près les dires, c'était la même qu'ici: la terre entrait sous la mer et elle reparaissait là-bas, puis elle rentrait encore pour réapparaître plus loin, et ainsi de suite"*(2)

É esta terra que o marron costuma percorrer, é ela que acolherá Louise trazida pelo recém-chegado, é esta terra que lhe emprestará seu nome.

> *"(... Les voisins, à cause de ses promenades au long de la mer, disaient tout bonnement Monsieur-la-Pointe. /.../ Ainsi fut-il toute sa vie le premier des Longoué sans l'être nommément, et monsieur-la-Pointe pour tous ceux qui l'approchèrent)"*(3)

Roche Carrée é um pedaço de terra situado nos limites da propriedade Senglis à beira da floresta onde o es

---

1 - Id., ibid., p. 110.
2 - Id., ibid., p. 92.
3 - Id., ibid., p. 96, 97.

cravo Bêluse se instala e planta alguns legumes para o seu sustento e o da sua família, sem deixar de cumprir suas tarefas na plantação. Roche Carrée representa uma nova etapa no processo de ocupação da terra.

> *"Esclave qui subvenait lui-même à ses besoins mais n'en était pas moins tenu de répondre à n'importe quelle réquisition, il satisfaisait à la fois son désir d'être ailleurs et la rapacité des gérеurs qui n'avaient plus à le nourrir, ni sa compagne ni son fils. Il ne savait pas que c'était là une situation rendue possible par l'évolution des choses. Il croyait peut-être qu'il avait arraché le droit de se retirer dans la case de terre rouge étayée des branches"*(1)

Se a parte precedente se referia à costa (e à sua oposição: a montanha), esta designa um novo espaço. A costa foi sendo progressivamente abandonada, transformada em lugar de passagem, de trocas. Muitos escravos deixam de morar nas plantações e se instalam a meio-caminho entre a costa dominada e a floresta dos marrons.

> *"Parce que la terre s'était repliée sur elle-même, abandonnant la côte sans âme; ménageant, entre la côte et les hauteurs où elle fécondait et multipliait sa prodigieuse portée, un espace dégénéré où les hommes s'évertuaient à durer; et qu'ainsi le secteur où il pouvait - lui - s'ébattre sans souci, s'était précié peu à peu".* (2)

Roche Carrée é o espaço de uma possível conciliação entre a floresta dos marrons e a planície das planta

---

1 - Id., ibid., p. 117.
2 - Id., ibid., p. 129.

ções. Os filhos de Longoué e Béluse (Liberté e Anne respectivamente) entram em contacto, brincam juntos, desejam a mesma mulher (uma filha de escravos de La Roche). Melchior Longoué substitui seu pai à sua morte e torna-se o feiticeiro mais respeitado da região. Os personagens de Roche Carrée são todos crioulos, isto é, nasceram na ilha. Com a descida cada vez mais freqüente dos marrons, a união de marrons e escravos nas rebeliões, com a possibilidade para alguns escravos de se instalarem fora da senzala e mesmo cultivarem um pedaço de terra, a oposição montanha/planície abranda-se. Por um certo momento um espaço intermediário parece possível.

> *"Si la case de Roche Carrée ouvrait sur les espaces découverts, si on pouvait entretenir - plus que cultiver - quelques légumes autour d'elle, y nourrir un coq, deux couples /.../,il faut avouer aussi qu'elle participait sensiblement des bois; qu'elle baignait dans la frange des bois qui à partir d'elle s'élançaient sur le Morne et qui ainsi elle était à la fois, comme lui Anne partagé entre deux tourments, servante de la plaine et soeur de la forêt; posée en équilibre sur la frontière indistincte de deux mondes".* (1)

"Roche Carrée" parece indicar na progressão do romance uma tendência a um certo otimismo. A transformação por que passa a paisagem parece evoluir para uma relativa harmonia. Os personagens parecem enraizados na nova terra. Tudo se encaminha para o grande combate da abolição onde todos se unem nas ruas da cidade. A abolição esmaece as fronteiras,

---

1 - Id., ibid., p. 143.

completa a proposta de Roche Carrée. Desaparecem os marrons e os escravos: todos são agora "livres", todos passarão a fazer parte da massa de trabalhadores irmanados numa mesma miséria.

Esta parte termina melancolicamente com a morte de La Roche e com ele o velho sistema apoiado na escravidão.

Uma das filhas de Anne Béluse, Stéfanise, torna-se a mulher de Apostrophe, filho de Melchior. Desta união nascerá papa Longoué.

"Carême à la Touffaille"- significa, nesta perspectiva, adotada o fracasso de uma outra forma de apropriação da terra: a tentativa de ocupar as terras desprezadas pela plantação e torná-las produtivas.

Como Roche Carrée, a Touffaille[1] é o nome de uma pequena extensão de terra (uma "propriedade") ocupada por uma família de ex-escravos, os Targin. Mas esta família - diferentemente do que acontecera com os Béluse - consagrou-se inteiramente à terra arenosa e julgada imprópria para a cultura.

> *"Et cette famille /.../ améliora l'endroit, gagna sur les sables en descendant et sur le morne de l'autre côté, se tailla un petit espace indéterminé, c'est-à-dire où on ne savait exactement ce qui se cultivait, une propriété en quelque sorte,*

---

1 - PEPIN, Ernest - Une figure symbolique: le nègre marron dans l'oeuvre d'Edouard Glissant. Mémoire de maîtrise. Faculté de Lettres et Sciences Humaines. Université de Bordeaux III, 1979/1980 (dactylographié), p. 230. O autor assinala em seu trabalho que a palavra "touffaille"em crioulo designa o fato de enganar alguém com falsos argumentos (p.229).

> *discrète, vague, pleine de fouillis, échappant à l'attention, qui par logique s'appela La Touffaille".* (1)

Mas quando os grandes proprietários de terra se voltam para a criação de gado, eles precisam de toda a terra possível e pouco a pouco *La Touffaulle* será asfixiada (por pressões econômicas), até que seus ocupantes são obrigados a abandoná-la, aceitando uma pequena indenização com a qual comprarão um outro pedaço de terra mais ao alto.

O que Glissant procura recuperar é justamente o sentimento de impotência de todos aqueles que procuraram trabalhar a terra e dela retirar seu sustento. Apesar de todos seus esforços, a miséria vai progressivamente destruindo a família Targin: os jovens derrotados partem para a cidade.

> *"La Touffaille c'est l'histoire dérisoire d'une génération flouée dont le voeu ne peut se légitimer ni du point de vue juridique: l'abolition n'a pas été suivie d'une réforme agraire; ni du point de vue historique: la conquête militaire de la terre a été rendue impossible du fait même de l'abolition".* (2)

De acordo com o pensamento de Glissant, mesmo podendo alienar sua terra, os Targins nunca serão inteiramente seus donos porque o que existe é uma depossessão mais ampla de todo o espaço martinicano (como vimos na 1ª parte do 2º capítulo). A última frase desta parte, resume-a significativamente (ou mesmo todo o livro).

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Quatrième Siècle, p. 167.
2 - PEPIN, Ernest. Op. cit., p. 230.

" - Il n'amène à rien d'avoir un peu de terre, quand toute la terre n'est pas à tous". (1)

Uma das filhas da família Targin será a mulher de papa Longoué e mãe de seu único filho. Nesta parte, o velho feiticeiro narra sua própria vida.

A última parte do livro -"*La Croix Mission*"- , 4ª etapa desta longa viagem através dos séculos, se passa na cidade. Para aí convergiram todos, descendentes de escravos e descendentes de marrons. Aí estão os Targin, os Béluse, aí morou o filho de papa Longoué antes de ir para a guerra.

"... les villes; ce qu'ils appellent les villes, puisqu'il n'y a pas d'autre nom pour la chose innommable /.../ Ainsi les anciens marrons n'étaient descendus de leurs mornes, les esclaves n'avaient tenus dans les fonds que pour finir par grouiller dans cette misère?"(2)

A cidade é um espaço degradado, uma espécie de mangue onde todos se afundam: ricos e pobres, negros e brancos, todos marginalizados das decisões. Na cidade, a presença da metrópole está em toda parte: uma metrópole travestida, carnavalizada. Na escola, as crianças aprendem as datas das batalhas francesas, a geografia dos pólos; são avaliadas pelas vírgulas e acentos. Na igreja, as crianças que ajudam nos sacramentos dependem do pagamento (?) desse seu trabalho para sobreviver; nas comemorações públicas, aplaudem desconhecidos; no cinema, vibram com heróis de outros mundos. E sofrem em si

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Quatrième Siècle, p. 248.
2 - Id., ibid., p. 220.

lêncio as conseqüências de uma guerra cujas decisões são tomadas do outro lado do oceano.

Mas a cidade é o novo espaço do possível. A cidade é o espaço de Mathieu, filho dos Béluse mas herdeiro do saber dos Longoué, o jovem que estuda nos livros, que consulta os arquivos mas que conhece a história "do país do outro lado das águas". É nesta cidade que os intelectuais realizam seu trabalho, que os operários das usinas fazem suas manifestações.

> *"La longue descente, commencée au mystère paisible de la case sous les acacias, finissait donc là dans ce bourg de chaque jour".* (1)

É na cidade que tudo termina; é lá que tudo começa.

Percorrer o país, reconhecer suas diferentes paisagens, perceber que cada paisagem revela a forma como o espaço foi ocupado, é começar a delinear a história desse país. É a sabedoria que papa Longoué deixará.

> *"Toute l'histoire s'éclaire dans la terre que voici: selon les changeantes apparences de la terre au long du temps".* (2)

Quando Glissant diz que a história da Martinica pode ser lida como uma série de ocasiões perdidas, podemos acrescentar que *Le Quatrième Siècle* seria uma tentativa de mostrar que um povo se constrói pelas suas lutas, mesmo se

---

1 - Id., ibid., p. 280.
2 - Id., ibid., p. 47.

nessas lutas ele parece ter sido sempre o vencido.

Ainda nesta perspectiva - a paisagem como marca do tempo, como espaço-memória - achamos oportuno examinar algumas interpretações do título *Le Quatrième Siècle* que como veremos é bastante rico de sugestões.

A interpretação mais banal, a mais encontrada em obras de divulgação é a que se atém às marcas cronológicas do tempo ocidental. Como a Martinica foi "descoberta" pelos franceses em 1635, a partir de 1935 estaríamos no seu quarto século de existência. Para isso deve ter contribuído fortemente o já citado texto da contracapa que coloca a questão: "*Que s'est-il-passé au cours des quatres siècles qui /.../ séparent /l'Antillais/ du débarquement de ses ancêtres?*", o que confirma nossas suspeitas de que não poucos comentários sobre Glissant não resultam da leitura de suas obras mas apenas de suas contracapas.

Na medida em que o romance é um questionamento da visão ocidental no que diz respeito à recuperação da memória, à história (incluindo-se aí datas, cronologias, fontes, referências, etc), esta interpretação não pode nem ser levada em conta a não ser quando é alinhada ao lado de outras, ressaltando assim a ambigüidade do título.

Se tomarmos como chave de interpretação um ditado martinicano que Glissant coloca em epígrafe a *Le Discours Antillais* - *"An nèg sé an sièc" (un nègre c'est un siècle)* - veremos que a cada parte do livro corresponde um personagem privilegiado na perspectiva do narrador. Assim na 1ª parte temos o *Marron primordial*, aquele que recusou a escravidão:

Longouê - La Pointe. A 2ª parte começa com a descrição de Melchior, seu filho, que domina esta parte da narrativa. A 3ª parte ocupa-se principalmente de papa Longoué, neto de Melchior. A geração intermediária entre estes dois não merece muito destaque porque o filho de Melchior, Apostrophe, morre muito moço quando seu filho, papa Longoué, tem apenas cinco anos. Na 4ª parte, passa-se dos Longoué para os Bèluse. Com a recusa do filho de papa Longoué de receber o legado da família (e com a sua morte prematura), o 4º século é Mathieu, um dos narradores e personagem central da última parte. Quatro homens[1], quatro séculos.

O próprio narrador, entretanto, dá no fim do livro uma (outra) interpretação para o título. Essa interpretação retoma, de um certo modo, as propostas anteriores privilegiando entretanto a relação entre espaço e tempo, entre memória e paisagem:

> *"Et Mathieu /.../ avait commencé la chronologie et posé la première borne à partir de laquelle mesurer les siècles. Non pas l'éclat de cent années déroulées l'une après l'autre, mais l'espace parcouru et les frontières dans l'espace. Car chaque jour ils affirmaient sans y penser autrement, pour marquer l'irritation ou l'admiration à l'égard de quelqu'un: 'Ce nègre-là, c'est un siècle!' - mais aucun d'eux n'avait encore dit, la main en visière devant les yeux: 'La mer qu'on traverse, c'est un siècle!' Oui, un siècle. Et la côte où tu débarques, aveugle, sans âme ni voix, est un siècle.*

---

1 - *Nègre* em crioulo quer dizer homem em geral e não apenas o homem de raça negra.

> *Et la forêt, entretenue dans sa force jusqu'à ce jour de ton marronage, simplement pour qu'elle s'ouvre devant toi et se referme sur toi, elle qui ensuite va lentement dépérir, abattant presque d'elle-même le tronc énorme sur la souche où avait été posée la tête de boue qu'étreignait la bête de liane, est un siècle. Et la terre, peu à peu aplatie, dénudée, où celui que descendait des hauts et celui qui patientait dans les fonds se rencontrèrent pour un même sarclage, est un siècle. Non pas enrubannés dans l'artifice savant d'un tricentenaire, mais noués au sang méconnu, à la souffrance sans voix, à la mort sans écho. Étalés entre le pays infini et ce pays-ci qu'il fallait nommer, découvrir, porter; enfouis dans ces quatre fois cent ans eux-mêmes perdus dans le temps sans parole ou - ce qui revient au même - dans cette barrique où la bête immémoriale peu à peu s'était faite poussière puis néant."*(1)

Aí está uma manifestação do que poderíamos chamar a arte do desvio (*détour*) em Glissant. A um título aparentemente claro, Glissant vai opor durante toda a narrativa uma série de pistas que levam a várias interpretações desse mesmo título. Entretanto, estas interpretações não se excluem nem se complementam (o que implicaria uma só leitura possível). Na realidade elas se estimulam mutuamente levando-nos a questionamentos, não a certezas, o objetivo principal de Glissant.

A reflexão sobre a história

Le Quatrième Siècle é sobretudo uma reflexão

---

1 - GLISSANT, Edouard. Op. cit., p. 268, 269.

ampla e profunda sobre a história. Quando Glissant privilegia esta reflexão sobre o passado, não se limitando ao restabelecimento da sucessão dos fatos deste passado, ele se aproximaria mais da postura do filósofo que da do historiador. Entretanto, em sua obra a fronteira entre os gêneros parece ter sido se não abolida pelo menos questionada. Assim, a reflexão sobre a história pode aparecer em seus ensaios como em seus romances ou poemas ou peça de teatro, porque nenhum destes gêneros tem em Glissant fronteiras precisas.

Em *Le Quatrième Siècle*, Glissant usa de um artifício literário extremamente significativo e altamente pertinente diante do que ele pretende transmitir. Este artifício é o de deixar (na maior parte do livro) a narrativa a cargo de dois personagens: um feiticeiro descendente de marrons que conta a história de seus antepassados e um jovem estudante que questiona este relato. Desta forma, a narrativa nunca é linear porque um desses dois personagens vai sempre interrompê-la para analisar os fatos à luz do momento da narração; os trechos narrativos são cortados por descrições e reflexões dos narradores, aumentando o grau de complexidade da obra.

Por outro lado, a diversidade dos narradores quanto ao seu extrato cultural e a identidade dos mesmos quanto aos objetivos cria ao longo da narrativa espaços de afrontamento e espaços de compreensão como o expressa o personagem Mathieu.

> *"... parce que nous voulons connaître par nous-mêmes, toi qui connais et qui pourtant ne comprendrais rien si je te parlais ainsi à voix haute et moi qui ne connais rien et pourtant je peux déjà te comprendre quand tu restes ainsi sans parler dans le grand bruit de la plaine; parce que oui nous*

voulons découvrir de l'intérieur, reprendre à partir du moment où tout n'était pas obscur, évanoui, à partir du dernier moment où nous avons pu regarder le soleil au-dessus de la Pointe des Sables, nous asseoir dans le bois d'acacias pour peser cette lumière et savoir qu'elle était en nous..."(1)

Longoué, com o seu conhecimento mágico herdado de seus antepassados e que chegou até ele por transmissão oral, e Mathieu, o jovem estudante insatisfeito com a história de seu país que é transmitida pelos livros, se lançam juntos numa longa interrogação do passado. Isso não significa que suas contribuições sejam complementares nem que elas sejam suficientes neste empreendimento. Elas se inscrevem num todo cujas partes ainda não foram todas identificadas. Papa Longoué e Mathieu colaboram para a construção de um passado que pertence a todos e do qual ninguém pode se erigir em porta-voz.

Uma das soluções mais férteis do romance - pela sua capacidade de gerar reflexões sobre o problema da história - é a nosso ver a escolha de um personagem marron-feiticeiro como narrador privilegiado da história da Martinica.

Em primeiro lugar, na medida em que o narrador de *Le Quatrième Siècle*, o detentor da história tão ansiosamente perseguida pelo jovem estudante, é um analfabeto, é a própria hegemonia da escrita que é questionada, hegemonia que foi sempre um dos apanágios da cultura ocidental. No processo de reconstrução da história de um povo, os textos escritos -

---

1 - Id., ibid., p. 58.

documentos, registros, correspondências, relatórios - foram sempre privilegiados como fonte de conhecimento. Nessa perspectiva, os povos sem escrita só poderiam ter sido colocados à margem da História Universal.(1)

O personagem Mathieu conhece o que está nos livros, consultou os registros e arquivos mas isto não lhe permite conhecer o passado de seu povo, apagado pela História Oficial. É justamente papa Longoué que lhe permitirá atravessar novamente o oceano e estabelecer o elo com a África. Papa Longoué não só estabelece a genealogia das famílias Longoué e Béluse - "*l'histoire qui est l'histoire pour moi*"(2), como desperta em Mathieu a possibilidade de identificar os vestígios que a história dos seus antepassados deixou nele: em suma, de se compreender melhor. Papa Longoué se inscreve na tradição dos *griots* africanos depositários da cultura de seus povos.

Através do diálogo papa Longoué - Mathieu, é questionada a relação hierárquica entre a tradição oral e a documentação escrita na história moderna.

Em segundo lugar, o personagem papa Longoué permite a Glissant reabilitar duas figuras da história antilhana que o pensamento oficial acabou degradando: o marron e o feiticeiro.

---

1 - Em alguns países até muito recentemente os analfabetos não eram cidadãos de plenos direitos, sendo inclusive impedidos de votar. O portador de cultura oral, o analfabeto, é ainda hoje visto como um inapto, um ignorante.

2 - GLISSANT, Edouard. Op. cit., p. 74. Em outro momento da narrativa o mesmo personagem dirá: "L'histoire qui est vraiment l'histoire pour moi" (p. 23).

O primeiro Longoué é apresentado como um marron puro que não chegou a ser conspurcado pelo regime servil. Ele conseguiu fugir imediatamente após sua chegada na plantação e refugiar-se na montanha onde viverão todos os seus descendentes até o momento presente da narrativa. Não conhecerá a escravidão (exceto a travessia) e conseguirá preservar o seu espaço do assédio da plantação. Terá, portanto, condições de preservar a tradição africana que transmitirá aos seus descendentes já enraizados na terra em que vivem. A marronagem é apresentada na obra de Glissant como um ato de preservação da dignidade e não como um ato de infração, de delinqüência. É a marronagem do primeiro Longoué que permitirá a Mathieu empreender a gigantesca tarefa de escrever a história do seu país. O marron na sua revolta, na sua recusa da lei do senhor da plantação, "*inaugure l'action (l'opération) la plus pénible: l'enracinement*".(1)

A marronagem, na medida em que é um ato voluntário, uma negação da passividade, da submissão, do aniquilamento, torna-se - embora isso possa parecer paradoxal - um ato de inserção e não de deserção. O primeiro Longoué pretende ser o senhor do seu tempo e do seu espaço, o grande projeto do homem antilhano segundo Glissant.

O personagem narrador papa Longoué também permite a reabilitação da figura do feiticeiro.

Se o personagem Mathieu num primeiro momento ainda encara o velho Longoué como um charlatão, reagindo iro

---

1 - Id., ibid., p. 101.

nicamente à descrição que o feiticeiro faz da casa de sua irmã e seus arredores sem sair de sua cabana:

> *("Ah là là, pensait l'enfant, comme s'il ne connaissait pas l'endroit, depuis cent dix ans qu'il est né!...")* (1)

No conjunto da narrativa, quer em *La Lézarde*, quer em *Le Quatrième Siècle*, o sobrenatural integra-se harmoniosamente no quotidiano dos personagens.

Assim, o primeiro Longouê-Lapointe lança no dia de sua chegada uma maldição (o sinal da serpente) sobre La Roche determinando dessa forma o lugar onde este morrerá 60 anos depois: o convés do navio-negreiro Rose Marie.

> *"/.../ il savait déjà que l'homme ne devait mourir qu'à l'endroit où le signe l'avait pour la première et irrémédiable fois marqué".* (2)

O primeiro ato do fugitivo, ao acordar na montanha que se tornará a morada definitiva de toda a sua família, é preparar um feitiço (uma serpente) para impedir que seu inimigo, Béluse, procrie. Mais tarde, quando ele percebe que ter filhos escravos é um castigo maior do que não tê-los, ele destrói a serpente de barro e Béluse engendra um filho. Nesse momento, o feitiço volta-se contra ele e os Longouê terão muita dificuldade para gerar seus descendentes e sua família só durará 157 anos na ilha. E será La Roche, um branco "aristocrata", *"un fou à demi-nègre dans sa tête, malgré les yeux blues"* (3), a pessoa que lhe devolverá a maldição através

---

1 - Id., ibid., p. 254.
2 - Id., ibid., p. 87.
3 - Id., ibid., p. 64.

da serpente encerrada numa barrica:

> *"Et quand La Roche dix ans plus tard, envoie la chose à ses pieds, aussitôt il pense que la bête est revenue vers lui à cause de sa propre faiblesse; pour la raison qu'il est allé casser et disperser la tête de boue sous la racine dans le bois".*(1)

Os outros Longoué também têm relação com o sobrenatural: Melchior advinha o pedido que La Roche quer lhe fazer (p. 163) e leva seu neto para o mundo dos mortos para que ele conheça seus antepassados (p. 209); papa Longoué cura a sobrinha de Mathieu e realiza inúmeros outros feitos que poderíamos citar. Mas não são só os Longoué que acreditam nisso, nem só os descendentes de africanos, mas também La Roche, Marie-Nathalie, o próprio Senglis, revelando que os brancos também tinham passado por um processo de aculturação e conviviam tranqüilamente com o sobrenatural.

Os feiticeiros do romance são apresentados como homens cheios de dignidade, que desprezam os bens materiais, vivendo inteiramente a serviço dos pobres, e sempre fazendo o bem. Existe em Glissant uma intenção evidente de demarcá-los dos feiticeiros modernos, charlatães que exploram a ingenuidade do povo. O caso do caricatural "farmacêutico" Toron e seu pó de pirlimpimpin intervém na narrativa para se opor aos marrons-feiticeiros.

Papa Longoué "*le vieux voyant*" vence paulatinamente as reservas de Mathieu a seu respeito. E este acaba por

---

1 - Id., ibid., p. 263.

aceitar a história que lhe foi contada (como já admitira anteriormente, com muita relutância, a capacidade do velho feiticeiro de ver e curar seu sobrinho à distância):

> *"(Mais tu peux le voir, dit doucement Mathieu. Maintenant je sais que tu peux le voir)"*(1)

A prática da magia no romance vincula-se à tradição africana. Quando o primeiro Longoué, no dia de sua chegada à ilha, ainda no convés do navio, faz o gesto da serpente contra La Roche, a tripulação acha que ele deve ser morto: seu gesto é percebido como uma rebelião.

> *"... Comme s'il prenait son parti de l'histoire, avec un air de dire qu'il remettait à plus tard les règlements, après quoi il traça dans l'air un signe de menace contre le colon, d'un geste rapide et semi rituel. Puis il se tint droit, immobile et lointain sous la pluie de juillet qui semblait non pas le mouiller mais surgir de son corps noir et nu, comme une rosée secrète. L'équipage attendit l'ordre de tuer, ou au moins de tailler dans cette masse; il était d'ailleurs impensable que ce nègre ne fût pas pendu".*(2)

O mesmo gesto ele o repetirá face ao padre que os batiza antes de serem entregues aos seus novos donos. A prática da feitiçaria é apresentada - sobretudo no início do livro - como um ato de resistência cultural e como tal percebido pelos outros personagens. Daí a força do personagem mar

---

1 - Id., ibid., p. 245.

2 - Id., ibid., p. 27, 28. O gesto é explicado um pouco mais adiante."Puis il /La Roche/ cria /.../: - Holà, vous autres, l'un de vous sait-il ce qu'a voulu dessiner ce nègre devant moi? /.../ - Un serpent dit-il /le mâitre de nage/. p. 28, 29.

ron-feiticeiro: ele recusa a escravidão e recusa a nova cultura (religião inclusive).

Em terceiro lugar, quando Glissant elege um marron-feiticeiro como narrador privilegiado, ele procura subverter o processo habitual de apreensão da história na civilização ocidental. Se a história oficial da Martinica é percebida pelos seus próprios habitantes como incompleta e sem sentido isto não significa que a Martinica não tenha história (como alguns gostam de afirmar). O mesmo deve ocorrer quando a história da França (ou européia ou Universal) é percebida por um martinicano que escapou da assimilação cultural por não ter feito parte do sistema de plantação, por não ter sido escolarizado, por não ter sido submetido ao processo de alienação cultural próprio aos centros urbanos.

Quando, já no fim do livro, a personagem Mathieu evoca os títulos dos capítulos do seu livro de história "*la Découverte*, *les Pionniers*, *le Rattachement*, *la Lutte contre les Anglais*, *le Bon naturel des natifs*, *la Mère ou la Grande Patrie*"(1), todos enunciados numa perspectiva metropolitana, uma forte ironia perpassa o texto: afinal, nenhum desses temas tinha sido objeto da atenção na narrativa de Papa Longoué.

A propósito deste trecho de *Le Quatrième Siècle*, existe um comentário muito interessante de Bernardette Cailler:

> *"Nul ne saurait nier que l'imaginaire européen, tout au long de son rêve impérialiste sur l'His*

1 - Id., ibid., p. 255.

toire ait employé la franche rhétorique du désir et la possession: on voit (Découverte) on conquiert (Pionniers) on enchaîne (Rattachement), on protège sa proie (lutte contre les Anglais) on apprivoise (Bon Naturel...) on infantilise (la Mère)"(1)

Os europeus - principalmente os franceses - aparecem no livro de forma bastante aleatória e descontínua. Sua chegada será evocada por Mathieu nas últimas páginas do romance - como uma história às avessas - quando se refere ao massacre dos habitantes da ilha e sua substituição pelos africanos:

"... un peuple d'hommes si fiers que Cristophe Colomb, débarquant avec son armement en juillet 1502, fut frappé de leur audace et de leur dignité. Cristophe Colomb qui se tenait pour l'élu et le comptable de son dieu, face à eux, qui prétendaient que leurs Pitons du Carbet étaient le berceau de la race humaine. Eux, les mêmes, qui avaient chassé de cette terre les Ygneris, avant d'être exterminés à leur tour jusqu'au dernier, remplacés par la cargaison cent fois débarquée du bateau"(2)

Toda a fermentação política existente em 1788 na Metrópole resume-se aqui a duas linhas (p. 51): a oposição ao rei Luiz XVI, contida no movimento pela convocação dos Estados Gerais, insinuada pelos brindes de Senglis. Nada será dito nem sobre a Revolução Francesa (exceto a citação que comentamos adiante), nem sobre a proclamação da 1ª República que tan

---

1 - CAILLER, Bernadette -"Le Négateur-mémoire dans les romans d'Edouard Glissant". In: Actes du Congrès Mondial des Litteratures de Langue Française. Padova, Universita degli Studi di Padova, 1983, p. 250.
2 - GLISSANT, Edouard - Le Quatrième Siècle, p. 268.

to movimentou a ilha vizinha, Guadelupe, nem mesmo sobre a abolição da escravidão mais tarde revogada por Napoleão I. As freqüentes rebeliões de escravos nessa época ocupam toda a atenção do narrador. Embora as lutas entre ingleses e franceses interfiram diretamente na vida quotidiana das plantações, Glissant significativamente evoca-as de forma paródica nas brincadeiras "de guerra" entre Anne e Liberté (p. 118).

Igualmente o *slogan* da Revolução Francesa - *Liberté, Égalité, Fraternité* - é no livro proferido pelo primeiro Longoué que, modificando-o para *Liberté, Égalité, Paternité*, serve-se dele para nomear seu segundo filho. Como o fato ocorre durante uma festa de homens em estado de rebelião contra a ordem colonial francesa, há uma evidente ironia na "carnavalização" - ou marronagem como diriam os caribenhos - de uma das bandeiras mais respeitadas da civilização ocidental:(1)

> "/.../ *papa Longoué /.../ revivait la fête que Stéfanise lui avait si souvent racontée: les hommes excités qui menaçaient la plaine, le grand manchot qui brandissait dans son unique main ce garant suprême de bravoure qu'était alors un coutelas /.../, l'enfant presque jeté de bras en bras, Longoué criant: 'Puisqu'ils ont proclamé Liberté-Égalité-Fraternité, moi je proclame Liberté-Égalité-Paternité'. vous entendez tout le monde ici, son nom c'est Liberté /.../*"(2)

---

1 - O nome do 1º filho dos Longoué é fruto de um equívoco. Louise que ouvira contar a história dos reis magos quer dar ao menino o nome do rei negro:
" 'Alors, un des rois est tout noir, je ne sais pas s'ils l'appellent Melchior ou Baltazar? C'est l'un des deux' Et lui, conciliant (qui n'avait d'abord pas voulu d'un nom qui venait de la plaine) décida que ce serait Melchior. Le nom était plus vraisemblable. Melchior".Op.cit.,p.95.

2 - Id., ibid., p. 123.

Se as referências a revoltas de escravos e incursões de marrons na planície permeiam a primeira metade do livro - até a abolição - as referências ao movimento abolicionista são raras (mais exatamente duas), revertendo a tendência da história oficial. À página 101, o narrador enfatiza a ausência de relação entre as revoltas de escravos na Martinica e o movimento abolicionista da metrópole.

> *"Aucun des révoltés ne se souciait que des courants d'idées, des pétitions, des nuits d'Assemblées, des banquets avaient longtemps, et ailleurs, précédé leur déferlement. /.../ Les villes, les bourgs, les communes, l'homme asservi à la terre des maîtres ignorait leur agitation. Son acte était dégagé de l'entrain des mots"*(1)

A outra observação muito mais óbvia se refere ao desprezo dos colonos pelos abolicionistas, *"ces métèques abolitionnistes"* (p. 164).

Por outro lado, a narrativa da batalha nas ruas em 1848 ocupa estrategicamente o centro do livro. É a única descrição de batalha com detalhes, embora não ocupe muito mais de uma página. A narrativa surge como uma exigência do personagem Stéfanise que pede a seus pretendentes que contem o que aconteceu naquele dia. O narrador do combate seria alguém que teria participado dele para poder transcrever inclusive o que era dito durante a manifestação. A frase crioula *Yo té di nou (Ils nous disaient)* precede o relato e interrompe-o freqüentemente como um refrão. A cada ocorrência seguem-se imprecações

---

1 - Id., ibid., p. 101.

"bandes de salauds", "bandes de fainéants issalopes", "sauvages bons à rien debout au travail!" O relato da batalha se apresenta pois como uma resposta à versão oficial - *Yo té di nou* - e à maneira depreciativa como é vista a população local, considerada incapaz de fazer uma revolução, de construir sua história. A língua oral permeia o texto: palavras isoladas e frases em crioulo, onomatopéias, repetições, escassez de pontuação, discurso indireto. Frases incompletas acentuam a idéia de rapidez da ação:

> *"... c'est la rivière débordée combien encore par terre cinquante et cent nous on passe rien n'arrête et soudain un seul crier Chelché rivé l'esclavage fini la victoire chelché rivé et un autre qui vient La République Française vous apporte la libérté son délégué monsieur le ministre Schoelcher..."*(1)

Existe uma ruptura no relato da batalha: a brusca passagem da língua fortemente oralizada para o francês-padrão surge como um desvio da ação revolucionária. *Chelché* torna-se *monsieur le ministre Schoelcher*, o enviado da República Francesa. A expressão *Yo té di nou* assinala o processo pelo qual uma batalha que tinha conseguido galvanizar a população é esvaziada de seu sentido local para tornar-se um capítulo da história francesa (e dos menores...).

As referências à Europa tornam-se mais freqüentes à medida que o livro se aproxima do final porque, após a abolição, os marrons não sendo mais considerados como foras-da

---

1 - Id., ibid., p. 170.

lei, passaram a ter contatos cada vez mais estreitos com os homens da planície: os trabalhadores agrícolas e os trabalhadores urbanos. A narrativa de papa Longoué tira dos acontecimentos europeus sua dimensão "universal" e coloca-os na medida em que podem efetivamente ser percebidos pela população trabalhadora da ilha. Assim é a repercussão local destes fatos, que é privilegiada. Papa Longoué dá maior ênfase à Insurreição do Sul em 1870 do que à luta contra Guilherme da Prússia que lhe é contemporânea (embora existam elos entre as duas ocorrências como vimos no primeiro capítulo).

> *"... ils déferlaient tous une fois de plus, car la misère te rend inlassable comme un papillon, et beaucoup criaient: 'Vive Guillaume' à cause qu'un Guillaume avec un chiffre faisait la guerre de l'autre côté des eaux".* (1)

A 1ª.Guerra Mundial é o evento europeu que ocupa o maior espaço dentro da narrativa. Esta importância tem uma justificação interna porque é nela que morre Ti-René, filho único do narrador papa Longoué. O fato de Ti-René ter morrido em campos da Europa leva papa Longoué a buscar mais informações sobre as condições em que seu filho morreu. Ela permite também introduzir o personagem Mathieu-pai que dará ao velho feiticeiro as informações desejadas. Como este personagem tem uma certa escolaridade (lê revistas francesas e comenta a atuação de Daladier) a 1ª Guerra será apresentada por um martinicano assimilado (Mathieu-pai na verdade através de pa

---

1 - Id., ibid., p. 201.

pa Longouê)e pelo próprio Longouê:

> *"... D'abord, est-ce que tu sais seulement comment c'est fait, un Allemand? Ça ne comprend aucune langue qu'on parle. Quand tu en verras un, tu ne pourras même pas l'injurier un bon coup avant de tirer avec ces sacrés fusils".*(1)

A 1ª Guerra pode ser considerada também como um elemento decisivo dentro da intriga romanesca, uma vez que, ao ensejar a morte do último Longouê, torna necessário o encontro do velho feiticeiro com Mathieu para que o passado de que ele é depositário continue a ser transmitido. Em última instância, ela provocaria o romance.

A 2ª Guerra é o tempo da narração (exceto o fim do último capítulo). É a época da ocupação da ilha pela esquadra pétainista e da repressão ostensiva contra a população local (principalmente os pobres). Quando papa Longouê acaba de narrar a morte do filho ele diz:

> *"Aujourd'hui, c'est une autre guerre. Qu'y a-t-il eu pour nous, sinon un grand trou que le temps a sauté d'un seul coup? /.../.*
> *(Les Français ont pris Bir Hakeim, dit Mathieu)"*(2)

O que situa o (este) momento da narração em maio/junho de 1942.

A história da França - como a história oficial da Martinica a ela atrelada - apresenta-se pois em *Le Quatrième Siècle* como fragmentada, descontínua *(un grand trou que le temps a sauté d'un seul coup)*, impossível de ser compreendida

---

1 - Id., ibid., p. 240.
2 - Id., ibid., p. 244.

pelo narrador. Glissant, através de artifícios formais (alguns dos quais julgamos ter explicitado), procura subverter o processo pelo qual os povos europeus através de uma suposta coerência e unidade de sua história erigiram-na em História e impuseram-na aos povos que conseguiram submeter. O personagem-narrador-feiticeiro-marron e seu interlocutor, ao revelarem o avesso da trama da história, questionam não só as respostas dadas pela civilização ocidental (o que seria bastante banal), mas principalmente suas perguntas que vêm orientando o sentido das investigações.(1)

As datas - pontos de referência que inserem a narrativa numa ordem cronológica oficial - são raras no interior do texto. As mais importantes são as que marcam o início e o fim do relato, o início e o fim dos Longoué: 1788 e 1946.

A data de 1788 já tinha sido anunciada no romance anterior de Glissant, *La Lézarde* (1958), quando o personagem Mathieu (já adulto, historiador) informa aos seus companheiros:

> *"Je me suis arrêté à la grande révolte de 1788. Le général-comte avait fait tuer pas mal, il avait déporte les survivants dans la grande île du Nord. Voilà, j'en suis resté là. Et il y avait eu, cette année (pour repeupler) un énorme arrivage de la Guinée, et beaucoup d'entre ces nouveaux marronè*

---

1 - A transformação da pergunta "Pourquoi La Roche meurt-il sur un négrier?" para "Pourquoi La Roche meurt-il sur un négrier clandestin?" mostra como o acréscimo de uma palavra (clandestin) muda todo o alcance da pergunta. retirando do problema seu caráter episódico, local, e inserindo-o no processo mundial de transformação do sistema de produção. La Roche morre num mundo que não é mais o seu.

rent dans les bois. Voilà, j'en étais là. Qu'un autre continue..."(1)

A data, portanto, é apresentada como remetendo a um acontecimento puramente interno da Martinica. 1946 é o ano da departamentalização das Antilhas e da Guiana, realizando-se um velho sonho de suas elites ao eliminar a marca humilhante de colônia. No livro(2), entretanto, 1946 é o ano do início da vida em comum de Mathieu e Mycéa.

Todas as outras marcas de tempo, das quais damos aqui alguns exemplos que julgamos significativos: *"c'était il y a sept ans juste avant notre malheureux mariage"(80), "cinq ans plus tard(130)", "depuis le premier cri de sucrier entendu dans le petit jour des bois jusqu'à la dernière bête à feu aperçue dans la nuit, à la fin de sa longue vie"(149), un an après"(159), "dix ans plus tard"(160), "Saint-Yves, mort dans la même année que Melchior, ainsi jadis la femme de Anne et hier la femme de Saint-Yves. Mais entre-temps Zéphirin, fils de Saint-Yves, avait bien grandi, et un après la naissance de Ti-René Longoué, il avait eu un fils, qui était Mathieu Bélu se"(213) "depuis ce jour du cyclone"(214) "Pour moi elle*(3) *est la mesure dans le temps qui passe Il y a un jour avant elle et un jour après"(214),* aparecem como exigidas (e explicadas) pela cronologia interna do livro e indicam acontecimentos relacionados direta ou indiretamente com o narrador ou seus antepassados. Na história da Martinica - onde os eventos não foram

---

1 - GLISSANT, Edouard - La Lézarde, p. 213.
2 - La Lézarde e Le Quatrième Siècle embora se refiram a épocas diferentes terminam ambos em 1946 com a união dos personagens acima referidos.
3 - "Elle" refere-se à mulher do narrador, Edmée.

ainda definidos pela população - as histórias familiares, as catastrofes naturais se apresentam como as primeiras marcas legítimas. Assim a *Datation* que encerra a narrativa no fim do livro refere-se exclusivamente (com uma única exceção: 1848) a acontecimentos das famílias Longoué, Béluse e Targin (nascimentos, inícios de união, mortes), ligados à continuidade das mesmas.

Qual seria pois o sentido dessa *Datation?* Apenas explicitar a cronologia das famílias, não muito clara, dada a não linearidade da narrativa e das informações sucintas e precisas sobre certos personagens, sem tornar a narrativa muito pesada?

Glissant, num debate sobre sua obra realizado na Universidade Federal Fluminense em 1982, declarou (ironicamente?) que a *Datation* de *Le Quatrième Siècle* tinha sido uma exigência do seu editor para facilitar a compreensão do livro. Isto parece-nos muito pouco provável, quando se sabe que em seu romance posterior a esse, *Malemort* (1975), os capítulos são todos precedidos de datas entre parêntesis e que o romance todo pode ser considerado como *Datations*.

A explicação, acreditamos, é dada pelo próprio Glissant nas últimas páginas de *Malemort*, quando justifica a inclusão de um glossário no fim do livro:

> *"Glossaire: pour les lecteurs d'ailleurs, qui ne s'accomodent pas de mots inconnus ou qui veulent tout comprendre. Mais peut-être pour nous, pour nous aussi, établir la liste de tant de mots en nous dont le sens échappe, ou plus loin fixer la syntaxe de ce langage que nous balbutions. Les*

lecteurs d'ici sont futurs"(1)

As datas responderiam, pois (como o glossário?), a uma necessidade dos leitores preocupados em "tudo compreender" e permitiriam ao autor ir colocando pontos de referência para ajudar a construção (ou a re-construção) da memória do povo martinicano. É verdade que Glissant se manifestou sobre a necessidade de suprimir as datas - *le temps, qu'il faut dé dater*(2) - mas a preocupação, revelada em seus romances, de estabelecer certas marcas temporais sugere uma resposta implícita à cronologia oficial. É preciso desdatar o tempo, sim. Mas só os povos que têm como suporte um passado denso e sempre vivo podem se permitir esquecer as datas, os heróis, os eventos. Eles não precisam mais disso para ser um povo.

> *"Le rapport minutieux des dates et des faits nous masque le mouvement continu (la signification ardue, à quoi souvent nous nous refusons) de notre passé. Tout oublier de son histoire: cette grâce nous est interdite, car nous n'avons rien appris".*(3)

Le Quatrième Siècle, mais talvez do que qualquer outra obra do autor, dá testemunho de como a literatura, nos povos oriundos dos impérios coloniais, pode ser uma forma privilegiada de refletir sobre o poder e sobre o saber. Recusando a estrada larga (mas minada) do realismo, do romance panfletário, Glissant cria recursos formais que lhe permitem não só solapar a decantada universalidade da cultura ocidental, como também contribuir de maneira que consideramos decisiva para que a história da Martinica seja o resultado de um trabalho coletivo, do trabalho do povo martinicano.

---

1 - GLISSANT, Edouard - Malemort, p. 231.
2 - Id. - Le Discours Antillais, p. 278.
3 - Id. - L'Intention Poétique, p. 187.

A LITERATURA COMO FORMA DE APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA.

Para Glissant, uma poética da língua consistiria fundamentalmente em dar dignidade à língua popular, à língua oral permitindo que ela irrigue o escrito. O trabalho do poeta se situaria pois na confluência entre o oral e o escrito, eliminando a hierarquização existente entre eles. Ora, na Martinica, a língua oral é uma "outra língua": a linguagem poética refletiria necessariamente o conflito entre o crioulo e o francês.

Fica claro então que a condição básica para se fazer um estudo do problema da apropriação da língua pela literatura em Glissant passa necessariamente pela dupla competência: em francês e em crioulo. Ora, o crioulo sendo uma língua oral - cujo processo de fixação (transcrição inclusive) ainda é objeto de inúmeras controvérsias, não só na Martinica mas em toda a área de expressão crioula do Caribe, - seu processo de aprendizado supõe necessariamente uma longa vivência no país, o que não nos foi possível.

Ao nosso problema de como aprender rapidamente uma língua oral, acrescentar-se-ia ainda o de qual crioulo privilegiar, visto a existência de muitas variantes quer sintáticas, quer semânticas, quer fonéticas. O problema é tanto mais complexo na medida em que o crioulo - principalmente nas áreas urbanas - sofre atualmente um processo de progressiva francização como já explicamos na 3ª parte do 2º capítulo.

Pelo fato de não conhecermos o crioulo, poderíamos não ter condições de perceber sua economia específica

e sermos levados a analisar o francês de Glissant como "*le français de France/le français du français/le français français*"(1) Tendo o crioulo processos que lhe são próprios, distintos do francês, estes processos poderiam parecer a alguém incapaz de identificá-los, ou como imperfeições ou como imagens fulgurantes (por exemplo). Assim, o processo de repetição ou tautológico que, como já vimos, seria próprio da expressão oral (ou das culturas predominantemente orais) não deve ser considerado necessariamente como "imperfeição", mas pode ser apreciado como fruto de um trabalho literário que o erige em marca visível a revelar a língua daqueles que dela se servem de forma inconsciente.

Da mesma forma, falar por imagens é tão próprio do crioulo que deixa de ser revelador como na poética da fulguração. Se na língua francesa a associação inesperada de duas imagens sem nexo aparente permite ao poeta levantar parcial e rapidamente o véu que encobre uma realidade oculta, em crioulo isto não ocorreria, segundo Glissant, pelo fato da imagem ser a forma banal e quotidiana da nomeação deixando portanto de ser por si só uma figura literária. Reconhecer o estatuto das imagens no discurso em francês de Glissant exige, portanto, um conhecimento prévio desse estatuto em crioulo.(2)

---

1 - DAMAS, Léon G. - Hoquet (Pigments). In SENGHOR, L.S. - Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache, p. 14.

2 - Um trabalho nesse sentido e que consideramos como uma sugestão do que pode ser feito é o rápido estudo de Jean Bernabé - pouco mais de uma dezenas de páginas - sobre o emprego literário do crioulo no romance Pluie et vent sur Télumée Miracle da escritora guadelupeana Simone Schwarz-bart. Jean Bernabé que dirige na Universidade Antilhas-Guiana o GEREC (Groupe d'Études et de Recherches en Espace Créolophone) publicou em 1983 os resultados de sua pesquisa (mais de 1500 páginas) sobre o crioulo da Martinica: Fondal Natal.

Glissant, em debate na Universidade de Montréal, revelou que seria possível encontrar em sua produção literária uma espécie de recuperação do "delírio verbal habitual" de que falamos no capítulo anterior:

> *"... on pourrait étudier les systèmes économiques de ces délires (la manière dont ils sont construits) et voir que nous autres écrivains nous fonctionnons peut-être sur les mêmes modèles. Je parle des modèles de construction d'une rhétorique. Nous avons des modèles qui ne sont pas si éloignée des modèles de construction du délire populaire. /.../ tout le monde me dit à propos de mes romans: c'est du délire! C'est parce que c'est fabriqué, sans doutre, avec les mêmes économies de structures que les types que j'ai entendus délirer, toute mon enfance, sur la savane* (sic) *de Fort-de-France. On peut trouver si on commence à les écouter, des phénomènes de rythmiques, de redondances, de définitions dérisoires, de retour de la phrase sur elle même, qui sont, je le dis, des pratiques littéraires que j'applique".* (1)

Nomeação por imagens, delírio verbal são pois algumas das características da palavra antilhana transformadas por Glissant em práticas literárias, em elementos constitutivos de sua retórica. Mas o que Glissant consideraria como um dos elementos característicos do discurso crioulo (se atentarmos para a recorrência desse tema em suas reflexões) é a prática do "desvio" (détour). O "desvio" seria o componente fundamental do discurso do colonizado, forma de resistência

---

1 - GLISSANT, Edouard - Propos recueillis par Dany Laferrière. Étincelles. Montréal, 4, avr./mai 83, p. 18.

face ao Senhor todo-podero. Significativamente, Glissant, ao falar da dificuldade de identificar este procedimento no discurso crioulo, dá - talvez - a melhor definição de seu próprio discurso, do discurso glissantiano:

> *"La pratique du détour, beaucoup plus difficile à saisir dans le discours créole. Car on ne sait jamais si ce discours, en même temps qu'il livre un signifié, ne se développe pas précisément pour en cacher un autre. Du moins dans les situations particulières où le locuteur se sent mis en cause ou menacé par le rapport de locution. Autrement dit, s'il s'agit d'un discours-message ou, tout en même temps, d'un discours-écran."*(1)

A elaboração de uma retórica em língua francesa a partir de uma prática discursiva originalmente em língua crioula se insere pois numa reivindicação muito mais ampla de liberdade e dignidade para o povo antilhano. A apropriação da língua é a tarefa maior da literatura.

Nas Antilhas, essa tarefa é manifestamente política.

---

1 - GLISSANT, Edouard - Le Discours Antillais, p. 355.

CONCLUSÃO

Este trabalho não tem a pretensão de ser uma exegese da obra de Glissant. O que esperamos ter demonstrado é a coerência da sua obra - de suas propostas teóricas (críticas) à realização de seus romances - e as implicações políticas do seu projeto literário. A partir da análise da situação do seu próprio país, a Martinica, Glissant reflete sobre as conseqüências do processo de espoliação de que foram vítimas os povos submetidos ao sistema colonial implantado pelos europeus em todos os continentes. O caso do povo martinicano aparece lhe então como exemplar. Com a total supressão da população original, com um espaço físico extremamente restrito (o que impediu que algumas comunidades pudessem ter seus costumes preservados face à invasão da cultura oficial da metrópole), com a ação violenta e eficaz da escola como agente da assimilação cultural, mas sobretudo com a continuidade (ou mesmo agravamento) do estatuto de dependência em relação à França, a Martinica não teve condições de controlar a ocupação de seu espaço, de manter viva a memória coletiva, de preservar sua língua e sua cultura.

Glissant vem então desenvolvendo desde o seu primeiro livro um projeto literário que seria justamente o de procurar revelar a realidade de seu país, realidade que as instituições oficiais sempre procuraram encobrir. É este projeto que dá unidade à sua obra:

> *"Un projet de littérature ou, ce qui revient au même, de connaissance se maintient flexiblement*

> *autour d'un axe irréductible. Il faut refuser de patauger dans les premiers prétextes venus. Pour ma part, je n'écris pas d'article de circonstance, ni de livre occasionnel: ce que j'écris est le plus souvent, du moins je m'y efforce, centré".* (1)

Nosso estudo teve como objetivo mostrar como o trabalho do poeta contribui, não só para que a coletividade tome consciência dos vestígios do passado ocultos em sua paisagem, mas também para que esta memória reativada (descobrindo os elos seculares que unem os homens que a habitam) permita que estes homens sejam efetivamente e solidariamente um povo. Espaço e tempo, paisagem e memória são, pois, em Glissant categorias que freqüentemente se confundem (como pode ser visto nos 2º e 3º capítulos). Mas a ferramenta do poeta é a língua.

Seu trabalho, ele o faz com palavras: *"avec des mots et avec des organisations et systèmes de mots"* (2). Ao escolhê-las, ao articulá-las, ao revelar as falhas angustiantes da língua que emprega (qualquer que seja ela), o poeta levanta o véu que encobre sua paisagem, conta a história do seu povo, aponta para o futuro:

> *"Il s'agit de construire un parler 'neuf' ouvert, qui prend sa force dans le songe d'un peuple, dans sa difficulté d'apprendre à marcher dans ses propres pas, à défricher les tracées de son passé, à posséder son paysage. L'écrivain se doit d'être le constructeur, le catalyseur de la prise de conscience collective. Le langage est la parabole d'un pays neuf".* (3)

---

1 - GLISSANT, Edouard - Entretien avec le CARE. Care, Paris(10), avr. 83, p.17.
2 - Id., Poétique antillaise, Poétique de la Relation. Interview de Wolfgang Bader. Komparatistische Hefte. Bayreuth, p/10.1984, p. 85.
3 - RADFORD, Daniel - Edouard Glissant. Paris, éds. Seghers, 1982, p. 33.

No projeto literário de Glissant, espaço, tempo e língua são claramente solidários.

Mas a ambição do poeta não se extingue aí; seu projeto não é um projeto nacionalista, xenófobo. É preciso revelar o país aos seus habitantes para que estes se apropriem dele. Mas é preciso ao mesmo tempo revelá-lo ao mundo, integrá-lo num feixe de multi-relações.

> *"Le deuxième projet littéraire que j'ai et que je partage sans doute avec beaucoup d'écrivains du Tiers Monde, c'est justement cette inscription dans une relation mondiale parce que nous sommes tout à fait portés d'instinct à nous inscrire dans cette dimension, pour une raison bien simple: nous n'avons jamais régenté le monde, nous n'avons jamais dominé le monde, nous n'avons jamais conduit le monde et par conséquent nous sommes portés d'instinct à nous concevoir dans le monde avec les autres, au même niveau que les autres, ce qui est déjà une des premières conditions de la poétique de la relation".*(1)

A poética da Relação não deve ser uma teoria, sua finalidade não é a edificação de um sistema. Ela pretende apenas ser uma exploração, em todos os sentidos, em todos os níveis - sem se submeter a pressupostos teóricos - de situações de contatos culturais existentes em todo o mundo. Glissant insiste sempre que ela deve ser uma prática e não, uma teoria, deve ser proliferante e não, ordenada; multifacetada e não, linear.

Esta poética deve corresponder a este caldei

---

1 - GLISSANT, Edouard. Op. cit., p. 87.

rão cultural que é a América: é a poética da descolonização. A Europa (e principalmente a França) deve se abrir para estas culturas, permitir que elas a irriguem dando-lhe um novo alento. A hierarquização das culturas pode ser mais perniciosa para a cultura dominante do que para as dominadas. Estas, ao receber os elementos da cultura opressora, podem transformá-la e integrá-la em seus próprios valores; reagem contra a invasora, devorando-a. A cultura européia, ao considerar todo o resto do mundo como inferior, enclausurou-se e esterilizou-se.

Nesta nova poética não há hierarquia porque todos contribuem. Perante ela, todos são iguais. Os povos emergentes serão ouvidos pela primeira vez e as culturas dominantes, igualmente pela primeira vez, entrarão numa relação igualitária. A história do mundo pode ser lida em todos os povos: quando um deles é obrigado a se calar, todos ficam igualmente mais pobres.

> *"La poétique de la relation, ce serait la science non scientifique, le projet éternellement recommencé et aussi la volonté de savoir comment ces contacts de culture, comment ces dépassements par métissage peuvent s'opérer sans que rien ne se perde de la richesse des diverses cultures du monde".* (1)

---

1 - Id., ibid., p. 84.

BIBLIOGRAFIA

1 - Do Autor

a) Poemas

GLISSANT, Edouard - Un champs d'îles. Paris, éds. du Dragon, 1953.

_____ - La terre inquiète. Paris, éds. du Dragon, 1955.

_____ - Les Indes. Paris, éds. du Seuil, 1955.

_____ - Le Sel Noir. Paris, éds. du Seuil, 1960.

_____ - Le sang rivé. Paris, Présence Africaine, 1960.

_____ - Poèmes. (contient: Un champ d'îles, La terre inquiète, Les Indes). Paris, éds. du Seuil, 1965.

_____ - Boises. Paris, éds. Acoma, 1979.

_____ - Le sel noir (contient: Le sang rivé, Boises, Le sel noir). Préface de Jacques Berque. Paris, Gallimard, 1983.

_____ - Pays rêvé, pays réel. Paris, éds. du Seuil, 1985.

b) Romances

GLISSANT, Edouard - La Lézarde. Paris, éds. du Seuil, 1958.

_____ - Le Quatrième Siècle. Paris, éds. du Seuil, 1964.

_____ - Malemort. Paris, éds. du Seuil, 1975.

_____ - La case du commandeur. Paris, éds. du Seuil, 1981.

c) Ensaios

GLISSANT, Edouard - Soleil de la conscience. Paris, Falaize, 1956.

_____ - L'Intention poétique, essai. Paris, éds. du Seuil, 1969.

_____ - Le Discours Antillais. Paris, éds. du Seuil, 1981.

d) Teatro

GLISSANT, Edouard - Monsieur Toussaint. Paris, éds. du Seuil, 1960.

_____ - Monsieur Toussaint (version scénique). Paris, éds. du Seuil, 1986.

e) Artigos, prefácios, entrevistas.

GLISSANT, Edouard - A propos du CARE. CARE, Paris, (10):94,95, avr., 1983.

_____ - Au fond du miroir. La Quinzaine Littéraire, Paris, nº 437: p. 7, du 1er au 15 avril, 1985.

_____ - A vocação de compreender o outro. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10(2):32-35, fev., 1982.

_____ - Culture et colonisation: l'équilibre antillais. Esprit, Paris, 30 (305): 588-595, avril, 1962.

_____ - Lam, l'envol et la réunion. CARE, Paris, nº 10: 14-15, avril, 1983.

_____ - La Martinique. Une société morbide et ses pulsions. Le Monde Diplomatique, Paris, juin, 1977, pp. 16-18.

_____ - Le romancier noir et son peuple. Notes pour une conférence. Présence Africaine, Paris, nº 16: 16-31, oct./nov., 1957.

_____ - Pour Mycéa. CARE, Paris, nº 10: 83-93, avril, 1983.

GLISSANT, Edouard - Avant-Propos à La lampe captive poèmes de Henri Corbin. Paris, éds. du Dragon, 1978.

_____ - Le chant profond de Kateb Yacine. Introduction à Le Cercle des Répresailles de Kateb Yacine. Paris, éds. du Seuil, 1959.

_____ - Préface à Plongée au gré des deuils de Henri Corbin. Fort-de-France, éd. Le Cornner, 1978.

_____ - Entretien avec le CARE. CARE, Paris, nº 10: 17-25, avril, 1983.

_____ - Edouard Glissant, préfacier d'une littérature future. (Entretien avec Priska Degras et Bernard Hagnier). Notre Librairie, Paris, (74): 14-20, avril/juin, 1984.

_____ - Poétique antillaise, Poétique de la Relation (intervew avec Wolfgang Bader) Komparatistische Hefte. Bayreuth p/10:83-100, 1984.

_____ - Propos recueillis par Denyse de Saivre. Recherche - Pédagogie et Culture, IX (57):27-29, avr./juin, 1982.

_____ - Propos recueillis par Dany Laferrière Étincelles. Montréal, 4:16-19, avr./mai, 1983.

2 - Sobre o Autor

ALI-BENALI, Zineb - "Mise en crise: le travail de l'essai (dans le Tiers Monde)". Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française. Padova, Universitá degli Studi di Padova, 23-27 mai, 1983, pp. 487-495.

ANDRÉ, Jacques - Caraïbales. Paris, éds. Caribéennes, 1981.

_____ - Le renversement de Senglis. Histoire et filiations. CARE, Paris, (10): 32-51, avr., 1983.

BAUDOT, Alain - De l'invention d'un auteur: les critiques devant Edouard Glissant. Oeuvres et Critiques, Paris, 3(2): 4(1): 29-37, 1978/1979.

_____ - D'un pays (re)possédé. Etudes Françaises, Montréal, 4(10):359-373, 1980.

CAILLER, Bernadette - Le Négateur-mémoire dans les romans d'Edouard Glissant. Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française. Padova, Universitá degli Studi di Padova, 23-27 mai, 1983, pp. 253-264.

_____ - Un itinéraire poétique: Edouard Glissant et l'anti-Anabase. Présence Francophone, Sherbrooke, (19): 107-132, 1979.

CASE, F. I. - The Novels of Edouard Glissant. Black Images, Toronto, 2(3/4): 3-12, 1973.

CONDÉ, Maryse - Le stéréotype du noir dans la littérature antillaise: Guadeloupe - Martinique. Thèse pour le Doctorat de 3e cycle. Université Paris III - Sorbonne, 1976 (dactylographié)

CORBIN, Henri - Rencontre d'Edouard Glissant (poèmes). CARE, Paris, (10): 52-55, avr., 1983.

CORZANI, Jack - La littérature des Antilles-Guyane Française. Fort-de-France, Désormeaux, 1978. (6 vols) vol.V.

DIVIALLE, Marie Odile - La folie antillaise dans le roman contemporain: Simone Schwarz-Bart. Edouard Glissant et Jeanne Hyvrard. Université de Bo deaux III. U.E.R. de Let tres et Arts, 1981.

DUCORNET, Guy - Edouard Glissant and the Problem of Time: prolegomena to a study of his poetry. Black Images, Toronto, 2(3/4): 13-16, 1973.

EDINBOROUGH, Felix J. - La mer et la terre dans Le Quatrième Siècle d'Edouard Glissant et Natives of my person de Georges Lamming. Mémoire de maîtrise. Université de Bordeaux, 1974. (polycopié).

FATUNDE, T. - L'esclavage chez les écrivains afro-américains: Edouard Glissant (Martinique) et Alex Haley (Etats-Unis). D.E.A. Université de Bordeaux III, 1978 (dactylographié)

GIRARD, Joël - À propos du langage chez Edouard Glissant, pour rejoindre une problématique. CARE, Paris (10): 72-79, avr., 1983.

JAMES-SARREAU, Patrick - Le poème de l'anhistorique. Présence Africaine, Paris, 2(74): 210-216, 1970.

JAY, Salim - Edouard Glissant. Martinique. Le sel noir. L'Afrique Littéraire, Paris, 73/74:112-113, 1984 (3e et 4e trimestre).

KESTELOOT, Lilyan - Les écrivains noirs de langue française: Naissance d'une littérature. Bruxelles, éds. de l'Institut de Sociologie, 1971.

KNIGHT, Vere W. - Edouard Glissant: The Novel as History Rewritten. Black Images, Toronto, 3(1):64-79, 1974.

LAPLAINE, Jean - La Lézarde ou la naissance nécessaire et balbutiante d'une littérature. CARE, Paris (10):56.70, avr., 1983.

MILLER, Elinor S. - Narrative Technique in Edouard Glissant: Malemort. The French Review, Champaign 53(2):224-231, dec., 1979.

_____ - The identity of the narrator in Edouard Glissant's La Lézarde. South Atlantic Bulletin, Chapel Hill 32(2):16-26, 1978.

NISBET, Anne Marie & ORMEROD, Beverley - Négritude et Antillanité. New South Wales, Southwood Press (Francophone Studies), 1982.

NTONFO, André - L'homme et l'identité dans le roman des Antilles et Guyane Françaises. Sherbrooke, éds. Naaman, 1982.

ORMEROD, Beverley - Beyond Negritude: some aspects of the work of Edouard Glissant. Savacou, Kingston (11/12):39-45, 1975.

PEPIN, Ernest - Une figure symbolique: le nègre marron dans l'oeuvre d'Edouard Glissant. Mémoire de Maîtrise. Faculté de Lettres et Sciences Humaines. Université de Bordeaux III, 1979/1980. (dactylographié)

RADFORD, Daniel - Edouard Glissant. Paris, Seghers, 1982.

ROGET, Wilbert Joseph - Edouard Glissant and Antillanité. Pittsbough, Tese de Ph. D., policopiada, 1975.

_____ - The image of Africa in the writings of Edouard Glissant. College Language Association Journal. Atlanta (21):390-399, 1978.

ROUDIL, Roland - La terre dans l'univers romanesque d'Edouard Glissant. Mémoire de maitrise. Avignon, Faculté des Lettres et Sciences Humaines, 1974/1975. (dactylographié)

TOUMSON, Roger - Les écrivains afro-antillais et la réécriture. Europe. Paris, 58(612):115-127, avr., 1980.

UGAH, Ada - Le thème du fleuve dans le roman afro-antillais: Le cas de La Lézarde d'Edouard Glissant et Le devoir de violence de Yambo Ouloguem. T.E.R. de Maîtrise de Lettres Modernes. Université de Bordeaux III. U.E.R. de Lettres et Arts, 1982. (dactylographié)

YODER, Lauren W. - A Caribcentric View of the World. The Novels of Edouard Glissant. Caribbean Review. North Caroline (24): 24-27. summer, 1981.

3 - Sobre as Antilhas Francesas

ABOU, Antoine - Education Créole. CARE. Paris (11):145-152, mai, 1984.

ACHÉEN, René - Pour une grammaire de l'histoire antillaise. Tentative de définition. Les Temps Modernes. Paris, 39(441/442):1815-1835, avr./mai, 1983.

ADELAÏDE-MERLANDE, Jacques - À propos de 1802 "date brûlante de l'histoire guadeloupéenne": de Delgrès et quelques autres questions. Revue du CERC, Pointe-à-Pitre, (1):68-81, 1984.

_____ - À propos des origines du créole. Espace Créole, Schoëlcher, 2:69-71, 1977.

_____ - Documents inédits d'histoire antillaise et guyanaise: 1814. Noyon, Imp. Finet, 1979.

AFFERGAN, Francis - Je est-il un autre? ou l'identité déplacée. Les Temps Modernes. Paris, 39(441/442):2038-2047, avr./mai, 1983.

ALMEIDA, Lilian Pestre de - Regard périphérique sur la francophonie ou pourquoi et comment enseigner les littératures francophones dans les Amériques. Études Littéraires, Montréal, 16(2):253-273, août, 1983.

ANDRÉ, Jacques - L'identité ou le retour du même. Les Temps Modernes, Paris, 39 (441/442):2026-2037, avr./mai, 1983.

ANTILLES D'HIER ET D'AUJOURD'HUI - Encyclopédie Antillaise. Fort-de-France, éds. Désormeaux, 1979.

ANTOINE, Régis - La Martinique et la Guadeloupe en 1980. Europe. Paris, 58(612):3-7, avr., 1980.

_____ - Les Écrivains Français et les Antilles. Paris, éds. Maisonneuve et Larose, 1978.

_____ - Manuels et intellectuels dans les textes antillais de l'entre-deux-guerres. Europe. Paris, 58(612): 87-97, avr., 1980.

ATLAS DES DÉPARTEMENTS FRANÇAIS D'OUTRE MER: Martinique. Paris, Institut Géographique National, 1977.

BANBUCK, C.A. - Histoire politique, economique et sociale de la Martinique sous l'Ancien Régime. (1685-1789). Paris, Librairie des Sciences Politiques et Sociales, Marcel Rivère, 1935.

BANGOU, Henri - Humanisme et négritude. Pointe-á-Pitre, c.s.p., s.d.

_____ - L'aliénation antillaise. Europe, Paris, 58 (612):46-47, avr., 1980.

BAUDOT, Alain - "Antilles et Guyane". In: REBOULLET, André et TÊTU, Michel - Guide culturel. Civilisations et littératures d'expression française. Paris, Hachette 1977, p. 163-205.

_____ - Les écrivains antillais et l'Afrique. Notre Librairie, Paris, (73):30-45, jan./mars, 1984.

BEBEL-GISLER, Dany - De la culture guadeloupéenne... De l'indépendance. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442): 2004-2025, avr./mai, 1983.

_____ - La langue créole, force jugulée. Paris/ Montréal, L'Harmattan/Nouvelle-Optique, 1981.

BENOIST, Jean (org)- L'archipel inachevé. Montréal, Presses de l'Université, 1972.

_____ et alii - Les sociétés antillaises. Sainte-Marie (Martinique), Centre de Recherches Caraïbes, 1975.

BERNABÉ, Jean - Contribution à une approche glottocritique de l'espace littéraire antillais. La Linguistique. Paris, 18(1): 85-109, 1982.

_____ - Le travail de l'écriture chez Simone Schwarz-Bart. Présence Africaine. Paris (121/122):166-179, 1er et 2e tri., 1982.

_____ - Fondal-Natal: Grammaire basilectale approchée des créoles guadeloupéen et martiniquais. Paris, L'Harmattan, 1983. 3 vols.

BERNABÉ, Joby - Vers une civilisation de l'oralité. CARE, Paris, (11):124-130, mai, 1984.

BERTHELOT, Jack & GAUMÉ, Martine - La dimension créole des architectures antillaises. Les Temps Modernes, Paris, 39 (441/442):2108-2125, avr./mai, 1983.

BLÉRALD, Alain - Crise économique et politique du Fonds Monétaire International dans la Caraïbe. Carbec. Fort-de-France. 2:10-21, juin, 1984.

BLÉRALD, Alain - Négritude et politique aux Antilles. Paris, éds. Caribéennes, 1981.

BONNIOL, Jean-Luc - Contrepoint créole. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):2048-2071, avr./mai, 1983.

BONNIOL, Jean-Luc - L'espace d'une île. Espace Créole, Schoëlcher, 1:71-93, 1976.

BORY, Antoine & FRANÇOIS, Mari-Denise.- Tradition et modernité en Côte-Sous-le-Vent: la créativité populaire face à l'évolution. CARE, Paris, (9):79-91, avr., 1982.

BRETON, André - Martinique charmeuse de serpents. Paris, éds. Sagittaire, 1948.

_____ - "Un grand poète noir". Préface à Cahier d'un retour au pays natal d'Aimé CÉSAIRE. Paris, Présence Africaine, 1971.

BRINDEAU, Serge - "Martinique". In: La poésie contemporaine de langue française depuis 1945. Paris, éds. Saint Germain -Prés, 1973, pp. 830-836.

BROSSAT, Alain & MARAGNÈS, Daniel - Les Antilles dans l'impasse? Paris, éds. Caribéennes, 1981.

BUFFON, Alain - Transferts et déséquilibres de croissance: le cas de la Guadeloupe. CARE, Paris, (9):13-34, avr., 1982.

CÉSAIRE, Aimé - Cahier d'un retour au pays natal. Paris, Présence Africaine, 1971.

_____ - Discours sur le colonialisme. Paris, Présence Africaine, 1955.

_____ - Entretien avec Jacqueline Leiner. Introduction à la réédition de Tropiques. Paris, Jean-Michel Place, 1978.

_____ - Introduction aux Oeuvres de Victor SCHOELCHER. Paris, Presses Universitaires de France, 1954.

_____ - La tragédie du Roi Christophe. Paris, Présence Africaine, 1970.

_____ - Négritude et antillanité (Entretien avec Jacqueline LEINER). Notre Librairie, Paris, (74):9-13, avr./juin, 1984.

CÉSAIRE, Ina - Conte africain original et conte antillais resurgent. Notre Librairie, Paris, (73):77-85, jan./mars, 1984.

CHAUDENSON, Robert - Les créoles français. Paris, Fernand Nathan, 1979.

CHAULEAU, Liliane - La société à la Martinique au XVIII^{e} siècle. Caen, EH et LRBP, 1966.

CHEVRIER, Jacques - Littérature nègre. Paris, Armand Colin, 1974.

CONDÉ, Maryse - L'Afrique, un continent difficile (Entretien avec Marie-Clotilde Jacquey et Monique Hugon). Notre Librairie, Paris (74):21-25, avr./juin, 1984.

_____ - La civilisation du bossale. Paris, l'Harmattan, 1978.

_____ - La poésie antillaise. Paris, Fernand Nathan, 1977.

_____ - Le roman antillais. Paris, Fernand Nathan, 1977, 2 v.

_____ - Survivance et mort des mythes africains dans la littérature des Antilles francophones. L'Afrique Littéraire, Paris, 54/55:56-64, 1979/1980.

CORNEVIN, Robert - Littérature d'Afrique noire de langue française. Paris, Presses Universitaires de France, 1976.

CORZANI, Jack - "À propos d'un 'archipel inachevé': L'Antillanité, rêve et réalité dans la littérature des Antilles Françaises". Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française. Padova, Universitá degli Studi di Padova, 23-27, mai, 1983, pp. 207-215.

CORZANI, Jack - La littérature écrite d'expression française à la Guadeloupe et à la Martinique. Europe. Paris, 58(612): 19-36, avr., 1980.

_____ - "La négritude aux Antilles françaises". In: Actes du Colloque Négritude Africaine Négritude Caraïbe. Paris, Université Paris XIII, 26 et 27 jan., 1973, pp. 118-128.

COUTY, Marc - Les nouveaux "Métros". Les Temps Modernes. Paris, 29(441/442): 1940-1945, avr./mai, 1983.

CRUSOL, Jean - Le choc brutal entre une économie fragile et la métropole. Le Monde Diplomatique. Paris, juin, 1977, pp. 16-17.

DAMATO, Diva Barbaro - Negritude/negritudes. Através, São Paulo, (1):112-129, jan., 1983.

DANEY, Sidney - Histoire de la Martinique depuis la colonisation jusqu'en 1815. Fort-Royal, Ruelle imprimeur du Gouvernement, 1846.

DEBIEN, Gabriel - Les esclaves aux Antilles Françaises. Basse Terre et Fort-de-France, Sociétés d'Histoire de la Guadeloupe et de la Martinique, 1974.

DEPESTRE, René - Bonjour et Adieu à la Negritude. Paris, Laffont, 1980.

_____ - Les aspects créateurs du métissage culturel aux Caraïbes. Notre Librairie, Paris,(74):61-65, avr./juin, 1984.

_____ - Les métamorphoses de la négritude en Amérique. Présence Africaine, Paris, 3(75):19-33, 1970.

_____ - Toussaint Louverture, o precursor. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10(2):14-15, fev., 1982.

_____ - Um arco e suas flexas. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10 (2):16-20, fev., 1982.

DEVÈZE, Michel - Antilles, Guyanes, la mer des Caraïbes de 1492 à 1789. Paris, SEDES, 1977.

DUBOIS, Marcel - Un siècle d'expansion coloniale. Paris, Augustin Challamel éd., 1902.

DUTERTRE, R.P.J.B. - Histoire générale des Antilles. (1ère édition 1667-1671). Fort-de-France. éds. des Horizons Caraïbes, 1973.

EBROÏN, Ary - Quimbois, Magie Noire et Sorcellerie aux Antilles. Paris, Jacques Grauchen éd., 1977.

ETIEMBLE - Sur le "Martinique" de Michel Cournot. Les Temps Modernes, Paris, 5(52), p. 1502-1512, fev. 1950.

FABRE, Michel - "René Maran, trait-d'union etnre deux Négritudes". In: Négritude Africaine Négritude Caraibe. Paris, Université de Paris - Nord, 1979.

FANON, Franz - Les damnés de la terre. Paris, Maspero, 1982.

_____ - Peau noire, masques blancs. Paris, éds. du Seuil, 1975.

_____ - Pour la révolution africaine. Paris, Maspero, 1982.

FEUSER, Willfried - Aspectos da literatura do mundo negro. Salvador, Centro de Estudos Afro-Ocidentais da Universidade Federal da Bahia, 1969 (Série Estudos nº 8).

FREDJ, Jacques - L'assimilation dans l'histoire antillaise. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):1836-1852, avr./mai, 1983.

GIRAUD, Michel - Formation technique et développement économique. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):1924-1939, avr./mai, 1983.

_____ & SANTAMARIA, Ulysse - L'enjeu caraïbe. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):1797-1814, avr./mai, 1983

GISLER, Antoine - L'esclavage aux Antilles Françaises du XVII^{e} au XIX^{e} siècles. Fribourg, éds. Universitaires, 1965.

GUENCANT, J.P.- Les migrations caraïbéennes depuis 1950. Des évolutions inattendues. Revue du CERC, Pointe-à-Pitre (1): 105-115, 1984.

HALE, Thomas A. - Les écrits d'Aimé Césaire. Études Françaises, Montréal, 14(3/4), nº spécial, oct., 1981.

HANOTAUX, A.A. Gabriel - Histoire des colonies françaises et l'expansion de la France dans le monde. Paris, Plon, 1929.

HARDY, Georges - Histoire de la colonisation française. Paris, Larose, 1938.

HEARN, Lafcadio - Trois fois bel conte... Paris, Mercure de France, 1939.

HENRY-VALMORE, Simone - Une figure de l'imaginaire antillais: le Quimboiseur. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442): 2090-2107, avr./mai, 1983.

HOSPICE, Marlène - Pas de pitié pour Marny. Fort-de-France, éds. Désormeaux, 1984.

HOUAISS, Antonio - "A pluralidade lingüística". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 25-38.

HURBON, Laënnec - La fuite du peuple haïtien. Les Temps Modernes, Paris (434):587-601, sept., 1982.

_____ - Racisme et sous-produit du racisme: immigrés haïtiens et dominicains em Guadeloupe. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):1988-2003, avr./mai, 1983.

JAHN, Janheinz - Las literaturas neo-africanas. Madrid, Eds. Guadarrama, 1971.

JAMARD, Jean-Luc - "Les Békés sont des judokas...". Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):1872-1893, avr./mai., 1983.

JARDEL, Jean-Pierre - Du conflit des langues au conflit interculturel: une approche de la société martiniquaise. Espace Créole, Schoëlcher, 2:57-68, 1977.

JOYAU, Auguste - La Martinique, carrefour du monde caraïbe. Fort-de-France, éds. des Horizons Caraïbes, 1967.

JULIEN, C.H. - Les techniciens de la colonisation. Paris, Presses Universitaires de France, 1946.

KOVATS-BEAUDOUX, Edith - Les blancs créoles: continuité ou changement? Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):1912-1922, avr./mai, 1983.

LABAT, R.P. Jean-Baptiste - Voyage aux Iles de l'Amérique (Antilles) 1693.1705. Paris, Seghers, 1979.

LAFONTAINE, Marie-Céline - Le carnaval de L'Autre. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):2126-2173, avr./mai, 1983.

LALUNG, Henry de - Le Serpent de la Martinique. Paris, éds. Laboratoire Corbière, 1934.

LAPLAINE, Jean - Considerations énergetiques à propos de la race de la couleur de la peau dans la littérature des Antilles Françaises. CARE, Bourg Abymes (3):77-87, mars, 1979.

_____ - Le lycée, stratégie de contrôle du pouvoir et enjeu dans les querelles hégémoniques de groupes socio-ethniques non-autonomes. CARE, Paris (11):97-107, mai, 1984.

LARA, Oruno D. - Voyage au royaume de l'oubli. Notre Librairie, Paris, (73):9-17, jan./mars, 1984.

LAROCHE, Maximilien - L'image comme écho. Essais sur la littérature et la culture haïtienne. Montréal, Nouvelle Optique, 1978.

LAROCHE, Maximilien - La langue française en Haïti. Québec Français, Québec (44):25, déc., 1981.

_____ - La littérature haïtienne: Identité, langue, realité. Ottawa, éds. Leméac, 1981.

_____ - Poétique du créole. Espace Créole. Schoëlcher, 2:93-100, 1977.

LECHERBONNIER, Bernard - Initiation à la littérature négro-africaine. Paris, Fernand Nathan, 1977.

Légitime Défense. Paris, éds. Jean-Michel Place, 1979. (Reprodution anastaltique de la 1ère édition publiée à Paris, 1er juin, 1932).

LEINER, Jacqueline - Négritude Caraïbe - Négritude Africaine. Elos, Rio de Janeiro, (3):5-23, 1981.

LEIRIS, Michel - Contacts de Civilisations en Martinique et en Guadeloupe. Paris, Unesco, 1955.

_____ - Martinique, Guadeloupe, Haïti. Les Temps Modernes, Paris, 5(52):1345-1368, fev., 1950.

LÉPINE, Edouard de - La crise de février 1935 à la Martinique: la marche de la faim à Fort-de-France. Paris, L'Harmattan, 1980.

_____ - Questions sur l'histoire antillaise: trois essais sur l'abolition, l'assimilation, l'autonomie. Fort-de-France, éds. Désormeaux, 1978.

LETCHIMY,Serge - Tradition et créativité: les mangroves urbaines de Fort-de-France. Carbet, Fort-de-France, (2):83-101, juin, 1984.

L'Étudiant noir. Paris,nº1. mars, 1935. (Publication de l'Association des Étudiants Martiniquais).

Littératures Ultramarines de Langue Française: génèse et jeunesse. Actes du Colloque de l'Université de Vermont (Burlington). Ottawa,éds. Naaman, 1974.

LIRUS, Julie - Identité Antillaise. Paris, éds. Caribéennes, 1979.

LOUIS, Michel - Martinique: consommation ou consumation. CARE, Paris, (9):35-45, avr., 1982.

_____ - Sur la consommation-consumation? - en Martinique. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):1894-1911, avr./mai, 1983.

LUCRÈCE, Jules - Histoire de la Martinique. Fort-de-France, s.c.p., 1933.

MARAN, René - Batouala. Paris, Albin Michel, 1979.

MARTINEAU, Alfred & MAY, L.-Philippe - Trois siècles d'histoire antillaise: Martinique et Guadeloupe de 1635 à nos jours. Paris, Lerdex, 1935.

MENIL, René - Mythologies antillaises. Europe. Paris, 58(612): 37-45, avr., 1980.

_____ - "Pour une lecture critique de Tropiques". Introduction à la réédition de Tropiques. Paris, éds. Jean-Michel Place, 1978.

_____ - Préface à la 2e édition de Légitime Défense. Paris, éds. Jean-Michel Place, 1979.

_____ - Tracées. Paris, éds. Robert Laffont, 1981.

_____ - Une quête de courants souterrains. CARE, Paris (10):27-31, avr., 1983.

MIDIOHOUAN, Thécla. Des Antilles à l'Afrique - Myriam Warner-Vieyra. Notre Librairie, Paris (74):39-43, avr./juin, 1984.

MORENO FRAGINALS, Manuel - Na plantação o berço da sociedade antilhana. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10(2): 10-14, fev., 1982.

MÖRNER, Magnus - Le métissage dans l'histoire de l'Amérique Latine. Paris, Arthème Fayard, 1971.

MOUSNIER, Roland & LABROUSSE, Ernest - "O século XVIII". In: CROUZET, Maurice - História geral das civilizações. São Paulo, Difusão Européia do livro, 1961, v. 11.

NANTET, Jacques - Panorama de la littérature noire d'expression française. Paris, Fayard, 1972.

NICOLAS, Armand - La révolution anti-esclavagiste de mai 1848 à la Martinique. Fort-de-France, Action, 1967.

_____ - L'insurrection du Sud à la Martinique (septembre 1870). Fort-de-France, Action, 1970.

PAGEAUX, Daniel Henri - Images et mythes d'Haïti. Paris, L'Harmattan, 1984.

PANDOLFI, Jean - De "Légitime Défense" à "Tropiques" Invitation à la Découverte. Europe. Paris, 58(612):97-107, avr., 1980.

PETITJEAN-ROGET, Bernard - Pour comprendre la situation économique des Antilles. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):1853-1871, avr./mai, 1983.

PHELPS, Anthony - Moi, nègre d'Amérique... ou je ne suis pas un écrivain afro-américain. Notre Librairie, Paris (74):53-59, avr./mai, 1984.

PINCHON, R.P. - Quelques aspects de la nature aux Antilles. Fort-de-France, s.c.p., 1967.

PLACOLY, Vincent- Fondations de l'intelligence antillaise. CARE, Paris (11): 74-86, mai, 1984.

_____ - Frères Volcans: chronique de l'abolition de l'esclavage. Paris, éds. de La Brèche, 1983.

PLACOLY, Vincent - La mer et la forêt (pour une esthétique nouvelle). Europe. Paris, 58 (612):78-80, avr., 1980.

PLUCHON, Pierre (org.) - Histoire des Antilles et de la Guyane. Toulouse, Privat, 1982.

POUQUET, Jean - Les Antilles Françaises. Paris, Presses Universitaires de France, 1952.

PRUDENT, Lambert-Félix - Des baragouins à la langue antillaise. Paris, éds. Caribéennes, 1980.

_____ - La langue créole aux Antilles et en Guyane. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):2072-2089. avr./mai, 1983.

_____ - L'émergence d'une littérature créole aux Antilles et en Guyane. Présence Africaine, Paris, (121-122):109-124, 1er et 2e tri., 1982.

_____ - Les problèmes d'émergence d'une littérature créole antillaise. Itinéraires et Contacts de Culture (Littératures insulaires: Caraïbes et Mascareignes), Paris, 3:29-45, 1983.

REVERT, Eugène - La magie antillaise. Paris, éd. Bellenand, 1951.

_____ - La Martinique. Paris, Nouvelles Éditions Latines, 1949.

ROLLAT, Alain - Martinique, l'île écorchée. Le Monde Hebdomadaire. Paris, 6 mars-2avril, 1980 (4 articles)

SARTRE, Jean-Paul - "Orphée noir". Préface à Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache, de Léopold Sédar Senghor. Paris, Presses Universitaires de France, 1972.

SATINEAU, Maurice - Histoire de la Guadeloupe sous l'Ancien Régime. Paris, Payot, 1928.

SCHOELCHER, Victor - Esclavage et colonisation. Préface d'Aimé Césaire. Paris, Presses Universitaires de France, 1948.

SENGHOR, Léopold Sédar (dir.) - Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française. Paris, Presses Universitaires de France, 1972.

SUVÉLOR, Roland - De l'alternative comme piège à l'exorcisme comme méthode. CARE, Paris (11):87-96, mai, 1984.

_____ - Éléments historiques pour une approche socioculturelle. Les Temps Modernes, Paris, 39(441/442):2174-2208, avr./mai, 1983.

_____ - Masques et mécanismes de la dépossession. Le Monde Diplomatique, Paris, p. 18, juin, 1977.

TARRIEU, Yannick - Deux visions de l'espace antillais: Naipul et Lamming. Espace Créole. Schoelcher 4:25-43, 1979/1980.

TESSONNEAU, Alex-Louise - La littérature orale en Guadeloupe et en Haïti est-elle un héritage africain? Notre-librairie, Paris, (73):72-75, jan./mars, 1984.

TIROLIEN, Guy - Afrique, mon beau mythe (Entretien avec Maryse Condé): Notre Librairie, Paris, (74): pp. 26/27, avr./juin, 1984.

TOUGAS, Gérard - Les écrivains d'expression française hors de France. Paris, éds. Denoël, 1973.

TOUMSON, Roger - La littérature antillaise d'expression française. Présence Africaine. Paris, (121/122):130-134, 1er et 2e tri., 1982.

_____ - Un aspect de la contradiction littéraire antillaise: l'Ecole en procès. Revue des Sciences Humaines. Paris, 46(174):1-24, avr./juin, 1979(tiré à part).

Tropiques. Paris, éds. Jean-Michel Place, 1978:1-14. (Reproduction anastaltique de la collection complète publiée à Fort-de-France, avr., 1941/sept., 1945).

VIATTE, Auguste - Histoire comparée des littératures francophones. Paris, Fernand Nathan, 1980.

_____ - Histoire littéraire de L'Amérique française. Paris, Presses Universitaires de France, 1954.

_____ - "La littérature des Antilles Françaises et la Guyane Française". In CARVALHO, Joaquim Montezuma de (org.) - Panorama das literaturas das Américas. Angola, Edição do Município de Nova Lisboa, 1958.

WALDMAN, Albert - Les créoles: structure, statut et origine. Paris, Klincksieck, 1978.

WILLIAMS, Eric - L'Histoire des Caraïbes. De Christophe Colomb à Fidel Castro - 1492-1969. (Trad. Maryse Condé). Paris, Présence Africaine, 1975.

4 - Geral

ABOU, Selim - Qu'est ce que l'identité culturelle? Dialogues et Cultures, Paris (21):175-185, mars, 1981.

ADOTEVI, Stanilas Spero K. - Négritudes et négrologues. Paris, Éditeurs Français Réunis, 1972.

ADOUM, Jorge Enrique - "O realismo de outra realidade". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 201-204.

ALEGRIA, BARREAU et alii - L'espace et le temps aujourd'hui. Paris, éds. du Seuil, 1983.

ALEGRIA, Fernando.- "Antiliteratura". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 243-260.

ANDERSON IMBERT y FLORIT - Literatura latino-americana. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1960.

ANDRADE, Oswald de - Obras Completas. Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. v.6.

BACHELARD, Gaston - L'intuition de l'instant. Paris, Gonthier, 1966.

BALLAGAS, Emilio - Mapa de la poesia negra-americana. Buenos Aires, Pleamar, 1946.

BASTIDE, Roger - As Américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

BENEDETTI, Mario - "Temas e problemas". In América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 363-381.

BENJAMIN, Walter - Poésie et révolution. Paris, Les Lettres Nouvelles, 1966.

BENVENISTE, Emile - Problèmes de linguistique générale. Paris, éds. Gallimard, 1966.

BOCAZ, Luis - Le roman Latino-Americain comme production culturelle. Amérique Latine, Paris, 3:31-35, juil./sept., 1980.

BONN, Charles - "Pour une théorie des lieux d'énonciation dans la communication littéraire maghrebine de langue française". Actes du Congrès Mondial des Littératures de langue Française. Padova, Universitá degli Studi di Padova, 23-27, mai, 1983, pp. 369-375.

BORGES, Jorge Luis - "El arte narrativo y la magia". In: Obras completas 1923-1972. Buenos Aires, Emecé Eds., 1974.

CALVET, Jean Louis - Le colonialisme linguistique en France. Les Temps Modernes. Paris (29(324-325-326):72-79. août./sept. 1973

CALVET, Jean-Louis - Linguistique et colonialisme: petit traitê de glottophagie. Paris, éds. Payot, 1974.

CAMPOS, Haroldo de - Ruptura dos Gêneros na Literatura Latino-Americana. São Paulo, Perspectiva, 1977.

CÂNDIDO, Antonio - Formação da literatura brasileira. São Paulo, Martins, 1959.

_____ - "Literatura e subdesenvolvimento". In: América Latina em sua literatura, pp. 343-362.

CARDOSO, Ciro Flammarion S. - A Afro-América, a escravidão no Novo Mundo. São Paulo, Brasiliense, 1982.

CARDOSO; Fernando Henrique e FALETTO, Enzo - Dependência e desenvolvimento na América Latina. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1975.

CARPENTIER, Alejo - Antilhas: unidade na variedade. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10(2):4-9, fev., 1982.

_____ - "Literatura e Consciência política na América Latina". Em sua Literatura e consciência política na América Latina. São Paulo, Global, s.d.

_____ - Tientos y diferencias. Montevideo, Arca, 1967.

CARRILHO, Maria - Sociologia da negritude. Lisboa, Eds. 70, 1976.

CHIAMPI, Irlemar - O realismo maravilhoso. São Paulo, Perspectiva, 1980.

CLARKE, Sebastian - O "reggae" uma explosão libertadora. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10(2):43-46, fev., 1982.

COLON, Cristóbal - Diario. Madrid, eds. Cultura Hispanica, 1972.

COULTHARD, George Robert - "A pluralidade cultural". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 39-60.

CUNARD, Nancy(ed.) - Negro an anthology. New York, Fred Unger Publishing, 1970 (1ª edição, 1934).

CUNHA, Celso - Língua, nação, alienação. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

CURTIUS; Ernst Robert - Literatura européia e Idade Média Latina. Trad. port. Teodoro Cabral. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957.

DACANAL, José Hildebrando - Dependência, cultura e literatura. São Paulo, Ática, 1978.

DEBRAY-GENETTE, Raymonde - Traversées de l'espace descriptif. Poétique, Paris, (51):329-344, sept., 1982.

DIMAS, Antonio - Espaço e romance. São Paulo, Ática, 1985.

DUSSUTOUR-HAMMER, Michèle - Amos Tutuola - Tradition orale et écriture du conte. Paris, Présence Africaine, coll. ADIRE, 1976.

FERNANDES, Florestan - Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1973.

FERNANDEZ MORENO, Cesar - "Introdução". In: América latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. XV-XXIX.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto - A revanche de Caliban. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10(2):38-39, fev., 1982.

_____ - "Intercomunicação e nova literatura" In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 325-339.

FERREIRA, Manoel (Seleção, prefácio e notas) - No Reino de Caliban. Antologia panorâmica da poésia africana de expressão portuguesa. Lisboa, Safra Nova, 1975.

FREIRE, Maria da Graça - Portugueses e negritude. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1971.

GENETTE, Gérard - Figures III. Paris, êds. du Seuil, 1972.

GERARD, Albert - "Reflexions sur le destin de la francophonie littéraire en Afrique Noire". Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française. Padua, Universitá degli Studi di Padova, 23-27 mai, 1983, pp. 3-14.

GOELKEL, Hernando Valencia - "A maioridade". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 113-128.

GONZALEZ ECHEVERRIA, Roberto - Alejo Carpentier the Pilgrim at home. Ithaca, Cornell University Press, 1977.

HAMON, Philippe - Introduction à l'analyse du descriptif. Paris, Hachette, 1981.

JITRIK, Noé - "Destruição e forma nas narrações". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 217-242.

JONES, Marion Patrick - Assumir o que somos. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10(2):29-30, fev., 1982.

KANE, Mohamadou - Essai sur les contes d'Amadou Coumba. Dakar, Nouvelles Editions Africaines, 1981.

KHATIBI, Abdelkebir - "Célébration de l'exote". Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française, Padova, Universitá degli Studi di Padova, 23-27 mai, 1983, pp. 363-367.

LAFETÁ, João Luiz - Estética e Ideologia: o modernismo em 1930. Argumento, Rio de Janeiro, 1(2):19-32, nov., 1973.

LEVI-STRAUSS, Claude - Race et histoire. Paris, êds. Denoël, 1985.

LEZAMA LIMA, José - La expresión americana. Santiago de Chile, Ed. Universitária, 1969.

LEZAMA LIMA,José - "A imagem da América Latina". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 479-485.

LOSADA, Alejandro - Littérature et société. À la recherche d'une méthode. Amérique Latine, Paris, 3:36-40, juil./sept., 1980.

LUKACS, Georg - "Narrar ou descrever". In: Ensaios sobre literatura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965, pp. 43-94.

MALDONADO-DENIS, Manuèl - Simon Bolivar e sua visão profética. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10(2):14-15, fev., 1982.

MALINOWSKI, Bronislav - Prólogo a Contrapunteo cubano del tabaco y del azucar de Fernando Ortiz. Barcelona, Ed. Ariel, 1973.

MARIATEGUI, José Carlos - Sete ensaios de interpretação da realidade peruana. São Paulo, Alfa-Ômega, 1975.

MARTINEZ, José Luis - "Unidade e diversidade". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 61-81.

MEMMI, Albert - Le racisme. Paris, Gallimard, 1982.

_____ - Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

MENDILOW, A.A. - O tempo e o romance. Porto Alegre, Globo, 1972.

MELQUIOR, José Guilherme - "Situação do escritor". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 383-399.

MILLER, Ruth - Blackamerican literature. California, [illegible] Press, 1978.

NGANDU NKASHAMA, Pius - L'Afrique en pointillé dans Une Saison à Rihata de Maryse Condé. Notre Librairie, Paris, (74): 31-37, avr.,/juin, 1984.

NUÑEZ, Estuardo - "O latino-americano em outras literaturas". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 83-112.

PAGEARD, Robert - Littérature négro-africaine. Paris, Ed. Le Livre Africain, 1966.

ORTIZ, Fernando - Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar. Barcelona, Ed. Ariel, 1973.

OTERO, Lisandro - Fernando Ortiz, pai da antropologia cubana. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro (2):31, fev., 1982.

OVIEDO, José Miguel - "Uma discussão permanente". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 437-456.

PANDOLFO, Maria do Carmo - L'Amérique Latine et sa transformation la recherche de l'identité à travers la diversité des langues/cultures. Dialogues et Cultures, Paris (21):141-154, mai, 1981.

PERRONE-MOISÉS, Leyla - A França nos ama. Jornal da Tarde, São Paulo, 10 de maio de 1983, Caderno de Leitura, p. 1.

POUILLON, Jean - Temps et roman. Paris, Gallimard, 1946.

PORTUONDO, José Antonio - Bosquejo de las letras cubanas. La Habana, Departamento de Asuntos Culturales des Ministerio de las Relaciones Exteriores, 1960.

_____ - "Literatura e sociedade". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 403-418.

PORTUONDO, José Antonio - El contenido social de la literatura cubana. México, El Colégio de México, 1944.

PRIETO, Adolfo - "Conflitos de gerações". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 419-436.

RAMA, Angel - Um processo autonômico: das literaturas nacionais à literatura latino-americana. Argumento, Rio de Janeiro, 1(3):37-49, jan., 1974.

RAMCHAND, Kenneth - O sonho africano de Marcus Garvey. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 10(2):42, fev., 1982.

RICOEUR, Paul et alii - As culturas e o tempo. Petrópolis/São Paulo, Editora Vozes/EDUSP, 1975.

RIVAS, Pierre - Dialectique de la littérature cap-verdienne: vocation océane et enracinement africain. L'Afrique Littéraire, Paris, 54/55:65-68, 1979/1980.

_____ - Insularité et déracinement dans la poésie cap-verdienne. Nova Renascença, Porto, 1985, pp. 180-183.

_____ - Genèse de l'idée géo-politique moderne de latinité et fonction dans le champ des relations intellectuelle entre la France et le monde luso-brésilien. In: La latinité aujourd'hui. Boucarest, éds. Eminescu, 1980.

RODRIGUES MONEGAL, Emir - "Tradição e renovação". In: América latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 131-159.

SAER, Juan José - "A literatura e as novas linguagens". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 307-323.

SAGUIER, Ruben Bareiro - "Encontros de cultura". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 3-24.

SALHA, Habib - "..'Re-tours' du texte maghrébin d'expression française". Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française. Padova, Università degli Studi di Padova, 23-27 mai, 1983, pp. 351-361.

SANTOS, Milton - De la société au paysage. La signification de l'espace humain. Hérodote, Paris, 9:66-73, janv./mars, 1978.

SARDUY, Severo - "O barroco e o neobarroco". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 161-178.

SARTER, Peter - "Lectures de l'autre". Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française. Padova, Università degli Studi di Padova, 23-27 mai, 1983, pp. 291-294.

SCHAFF, Adam - História e Verdade. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

SEGALEN, Victor - Essai sur l'exotisme. Paris, éds. Fata Morgana, 1978.

SENGHOR, Léopold Sédar - "The lessons of Frobenius". Prefácio a Leo Frobenius 1873-1973. Wiesbaden, Franz Steiner Verlag, 1973.

_____ - Bibliographie. Dakar, Fondation L.S. Senghor, 1982.

_____ - Négritude et civilisation de l'Universel Paris, éds. du Seuil, 1977.

_____ - Négritude et humanisme. Paris, éds. du Seuil, 1974.

STEINS, Martin - "Chronologie des premiers poèmes de L.S. Senghor". Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française. Padova, Università degli Studi di Padova, 23-27 mai, 1983, pp. 15-23.

SUCRE, Guillermo - "A nova crítica". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 261-278.

TCHEHO, I.C. - "Recherches sur l'évocation du monde noir chez quelques écrivains maghrebins de langue française". Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française. Padova, Universitã degli Studi di Padova, 23-27 mai, 1983. pp. 497-507.

THOMAS, L.W. - Les idéologies négro-africaines d'aujourd'hui. Paris, Nizet, s.d.

VARGAS, Augusto Tomayo - "Interpretação da América Latina". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 455-477.

VEYNE, Paul - Acreditavam os gregos em seus mitos? São Paulo, ed. Brasiliense, 1984.

VOLTAIRE - Essai sur les moeurs et l'esprit des nations. Oeuvres complètes XI. Paris, Hachette, 1895.

WEINRICH, Harald - Le temps. Paris, éds. du Seuil, 1976.

XIRAU, Ramón - "Crise do realismo". In: América Latina em sua literatura. São Paulo, Perspectiva, 1979, pp. 179-199.

YACOU, Alain - Entretien avec Nicolás Guillén. Espace Créole. Fort-de-France (4):69-82, 1979/1980.

YELLES-CHAOUCHE, Mourad - "Littératures algériennes: entre l'exil et la mémoire. Notes en marge d'un débat". Actes du Congrès Mondial des Littératures de Langue Française. Padova, Universitã degli Studi di Padova, 23-27 mai, 1983, pp. 477-485.

ÍNDICE

página

Introdução 01

Capítulo I - O Real 14

O espaço 15

A história 22

A língua 76

Capítulo II - A Depossessão 133

A depossessão do espaço 134

A depossessão da história 158

A depossessão da língua 182

Capítulo III - A literatura como forma de apropriação. 202

A literatura como forma de apropriação do espaço: *La Lézarde*. 203

A literatura como forma de apropriação da história: *Le Quatrième Siècle* 233

A literatura como forma de apropriação da língua. .269

Conclusão 273

Bibliografia 277